



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA

NÍCOLLAS OLIVEIRA ABREU

O ARTIGO ACADÊMICO NA CULTURA DISCIPLINAR DA ÁREA DE
PSICOLOGIA:
UM ESTUDO SOCIORRETÓRICO



FORTALEZA - CEARÁ
2016

NÍCOLLAS OLIVEIRA ABREU

O ARTIGO ACADÊMICO NA CULTURA DISCIPLINAR DA ÁREA DE PSICOLOGIA:
UM ESTUDO SOCIORRETÓRICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará – PosLA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguagem e Interação

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cibele Gadelha Bernardino.

FORTALEZA - CE

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Abreu, Nicollas Oliveira.

O artigo acadêmico na cultura disciplinar da área de Psicologia: um estudo sociorretórico [recurso eletrônico] / Nicollas Oliveira Abreu. - 2016.

1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 213 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2016.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Prof.^a Dra. Cibele Gadelha Bernardino.

1. Descrição sociorretórica. 2. Cultura disciplinar. 3. Área de Psicologia. 4. Artigo acadêmico empírico. I. Título.

NÍCOLLAS OLIVEIRA ABREU

O ARTIGO ACADÊMICO NA CULTURA DISCIPLINAR DA ÁREA DE
PSICOLOGIA:
UM ESTUDO SOCIORRETÓRICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Linguagem e Interação

Aprovada em: 20 / 12 / 2016.

BANCA EXAMINADORA

Cibele Gadelha Bernardino

Profa. Dra. Cibele Gadelha Bernardino (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Normanda Araújo de Moraes

Profa. Dra. Normanda Araújo de Moraes
Universidade de Fortaleza – UNIFOR

Antonia Dilamar Araújo

Profa. Dra. Antonia Dilamar Araújo
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Aos meus pais, Nilo e Izabel, e minha avó
Francy (*in memoriam*) por serem exemplos
de caráter, persistência e fé.

AGRADECIMENTOS

Ao meu bom Deus, pelo dom da vida, por ter me dado forças a cada dia, coragem para seguir em frente e por estar sempre intercedendo por mim.

Aos meus queridos e incríveis pais, Nilo e Izabel, pelo amor de todos os dias, pelos ensinamentos e por terem me apoiado fortemente nessa caminhada e em todos os outros dias. Sem vocês esse percurso não teria sido o mesmo.

Aos meus irmãos, Klausen e Andreza, pelo companheirismo, incentivo cotidiano e por serem bons ouvidos. Sou muito grato a vocês pelos momentos compartilhados.

A minha amada avó Francy (*in memoriam*) por ter sido uma das maiores torcedoras que tive e ainda tenho, por me ensinar tanto, às vezes por meio de uma palavra, por um olhar ou, simplesmente, pelo fato de existir.

À professora Cibele, querida orientadora, que me acolheu, me ensinou e acompanhou meu crescimento profissional. Sou extremamente grato por acreditar em mim e por ter me encorajado em momentos difíceis.

Aos meus grandes amigos, pela torcida e por estarem presentes, seja física ou mentalmente: Mayara, Jennifer, Ariádine, Rômulo, Danilo, Davi e Rita.

A minha companheira de orientação Vanessa, que dividiu comigo muitas alegrias e desafios acadêmicos.

À amiga Jéssica, pela amizade valiosa e por ter compartilhado comigo as mesmas vivências, emoções e angústias acadêmicas.

Aos meus companheiros de graduação: Aline, Livia, Lucas, Myrella, Marília, Sarah, Lyanna. Sem vocês essa época não teria sido tão boa e memorável.

Ao Lucas, Daniele e Kamyla, por terem feito aquela indicação. Vocês são pessoas iluminadas.

Ao meu grupo de pesquisa DILETA: Tércio, Vanessa, Dawton, Raquel, Lígia, Ayar..., Tatiane e Ana, pelos momentos que compartilhamos juntos e pelo crescimento mútuo.

À professora Dilamar, por ter aceito participar da minha banca de qualificação e da banca de defesa, pelas relevantes contribuições para a minha pesquisa.

À professora Margarete, pelas sugestões pertinentes na banca de qualificação.

À professora Normanda, por ter aceito participar da minha banca de defesa.

Aos professores que estiveram presentes em minha formação acadêmica, exemplos de profissionalismo e admiração: Aluiza, por quem eu tenho um grande apreço, sempre com o seu ânimo característico e o amor pela profissão; Helenice, a quem eu sou imensamente grato por sua tamanha generosidade e por ter me convidado para apresentar o meu primeiro trabalho em um evento acadêmico; Letícia, pela gentileza e por ter me incentivado desde cedo a pesquisar dentro da universidade; Edna, por ser tão amiga e por ter me apoiado e acreditado em mim; e Cláudio, por me mostrar que é possível ser professor e amigo dos alunos ao mesmo tempo.

Aos professores da época do colégio, Samira, a quem sou grato por ter me ensinado tantos valores e por ter sido uma excelente professora e uma pessoa admirável; Carlos Carvalho, por ter sido um professor brilhante e por ter me ensinado que é possível encontrar uma profissão em que eu possa “me divertir, ser feliz e ainda receber para isso.” Levarei essa lição comigo, professor.

À Jamille, pela atenção, disposição e colaboração de sempre. Obrigado por ter me ajudado tanto nas diversas vezes em que bati à porta da secretaria do PosLA e por ter sido paciente, também.

À Keiliane, com quem embora tenha convivido por pouco tempo, me recebeu de braços abertos com sua simpatia característica na secretaria do PosLA.

À Universidade Estadual do Ceará (UECE) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA), pela oportunidade de cursar o mestrado.

Aos membros experientes da cultura disciplinar da área de Psicologia, pelas contribuições significativas que colaboraram para a execução desse trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida.

“Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever.”

(Clarice Lispector)

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo apresentar uma proposta de configuração sociorretórica de artigos acadêmicos empíricos na área de Psicologia, discutindo como essa cultura disciplinar produz e compreende o referido gênero. Nessa perspectiva, fundamentamo-nos nas concepções teórico-metodológicas de Swales (1990; 2004), no que concerne aos gêneros acadêmicos, considerando como proposta metodológica principal o modelo CARS (*Create a Research Space*) a partir do qual é possível identificar movimentos e passos prototípicos em Introduções de artigos acadêmicos de diversas áreas. Além desse modelo retórico, nos embasamos nas propostas de Oliveira (2003) e Costa (2015) para a descrição do *corpus* desse estudo. Em relação à descrição da cultura disciplinar investigada, consideramos o conceito de cultura disciplinar aventado por Hyland (2000). Dessa forma, essa pesquisa, de natureza exploratório-descritiva, realiza tanto uma análise qualitativa como quantitativa, apresentando um *corpus* composto por trinta artigos empíricos da área de Psicologia, que foram retirados de dez periódicos brasileiros, indexados no banco de dados *WebQualis* da Capes. Com o propósito de compreendermos a referida cultura disciplinar, buscamos informações em *sites* de conselhos da área de Psicologia, relatórios da CAPES, pesquisamos as características explicitadas em periódicos do *corpus*, investigamos o manual de publicação da APA (2010) e contatamos professores pesquisadores da área. Nessa última etapa, buscamos entender quais são as percepções dos membros experientes acerca da produção de gêneros acadêmicos. Com base na análise da cultura disciplinar da área de Psicologia, observamos que essa área considera o artigo acadêmico como principal fonte de divulgação de conhecimentos. Quanto à configuração retórica dos artigos, na seção de Introdução, encontramos uma extensa revisão de literatura, como também observamos a temática e os objetivos do estudo. Na unidade de Metodologia, há caracterização detalhada da amostra da pesquisa, assim como informações referentes aos materiais ou instrumentos utilizados, procedimentos experimentais, dados que comprovam aprovação por comitê de ética e descrição da análise de dados. Na unidade de Resultados, são apresentados os principais achados do estudo. Na seção de Discussão, são elaboradas introduções que retomam os objetivos do estudo e dados pertinentes da literatura. Na sequência, são interpretados os

resultados do trabalho, que são, geralmente, comparados com achados de pesquisas anteriores e, por fim, são recomendadas novas pesquisas. A unidade de Resultados e Discussão apresenta os resultados da pesquisa e a interpretação desses. A seção de Conclusão traz comentários acerca de interpretações mais gerais dos resultados da pesquisa e propõe a realização de novos estudos. Na unidade de Referências são apontadas as principais fontes de pesquisas utilizadas no trabalho. Com base nos dados apresentados, verificamos que a cultura disciplinar da área de Psicologia influencia a construção textual do gênero artigo acadêmico empírico, evidenciando, assim, as práticas e crenças da área investigada na composição do gênero estudado.

Palavras-chave: Descrição sociorretórica. Cultura disciplinar. Área de Psicologia. Artigo acadêmico empírico.

ABSTRACT

The present study aims to present a social and rhetorical description of empirical academic papers from the area of Psychology, discussing how this disciplinary culture produces and understands this genre. In that perspective, we relied on Swales' (1990; 2004) theoretical and methodological conceptions regarding academic genres, considering as a methodological proposal the CARS model (Creating a Research Space) from which it is possible to identify prototypical movements and steps in Introductions of scholarly articles from various fields. In addition to this rhetorical model, we have included Oliveira's (2003) and Costa's (2015) proposals for a description of the corpus in this study. Regarding the description of the investigated disciplinary culture, we based our study on the concept of disciplinary culture proposed by Hyland (2000). Thus, this research, which is defined as an exploratory-descriptive study, conducts both a qualitative and quantitative analysis, presenting a corpus composed of thirty empirical articles from the area of Psychology, which were compiled from ten different Brazilian journals indexed in WebQualis Capes database. To understand the mentioned disciplinary culture, we search for information on websites of councils in Psychology and in CAPES reports, we investigated the described instructions on journals websites, we explored the APA (2010) publication manual and we interviewed professors from this area. In this last stage, we try to understand what are the perceptions of experienced members about the production of academic genres. Based on the analysis of the disciplinary culture of the area of Psychology, we observed that this area considers the academic article as the main source of knowledge dissemination. Regarding the configuration of the papers, in the Introduction section, we find an extensive literature review, as well as the subject matter and objectives of the study. In the Methodology unit, there is a detailed characterization of the research sample, as well as information regarding the materials or instruments used, experimental procedures, data that prove approval by ethics committee and the description of the data analysis. In the Results unit, the main findings of the study are pointed. In the Discussion section, there are elaborated introductions that return to study objectives and pertinent data of the literature. In the sequence, the results of the work are interpreted, which are generally compared with findings from previous research and, finally, new searches are recommended. The

Results and Discussion unit presents the results of the research and the interpretation of these. The Conclusion section brings comments on more general interpretations of the results of the research and proposes the accomplishment of new studies. In the References unit, the main sources of research used in the work are pointed out. Based on the data presented, we verified that the disciplinary culture of the area of Psychology influences the textual construction of the empirical academic article genre, thus evidencing the practices and beliefs of the investigated area in the composition of the studied genre.

Keywords: Social and rhetorical description. Disciplinary culture. Area of Psychology. Experimental academic article.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Metáforas de gênero.....	28
Figura 2 – Análise de gêneros a partir do texto.....	35
Figura 3 – Análise de gêneros a partir do contexto.....	36
Figura 4 – Modelo CARS (<i>Create a Research Space</i>).....	54
Figura 5 – Descrição sociorretórica a partir da cultura disciplinar.....	68
Figura 6 – Frequência das unidades retóricas em artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia.....	131
Figura 7 – Descrição das unidades retóricas em artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia.....	133
Figura 8 – Frequência de unidades informacionais na seção de Introdução de artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia.....	135
Figura 9 – Descrição retórica da unidade de Introdução em artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia.....	136
Figura 10 – Frequência de unidades informacionais na seção de Metodologia de artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia.....	151
Figura 11 – Descrição retórica da unidade de Metodologia em artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia.....	152
Figura 12 – Frequência de unidades informacionais na seção de Resultados de artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia.....	167
Figura 13 – Descrição retórica da unidade de Resultados em artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia.....	168
Figura 14 – Frequência de unidades informacionais na seção de Discussão de artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia.....	173
Figura 15 – Descrição retórica da unidade de Discussão em artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia.....	174

Figura 16 – Descrição retórica da unidade de Resultados e Discussão em artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia.....	182
Figura 17 – Frequência de unidades informacionais na unidade de Conclusão de artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia.....	184
Figura 18 – Descrição retórica da unidade de Conclusão em artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia.....	185
Figura 19 – Frequência de unidades informacionais em Referências de artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia.....	187
Figura 20 – Descrição retórica da unidade de Referências de artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia.....	188
Figura 21 – Descrição retórica de artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia.....	189
Quadro 1 – Modelos de descrição retórica para a análise de artigos acadêmicos experimentais da área de Psicologia.....	70
Quadro 2 – Termos e suas definições.....	72
Quadro 3 – Apresentando as pistas léxico-gramaticais da unidade retórica de Introdução.....	145
Quadro 4 – Apresentando as pistas léxico-gramaticais da unidade retórica de Metodologia.....	161
Quadro 5 – Apresentando as pistas léxico-gramaticais da unidade retórica de Resultados.....	170
Quadro 6 – Apresentando as pistas léxico-gramaticais da unidade retórica de Discussão.....	178
Quadro 7 – Apresentando as pistas léxico-gramaticais da unidade retórica de Conclusão.....	186

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Critérios utilizados para construção do Qualis Periódicos da área da Psicologia, no triênio 2010-2012.....	91
Tabela 2 – Estratos para Classificação de Livros.....	94
Tabela 3 – Porcentagem de revisão de literatura na seção de Introdução.....	144

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	17
2	O ESTUDO DE GÊNEROS POR JOHN SWALES.....	23
2.1	CONCEITO DE GÊNERO.....	25
2.2	PROPÓSITO COMUNICATIVO.....	32
2.2.1	A revisão do papel do propósito comunicativo.....	33
2.3	COMUNIDADE DISCURSIVA.....	37
2.3.1	Redefinição do conceito de comunidade discursiva.....	39
3	CULTURA DISCIPLINAR.....	41
3.1	A RELEVÂNCIA DA ESCRITA PARA A COMUNIDADE ACADÊMICA.....	41
3.1.1	Culturas disciplinares: variações entre práticas e crenças.....	45
3.1.2	Comunidades discursivas, gênero e culturas disciplinares: uma relação entre conceitos.....	48
4	O ARTIGO ACADÊMICO.....	52
4.1	MODELO CARS: A PROPOSTA RETÓRICA DE SWALES.....	53
5	METODOLOGIA.....	57
5.1	TIPO DE PESQUISA.....	58
5.2	PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	58
5.3	O <i>CORPUS</i>	59
5.4	INSTRUMENTOS UTILIZADOS.....	61
5.5	COMITÊ DE ÉTICA.....	62
5.6	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	62
5.6.1	Coletando e selecionando o corpus.....	62
5.6.2	Caracterizando o <i>corpus</i>.....	63

5.6.3	Descrevendo o percurso metodológico para a descrição da cultura disciplinar.....	65
5.6.4	Descrevendo o percurso metodológico para a descrição sociorretórica do corpus de artigos experimentais.....	67
5.7	APRESENTANDO OS MODELOS RETÓRICOS NORTEADORES EM NOSSA PESQUISA.....	70
5.8	DEFININDO OS TERMOS DA ANÁLISE.....	72
6	DESCREVENDO A CULTURA DISCIPLINAR DA ÁREA DE PSICOLOGIA NO BRASIL.....	73
6.1	UM BREVE HISTÓRICO DA ÁREA DE PSICOLOGIA NO BRASIL.....	74
6.1.1	Quem é o psicólogo?.....	76
6.1.2	A formação profissional do psicólogo no Brasil.....	79
6.1.3	A identidade do psicólogo no Brasil.....	81
6.2	OS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA.....	83
6.2.1	O Plano Nacional de Pós-Graduação - PNPG (2011 – 2020).....	85
6.2.2	A criação de novos Programas de Pós-Graduação.....	86
6.2.3	A classificação de periódicos, livros e produção técnica.....	90
6.2.3.1	A estratificação dos periódicos.....	90
6.2.3.2	A estratificação de livros.....	93
6.2.3.3	A classificação de produções técnicas.....	95
6.2.4	Para a avaliação dos Programas de Pós-Graduação.....	95
6.2.5	A área de Psicologia conforme avaliação trienal 2010 – 2012.....	96
6.3	ORIENTAÇÕES DOS PERIÓDICOS DA ÁREA DE PSICOLOGIA.....	98
6.3.1	Estudos e Pesquisas em Psicologia.....	98
6.3.2	Psicologia e Sociedade.....	100
6.3.3	Saúde e Sociedade.....	102

6.3.4	Saúde em Debate.....	104
6.3.5	Psicologia: teoria e pesquisa.....	106
6.3.6	Fractal: Revista de Psicologia.....	108
6.3.7	Temas em Psicologia.....	110
6.3.8	Psicologia em Pesquisa.....	112
6.3.9	Estudos de Psicologia.....	113
6.3.10	Psico-USF.....	115
6.4	O MANUAL DE PUBLICAÇÃO DA AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION – APA (2010).....	117
6.4.1	O artigo acadêmico experimental conforme o manual da APA (2010)	118
6.5	ENTREVISTAS COM MEMBROS EXPERIENTES DA ÁREA DE PSICOLOGIA.....	120
7	REALIZANDO A DESCRIÇÃO SOCIORRETÓRICA DE ARTIGOS EMPÍRICOS DA CULTURA DISCIPLINAR DA ÁREA DE PSICOLOGIA	131
7.1	UNIDADE RETÓRICA DE INTRODUÇÃO.....	134
7.1.1	Apresentando as pistas léxico-gramaticais da unidade retórica de Introdução.....	145
7.2	UNIDADE RETÓRICA DE METODOLOGIA.....	148
7.2.1	Apresentando as pistas léxico-gramaticais da unidade retórica de Metodologia.....	161
7.3	UNIDADE RETÓRICA DE RESULTADOS.....	166
7.3.1	Apresentando as pistas léxico-gramaticais da unidade retórica de Resultados.....	170
7.4	UNIDADE RETÓRICA DE DISCUSSÃO.....	171
7.4.1	Apresentando as pistas léxico-gramaticais da unidade retórica de Discussão.....	178
7.5	UNIDADE RETÓRICA DE RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	180
7.6	UNIDADE RETÓRICA DE CONCLUSÃO.....	183

7.6.1	Apresentando as pistas léxico-gramaticais da unidade retórica de Conclusão.....	186
7.7	UNIDADE RETÓRICA DE REFERÊNCIAS.....	186
7.8	APRESENTANDO O MODELO SOCIORRETÓRICO.....	189
8	CONCLUSÃO.....	191
	REFERÊNCIAS.....	196
	APÊNDICES.....	200
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	201
	APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	203
	APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO.....	204
	APÊNDICE D – DADOS PRELIMINARES.....	205
	APÊNDICE E – REFERÊNCIAS DOS ARTIGOS DO <i>CORPUS</i>	208

1 INTRODUÇÃO

Os estudos que envolvem a produção de gêneros acadêmicos têm alcançado grande destaque nas últimas décadas, garantindo um espaço significativo na área da Linguística Aplicada. Dentre os gêneros que mais são produzidos na universidade, podemos apontar: a resenha, o resumo e o artigo acadêmico. O gênero artigo acadêmico, também denominado artigo científico, é conhecido por ser o gênero mais utilizado atualmente no âmbito acadêmico como forma de construir e divulgar os conhecimentos provenientes das atividades de pesquisa (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010). O que se tem percebido é que, para a produção desses gêneros, manuais de metodologia e livros voltados para essa temática apresentam, muitas vezes, recomendações generalizadas voltadas para as mais distintas áreas do conhecimento.

Ainda no que diz respeito à produção textual na universidade, infelizmente, não se tem percebido a heterogeneidade da escrita acadêmica. O público consumidor desses manuais, geralmente, se depara com orientações como as da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que parecem ser comuns às diversas áreas disciplinares, não considerando, portanto, questões sociais e culturais pertencentes a cada área, as quais podem apresentar particularidades e, por consequência, trazer implicações para a produção escrita nos diferentes campos disciplinares.

Encontramos fundamentação teórica para discutir sobre a relevância dessa temática em Swales (1990) e Hyland (2000). Swales (1990) tece considerações pertinentes sobre os gêneros acadêmicos, especialmente acerca do gênero artigo acadêmico, contribuindo para a discussão acerca desses gêneros com as concepções de gênero, comunidades discursivas e propósitos comunicativos. Hyland (2000), por sua vez, propõe o conceito de cultura disciplinar.

Para Swales (1990), os gêneros acadêmicos se configuram como uma classe de eventos comunicativos, os quais são realizados por meio da linguagem verbal e são constituídos por aspectos como discurso, participantes, o papel do discurso e o ambiente em que este é produzido e recebido. O autor também define que uma comunidade discursiva é uma rede sociorretórica em que há propósitos comunicativos os quais são compartilhados pelos membros que a ela pertencem.

Nessa perspectiva, podemos compreender que os gêneros acadêmicos são construídos, mantidos e modificados por ações humanas, nos permitindo perceber a relevância da coletividade para esse conceito. Para compreender o gênero em sua totalidade, torna-se imprescindível, portanto, compreender sua origem, seus mecanismos de produção, circulação e consumo, justificando, novamente, a noção do coletivo no que concerne a essa lógica.

Problematizando sobre a discussão acerca dos gêneros acadêmicos, Hyland (2000), por sua vez, em se tratando da comunidade acadêmica, reflete sobre o conceito de Swales (1990) para comunidades discursivas, questionando a homogeneidade ou não dessas comunidades. Partindo desse questionamento, adentramos no conceito de culturas disciplinares. Hyland (2000) defende que as culturas disciplinares são constituídas por pluralidades de práticas e crenças as quais permitem que os indivíduos inovem a partir de suas práticas. Complementando o raciocínio de Hyland (2000), Bhatia (2004) discute sobre o conceito de disciplina. Para o autor, as disciplinas possuem características particulares e são compreendidas a partir de termos de conhecimento específico, normas e também de seus objetivos e práticas disciplinares que permitem alcançar tais propósitos.

Nessa perspectiva, podemos compreender que, a partir da variedade de práticas, crenças e metodologias das diversas culturas disciplinares, podem ocorrer diferentes modos de produzir um gênero acadêmico, de compreendê-lo e consumi-lo. Essas características nos possibilitam refletir que, ao considerarmos as particularidades de uma determinada cultura disciplinar no que concerne a aspectos sociais e culturais na construção de um gênero acadêmico, podemos observar a manifestação dessas características na configuração desses gêneros.

Retomando a relevância do artigo acadêmico para a produção de pesquisa e divulgação de conhecimentos originados na academia, no que diz respeito a uma proposta teórico-metodológica que permita o estudo desse gênero, apontamos o modelo sociorretórico CARS (*Create a research space*) elaborado por Swales (1990), o qual trouxe contribuições efetivas para o estudo do gênero artigo acadêmico, nos apresentando uma metodologia para a descrição da organização retórica da seção de Introdução em artigos acadêmicos. Tal modelo caracteriza as unidades informacionais contidas na unidade retórica de Introdução, esclarecendo, além da teoria, como se dá o percurso metodológico na análise do referido gênero.

É relevante salientar que muitas pesquisas utilizaram proposta de Swales (1990) para a análise de diversas seções do gênero artigo acadêmico, como o de Silva (1999), sobre a seção de Resultados e Discussão de artigos na área de Química; Hendges (2001), acerca da unidade de Revisão de Literatura em artigos acadêmicos eletrônicos e impressos das áreas de Economia e Linguística; Costa (2015), no que diz respeito à comparação da organização sociorretórica de artigos acadêmicos empíricos completos das áreas de Linguística e Medicina; e Pacheco (2016), no que se refere à configuração sociorretórica de artigos acadêmicos originais completos da área de Nutrição. Nosso estudo, que está relacionado aos supramencionados no que diz respeito à descrição do gênero artigo acadêmico, procura contribuir com a análise desse gênero a partir da cultura disciplinar da área de Psicologia, investigando como as crenças e valores dessa área disciplinar podem interferir na compreensão e na produção do referido gênero.

Esta pesquisa é vinculada ao projeto *Práticas discursivas em comunidades disciplinares acadêmicas* e ao grupo de pesquisa em Discurso, Identidade e Letramento Acadêmicos (DILETA), ambos coordenados pela Professora Dra. Cibele Gadelha Bernardino, do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). O referido projeto apresenta resultados quanto ao estudo das culturas disciplinares de Linguística, Medicina e Nutrição e investiga, no momento, as culturas do Direito e da Agronomia.

Após ter contato com o projeto e o grupo, sendo apresentado a diversas possibilidades de trabalhar com distintas áreas, como: Direito, História, Psicologia, Física e Geografia Física, me senti motivado a investigar a área de Psicologia, tanto por já ter algumas leituras, como por ter curiosidade para melhor conhecê-la. Outra motivação pertinente foi a raridade de trabalhos desenvolvidos nessa área, o que nos levou à decisão de investigá-la no que diz respeito à relação entre a organização sociorretórica e a cultura disciplinar.

É relevante mencionar ainda que o projeto *Práticas discursivas em comunidades disciplinares acadêmicas* tem buscado construir um percurso metodológico que permita realizar a análise das distintas culturas disciplinares. Para que isso seja possível, investigamos documentos relevantes para a área, orientações de periódicos e buscamos compreender ainda a visão dos membros experientes

acerca da produção do gênero artigo acadêmico, posto que Hyland (2000) não formula um percurso metodológico que possibilite a análise das culturas disciplinares.

O estudo que desenvolvemos, o qual visa analisar a cultura disciplinar da área de Psicologia, procura compreender como a cultura disciplinar em questão influencia, por meio de seus valores e crenças, a produção do gênero artigo acadêmico. Então, indagamos: que implicações o conjunto de propósitos, valores e crenças da cultura disciplinar da área de Psicologia podem trazer para a produção do gênero artigo acadêmico? Como ocorre a produção e a circulação do referido gênero na cultura disciplinar da área investigada? Partindo do pressuposto de que cada cultura disciplinar constrói gêneros conforme características específicas, como a cultura disciplinar da área de Psicologia produz e organiza sociorretoricamente o gênero artigo acadêmico? Dessa forma, a partir desses questionamentos, procuraremos aprofundar pertinentes discussões teóricas em relação ao gênero artigo acadêmico na cultura disciplinar da referida área.

Visando dar continuidade às pesquisas de Costa (2015) e Pacheco (2016), ambos membros do projeto *Práticas discursivas em comunidades disciplinares acadêmicas* e do grupo de pesquisa DILETA, esse estudo tem como objetivo contribuir para a descrição sociorretórica do gênero artigo acadêmico na cultura disciplinar da área de Psicologia, buscando compreender como ele é construído e compartilhado na cultura em estudo, a partir da investigação das implicações que as crenças, os valores e os propósitos comunicativos podem trazer para a produção e compreensão desse gênero. Ressaltamos que não foram encontradas pesquisas que realizassem a descrição sociorretórica de artigos acadêmicos da cultura disciplinar da área de Psicologia em sua totalidade e com essas questões, procuramos, então, por meio deste estudo, preencher essa lacuna.

Nesse sentido, visamos contribuir para o letramento acadêmico, para o entendimento de que os gêneros acadêmicos devem ser compreendidos a partir do estudo da cultura disciplinar e não de orientações oriundas de livros de metodologia científica, os quais são, muitas vezes, insuficientes para produzir trabalhos acadêmicos por serem repletos de amplas generalizações. Considerando que a escrita acadêmica é uma das formas de manutenção da comunidade discursiva da academia, reiteramos nosso objetivo nessa pesquisa, de investigar como se dá a produção do gênero em questão nessa cultura disciplinar. Por fim, esperamos que

nossos estudos possam se estender a futuras pesquisas, com o objetivo de investigar outras áreas disciplinares.

Para finalizarmos, apresentamos a organização retórica da Dissertação, que é constituída por seis capítulos. Os três primeiros referem-se às fundamentações teóricas que são essenciais ao nosso estudo, o quarto remete-se ao percurso metodológico adotado. Por fim, os dois últimos capítulos voltam-se para a análise da cultura disciplinar da área de Psicologia e dos artigos acadêmicos experimentais, respectivamente.

Observemos como são organizados os capítulos da dissertação. O primeiro apresenta o caminho teórico-metodológico realizado por Swales (1990, 2004), acerca dos gêneros, salientando as relevantes contribuições a partir dos conceitos de comunidade discursiva e propósito comunicativo. O segundo capítulo traz o embasamento teórico de Hyland (2000) acerca da concepção de cultura disciplinar, o qual conversa e amplia a definição de comunidade discursiva elaborado por Swales (1990). O terceiro capítulo traz considerações pertinentes sobre o gênero artigo acadêmico, apresentando o modelo retórico CARS (*Create a research space*) proposto por Swales (1990), o qual orientou nossa análise textual.

O quarto capítulo, o da Metodologia, apresenta informações sobre o tipo de pesquisa, o *corpus*, os participantes envolvidos, instrumentos utilizados, dados referentes ao comitê de ética e os procedimentos da pesquisa, apontando, também, os modelos retóricos adotados para descrever o *corpus* da pesquisa. O quinto capítulo traz informações referentes aos dados investigados da cultura disciplinar da área de Psicologia, como: informações de conselhos, documentos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), orientações dos periódicos e do manual de publicação da Associação Americana de Psicologia e o olhar dos membros experientes da referida área.

No sexto capítulo ocorre a análise do gênero artigo acadêmico experimental da área de Psicologia, realizando a descrição completa do gênero em questão e caracterizando os movimentos e passos de cada unidade retórica. São apresentados, também nesse capítulo, as pistas léxico-gramaticais destacadas em cada unidade informacional. Por fim, é proposto um modelo sociorretórico prototípico do gênero investigado na área de Psicologia.

Na Conclusão, trazemos os principais resultados da pesquisa, refletindo sobre as contribuições e implicações que esses achados podem trazer para o estudo acerca dos gêneros. Nas Referências, são destacadas todas as fontes de pesquisa as quais foram utilizadas nesse estudo. Nos Apêndices, são apresentados o Termo de consentimento livre e esclarecido, o roteiro das entrevistas, questionário, levantamento preliminar do *corpus* e as referências dos artigos investigados nessa pesquisa. Dessa forma, iniciemos com a discussão teórica sobre gêneros na perspectiva de Swales (1990; 2004).

2 O ESTUDO DE GÊNEROS POR JOHN SWALES

Swales (1990) apresenta uma concepção teórico-metodológica para o estudo sobre gêneros, fundamentando-se em algumas abordagens de análise do gênero. Algumas de suas observações, em relação à compreensão do conceito de gênero, relaciona-se ao fato de que, para entendê-lo, é preciso levar em consideração o contexto, pois o uso apenas dos elementos linguísticos não é suficiente para uma compreensão plena dessa definição.

No sentido de demonstrar uma abordagem tanto teórica quanto metodológica consistente, Swales (1990, p. 9) nos fornece uma ampla conceituação de gênero, ao afirmar que

Os próprios gêneros são categorias de eventos comunicativos que tipicamente possuem características de estabilidade, denominam reconhecimento e assim por diante. O protótipo de gênero de eventos comunicativos (e talvez outros) consiste em textos próprios (falados, escritos ou uma combinação), além de codificação e decodificação de procedimentos moderados pelo aspecto relatado do gênero da função do texto e o ambiente do texto (tradução nossa)¹.

Swales (1990) buscou, em sua proposta, oferecer um modelo que é descritivo, eficiente e aplicável a situações práticas. De acordo com o autor, para se ter originalidade em uma abordagem, pode haver uma integração de diversas tradições distintas ou de novas formas de considerar tais tradições.

Na elaboração do conceito de gênero, Swales (1990) buscou influências para a construção do seu conceito de gênero. O autor dedicou-se a descrever quatro diferentes campos de estudo, a saber: o folclórico, o literário, o linguístico e o domínio da retórica.

Para o autor, no que diz respeito às contribuições dos estudos de folclore, nesse campo de investigação, há uma classificação de gêneros e, assim, organiza-se uma ferramenta de pesquisa a qual possibilita que os textos sejam arquivados. Swales

¹ Genres themselves are classes of communicative events which typically possess features of stability, name recognition and soon. Genre-type communicative events (and perhaps others) consist of texts themselves (spoken, written, or a combination) plus encoding and decoding procedures as moderated by genre-related aspects of text-role and text-environment.

(1990) observa ainda que a classificação atribuída pelos estudiosos do folclore leva em consideração os “tipos ideais” e não textos reais, os quais podem se distanciar dos que são considerados ideais.

A abordagem dos gêneros de folclore dá um enfoque nas formas, as quais são permanentes, enquanto há também uma abordagem que evidencia o valor sociocultural do folclore. É importante mencionar que, para muitos folcloristas, os gêneros tidos como principais, como o mito, o conto e a lenda não são classificados conforme a forma, mas de acordo como são recebidos pelas comunidades, o que nos leva a entender que a percepção que a comunidade tem sobre como compreender um texto tem grande valia para um analista do gênero (MALINOWSKI, 1960 *apud* SWALES, 1990).

No campo dos estudos literários, ao contrário dos estudos folclóricos, há uma visão do texto como algo que não é estável, ou seja, um não apego à permanência da forma. Nesse âmbito, os gêneros são estabelecidos através da quebra de convenções, por meio da originalidade e o significado próprio que os autores atribuem as suas obras, contrariamente ao que é observado no folclore, campo no qual os gêneros não sofrem transgressões pelas formas. Nos estudos literários, há uma relação do autor com a sociedade e a evolução dos gêneros, que ocorre pela modificação de outros gêneros, como afirma Swales (1990, p. 36) ao mencionar o pensamento de Todorov (1976): “um novo gênero é sempre a transformação de um ou de vários gêneros velhos: pela inversão, por deslocamento, por combinação.” (tradução nossa)².

Em relação ao campo da Linguística, que apresenta forte influência nos estudos textuais, os linguistas foram muito cautelosos no que diz respeito ao uso do termo “gênero” por conta deste poder ser associado aos estudos literários. Os estudos dos linguistas, aqui, seguem uma linha etnográfica ou sistêmica, como o de Saville-Troike (1982), no qual Swales (1990) afirmou que o gênero era usado para se referir a diferentes tipos de eventos comunicativos, apontando como exemplos piadas, palestras, saudações e conversas. Segundo Swales (1990), há interesse, nesse campo, em descobrir como os eventos comunicativos são tipificados em determinadas

² A new genre is always the transformation of one or several old genres: by inversion, by displacement, by combination.

comunidades e que rótulos são usados. Essas características revelam quais elementos do comportamento verbal das comunidades analisadas são interpretados como mais salientes, em termos sociolinguísticos.

No que se refere aos estudos da retórica, percebemos o interesse desse campo pela classificação dos diversos tipos de discurso. De acordo com Kinneavy (1971, *apud* SWALES, 1990), o discurso divide-se em quatro tipos principais: expressivo, persuasivo, literário e referencial. Um discurso é classificado de acordo com o elemento que recebe maior foco no processo de comunicação. Caso o foco ou objetivo esteja no remetente, o discurso será expressivo; se for no receptor, será persuasivo; caso se encontre na forma linguística ou no código, constituirá um discurso literário; e se o objetivo for representar a realidade do mundo, ele será referencial. Percebendo que existiam falhas nessa classificação, o que poderia possibilitar uma incapacidade de compreender os discursos particulares em seus termos próprios, Swales (1990) questiona tal modo de classificar os discursos, levando em consideração que não podemos chegar a conclusões rápidas sobre a natureza dos gêneros. Com isso, percebemos que o percurso feito por Swales (1990) o conduziu à formulação de seu conceito de gênero, o qual veremos no próximo tópico.

2.1 CONCEITO DE GÊNERO

Após fazer um estudo sobre o gênero, Swales (1990) realiza observações com o intuito de caracterizar o gênero de forma que contemple determinados propósitos aplicados por ele. Para isso, o autor desenvolve seu conceito baseando-se em cinco critérios que apresentam como objetivo identificar e definir gêneros como uma categoria geral, a saber: 1) um gênero é uma classe de eventos comunicativos; 2) o conjunto de propósitos comunicativos compartilhados faz um conjunto de eventos comunicativos ser considerado gênero; 3) a prototipicidade do gênero; 4) a razão ou lógica subjacente ao gênero; e 5) a terminologia elaborada pela comunidade discursiva para fins próprios. A partir dessas definições, Swales (1990, p. 58) elabora o seu próprio conceito:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um conjunto de propósitos comunicativos. Estes propósitos são reconhecidos pelos membros especialistas da comunidade discursiva, e assim constituem a razão do gênero. Esse raciocínio molda a estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe a escolha de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é tanto um critério privilegiado e um critério que opera para manter o escopo de um gênero, foi concebido aqui estreitamente voltado para ação retórica comparável. Em adição ao propósito, exemplares de um gênero exibem vários padrões de similaridade em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo. Se todas as expectativas forem realizadas, o exemplar será reconhecido como prototípico pelos membros experientes da comunidade discursiva (tradução nossa)³.

Segundo Swales (1990), devemos entender o evento comunicativo como aquele em que a linguagem apresenta um papel indispensável e significativo. Ele aponta que há uma série de situações em que é difícil definir se a comunicação é uma parte integrante da atividade ou não. Ainda em relação ao evento comunicativo, o autor afirma que o mesmo não deve ser interpretado somente como uma forma de compreender o discurso e seus participantes, mas como uma maneira de entender a função do discurso, compreender o ambiente de produção e recepção e seus contextos históricos e culturais.

Quanto ao primeiro critério característico dos gêneros, o qual refere-se a ideia de classe, de acordo com Hemais; Biasi-Rodrigues (2005, p. 113), o gênero é visto como “uma classe de eventos comunicativos, sendo o evento uma situação em que a linguagem verbal tem um papel significativo e indispensável.” O evento comunicativo é caracterizado por ser constituído pelo discurso, participantes e pelo contexto onde o discurso é produzido e recebido.

O segundo critério elaborado por Swales (1990), considerado por alguns teóricos como o mais importante de todos, refere-se ao propósito comunicativo do gênero. Ele acredita que os eventos os quais fazem parte do gênero apresentam um ou mais propósitos comunicativos e o gênero é um espaço interacional para a

³ A genre comprises a class of communicative events, the members of which share some set of communicative purposes. These purposes are recognized by the expert members of the parent discourse community, and thereby constitute the rationale for the genre. This rationale shapes the schematic structure of the discourse and influence and constrains choice of content and style. Communicative purpose is both a privileged criterion and one that operates to keep the scope of a genre as here conceived narrowly focused on comparable rhetorical action. In addition to purpose, exemplars of a genre exhibit various patterns of similarity in terms of structure, style, content and intended audience. If all high probability expectations are realized, the exemplar will be viewed as prototypical by the parent discourse community.

realização desses objetivos. É relevante ressaltar que, para o autor, nem todos os propósitos são facilmente identificáveis, pois há gêneros que possuem conjuntos de propósitos comunicativos. Ele reconhece que, às vezes, o propósito não se manifesta de forma explícita, o que pode dificultar a identificação do mesmo. Assim sendo, esse critério tornou-se problemático para a análise de gêneros e foi revisto pelo autor em trabalhos posteriores, sobre os quais abordaremos em seção posterior.

Na terceira característica de Swales (1990), que é relacionada à prototipicidade do gênero, o texto que sempre cumpre as características de determinado gênero será reconhecido como parte do próprio gênero. É possível também que as características semelhantes do gênero que foram identificadas possam servir para identificar outros gêneros, devido à prototipicidade. Assim, os exemplares de gêneros que se destacarem como os mais típicos serão os protótipos.

A razão ou lógica subjacente é a quarta característica do gênero. Nesse critério, a lógica do gênero está relacionada com o seu propósito. A partir desse raciocínio, devem ser determinadas as restrições em relação aos conteúdos, estruturas e formas. Assim, de acordo com a sua compreensão de propósito, os membros utilizam as convenções do gênero em função do propósito previsto.

No quinto critério de sua concepção de gênero, Swales (1990) aborda sobre a nomenclatura, a qual é elaborada e utilizada pela comunidade discursiva para seus próprios fins. É relevante evidenciar que as terminologias atribuídas aos gêneros são elaboradas pelos membros mais experientes e ativos das comunidades, pois eles tendem a possuir o maior conhecimento específico do gênero e devem entender a ação retórica dos eventos comunicativos. Contudo, o autor encontra problemas nesse critério, no tocante ao fato de que um mesmo evento comunicativo pode ser identificado na comunidade discursiva por mais de um nome.

Em estudos posteriores, julgando relevantes os contextos sociais, Swales (2004, p. 73) afirma-nos que as perspectivas analisadas podem trazer vantagens, visto que “os propósitos sociais evoluem, podendo se expandir ou se retrair.” Swales (2004, p. 72) ainda comenta que o “contexto é uma categoria aberta, limitada, pelo

menos parcialmente, por restrições de tempo, recursos, disponibilidade e acesso.” (tradução nossa)⁴.

A fim de dar continuidade à pesquisa, já que os critérios anteriores não foram suficientes para contemplar o termo “gênero”, Swales (2004) determina seis metáforas que orientam sobre a compreensão de gênero: quadros de ação social, padrões de linguagem, espécies biológicas, famílias e protótipos, instituições e atos de fala. Podemos observar abaixo uma estrutura que representa tais metáforas.

Figura 1 – Metáforas de gênero

Metáforas		Resultados variáveis	
Quadros de ação social	→	Princípios norteadores	} G Ê N E R O S
Padrões de linguagem	→	Expectativas convencionais	
Espécies biológicas	→	Historicidades complexas	
Famílias e protótipos	→	Ligações variáveis com o centro	
Instituições	→	Papéis em contextos específicos	
Atos de fala	→	Discursos direcionados	

Fonte: Swales (2004, p. 68, tradução nossa).⁵

Conforme relata Bernardino (2007), a noção que Swales (2004) estabelece de gênero como frame está apoiada em Bazerman (1997) e apresenta os gêneros como quadros de ação social. A partir dessa lógica, o gênero assume a posição de ponto de partida, é através dele que os falantes/escritores organizam suas ideias e os ouvintes/leitores respondem de acordo com as suas expectativas. Assim sendo, o

⁴ [...] context is an open category at least partly bounded by constraints of time, resources, availability, and access.

⁵ Metaphors / Variable Outcomes

Frames of Social Action / Guiding Principles -----	G
Language Standards / Conventional Expectations -----	E
Biological Species / Complex Historicities -----	N
Families and Prototypes / Variable Links to the Center -----	R
Institutions / Shaping Contexts; Roles -----	E
Speech Acts / Directed Discourse -----	S

gênero passa a ser tido como um dos fatores responsáveis pelo sucesso da ação comunicativa. É válido informar que o gênero é muito necessário para o sucesso da comunicação, mas apenas ele não é suficiente para isso.

Na segunda metáfora, Devitt (1997 *apud* Swales, 2004), aponta-nos que o gênero pode ser compreendido como um espaço onde “ocorrem padrões de restrição e criatividade; de regularidade e mudança; de limitação e escolhas” (BERNARDINO, 2007, p. 36). Swales (2004) defende que, do mesmo modo que há padrões da língua que estabelecem regras de etiqueta para a língua, os gêneros assim o fazem. Citando Bhatia (2004 *apud* Bernardino, 2007), afirma que os gêneros podem sofrer mudanças e que os mesmos são usados para atingir certos objetivos de organizações ou de indivíduos. A terceira metáfora para a caracterização de gêneros textuais, “gênero como espécies biológicas”, Swales (2004), apontando os estudos de Fishelov (1993), compara os gêneros e as espécies biológicas, afirmando que os gêneros, da mesma forma que as espécies, evoluem, se espalham e são extintos.

Na quarta metáfora, o autor volta a se apoiar em Fishelov (1993) e discute a questão da prototipicidade das famílias de gêneros. Os gêneros são vistos como exemplares que membros de uma família compartilham, nos levando a entender que os gêneros estão próximos em graus maiores ou menores do que é considerado o protótipo. Relacionando essa lógica à ideia de classe, considerada uma categoria em que os textos semelhantes pertencentes a um mesmo gênero se encaixam, podemos notar a ocorrência de características mais comuns às mais raras.

A quinta metáfora aborda os gêneros como instituições e é, mais uma vez, baseada nos estudos de Fishelov (1993). Nesse sentido, o gênero, como um artigo acadêmico, por exemplo, não é apenas um produto visível, mas sim “uma instituição complexa, que envolve processos mais ou menos tipificados de produção e recepção” (SWALES, 2004, p. 66). Assim, os usuários desse gênero são entendidos pelos papéis institucionais que executam.

No último critério, “os gêneros como atos de fala”, Swales (2004) encontra suporte em Bazerman (1974). O autor mostra que o discurso é capaz de direcionar as nossas percepções de gênero. Depois de descrever as metáforas do gênero, Swales (2004) discorre que essa perspectiva multifacetada ainda não permite produzir uma resposta coerente para as implicações anteriormente discutidas.

Após a contribuição de Swales (1990; 2004) para o estudo de gêneros textuais, Bhatia (1993, p. 13) oferece a sua definição de gênero:

Gênero é um reconhecido evento comunicativo caracterizado por um conjunto de propósitos comunicativos identificados e mutuamente compreendidos por membros da comunidade acadêmica ou profissional em que ocorrem regularmente. Frequentemente, o gênero é altamente estruturado e convencionalizado com restrições quanto a contribuições admissíveis em termos de intenção, posicionamento, forma e valor funcional. Essas restrições, no entanto, são constantemente exploradas por membros experientes da comunidade discursiva para alcançar intenções particulares dentro de um quadro de propósitos socialmente reconhecidos (tradução nossa)⁶.

Ao estabelecer esse conceito, o linguista reconhece que há muitos aspectos que precisam de melhor elaboração, sobre os quais abordaremos a seguir.

1) Ao afirmar que “gênero é um reconhecido evento comunicativo caracterizado por um conjunto de propósitos comunicativos e identificados e mutuamente entendidos por membros da comunidade acadêmica ou profissional em que ocorrem regularmente”, Bhatia (1993, p. 13) relata que o gênero caracteriza-se, principalmente, pelos propósitos comunicativos que se destina a desempenhar. Outros fatores também são levados em conta na caracterização do gênero, como a forma, o conteúdo e o público-alvo, os quais influenciam a natureza e a construção de um gênero. Qualquer maior mudança nos propósitos comunicativos provavelmente implicará mudanças no gênero ou o surgimento de um novo gênero.

2) Com a seguinte afirmação “frequentemente, o gênero é altamente estruturado e convencionalizado”, Bhatia (1993, p. 14) comenta que membros especialistas de uma comunidade profissional ou acadêmica recebem créditos pelo conhecimento não somente dos objetivos comunicativos de sua comunidade, mas também pela estrutura dos gêneros que estão presentes no dia a dia profissional. O autor diz ainda que esse conhecimento é resultado de longa experiência e/ou de treinamento com a

⁶ [...] it (genre) is a recognizable communicative event characterized by a set of communicative purpose(s) identified and mutually understood by the members of the professional or academic community in which it regularly occurs. Most often it is highly structured and conventionalized with constraints on allowable contributions in terms of their intent, positioning, form and functional value. These constraints, however, are often exploited by intentions within the framework of socially recognized purpose(s).

comunidade especialista que dá forma ao gênero e que fornece sua estrutura interna convencionalizada.

3) No que concerne ao fato dos gêneros apresentarem “restrições quanto a contribuições admissíveis em termos de intenção, posicionamento, forma e valor funcional”, Bhatia (1993, p. 14) afirma que isso significa que o escritor tem liberdade para usar os recursos linguísticos da forma que ele desejar, desde que ele obedeça a certas práticas padrões dentro dos limites de um gênero particular. O autor diz também que os especialistas podem explorar as regras e as convenções do gênero a fim de alcançar intenções particulares, mas não podem fugir das restrições coletivas e institucionais. Ele complementa ainda que qualquer incompatibilidade no uso de características genéricas é entendida como algo estranho, não somente por membros da comunidade de especialistas, mas também por bons usuários da língua em geral.

4) Após afirmar que “Essas restrições são constantemente exploradas por membros experientes da comunidade discursiva para alcançar intenções particulares dentro de um quadro de propósitos socialmente reconhecidos” (BHATIA,1993, p.15), o autor esclarece que os membros mais experientes da comunidade acadêmica ou profissional possuem maior conhecimento sobre o propósito convencional, a construção e o uso específico de gêneros por estarem mais familiarizados com a estrutura genérica em relação aos indivíduos que não são considerados especialistas.

Em síntese, Bhatia (1993) afirma que cada gênero é uma instância de uma realização bem-sucedida de propósitos comunicativos com a utilização de um conhecimento convencionalizado de recursos linguísticos e discursivos. Uma vez que cada gênero estrutura um mundo de experiências ou uma realidade de modo particular, essa mesma experiência ou a mesma realidade exigirá diferentes modos de estruturação se operar em gêneros diferentes. Além disso, o autor salienta que enquanto muitos indivíduos exploram as características dos gêneros para alcançarem originalidade em seus textos, alguns atuam em conformidade com uma ampla gama de regras e convenções genéricas.

Após discutirmos sobre as contribuições significativas de teóricos renomados para o conceito de gênero, nos direcionaremos, na próxima seção, para o conceito de propósito comunicativo, o qual é essencial para a definição de gênero.

2.2 PROPÓSITO COMUNICATIVO

Como já fora mencionado, o propósito comunicativo é interpretado como o critério privilegiado na definição de gênero (SWALES, 1990). Nesse sentido, iremos discorrer acerca do que foi abordado sobre o conceito, atentando às implicações e aplicações de tal definição.

De acordo com Hemais; Biasi-Rodrigues (2005, p. 118), “graças ao propósito comunicativo, o gênero se mantém focalizado em determinada ação retórica”, o que nos leva a refletir que há desvios que possam conduzir os investigadores a não reconhecerem os exemplares de gêneros tão facilmente.

No que concerne à identificação dos propósitos comunicativos no gênero, esse processo nem sempre ocorre de maneira simples. O investigador deve estar bastante consciente da amplitude que esse conceito oferece, não se deixando levar pelo teor do conteúdo e características estilísticas e formais dos tipos de textos que lhe são apresentados, pois podem causar incertezas ao analista. Ressaltando o que afirmou Swales (1990), nem todos os propósitos são facilmente identificáveis, pois se existirem conjuntos de propósitos comunicativos, isso pode dificultar mais ainda o reconhecimento dos gêneros.

Reiteramos, então, que, para o propósito ser apreendido, é necessária uma investigação precisa, para que assim sejam evitados os riscos de erros. Além disso, deve-se levar em consideração o fato de existirem propósitos comunicativos comuns para diferentes gêneros, demonstrando que essa não é uma tarefa de fácil conhecimento.

Para o reconhecimento do propósito comunicativo principal nos gêneros é necessário identificar a funcionalidade mais geral daquele gênero. Podemos relacionar esse reconhecimento à identificação de aspectos sociais, no tocante à ocorrência de um gênero em um meio social, no qual indivíduos possam identificá-lo de forma sociocomunicativa.

Nesta pesquisa, iremos abordar o estudo do propósito comunicativo geral juntamente com a análise dos propósitos comunicativos específicos e da organização

retórica de artigos acadêmicos na área disciplinar da Psicologia, com o objetivo de identificar como o gênero é construído nesta cultura disciplinar.

2.2.1 A revisão do papel do propósito comunicativo

Em trabalhos anteriores, o propósito comunicativo era considerado o critério privilegiado do estudo dos gêneros (SWALES, 1990). O propósito seria a força que estabelece o foco da ação retórica do gênero. No entanto, em pesquisas recentes, Swales foi modificando a base de sua teoria, revisitando o conceito de propósito comunicativo, já que, anteriormente, a identificação desse não era uma atividade fácil, conforme foi sugerido em sua proposta inicial.

Askehave & Swales (2009) evidenciam a posição de Bhatia (1993),

“para quem os membros mais experientes exploram o gênero, manipulando os elementos de intenção, posicionamento, forma e função para as suas intenções pessoais, e o fazem dentro dos propósitos socialmente reconhecidos” (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005, p. 118).

Askehave & Swales (2009) propuseram abandonar a noção de propósito comunicativo como meio imediato para a classificação de gêneros. Entretanto, eles complementaram que os analistas devem ter em mente que o propósito está em função do resultado da análise, ou seja, o propósito é descoberto pela análise do gênero.

Akar e Louhiala-Salminen (1999, *apud* ASKEHAVE & SWALES, 2009) oferecem um exemplo sobre a atual aceitação do termo propósito comunicativo, na qual o propósito principal de cada mensagem é identificado e os movimentos retóricos usados para realizar o propósito são analisados. De acordo com Askehave e Swales (2009, p. 228), mesmo se um texto se referir ao próprio propósito comunicativo de forma clara e evidente, ainda assim seria arriscado interpretar tais enunciados da forma que se apresentam.

Nesse sentido, interpretando o que Askehave e Swales (2009) apontaram, os propósitos comunicativos podem ser compreendidos de diferentes formas. Para

isso, eles apontam três exemplos de complexidade crescente quanto ao propósito comunicativo, complexidade textual e retórica, e extensão, a saber: lista de compras, cartas-respostas a recomendações e folders empresariais. Nos focaremos apenas na explanação de um, a fim de exemplificar como se dá essa interpretação.

A lista de compras, exemplo menos complexo em relação aos outros dois, é considerada um gênero simples, já que a sua finalidade é a de servir de meio para alguém anotar algo e assim funcionar de lembrete para poder lembrar a si ou a outra pessoa de comprar alguma coisa. Fatores organizacionais estão implícitos nessas listas, visto que a organização de cada pessoa que usa alguma lista como essa tem o seu modo particular de estruturá-la. Questões culturais e sociais também estão presentes na elaboração desse objeto, pois dependendo de que lugar ela for construída, notaremos uma possível configuração diferente. Em relação ao propósito comunicativo da lista de compras, já citado anteriormente, foram encontradas diversas variações de propósito comunicativo (WITTE, 1992 *apud* ASKEHAVE & SWALES, 2009).

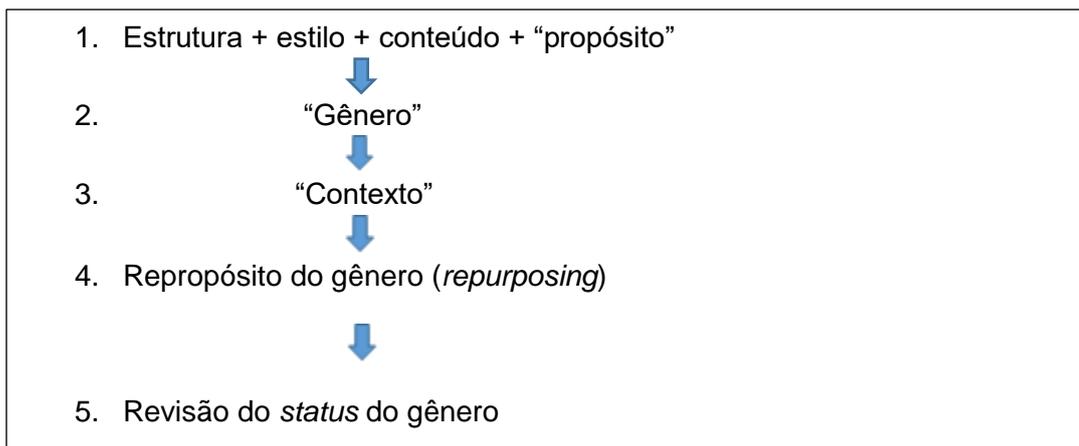
Em uma delas o autor descobriu que algumas pessoas usavam tal lista para fins de autodisciplina, para evitar compras por impulso. Provavelmente, as pessoas que apresentassem essa lógica deveriam possuir razões plausíveis para assim agirem. Em outro caso, a expressão “lista de compras” poderia ser utilizada para designar o título ou o conteúdo de um poema. Assim, para o mesmo termo “lista de compras”, encontramos realizações de propósitos comunicativos bem diferentes. Percebemos ainda que, apesar de algumas dificuldades, é difícil dispensar o conceito de “propósito” e se sustentar apenas nos aspectos formais. Além disso, a abordagem exclusivamente formal poderia ir de encontro com usos muito conhecidos pela atual sociedade, como a paródia e a sátira.

Martin (1985 *apud* ASKEHAVE & SWALES, 2009) faz uma reflexão pertinente em relação ao gênero, ao afirmar que “a distinção entre o propósito de um gênero (texto) e a maneira (modo) como ele é transmitido é importante porque muitos de nossos termos linguísticos comuns confundem modo e gênero” (ASKEHAVE & SWALES, 2009, p. 235).

Os linguistas Askehave & Swales (2009) concluem, portanto, que o propósito comunicativo possa ser utilizado como meio de identificar de forma imediata o gênero discursivo. Eles apresentam, então, uma revisão desse conceito, a qual eles denominam “repropósito do gênero” (*repurposing the genre*).

Os autores propõem dois procedimentos para a identificação de gêneros: um procedimento textual e um procedimento contextual. No processo textual, o propósito comunicativo é investigado, em uma das etapas, juntamente com a estrutura do gênero e o conteúdo (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005). Em uma etapa seguinte, o propósito torna-se um fator na revisão ou redefinição do gênero (*repurposing*). Acompanhemos um esquema desse procedimento na Figura 2:

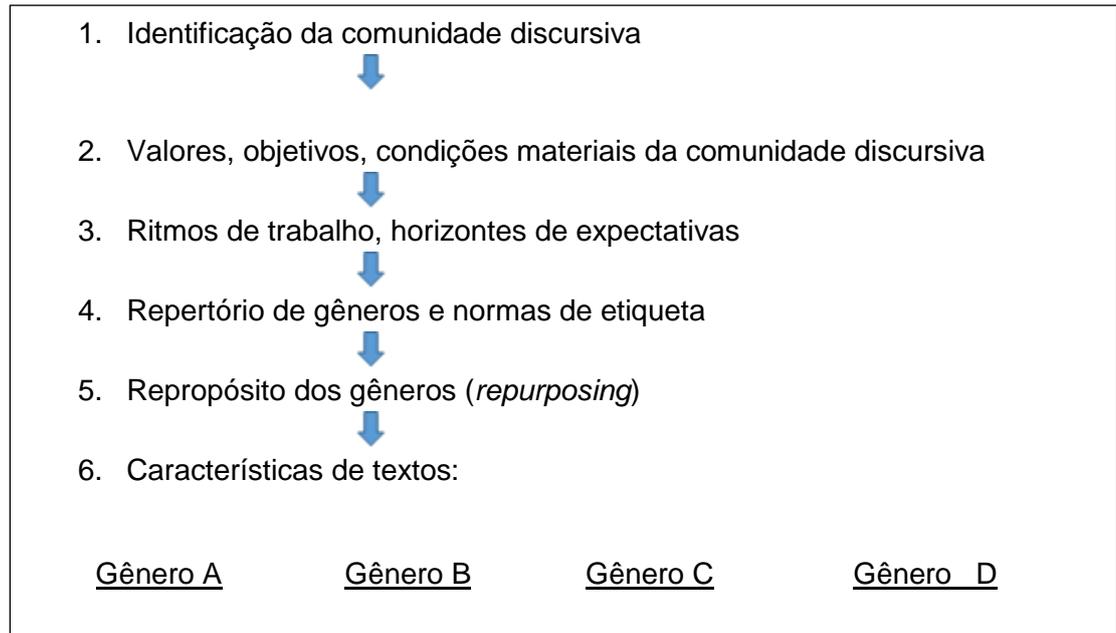
Figura 2 – Análise de gêneros a partir do texto



Fonte: ASKEHAVE; SWALES (2009, p. 239).

No segundo procedimento, o contextual, que está relacionado à investigação etnográfica, as etapas da investigação incluem o propósito comunicativo, que mantém a sua pertinência na revisão do gênero. Além disso, fazem parte do processo a identificação da comunidade, suas expectativas, seus valores e as características dos gêneros que estão presentes no repertório da comunidade discursiva. A Figura 3 apresenta como ocorre esse procedimento:

Figura 3 – Análise de gêneros a partir do contexto



Fonte: ASKEHAVE; SWALES (2009, p. 240).

Os dois procedimentos discutidos valorizam o dinamismo dos gêneros. Os autores complementam que a identificação dos gêneros deverá contar com uma investigação completa do texto em seu próprio contexto. Em Swales (1998, p. 80), compreendemos o seu objetivo ao focar nos traços pouco comuns no gênero e, com isso, é possível perceber as particularidades do discurso e relacionar os traços discursivos de gêneros pouco explorados às características sociorretóricas mais gerais, com o intuito de se alcançar um conhecimento mais amplo do discurso escrito nas mais diversas áreas disciplinares.

Por meio da discussão dos procedimentos de análise, percebemos que eles podem colaborar para uma compreensão mais precisa da questão relacionada ao propósito comunicativo. Os procedimentos propostos possibilitam uma investigação eficaz à natureza dinâmica dos gêneros.

Abordaremos, a seguir, os aspectos que definem uma comunidade discursiva, definição indispensável no conceito de gênero.

2.3 COMUNIDADE DISCURSIVA

Swales (1990), ao conceituar gêneros e propósitos comunicativos, relacionou tais definições à relevante concepção de comunidade discursiva, que apresenta-se essencial para a compreensão dos gêneros, pois, de acordo com Bernardino (2000), esses conceitos encontram-se intimamente conectados. Swales (1990, p. 9) define as comunidades discursivas como “redes sociorretóricas que se formam a fim de atuarem juntas em favor de um conjunto de objetivos comuns”⁷. Conforme enunciam Hemais; Biasi-Rodrigues,

“a noção de comunidade discursiva é empregada em relação ao ensino de produção de texto como uma atividade social, realizada por comunidades que têm convenções específicas e para as quais o discurso faz parte de seu comportamento social” (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005, p. 115).

Dentro dessa noção, as autoras estabelecem que existem convenções discursivas que facilitam a iniciação dos membros ingressos na comunidade, de forma que os novatos são estimulados a usar de maneira adequada as convenções discursivas reconhecidas pela comunidade.

Como observamos anteriormente, alguns problemas surgem com a definição de alguns termos, o que também aconteceu com o conceito de comunidade discursiva. Swales (1990) admitiu que não era fácil reconhecer uma comunidade discursiva e que era necessário estabelecer critérios para identificá-la.

O primeiro critério de Swales (1990) é o conjunto de objetivos que os usuários dos gêneros têm em comum. O autor acredita que o critério mais importante na identificação de uma comunidade discursiva é o fato de os membros possuírem os mesmos objetivos ou interesses.

A segunda característica diz respeito ao papel da informação no grupo. Primeiramente, há uma necessidade de comunicação entre os membros da comunidade e mecanismos próprios que efetivem uma interação entre eles. Em

⁷ Discourse communities are sociorhetorical networks that form in order to work towards sets of common goals.

segundo, esses mecanismos têm a finalidade de permitir o trânsito de informações e, assim, colaborar para que haja uma facilitação no engajamento de membros da comunidade nessa troca. É relevante mencionar que essa comunicação pode ocorrer pessoalmente ou por outros meios de comunicação que sejam compartilhados por esses membros.

O terceiro critério é relacionado à função da troca de informações. Os mecanismos, anteriormente citados, tem a finalidade de informar e ter um *feedback*, pelo estímulo ao retorno da comunicação. Quem for admitido como membro da comunidade se envolve nas comunicações que recebe e, com isso, participa das atividades da própria.

A capacidade de desenvolver gêneros é a quarta característica da comunidade discursiva. Para o desenvolvimento desses gêneros, são levadas em conta decisões sobre quais tópicos seriam relevantes para o grupo e quais elementos formais discursivos seriam escolhidos na realização de determinadas funções retóricas.

Quanto ao léxico utilizado, compreendido como o quinto critério caracterizador da comunidade discursiva, alguns termos que servem para um grupo podem não ter significado correspondente para outros. Com base em Swales (1990), acreditamos que é necessário que os membros das comunidades compartilhem entre si um léxico que facilite a realização de seus objetivos.

Por último, o sexto critério expressa que há tanto membros experientes em uma comunidade como também há os mais novatos. Os mais experientes possuem maior conhecimento do discurso e do conteúdo partilhado pelo grupo, são eles, inclusive, que podem realizar mudanças significativas na estrutura da comunidade discursiva. Enquanto isso, os recém-ingressos procuram construir o próprio conhecimento das convenções discursivas dentro do grupo e conquistar o seu espaço para participar ativamente das atividades da comunidade. Uma questão importante a ser esclarecida é que os membros mais experientes e os novatos devem interagir para o equilíbrio da comunidade discursiva.

Como foi observado em sua proposta de propósito comunicativo, os critérios que definiram a comunidade discursiva também passam por modificações, discussão sobre a qual nos dedicaremos na próxima seção.

2.3.1 Redefinição do conceito de comunidade discursiva

A partir do momento em que Swales (1990) estabeleceu a definição de comunidade discursiva, algumas reflexões foram feitas a fim de comprovar se aquele era um conceito completo. Debates entre acadêmicos acerca dessa problemática geraram algumas ponderações do autor, que o levaram a crer que algumas reformulações seriam necessárias nas características inerentes àquela significação, pelo fato que o próprio autor identificou ao perceber que tais características eram reducionistas.

Tendo a noção que o termo “comunidade discursiva” necessitava de uma reformulação, Swales (1990, p. 23) mencionou que, em relação a essa expressão,

torna-se razoável esperar que ela seja, se não uma noção estabelecida, pelo menos uma que seja suficientemente explícita para os outros para ser capaz de aceitar, modificar ou rejeitar com base nos critérios propostos (tradução nossa)⁸.

Um dos pontos fracos dessa conceituação inicial está ligado à ideia de que a comunidade discursiva era concebida como um grupo estável, o que não era comprovado. Além disso, a definição inicial não menciona que a comunidade se renova, busca e elabora gêneros, questões pertinentes que mereciam um novo olhar.

Visando realizar alguns ajustes em relação à teoria anteriormente formulada e reelaborar tal conceituação em um mundo mais complexo, Askehave e Swales (2009) nos trazem uma re(contextualização). Na nova proposta, os autores alteram cinco dos seis critérios estabelecidos por Swales em 1990, o único que não sofre modificações é o segundo critério, que, com razão, ele assevera que sem

⁸ [...] It becomes reasonable to expect it to be, if not a settled notion, at least one that is sufficiently explicit for others to be able to accept, modify or reject on the basis of the criteria proposed.

mecanismos de intercomunicação, não há comunidade. A primeira característica recebe um reforço na conceituação no tocante à questão de que o conjunto de objetivos pode ser aceito pelos membros tanto na totalidade como parcialmente, podem ser formulados pública e explicitamente e serem consensuais ou distintos, desde que apresentem relação.

No terceiro critério, Askehave e Swales (2009) adicionam alguns propósitos, além dos já existentes, como prover informação e *feedback*, aos usos dos mecanismos de participação, como: servir de canalizador da inovação, manter sistemas de crenças e valores da comunidade, e aumentar o espaço profissional da comunidade. Askehave e Swales (2009) atualizam o quarto critério no tocante ao fato que uma CD utiliza uma seleção crescente de gêneros para alcançar suas finalidades, e não um conjunto restrito de gêneros, como a ideia anterior demonstrava apresentar tal desempenho.

Na quinta característica, a qual refere-se ao desenvolvimento de um léxico específico, Askehave e Swales (2009) afirmam que a comunidade já adquiriu esse léxico e ainda se encontra no processo de busca a uma terminologia específica, dando assim continuidade ao seu dinamismo. O sexto e último critério diz respeito à admissão de membros com grau de conhecimento relevante, o que nos leva a entender como é a estrutura hierárquica, implícita ou explícita, a qual orienta como ocorrem os processos de admissão e de desenvolvimento dentro dela.

Apuramos que Askehave e Swales (2009), após discutirem noções elaboradas por Swales desde 1990, realizaram reformulações e apresentaram novos sentidos ao conceito de comunidade discursiva anteriormente abordado, demonstrando uma maior proximidade e relação da atual conceituação com discussões recentes.

Nesse sentido, após a ampliação e flexibilização dessa definição, concordamos com o que mencionou Bernardino (2007), no que concerne a ideia de que essas propostas

“[...] consideraram a possibilidade de modificação do gênero textual, a expansão do léxico, a importância da manutenção de um sistema de crenças e de um espaço profissional e a composição hierárquica implícita e explícita da comunidade” (BERNARDINO, 2007, p. 32).

Com as elaboradas revisões de Askehave e Swales (2009) em relação à proposta apresentada por Swales (1990), demos continuidade a investigação acerca do conceito de comunidade discursiva, apoiando-nos nas contribuições de Hyland (2000), buscando compreender quais relações entre esse conceito e suas ideias estabelecem, visto que o autor nos conduz a um conceito mais direcionado ao contexto acadêmico.

Na seção seguinte, abordaremos o trajeto teórico no qual Hyland (2000) se destacou e que nos esclarece a relevância da escrita para a comunidade acadêmica e como ocorre a construção social do conhecimento. Nos empenharemos para definir e contextualizar o termo cultura disciplinar, conceito indispensável ao nosso objeto de estudo.

3 CULTURA DISCIPLINAR

Discutiremos, a seguir, sobre o conceito de cultura disciplinar, teoria desenvolvida por Hyland (2000) e os percursos teóricos pelos quais o autor passou até formular tal ideia. Primeiramente, discorreremos acerca da importância da escrita para a academia.

3.1 A RELEVÂNCIA DA ESCRITA PARA A COMUNIDADE ACADÊMICA

Hyland (2000) realizou uma importante contribuição para a Linguística Aplicada no estudo de discursos disciplinares, examinando as interações sociais na escrita acadêmica, julgando a escrita como um ato social, que é influenciado por uma série de fatores, como linguísticos, cognitivos, culturais, interpessoais e políticos. No entanto, ele concentra sua atenção em um determinado conjunto de comunidades disciplinares dentro da academia.

A complexidade de tais fatores necessários à compreensão das diferentes comunidades existentes na academia nos conduz à reflexão acerca de como a interpretação e a explicação desses processos e resultados da escrita passaram por discussões até se chegar ao conceito elaborado pelo autor.

Em 2000, Hyland nos demonstra que os artigos de pesquisa, resumos, dentre outros gêneros acadêmicos são meios por meio dos quais autores e pesquisadores negociam seus posicionamentos com seus respectivos pares, um processo que envolve autoridade, responsabilidade e audiência. Esse contexto nos conduz às práticas disciplinares as quais englobam a definição de disciplina.

O sucesso da escrita na academia é baseado em alguns fatores, como: a pesquisa e a divulgação do conhecimento, o compartilhamento do contexto profissional, a recepção e o *feedback*. Dentro dessas características também estão presentes os propósitos pessoais e profissionais de cada autor. As estratégias e objetivos de cada autor/escritor devem estar intimamente ligados aos objetivos do seu leitor. É imprescindível salientar que, nessa conjuntura, ocorrem interações sociais.

A escrita, para obter sucesso, deve ser compreendida como um produto não só de um indivíduo, mas de uma sociedade, nos levando a crer que ela é oriunda e dependente das interações e práticas entre membros de determinadas comunidades. Em relação à escrita produzida na academia, Hyland (2000, p. 1) torna claro que:

[...] nós precisamos ver a escrita acadêmica como práticas sociais coletivas, e focar nos textos publicados como a realização concreta, pública e acessível dessas práticas. Estes textos são a seiva da academia, pois é através do discurso público dos membros destas autênticas disciplinas do conhecimento que se estabelece suas hierarquias, recompensa seus sistemas, e mantém sua autoridade cultural (tradução nossa)⁹.

Hyland (2000) reitera o seu pensamento com o apoio teórico de Faigley (1986) ao dizer que o autor faz uma alegação que a escrita “pode ser entendida somente da perspectiva de uma sociedade, ao invés de apenas um só indivíduo.”¹⁰ Com base no raciocínio de Geertz (1983, *apud* HYLAND, 2000), observamos que a relação entre o conhecimento e a escrita depende das ações de membros de comunidades locais, ou seja, os comportamentos sociais são intrínsecos às comunidades.

No que se refere à relação entre escritores e leitores, Hyland (2000) explica que eles consideram uns aos outros, no sentido de imaginar os propósitos e estratégias de ambos os lados, e como se dá o processo de escrita e interpretação de um texto. Os gêneros acadêmicos podem ser apontados como exemplos dessa relação. Eles têm atraído uma atenção crescente em diversos campos, inclusive o da Retórica e o da Linguística Aplicada. Para nos situarmos frente a diversidade das estruturas acadêmicas e dos campos disciplinares, devemos aprender sobre disciplinas. De acordo com o autor, há duas razões principais para contemplar a relevância da escrita e para compreender a disciplina.

⁹ [To do this] we need to see academic writing as collective social practices, and to focus on published texts as the most concrete, public and accessible realization of these practices. These texts are the lifeblood of the academy as it is through the public discourses of their members that disciplines authenticate knowledge, establish their hierarchies and reward systems, and maintain their cultural authority.

¹⁰ [...] can be understood only from perspective of a society rather than a single individual.

Compreendemos que, na primeira razão, o discurso disciplinar é considerado um rico recurso de informação sobre as práticas sociais acadêmicas. Segundo Kress (1989, *apud* HYLAND, 2000, p. 3), “os discursos são conjuntos sistematicamente organizados de declarações que dão expressão aos significados e valores de uma instituição.”¹¹ Assim, os textos são socialmente produzidos em comunidades particulares e dependem da própria para fazerem sentido. Para que isso aconteça, é necessário entender as crenças de cada grupo.

Para Hyland (2000), em campos acadêmicos os textos incorporam negociações sociais de disciplinas, demonstrando como o conhecimento é construído, negociado e também persuasivo. Os textos ainda são influenciados por problemas, práticas sociais e modos de pensar de grupos sociais. O autor sustenta ainda que “o discurso é socialmente constituído em vez de ser simplesmente compartilhado socialmente; a escrita não é apenas um outro aspecto do que ocorre nas disciplinas, é visto como produção delas.” (HYLAND, 2000, p. 3)¹².

A segunda razão para a atenção dada à escrita acadêmica aponta que o que os acadêmicos mais fazem é escrever: eles publicam diferentes gêneros acadêmicos, como: artigos, livros didáticos, guias de estudos, dentre outros gêneros. Os teóricos Latour e Woolgar (1979, *apud* HYLAND, 2000, p. 3) sugerem que uma parte considerável dos laboratórios de pesquisa dedicam mais energia à produção de artigos do que fazendo descobertas. O tempo dos pesquisadores é largamente utilizado na discussão e preparação de artigos para publicação para assim poderem competir com outros laboratórios.

Com base em Hyland (2000), entendemos que as disciplinas são definidas por sua escrita. Uma característica que diferencia as disciplinas é que o fator relevante não é o que se escreve, mas sim a forma como se produz a escrita. Cada disciplina possui particularidades que as diferenciam umas das outras e o discurso acadêmico é conhecido por não ser uniforme nem monolítico. Quanto às diferenças, elas são entendidas como “um recurso de forças institucionais e interacionais, o resultado de práticas sociais diversas de escritores dentro de seus campos” (HYLAND, 2000, p.

¹¹ [...] discourses are ‘systematically-organised sets of statements which give expression. To the meanings and values of an institution’

¹² [...] discourse is socially constitutive rather than simply socially shaped; writing is not just another aspect of what goes on in the disciplines, it is seen as producing them.

3)¹³. Hyland (2000) declara que a sua atenção, nesses estudos, é voltada para a variação textual, e não somente para o conteúdo de textos em uma disciplina particular, como também a estrutura desses textos e nos tipos de estratégias retóricas que eles permitem.

O autor situa a questão das variações disciplinares com a perspectiva dos gêneros, afirmando que nos últimos anos a importância de uma análise mais social de gênero foi mais bem compreendida. Uma concepção social de escrita acadêmica ganhou mais espaço, sendo estudada por Halliday (1978, 1994), que enfatizou a relevância do relacionamento entre linguagem e contexto. Assim, de acordo com a lógica de Hyland (2000, p. 4), compreendemos que

juntas, essas perspectivas têm levado a uma visão de gênero como um meio de representar rotineiramente informações de maneiras que refletem os contextos sociais de sua construção e as crenças de seus usuários, fornecendo *insights* sobre as normas, epistemologias, valores e ideologias de campos específicos de conhecimento (tradução nossa)¹⁴.

Dessa forma, percebemos que a escrita e as disciplinas estão relacionadas, visto que é por meio da escrita que é mantida uma disciplina e também é através dela que se estabelecem os membros mais bem-sucedidos de determinada cultura e quais conceitos e ideias serão discutidos. Refletimos, assim, que, pela percepção de que cada disciplina possui especificidades, o conhecimento é construído de acordo com tais características próprias a cada área disciplinar.

No próximo tópico, discutiremos sobre as variações das culturas disciplinares, as quais apresentam especificidades e objetivos próprios.

¹³ [...] a product then of institutional and interactional forces, the result of diverse social practices of writers within their fields.

¹⁴ [...] together these perspectives have led to a view of genre as a means of routinely representing information in ways that reflect the social contexts of their construction and the beliefs of their users, providing insights into the norms, epistemologies, values and ideologies of particular fields of knowledge.

3.1.1 Culturas disciplinares: variações entre práticas e crenças

Por meio das discussões realizadas até agora, neste trabalho, podemos compreender como ocorre a construção do conhecimento dentro das comunidades, nos permitindo notar que há grupos disciplinares e homogeneidade de práticas.

Tentando estabelecer um conceito de disciplina, com base na existência de diversas comunidades acadêmicas, ao citar alguns teóricos, Hyland (2000, p. 8) nos explica que

cada disciplina pode ser vista como uma tribo acadêmica (Becher, 1989), com suas normas particulares, nomenclatura, corpos de conhecimento, conjuntos de convenções e modos de investigação que constituem uma cultura separada (Bartholomae, 1986; Swales, 1990) (tradução nossa).¹⁵

Cada disciplina possui consigo características específicas que as diferenciam dos demais campos. Tais especificidades não se limitam apenas ao conteúdo abordado nem ao léxico, mas como esse conhecimento é concebido. É válido salientar que os interesses particulares e relações de poder também fazem parte dessas particularidades. Hyland (2000) reitera que as diferentes culturas disciplinares variam de acordo com as dimensões sociais e cognitivas, que apresentam diferentes pontos em relação aos diversos campos de conhecimento, objetivos particulares, entre outros aspectos.

Observando como ocorre a abordagem entre diferentes áreas disciplinares, atentamos para o estudo de Bhatia (2004), linguista que observou as culturas da Economia e Direito, apresentando como o conhecimento é estruturado, abordado e divulgado nos âmbitos acadêmicos. Por meio da pesquisa e de reflexões, o autor apresentou diferenças entre as áreas e comprovou que há pontos comuns em alguns aspectos e resultados. Bhatia (2004) também encontrou diferenças quanto às estratégias retóricas que são empregadas para que o conhecimento seja construído. Enquanto a área do Direito é considerada tradicional, a Economia se apresenta como um campo que tem provocado mudanças nos padrões comunicativos. Outra diferença

¹⁵ Each discipline might be seen as an academic tribe (Becher, 1989) with its particular norms, nomenclature, bodies of knowledge, sets of conventions and modes of inquiry constituting a separate culture (Bartholomae, 1986; Swales, 1990).

observada diz respeito à variação disciplinar no que se refere à origem e o desenvolvimento da argumentação. Nesse sentido, cada área disciplinar apresenta estratégias retóricas próprias que envolvem seus públicos.

Hyland (2000) nos oferece um conceito para disciplina, ao afirmar que elas são “instituições humanas onde as ações e compreensões são influenciadas pelas relações pessoais e interpessoais, bem como pelas relações institucionais e socioculturais” (HYLAND, 2000, p. 9)¹⁶. Também realizando ponderações sobre a definição de disciplina, Bhatia (2004, p. 32) nos traz a sua contribuição:

Disciplina, por outro lado, a despeito das sobreposições aos registros, tem suas características típicas, e são compreendidas principalmente em termos de conhecimento específico, normas específicas e epistemologias e, acima de tudo, seus objetivos típicos e práticas disciplinares para alcançar seus objetivos (tradução nossa)¹⁷.

Bhatia (2004, p. 34) pondera sobre as diferenças entre as culturas disciplinares e aborda algumas dessas questões ao afirmar que:

culturas disciplinares diferem em várias dimensões, algumas das quais incluem restrições sobre os padrões de adesão e iniciação à comunidades disciplinares, variação de estruturas de conhecimento e normas de investigação em diferentes disciplinas, padrões típicos de retórica associados com modos típicos de expressão, um léxico e discursos associados a diferentes disciplinas acadêmicas e distintas abordagens para o ensino delas (tradução nossa)¹⁸.

Hyland (2000) ainda traz contribuições significativas para a nossa pesquisa, como a ideia de que muitas disciplinas são caracterizadas por perspectivas concorrentes e incorporam crenças e valores que são, muitas vezes, contestados. Quanto às culturas disciplinares, o autor afirma que elas são como “pluralidades de práticas e crenças as quais acomodam discordâncias e permitem indivíduos e

¹⁶ [...] human institutions where actions and understanding are influenced by the personal and interpersonal, as well as the institutional and sociocultural.

¹⁷ Disciplines, on the other hand, in spite of the overlap with registers, have their typical characteristics, and are primarily understood in terms of the specific knowledge, their specific norms and epistemologies and, above all, their typical goals and disciplinary practices to achieve those goals.

¹⁸ [...] disciplinary cultures differ on several dimensions, some of which include constraints on patterns of membership and initiation into disciplinary communities, variation in knowledge structures and norms of inquiry in different disciplines, typical patterns of rhetorical intimacy associated with typical modes of expression, specialist lexis and discourses associated with different academic disciplines, and distinct approaches to teaching of these.

subgrupos a inovarem dentro das margens de suas práticas de modo que não diminua sua habilidade de engajar em ações comuns.” (HYLAND, 2000, p. 11)¹⁹.

Segundo o autor, no tocante ao discurso acadêmico, o mesmo se distingue por determinadas práticas de reconhecimento de pesquisa, o teste dessas pesquisas, a honestidade intelectual e a ética também são consideradas como fatores importantes. Essas diferenças ainda comportam a escolha dos escritores, o avanço do conhecimento, a manutenção da autoridade, entre outras questões também significativas que constituem relevantes aspectos das diferentes culturas disciplinares.

Bhatia (2004, p. 43/44) ainda foca na concepção das diferenças disciplinares, mostrando que:

diferentes disciplinas têm suas próprias formas de construir argumentos, especialmente no que diz respeito à natureza e uso de evidências, os quais são também, curiosamente, refletidos em padrões de intertextualidade e interdiscursividade em tais discursos disciplinares (tradução nossa)²⁰.

Levando em conta que os textos são considerados peças fundamentais para a manutenção das disciplinas, Hyland (2000, p. 11) defende que eles são escritos para serem compreendidos dentro de determinados contextos culturais e sua relevância se dá devido ao fato de

[...] a análise de gêneros principais poder fornecer *insights* sobre o que está implícito nestas culturas acadêmicas, suas operações retóricas de rotina, que revelam percepções individuais do escritor em relação aos valores e crenças do grupo (tradução nossa)²¹.

A partir das discussões elencadas nesta seção, percebemos uma interação entre alguns conceitos estudados. Nesse sentido, procuraremos observar, a seguir,

¹⁹ [...] pluralities of practices and beliefs which accommodate disagreement and allow subgroups and individuals to innovate within the margins for its practices in ways that do not weaken its ability to engage in common actions.

²⁰ [...] Different disciplines have their own ways of constructing arguments, especially in respect of the nature and use of evidence, which is also interestingly reflected in patterns of intertextuality and interdiscursivity in such disciplinary discourses.

²¹ [...] the analysis of key genres can provide insights into what is implicit in these academic cultures, their routine rhetorical operations revealing individual writer's perceptions of group values and beliefs.

como se dá essa relação e investigaremos se os teóricos dialogam entre si e em que pontos isso ocorre.

3.1.2 Comunidades discursivas, gêneros e culturas disciplinares: uma relação entre conceitos

Realizando estudos que abrangem as teorias que envolvem as comunidades discursivas, elaboradas por Swales (1990/2004), a de cultura disciplinar, construída por Hyland (2000), e os conceitos de gênero e cultura disciplinar elaborados por Bhatia (1993/2004), percebemos que elas apresentam pontos em comum.

Em relação às culturas disciplinares, Hyland (2000, p. 9), com base em Bruffee (1986), faz uma menção à noção de comunidade discursiva – teoria desenvolvida anteriormente por Swales (1990/2004) –, que é um conceito útil à medida que procura localizar escritores em contextos particulares com o propósito de identificar como a estratégia retórica deles são dependentes de determinados propósitos e de um público-alvo que compartilhará da sua escrita.

De acordo com Bhatia (1993), cada gênero é um domínio que abrange uma realização bem-sucedida de propósitos comunicativos que utiliza um conhecimento em meio a convenções de recursos tanto linguísticos como discursivos. Essa ideia vai ao encontro do que afirma Swales (1990) e Hyland (2000). O primeiro trata a comunidade discursiva como um âmbito que possui propósitos comunicativos, que incluem eventos discursivos e diferentes tipos de textos escritos. O segundo autor defende que “comunidades discursivas não são monolíticas e unitárias. Elas são compostas de indivíduos com diversas experiências, conhecimentos, compromissos e influência.” (HYLAND, 2000, p. 9)²².

Swales (1990), Bhatia (1993) e Hyland (2000) concordam, ao se referirem às comunidades discursivas, como estabelecimentos em que há indivíduos

²² [...] discourse communities are not monolithic and unitary. They are composed of individuals with diverse experiences, expertise, commitments and influence.

engajados, os quais realizam tarefas e demonstram possuir habilidades linguísticas específicas, discursivas e retóricas. Essas considerações refletem sobre o conceito de Hyland (2000), que diz que as culturas disciplinares apresentam variações quanto às disciplinas, pelo fato de cada uma delas possuírem especificidades. Retomando os seis critérios definidores da comunidade discursiva, elaborados por Swales (1990) e que foram revisados por Swales (2009), trazemos aqui alguns diálogos com os outros dois autores previamente citados, Bhatia e Hyland.

Quanto ao primeiro critério, o conjunto perceptível de objetivos, o mesmo é comum tanto às comunidades discursivas como às culturas disciplinares (HYLAND, 2000), já que ambas compartilham de objetivos que permitem a sua estruturação e o seu avanço. É válido ressaltar que os membros mais experientes das comunidades possuem um maior conhecimento dos valores e crenças, podendo realizar manipulações e atingir objetivos compartilhados entre esses membros.

Como já foi dito, em relação ao terceiro critério, dentro de uma CD há mecanismos de participação com uma série de propósitos, os quais também são aptos de ocorrer em uma área disciplinar, como a necessidade de informação e de *feedback*, pois essas áreas também podem passar por reformulações.

No tocante a quarta característica que define uma CD, a utilização de gêneros pode ocorrer de maneira crescente sem acarretar problemas nem para as CDs como para os diferentes campos disciplinares, visto que ambos precisam alcançar seu conjunto de objetivos e, para isso, podem usar diversos tipos de gêneros.

O quinto critério, que se refere à terminologia específica, que tanto as CDs como as culturas disciplinares apresentam. Um léxico particular pode ser uma das características que tornam as comunidades discursivas e as culturas disciplinares diferentes umas das outras.

No que se refere às variações disciplinares nos gêneros dentro de domínios acadêmicos, Bhatia (2004, p. 33) aborda essa temática no contexto de elaboração do gênero livro didático. Com o objetivo de esclarecer o seu propósito nesse estudo, o autor cita Hyland (2000 *apud* Bhatia, 2004, p. 33), o qual afirma que

livros didáticos são indispensáveis à vida acadêmica, facilitando o papel do profissional como professor e constituindo um dos principais meios pelos quais os conceitos e métodos de análise de uma disciplina são adquiridos.

Eles desempenham um papel importante na experiência e compreensão dos alunos em relação a um assunto, fornecendo um mapa epistemológico coerentemente ordenado do cenário disciplinar, através de suas práticas textuais, pode ajudar a transmitir os valores e premissas ideológicas de uma cultura acadêmica particular (tradução nossa).²³

Os livros didáticos se apresentam para nós como sendo um gênero relevante, pois disseminam o conhecimento baseado em uma disciplina, a qual pertence a uma cultura, e é estruturado e divulgado dentro de uma comunidade discursiva, nos permitindo, assim, ter uma noção de como os gêneros apresentam seus recursos retóricos e como ocorre a associação entre tais conceituações previamente estabelecidas.

Em relação ao discurso acadêmico, que é fundamental às noções de comunidades discursivas e culturas disciplinares, Hyland (2000; 2009) faz uma análise acerca da importância desse discurso para a comunidade discursiva acadêmica. Os conceitos de comunidade, discurso acadêmico, disciplinas, culturas disciplinares são entrelaçados, de modo que a compreensão de cada um deles ocorre tecendo relações aos outros.

Em 2000, Hyland torna notável que o discurso é resultado de uma multiplicidade de práticas e estratégias, que varia em relação à sua estrutura e dependendo de um público. Assim, as possíveis variações são decorrentes de forças institucionais e interacionais as quais resultam de práticas sociais em campos de conhecimentos específicos.

A realidade acadêmica é principalmente representada pela escrita, pelos gêneros, de modo que estes são elaborados para serem compreendidos em contextos sociais e culturais. Hyland (2000) revela que a escrita acadêmica deve ser entendida como algo que é constituído socialmente e que os gêneros são realizações dessa escrita, e que os gêneros ainda revelam atividades genéricas e respostas retóricas para situações semelhantes. São os gêneros que mantêm as comunidades dinâmicas

²³ textbooks are indispensable to academic life, facilitating the professional's role as a teacher and constituting one of the primary means by which the concepts and analytical methods of a discipline are acquired. They play a major role in the learners' experience and understanding of a subject by providing a coherently ordered epistemological map of the disciplinary landscape and, through their textual practices, can help to convey the values and ideological assumptions of a particular academic culture.

e atuantes e o discurso dos membros dessas comunidades permite elaborar e compartilhar conhecimentos. Ainda falando sobre gêneros, é imprescindível afirmar que eles são sensíveis às variações disciplinares, o que nos permite compreender que as culturas disciplinares formulam seus próprios gêneros segundo suas características particulares.

Ressaltando a imprescindibilidade do discurso para as comunidades acadêmico-discursivas e para as culturas disciplinares, Hyland (2009) sustenta que o discurso reflete tanto na forma de pensar como no uso da linguagem dentro da academia, e o autor ainda ressalva que a academia não pode estar separada de seus discursos nem existir sem eles.

Fazendo um paralelo entre as comunidades discursivas, de acordo com o conceito de Swales (1990/2004), com as variações disciplinares de Bhatia (2004) e culturas disciplinares de Hyland (2000), entendemos que os conhecimentos produzidos, estruturados e propagados dentro das CDs são dependentes das noções de gênero, variações e culturas disciplinares.

Dessa forma, compreendemos a inter-relação entre as teorias que envolvem as comunidades, culturas disciplinares, gêneros, discursos e escrita acadêmica, visto que tais conceitos possuem uma relação de complementação e de dependência, pois para se compreender qualquer um deles, é necessário o entendimento dos outros.

4 O ARTIGO ACADÊMICO

Os estudos de Swales abordam, de forma geral, sobre gêneros. Entre os diversos gêneros existentes na academia, o artigo acadêmico é o gênero mais utilizado atualmente como meio de produção e de divulgação de conhecimento originado da atividade das pesquisas. É relevante mencionar que é por meio do artigo que há interação entre pesquisadores, professores e alunos tanto da graduação como da pós-graduação. Swales (1990) nos apresenta, localizando em um contexto histórico, as perspectivas de gênero, demonstrando como se deu sua evolução, as mudanças retóricas ocorridas e, por meio de suas teorias e reflexões, propõe o modelo teórico-metodológico CARS (*Create a research space*).

Em pesquisas seguintes que se referiam ao contexto acadêmico, o autor continuou destacando a relevância do artigo acadêmico, também conhecido como artigo científico. Ao realizar a revisão de algumas teorias, Swales (2004), por meio de seu modelo de identificação de identidades retóricas: Introdução, Métodos, Resultados e Discussão (IMRD), percebeu que o mesmo era útil para alguns fins, como o estudo apurado de cada seção do artigo. Segundo o autor, o artigo acadêmico se divide em: experimental, teórico, e o artigo de revisão, que, atualmente, encontra-se em ascensão.

Bernardino (2007) propôs considerações pertinentes acerca dos diferentes tipos de artigo. O artigo teórico, para a autora, apresenta como finalidade realizar uma discussão teórica sem, necessariamente, levantar uma análise de dados.

Em relação ao artigo de revisão, para Swales (2004), o mesmo tem como propósito fazer um levantamento e discussão da literatura existente e concluir com uma avaliação global. É válido ressaltar que esses artigos foram subdivididos em seções, no entanto, não seguiam o modelo IMRD, seus títulos eram baseados em seus conteúdos.

De acordo com Motta-Roth e Hendges (2010), o objetivo dos artigos experimentais é apresentar e debater dados de determinados problemas advindos de um experimento realizado dentro de uma dada área de conhecimento e realizar interpretações na forma de resultados de pesquisa.

Para a elaboração e o estudo do artigo acadêmico, que é considerado um conjunto de textos os quais representam a escrita acadêmica, deve-se levar em conta os discursos, as convenções e as nomenclaturas específicas à produção do conhecimento em diversas áreas e as diferentes formas de organização das unidades retóricas, pois as mesmas se situam de acordo com as especificidades das comunidades discursivas.

Depois de discutirmos sobre a relevância do gênero utilizado em nosso estudo, nós descreveremos, em seguida, o modelo teórico-metodológico de Swales (1990), que servirá como norte para a nossa pesquisa.

4.1 MODELO CARS: A PROPOSTA RETÓRICA DE SWALES

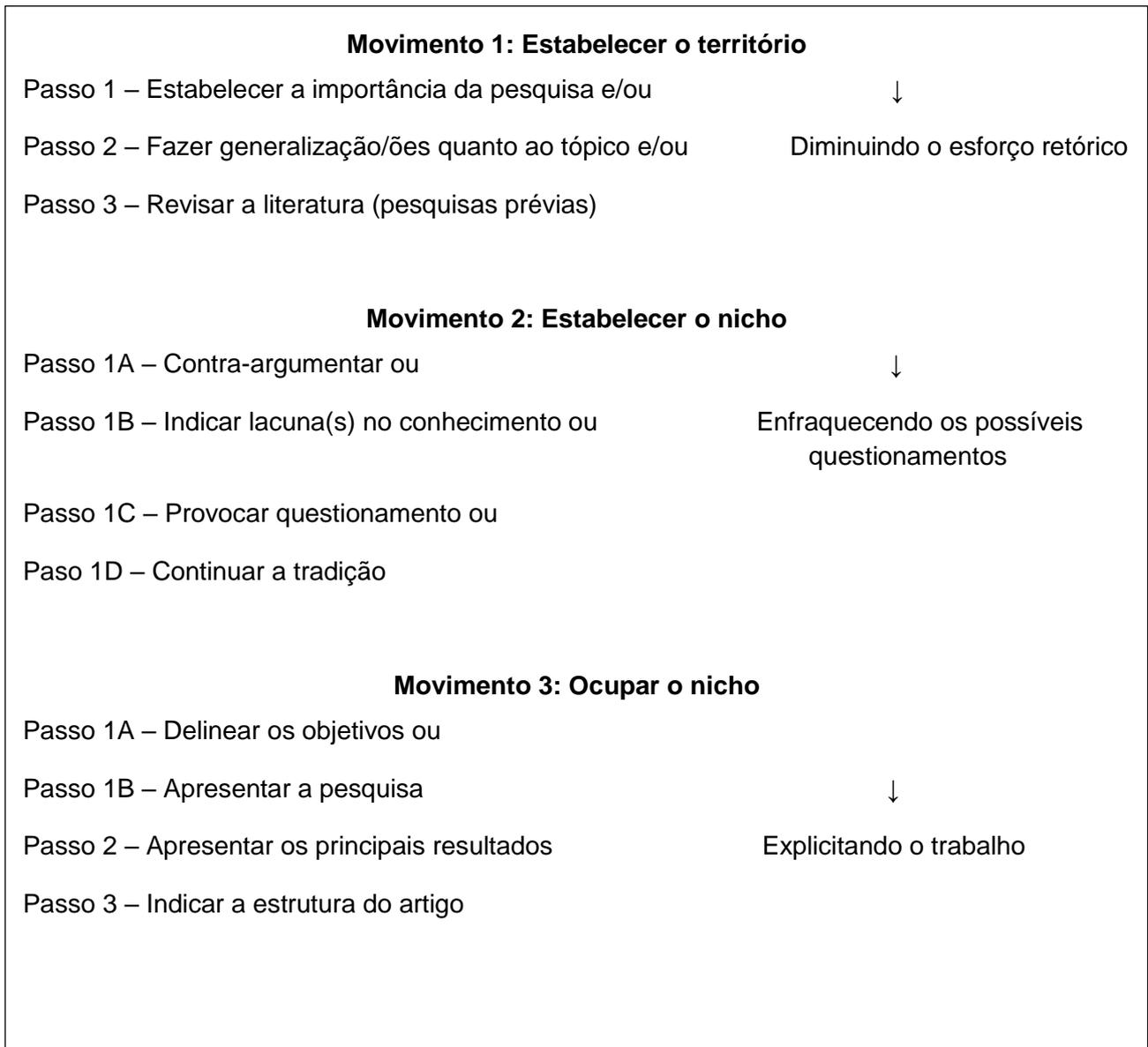
Swales (1990) propõe o modelo CARS (*Create a research space*), uma abordagem metodológica a qual parece ser bastante relevante para a análise de gêneros. A partir da lógica dessa proposta, é possível identificar a estrutura e os esquemas, as estratégias por meio das quais os usuários do gênero podem atingir seus objetivos comunicativos e ainda acessar as escolhas linguísticas utilizadas para realizar esses propósitos.

A partir dessa proposta, é possível reconhecer como os gêneros são construídos, como se caracterizam, e ainda encontramos instruções de como identificar os movimentos (*moves*), que, segundo Swales (2004), é uma unidade retórica, a qual realiza uma função comunicativa no discurso falado ou escrito, e passos (*steps*), ambas são unidades que constituem textualmente os gêneros.

Para que Swales desenvolvesse esse modelo, foi necessário, na primeira etapa, um *corpus* de 48 introduções de artigos de pesquisa. Na etapa seguinte, o autor analisou mais de 110 introduções em três diferentes áreas: Educação, Física e Psicologia.

O modelo CARS, elaborado para introduções de artigos de pesquisa, da autoria de Swales (1990), é composto pelos seguintes movimentos retóricos e por seus passos correspondentes equivalentes:

Figura 4 - Modelo CARS (*Create a Research Space*)



Fonte: SWALES, 1990 (tradução de Biasi-Rodrigues, Hemais e Araújo, 2009, p. 30).

De acordo com o modelo apresentado acima, as introduções de artigos acadêmicos são compostas por 3 movimentos. O movimento 1 é responsável por apresentar a área em que o estudo se insere, com o objetivo de estabelecer o território da pesquisa. No movimento 2, procura-se estabelecer o nicho, definindo, assim, o foco que ele dará a pesquisa. O terceiro e último movimento tem como propósito ocupar o nicho de pesquisa, que deve ter sido determinado no movimento 2. A seguir,

realizaremos algumas explicações acerca dos movimentos e dos passos que os caracterizam.

O movimento 1, “estabelecer o território”, divide-se em três passos, os quais são responsáveis por estabelecer a relevância da pesquisa, fazer generalizações quanto a um tópico da pesquisa e por fazer um levantamento das pesquisas já realizadas sobre a temática abordada que podem ser importantes para o atual trabalho. Para Biasi-Rodrigues; Hemais; Araújo (2009), o primeiro passo, “Estabelecer a importância da pesquisa”, chama a atenção da comunidade discursiva para uma área de pesquisa relevante e bem-estabelecida. No passo 2, o autor assume um posicionamento neutro e realiza generalizações sobre o conhecimento corrente; já no terceiro passo, refere-se a pesquisadores que estiveram relacionados à área e discute sobre as descobertas feitas por eles.

No segundo movimento, “Estabelecer o nicho”, há contra-argumentação, indicação de lacunas do conhecimento e questionamentos em relação à pesquisa. No primeiro passo ocorre uma contra-argumentação em relação aos trabalhos produzidos anteriormente. O passo 1B, designado por Swales (1990) como o mais prototípico entre os quatro do segundo movimento, apresenta lacunas na área de conhecimento abordada, mostrando se foram encontradas limitações em pesquisas anteriores. No antepenúltimo passo, “Provocar questionamento”, há questões quanto à literatura. No quarto passo, a pesquisa tem como direcionamento dar sequência a estudos prévios que são tidos como tradicionais.

O movimento 3, “Ocupar o nicho”, de acordo com Biasi-Rodrigues; Hemais; Araújo (2009), tem a função de, como o próprio título afirma, “ocupar o nicho”, o qual é determinado no movimento 2, ocupando, assim, um território de pesquisa estabelecido. Nesse movimento, os objetivos são traçados, como também são descritos os principais resultados. O primeiro passo esboça os principais propósitos da pesquisa. No segundo passo, o 1B, ocorre a apresentação da pesquisa e suas características são apresentadas. No passo 2, há uma descrição dos principais resultados da pesquisa e, por último, o passo 3 mostra como o artigo está estruturado. Segundo Biasi-Rodrigues; Hemais; Araújo (2009), os dois últimos passos, utilizados para o autor expor os principais resultados das pesquisas ou indicar a estrutura do artigo, são menos frequentes do que os dois primeiros, sendo considerados opcionais.

Com isso, a partir da compreensão do modelo que foi exposto por Swales (1990), compreendemos que cada movimento e passo retratado se mostram como essenciais para a elaboração e o reconhecimento de características próprias da introdução um artigo científico. No entanto, também percebemos que a estrutura descrita não é, necessariamente, encontrada em todos os tipos de artigos estudados.

A partir da proposta de Swales (1990), que se tornou bastante relevante para estudos posteriores, surgiram alguns trabalhos que se basearam e discutiram nesse modelo. Bhatia (1993), visando otimizar a análise da organização retórica, sugeriu alguns procedimentos, como: decidir o nível de análise linguística é o mais apropriado, atentando para os três possíveis níveis principais: análise de características léxico-gramaticais, análise da estrutura retórica do gênero e análise de padrões de textualização. Outro aspecto que o autor considera importante é conferir se os resultados do analista vão ou não ao encontro das informações apresentadas por membros especialistas que representam a cultura disciplinar do gênero em questão.

Em uma outra pesquisa, Bernardino (2007) realizou uma análise das unidades retóricas de artigos de Linguística, destacando como ocorre a descrição retórica das seções dos artigos experimentais dessa área: Introdução, Revisão de Literatura, Metodologia, Resultados e Discussão e Conclusão. Além disso, a autora investigou a questão do metadiscurso interpessoal em artigos acadêmicos. Com um estudo mais recente, também fazendo o uso do modelo de Swales (1990), Costa (2015) realizou um estudo comparativo da descrição socioretórica entre artigos experimentais das áreas de Linguística e Medicina no Brasil, apontando suas divergências no que diz respeito à construção e organização retórica.

Após discutirmos sobre as fundamentações teóricas que norteiam essa pesquisa, passemos, a seguir, para a metodologia utilizada nesse estudo.

5 METODOLOGIA

Nesse capítulo, apresentamos nossas escolhas metodológicas para a realização deste estudo, caracterizando o tipo de pesquisa, os participantes envolvidos, os instrumentos utilizados, a composição do *corpus* e os procedimentos de análise.

A compilação dos *corpora* das várias áreas estudadas pelo DILETA começou a ser realizada desde 2011, principalmente, por membros do projeto que são ligados à Iniciação Científica e por orientandos da Professora Dra. Cibele Gadelha Bernardino vinculados ao PosLA na condição de mestrandos. No que diz respeito à coleta do *corpus* dessa pesquisa em especial, os exemplares de artigos foram compilados a partir do portal de Periódicos da CAPES²⁴ (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e do portal do Scielo²⁵. Os exemplares de artigos da cultura disciplinar da área de Psicologia, cultura investigada neste estudo, foram coletados desses portais entre os meses de setembro e outubro de 2015.

5.1 TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa tem caráter exploratório-descritivo e por meio dela procuramos descrever de maneira tanto qualitativa como quantitativa o comportamento sociorretórico de exemplares de artigo acadêmico experimental na cultura disciplinar da área de Psicologia. No que concerne à etapa qualitativa, realizamos um levantamento da cultura disciplinar da área de Psicologia em busca de compreender as crenças, valores e práticas dessa área. Quanto ao momento quantitativo, procuramos descrever 30 exemplares de artigos acadêmicos experimentais da referida cultura no que tange à descrição sociorretórica, levando em consideração a recorrência dos movimentos e passos retóricos que caracterizam o referido gênero. Justificamos esse percurso metodológico a partir do pressuposto de que, para uma adequada descrição sociorretórica do gênero em questão, devemos

²⁴ <http://www.periodicos.capes.gov.br/>

²⁵ <http://www.scielo.org/php/index.php>

necessariamente analisar a descrição retórica a partir das características da cultura disciplinar.

5.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Na investigação da cultura disciplinar da área de Psicologia, contamos com a colaboração de membros experientes da área em análise com o objetivo de compreendermos como eles entendem a produção acadêmica em sua respectiva área. É necessário salientar que consideramos membros experientes professores/pesquisadores que fazem parte do corpo docente de um programa de pós-graduação na área de Psicologia e que apresentam um significativo fluxo de publicações de artigos acadêmicos em periódicos relevantes para a referida área. Vale salientar que também incluímos como participantes dessa pesquisa professores/pesquisadores de outros programas de Pós-graduação, os quais têm formação na área de Psicologia e também apresentam expressivo fluxo de publicações na área analisada. A partir dessas características, podemos averiguar o olhar experiente do pesquisador em relação à produção de pesquisa no âmbito acadêmico.

Os participantes envolvidos na pesquisa são provenientes de dois programas de Pós-Graduação na área de Psicologia, um programa de Pós-graduação em Educação e outro programa de Saúde Coletiva. Todos os programas mencionados são da cidade de Fortaleza (CE). Para essa etapa de análise, lançamos mão dos seguintes instrumentos: entrevistas e questionários. Esta pesquisa contou com a contribuição de 12 (doze) professores/pesquisadores: oito deles responderam a entrevistas, a qual foi realizada pessoalmente, e os outros quatro colaboraram por meio de questionários, que foram respondidos via *e-mail*.

No que concerne à formação acadêmica, vale salientar que todos os professores possuem graduação em Psicologia, tendo alguns deles concluído pós-graduações tanto em Psicologia como em Saúde Coletiva, Sociologia, dentre outras formações. No entanto, todos eles são vinculados à área de Psicologia e realizam pesquisas e publicações nessa área. É preciso ressaltar que oito dos doze professores entrevistados desenvolveram ou desenvolvem atividades como revisores

de revistas na área de Psicologia, inclusive de sete periódicos do nosso *corpus*. Além disso, 2 (dois) dos 12 (doze) professores compõem, atualmente, o corpo editorial de alguns periódicos da área de Psicologia, incluindo-se um dos periódicos analisados por nós, a revista *Temas em Psicologia*.

Dessa forma, acreditamos que os professores/pesquisadores envolvidos contribuíram efetivamente para o desenvolvimento desta pesquisa, pois apresentam os requisitos necessários que nos permitem considerá-los membros experientes da área, colaborando, assim, para a nossa compreensão da produção do artigo acadêmico na cultura disciplinar da área de Psicologia.

5.3 O CORPUS

O *corpus* desta pesquisa é composto por 30 exemplares²⁶ do gênero artigo acadêmico experimental da cultura disciplinar de Psicologia. Esses artigos foram coletados do portal de Periódicos da CAPES e do portal do Scielo no período de setembro a outubro de 2015. Os exemplares de artigos²⁷, que foram publicados entre 2012 e 2015, são provenientes de dez distintos periódicos brasileiros da área de Psicologia, a saber: Estudos e Pesquisas em Psicologia, Psicologia e Sociedade, Saúde e Sociedade, Saúde em Debate, Psicologia: teoria e pesquisa, Fractal: revista de Psicologia, Temas em Psicologia, Psicologia em Pesquisa, Estudos de Psicologia e Psico-USF. Essas revistas variam do *Qualis* B2 ao A1, de acordo com o Periódico *Qualis*²⁸ da CAPES (2014). Os periódicos que compõem o *corpus* foram selecionados aleatoriamente conforme os critérios de recorte temporal e do indicador *Qualis* da CAPES apresentado acima.

No que diz respeito à descrição da cultura disciplinar, utilizamos como material de análise, inicialmente, *sites* e artigos que versam sobre como a área de Psicologia surgiu no Brasil e discutem tanto sobre a formação do profissional na referida área como os desafios da pós-graduação da área no país. Também foram

²⁶ As referências dos artigos analisados podem ser conferidas no Apêndice A.

²⁷ Os exemplares de artigos do *corpus* foram etiquetados em AAEP (Artigo Acadêmico Experimental de Psicologia), os quais foram numerados de 1(um) a 30(trinta).

²⁸[http://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaG](http://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodico.jsf)
[eralPeriodico.jsf](http://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaG)

consultados os *sites* dos conselhos federal e regional da área de Psicologia no Brasil com o objetivo de compreendermos a forma de organização dos profissionais da área no país. Em outro momento, verificamos os relatórios da CAPES, os quais discutem sobre os regulamentos e avaliações da área, principalmente, em relação à pós-graduação na área. Em seguida, nos debruçamos sobre as orientações dos periódicos do *corpus* e do manual de publicação da Associação Americana de Psicologia – *Publication manual of the American Psychological Association* (APA, 2010) - no que tange à produção do gênero artigo acadêmico. Para completar a descrição da cultura disciplinar, analisamos os dados de 8 (oito) entrevistas e 4 (quatro) questionários respondidos por professores/pesquisadores da área, os quais nos possibilitaram compreender as percepções dos colaboradores sobre a produção acadêmica na área investigada.

5.4 INSTRUMENTOS UTILIZADOS

No que se refere aos instrumentos utilizados neste estudo para coletar dados acerca da cultura disciplinar da área de Psicologia, dispomos de dois: entrevista²⁹ e questionários³⁰. Buscamos informações sobre as concepções dos membros experientes em relação ao gênero artigo acadêmico.

Semelhante à entrevista, elaboramos um questionário semiestruturado, com questões abertas, com exceção da primeira, que se trata de uma pergunta de múltipla escolha. As questões formuladas tanto para a entrevista como para o questionário são predominantemente semelhantes. É válido salientar que as entrevistas foram realizadas individual e pessoalmente, em um momento acordado pelos membros experientes. Em relação aos questionários, os enviamos por *e-mail* e recebemos as respostas dos colaboradores também a partir do meio virtual. Vale ressaltar que os professores/pesquisadores que responderam às entrevistas

²⁹ A entrevista, de nossa autoria, utilizada nesta pesquisa, pode ser conferida no Apêndice B.

³⁰ O questionário, também de nossa autoria, pode ser encontrado no Apêndice C.

assinaram um Termo de consentimento livre e esclarecido para a participação no estudo, já os que responderam os questionários receberam o termo via *e-mail*³¹.

Quanto ao conteúdo do roteiro das entrevistas e dos questionários, perguntamos sobre o gênero considerado mais relevante para a área. Depois, indagamos especificamente sobre o artigo acadêmico, perguntando sobre a sua pertinência para a área disciplinar e especificando a questão sobre quais tipos de artigos predominam na área de Psicologia. Perguntamos, também, sobre a questão da coautoria, se era bem vista ou não na área.

Após esse momento, nos detivemos sobre as perguntas voltadas às seções retóricas e as unidades informacionais que compõem o artigo. Solicitamos que os colaboradores respondessem quais eram as mais importantes na construção de um artigo acadêmico na área de Psicologia e pedimos para que eles justificassem suas respostas.

Em seguida, perguntamos qual era o papel de quadros, figuras e tabelas em um artigo experimental, questionando, ainda, se esses recursos visuais, quando expostos num artigo, deveriam ser autoexplicativos ou se seria preciso discuti-los. Além disso, indagamos se eles teriam mais algumas considerações sobre a produção de gêneros em sua área. Por fim, uma característica pertinente se refere à orientação dos periódicos para a escrita dos artigos no que diz respeito às unidades retóricas. Questionamos se os professores/pesquisadores, na construção de seus artigos, seguiam as normas do manual da *American Psychological Association* - APA (2010) ou da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT.

5.5 COMITÊ DE ÉTICA

Este estudo, que é vinculado ao projeto maior *Práticas discursivas em comunidades disciplinares acadêmicas*, é amparado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), conforme o processo nº 0671978/2014. Salientamos que os participantes envolvidos nesta pesquisa

³¹ O termo de consentimento livre e esclarecido elaborado por nós pode ser conferido no Apêndice D.

assinaram o Termo de consentimento livre e esclarecido, nos permitindo utilizar legalmente os dados obtidos a partir dos instrumentos utilizados.

5.6 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Neste tópico, caracterizamos o percurso metodológico, apresentando todos os procedimentos adotados nesse estudo, partindo da coleta do *corpus* até a análise dos artigos acadêmicos.

5.6.1 Coletando e selecionando o *corpus*

No momento de compilação do *corpus*, coletamos 45 artigos. Ao observarmos esses exemplares, percebemos que desses 45, 15 (quinze) eram artigos teóricos ou de revisão de literatura e, por conseguinte, foram retirados do *corpus*. Assim, 30 se caracterizavam como artigos experimentais, o que coincidiu com o objetivo desta pesquisa, que é analisar 30 exemplares do gênero artigo experimental da área de Psicologia. Ao realizarmos a análise do *corpus*, percebemos que quase 80% dele era composto por apenas 5 (cinco) periódicos. Decidimos, então, realizar uma nova busca, pois se fôssemos investigar os artigos conforme o primeiro levantamento do *corpus*, poderia ocorrer de descrevermos apenas as orientações das revistas para a produção dos artigos, e não da cultura disciplinar da área de Psicologia de maneira geral. Dessa forma, fizemos um novo levantamento e diversificamos o *corpus*. É relevante enfatizar que, nessa pesquisa, o termo experimental se refere a todo estudo que objetiva analisar dados de qualquer natureza, conforme defende Bernardino (2007). Com o intuito de termos uma dimensão mais atual acerca da produção do gênero artigo acadêmico, realizamos um recorte temporal que, originalmente, seria de 2010 em diante, mas no nosso levantamento encontramos apenas exemplares publicados a partir de 2012. A coleta inicial, a segunda coleta e a etiquetagem do *corpus* ocorreram durante os meses de setembro e outubro de 2015.

5.6.2 Caracterizando o *corpus*

Após concluirmos as etapas de coleta e classificação do *corpus*, realizamos um levantamento preliminar³² dos artigos acadêmicos experimentais da área de Psicologia, considerando as informações que variavam desde a quantidade de autores, ano de publicação, quantidade de páginas até a forma de apresentação das seções de Resultados e Discussão. Observemos as primeiras características em relação ao gênero produzido na área investigada.

Ao analisarmos inicialmente os artigos, percebemos que há certa variação entre o número de coautores presentes nos trabalhos. Há artigos com apenas um autor como há trabalhos em que são apresentados 5 (cinco) coautores. No entanto, calculamos que a média de autores por trabalho é de, aproximadamente, 3 (três), um índice próximo se comparado com a área de Linguística. Investigamos, também, qual era a quantidade de páginas dos artigos analisados. O exemplar de artigo acadêmico experimental com menor quantidade de páginas apresenta 6 (seis), já o maior tem 25 páginas. A média aritmética de páginas é de 13,43 por trabalho.

Quanto aos recursos visuais, percebemos a ocorrência de, pelo menos, uma figura, quadro ou tabela em 76,67% dos exemplares de artigo, sendo que a tabela é o recurso que mais se destaca entre os demais. Esses recursos são encontrados, geralmente, na seção de Resultados, sendo percebidos, também, na unidade de Discussão e têm em uma frequência bastante reduzida na seção de Metodologia.

Entre outras características, procuramos entender o motivo de as seções de Resultados e Discussão serem apresentadas algumas vezes em conjunto e em outras separadas. Além disso, outra questão que se fez pertinente diz respeito às recomendações que os autores seguem para a construção do artigo acadêmico no que diz respeito às unidades retóricas. Foi perguntado se eles costumavam utilizar como referência o manual da ABNT ou o da APA.

Dessa forma, esse levantamento inicial de dados a partir dos artigos foi muito relevante para a elaboração das entrevistas e questionários, pois as

³² Apresentamos, no apêndice D, o quadro de dados preliminares.

informações destacadas colaboraram para formular nossos questionamentos e, por conseguinte, contribuíram para o esclarecimento de dúvidas que apresentamos em relação à produção do gênero artigo acadêmico na área investigada.

5.6.3 Descrevendo o percurso metodológico para a descrição da cultura disciplinar

Após concluirmos o primeiro momento de análise dos artigos, nos debruçamos novamente sobre o olhar para a cultura disciplinar da área de Psicologia. Para esse relevante momento da investigação, levamos em consideração os pressupostos de Hyland (2000) sobre cultura disciplinar, buscando compreender o conjunto de valores e crenças da área de Psicologia.

No primeiro momento dessa análise, investigamos artigos que discutem sobre aspectos históricos da área como também sobre a formação e o perfil do profissional da área de Psicologia no Brasil. Além disso, lançamos mão de materiais dispostos no Conselho Federal de Psicologia (CFP) e no Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP SP). Na segunda etapa da investigação, analisamos os relatórios da CAPES, os quais avaliam e regulamentam a área de Psicologia, quanto a questões como a produção intelectual dos programas de Pós-graduação no Brasil. Na terceira etapa, buscamos compreender as recomendações expressas nos periódicos do *corpus* quanto à maneira como eles orientam a produção acadêmica, sobretudo, no que diz respeito ao artigo experimental. Simultaneamente, investigamos o manual de publicação da *American Psychological Association* (2010) no que se refere às orientações para a produção acadêmica escrita. Para complementar esses três momentos, em busca de maior riqueza de dados e detalhes para a descrição da cultura disciplinar, procuramos contatar membros experientes da área, solicitando que eles respondessem entrevistas ou questionários sobre questões que envolviam a produção acadêmica na área.

Após a realização do levantamento preliminar dos artigos que compõem o *corpus* deste estudo, elaboramos a entrevista e o questionário. Em seguida, entramos em contato por telefone e por *e-mail* com as coordenações dos Programas de Pós-

Graduação de Psicologia da cidade de Fortaleza. No primeiro programa visitado, o coordenador se dispôs a colaborar e sugeriu que procurássemos na secretaria a relação dos *e-mails* de seus colegas para que assim pudéssemos contatá-los. A partir do envio de *e-mails* para esses professores/pesquisadores, obtivemos retorno de 5 (cinco): 3 (três) aceitaram colaborar respondendo à entrevista e os outros 2 (dois) contribuíram ao responderem os questionários enviados via *e-mail*. Agendamos um melhor dia para os colaboradores, nos casos das entrevistas, e enviamos os questionários por *e-mail*. Alguns dias depois, buscamos pesquisadores nos programas de pós-graduação em Educação e em Saúde Coletiva, realizando as entrevistas e submetendo os *e-mails*. Lá, tivemos a colaboração de 3 (três) professores. Depois de mais alguns dias, contatamos o segundo programa de Psicologia, repetindo o processo que realizamos com o primeiro. Enviamos *e-mails* para os professores/pesquisadores e tivemos retorno de 4 (quatro). Novamente, marcamos um horário com os colaboradores para a realização da entrevista e enviamos os questionários para aqueles que preferiram responder por *e-mail*. As entrevistas foram realizadas entre os dias 26 de abril e 17 de maio de 2016. As entrevistas foram gravadas a partir de um aparelho celular, sendo, posteriormente, transcritas. É relevante mencionar que a coleta de dados por meio das entrevistas e dos questionários foi realizada de acordo com a disponibilidade dos colaboradores.

De forma geral, quanto aos momentos em que interagimos com os colaboradores na etapa das entrevistas, obtivemos respostas claras e enriquecedoras em discussões muito pertinentes. Por contarmos com certa dinâmica nos momentos das entrevistas, em alguns casos os professores/pesquisadores respondiam antecipadamente algumas perguntas que estavam para serem feitas. Quando indagados sobre qual “gênero” eles consideravam mais importante para sua área, alguns deles não compreendiam a pergunta, optamos por trocar essa expressão por “tipo de texto”.

No que concerne aos dados apurados a partir da aplicação de questionários, salientamos que, mesmo não podendo interagir pessoalmente com os colaboradores que responderam aos questionários, recebemos excelentes contribuições. No entanto, ao contrário da entrevista, em que poderíamos esclarecer

qualquer dúvida do colaborador presencialmente, não pudemos interferir no questionário.

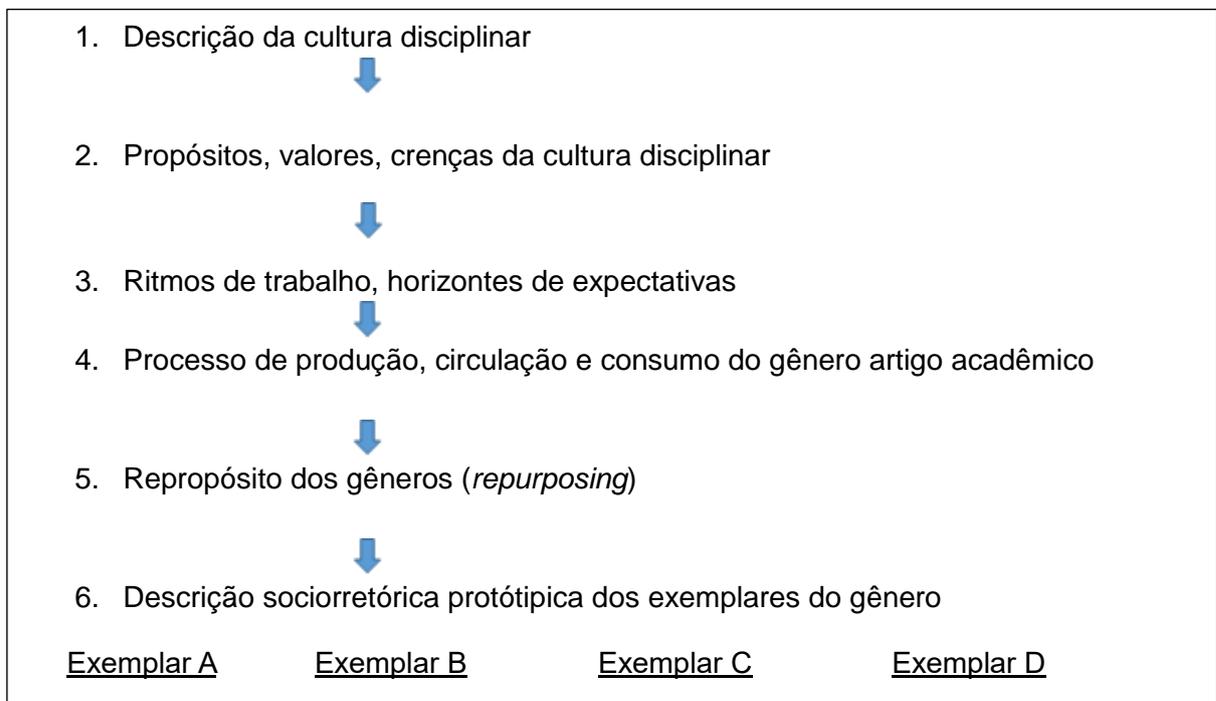
Dentre os 12 membros experientes entrevistados, 3 (três) elogiaram a entrevista e os questionamentos elaborados, afirmando que as perguntas eram muito pertinentes e disseram ainda que, ao compararmos a variedade das respostas de todos os envolvidos na pesquisa, poderíamos perceber a heterogeneidade da área de Psicologia. Salientamos que todos os professores-pesquisadores que colaboraram para o desenvolvimento desta pesquisa, seja por meio da entrevista ou do questionário, foram muito solícitos. Alguns deles pediram que os resultados da pesquisa fossem enviados posteriormente. É preciso enfatizar que o nosso objetivo com a utilização desses instrumentos foi coletar dados relevantes para a compreensão da área em estudo, não tendo, portanto, outro propósito com essa atividade. Cabe salientar que cada entrevista durou, aproximadamente, 30 minutos e levou, de forma aproximada, um dia para ser transcrita. Após realizarmos as transcrições, selecionamos as informações mais relevantes e finalizamos a descrição da cultura disciplinar da área de Psicologia. Ressaltamos ainda que, em algumas vezes, realizamos as diferentes etapas de investigação da cultura disciplinar simultaneamente, procurando, assim, concatenar as informações. Dessa forma, a partir da seleção de questões pertinentes observadas na análise da cultura disciplinar, prosseguimos o trabalho com a descrição sociorretórica do gênero artigo acadêmico.

5.6.4 Descrevendo o percurso metodológico para a descrição sociorretórica do corpus de artigos experimentais

No tocante à análise linguístico-textual, encontramos fundamento no modelo CARS (*Create a research space*) elaborado por Swales (1990), proposta que descreve os movimentos e passos retóricos da seção de Introdução de artigos acadêmicos. Para a análise das unidades retóricas de Introdução, Metodologia, Resultados, Discussão, Conclusão e Referências utilizamos variados modelos retóricos, como os propostos por Swales (1990), Oliveira (2003) e Costa (2015). Justificamos a utilização de diversos modelos retóricos, posto que não dispusemos de nenhum modelo voltado especificamente para a área de Psicologia. Além desses

modelos retóricos, levamos em consideração para a análise do *corpus* os dados provenientes da investigação da cultura disciplinar, que são as orientações dos periódicos do *corpus*, os dados apurados das entrevistas e questionários dos membros experientes da área e as orientações do manual da APA (2010) sobre a descrição das unidades retóricas dos artigos. Visando caracterizar nosso percurso metodológico, tomamos como base a proposição da análise de repropósito de gênero de Swales (2004), que leva em conta a análise contextual para a descrição do gênero. Realizamos uma adaptação desse modelo para o percurso metodológico desta pesquisa, que pode ser observada na figura abaixo:

Figura 5 – Descrição sociorretórica a partir da cultura disciplinar



Fonte: ASKEHAVE; SWALES (2009, p. 240, adaptação nossa).

De acordo com a Figura 5, justificamos nossa escolha por esse método, pois acreditamos que a investigação deve partir do contexto, no caso, da cultura disciplinar, para a análise retórica do *corpus*. Dessa forma, no momento da análise dos exemplares de artigos acadêmicos experimentais, discutimos as características pertinentes do estudo da cultura disciplinar da área de Psicologia. Iniciamos, assim, a análise retórica dos 30 exemplares de artigos do *corpus*, a fim de verificarmos a questão da recorrência das unidades e subunidades retóricas. Ao observamos quais

são a unidade informacionais recorrentes no *corpus*, realizamos a descrição da unidade e caracterizamos os movimentos e passos encontrados, apontando excertos dos artigos e dialogando com os dados da cultura disciplinar da área de Psicologia. Esse diálogo é fundamental para a compreensão da razão subjacente ao gênero, justificando as funções sociorretóricas das unidades informacionais. Em seguida, destacamos as pistas léxico-gramaticais mais recorrentes dos movimentos e passos descritos.

Vale salientar que um caso nos chamou a atenção na unidade retórica de Introdução. Após analisarmos e observarmos a recorrência nos movimentos e passos dessa unidade, atentamos para o fato de que essa seção é composta quase em sua totalidade por referências a pesquisas anteriores. Para comprovarmos isso, fizemos um cálculo com base na contagem³³ da quantidade total de palavras contidas na unidade de Introdução e o total de palavras que descreviam, nessa seção, o movimento de referência a pesquisas anteriores. Com base no cálculo, apuramos que 84% da unidade de Introdução é composta por referências a pesquisas prévias, sendo que os 16% restantes apresentam características voltadas a outros movimentos e passos encontrados. Acreditamos que essa particularidade deva ocorrer por ausência da seção de Revisão de Literatura em 93,33% dos artigos, ou seja, 28 dos 30 que compõem o *corpus* desta pesquisa.

No que diz respeito à seção de Metodologia, utilizamos como modelo teórico-metodológico principal a proposta de Oliveira (2003). Já para as seções de Resultados, Discussão, Conclusão e Referências nos embasamos nos modelos de Costa (2015).

Para cada uma dessas seções, seguimos os mesmos passos executados na descrição da unidade de Introdução. É necessário enfatizar que as análises das unidades retóricas, movimentos e passos foram possíveis a partir de reuniões entre orientadora e orientando, visto que uma análise detalhada como essa precisa de um segundo olhar, com o propósito de garantir a validade dos dados. Inicialmente, eram agendados encontros entre mim e minha orientadora para a análise de um piloto do *corpus* composto por 10 exemplares. Os outros 20 exemplares eram então analisados

³³ A contagem das palavras foi realizada a partir do programa *Word for Windows*.

por mim a partir dos resultados encontrados na análise piloto, confirmando ou refutando tais resultados. Quando dúvidas surgiam, nos encontrávamos novamente para discuti-las e, por fim, quando a seção estava completamente descrita, discutíamos sobre os achados. Na etapa de descrição das pistas léxico-gramaticais mais representativas, selecionamos os excertos de todas as unidades informacionais observadas nos 30 exemplares investigados. Em seguida, destacamos manualmente todas as estruturas verbais e expressões lexicais dos movimentos e passos recorrentes. Essas pistas léxico-gramaticais ressaltam a função retórica de cada unidade informacional, como: remeter a pesquisas anteriores, caracterizar perfil da amostra, apresentar resultados específicos, entre outras.

Finalizadas as análises e discussões sobre a descrição sociorretórica, apresentaremos, a seguir, os modelos retóricos utilizados nessa pesquisa.

5.7 APRESENTANDO OS MODELOS RETÓRICOS NORTEADORES EM NOSSA PESQUISA

Com o propósito de esclarecer quais modelos retóricos foram utilizados para analisar os exemplares de artigos acadêmicos experimentais da cultura disciplinar da área de Psicologia, apresentamos uma síntese das principais propostas sociorretóricas que serviram como norte neste estudo, são elas: Swales (1990), para a unidade de Introdução; Oliveira (2003), no que diz respeito à seção de Metodologia; Costa (2015), quanto às unidades retóricas de Resultados, Discussão, Conclusão e Referências.

Quadro 1 – Modelos de descrição retórica para a análise de artigos acadêmicos experimentais da área de Psicologia

INTRODUÇÃO: Modelo CARS (SWALES, 1990)	
Movimento 1: Estabelecer o território	
Passo 1 - Estabelecer a importância da pesquisa e / ou	↓
Passo 2 - Fazer generalização / ões quanto ao tópico e / ou retórico	Diminuindo o esforço
Passo 3 - Revisar a literatura (pesquisas prévias)	

<p>Movimento 2: Estabelecer o nicho</p> <p>Passo 1A - Contra-argumentar ou</p> <p>Passo 1B: Indicar uma lacuna / s no conhecimento ou</p> <p>Passo 1C: Provocar questionamentos ou</p> <p>Passo 1D: Continuar a tradição</p>		<p>↓</p> <p>Enfraquecendo os possíveis questionamentos</p>
<p>Movimento 3: Ocupar o nicho</p> <p>Passo 1A: Delinear os objetivos ou</p> <p>Passo 1B: Apresentar a pesquisa</p> <p>Passo 2: Apresentar os principais resultados</p> <p>Passo 3: Indicar a estrutura do artigo</p>		<p>↓</p> <p>Explicitando o trabalho</p>
<p>METODOLOGIA: OLIVEIRA (2003)</p> <p>Movimento 1: Descrição do <i>corpus</i> ou dos participantes da pesquisa</p> <p>Passo 1 – Especificação do tamanho da amostra (tamanho do <i>corpus</i> ou número de participantes)</p> <p>Passo 2 – Especificação do perfil dos participantes</p> <p>Passo 2A – Especificação do sexo e idade</p> <p>Passo 2B – Especificação do nível de escolaridade (estudantes, professores etc)</p> <p>Passo 2C – Especificação da subárea a que os participantes pertencem</p> <p>Passo 2D – Especificação do nível de conhecimento dos participantes na língua ou no tópico que está sendo investigado pela pesquisa)</p> <p>OU</p> <p>Passo 3 – Especificação do <i>corpus</i> selecionado</p> <p>Movimento 2: Descrição dos materiais ou instrumentos utilizados na coleta de dados</p> <p>Movimento 3: Descrição dos procedimentos</p> <p>Movimento 4: Descrição da análise dos dados</p>		
<p>RESULTADOS: COSTA (2015)</p> <p>Movimento 1: Apresentando resultados específicos</p>		
<p>DISCUSSÃO: COSTA (2015)</p> <p>Movimento 1: Apresentando informação introdutória e</p>		

<p>Movimento 2: Explicando resultados específicos de pesquisa</p> <p>Passo 1 – Interpretando o resultado e/ou</p> <p>Passo 2 – Indicando a importância do resultado e/ou</p> <p>Passo 3 – Comparando resultados com literatura prévia e/ou</p> <p>Passo 4 – Indicando limitações dos resultados e/ou</p> <p>Movimento 3: Indicando implicações práticas de pesquisa</p>
<p>CONCLUSÃO: COSTA (2015)</p> <p>Movimento 1: Apresentando interpretações gerais dos achados de pesquisa</p> <p>Movimento 2: Indicando implicações práticas de pesquisa</p>
<p>REFERÊNCIAS: COSTA (2015)</p> <p>Movimento 1: Listando referências completas de todos os trabalhos citados</p>

Fonte: de nossa autoria.

É válido ressaltar que, acima, foram apresentados os modelos sociorretóricos que foram norteadores para a análise do *corpus* desta pesquisa. No entanto, alguns movimentos e passos que não foram considerados principais não constam nessa relação, mas serão conceituados e discutidos no momento de análise. Em relação aos termos utilizados na análise, observemos a seguir os termos e suas respectivas definições.

5.8 DEFININDO OS TERMOS DA ANÁLISE

Quadro 2 – Termos e suas definições

TERMOS	DEFINIÇÃO
Unidade informacional	Qualquer bloco de texto, recorrente ou não, que possui uma função retórica associada ao propósito do artigo.

Unidade retórica/Seção retórica	Unidade informacional que corresponde a qualquer seção mais ampla do artigo, como Introdução, Metodologia, Resultados, e que possui uma função retórica e comunicativa específica associada ao propósito do referido gênero.
Movimento	Unidade informacional que compõe a unidade retórica e que possui uma função retórica e comunicativa específica associada ao propósito da própria unidade e do artigo.
Passo	Unidade informacional menor que compõe o movimento e que possui uma função retórica e comunicativa específica associada ao propósito do próprio movimento, da unidade retórica e do artigo.
Frequência/Ocorrência	Número de vezes em que unidades retóricas, movimentos, passos e outras unidades informacionais acontecem nos artigos analisados.
Alta/Elevada/Relevante frequência/ocorrência	Ocorrência igual ou superior a 50%.
Baixa/Irrelevante frequência/ocorrência	Ocorrência inferior a 50%.
Frequência/Ocorrência nula	Ocorrência igual a zero.
Recorrência	Ocorrência igual ou superior a 50%.

Fonte: Pacheco (2016, p. 89).

Após a apresentação do percurso metodológico do nosso estudo, sigamos, então, para a descrição da cultura disciplinar da área de Psicologia no Brasil.

6 DESCREVENDO A CULTURA DISCIPLINAR DA ÁREA DE PSICOLOGIA NO BRASIL

Para que seja possível compreender a identidade da área de Psicologia no Brasil, como essa cultura disciplinar em questão produz e divulga seus conhecimentos e como são elaborados os gêneros por ela, discutir sobre aspectos históricos e culturais são necessários. Sabendo dessa importância, realizamos um levantamento da cultura disciplinar da área de Psicologia no Brasil, a partir de documentos disponíveis em sites de conselhos da área, de relatórios da CAPES, de artigos acadêmicos que debatem a formação e a identidade da própria área, de orientações de periódicos e de entrevistas/questionários com membros experientes da área em investigação. Assim, descreveremos, a seguir, um breve histórico de aspectos pertinentes da referida área no Brasil.

6.1 UM BREVE HISTÓRICO DA ÁREA DE PSICOLOGIA NO BRASIL

No Brasil, as primeiras contribuições relacionadas ao estudo da Psicologia datam ainda da primeira metade do século XIX e foram oferecidas por médicos por meio de trabalhos de conclusão de curso nas faculdades de Medicina, denominados teses de doutoramento. Outras contribuições também se tornaram evidentes em teses de provimento de cátedra e nas teses de verificações de títulos. Esses trabalhos representavam a atuação de estudantes e profissionais que se localizavam, principalmente, nos estados do Rio de Janeiro e Bahia e traziam achados não somente para a própria área, mas para o campo da Filosofia e da História (SOARES, 2010, p. 12).

Na área da Educação, eram discutidos conteúdos psicológicos relacionados a questões psíquicas, como a inteligência, vontade e sensações; a aprendizagem, métodos e instrumentos educativos encontrados no ensino secundário e, principalmente, nas conhecidas Escolas Normais. De acordo com o Conselho Regional de Psicologia da 6ª região (CRP SP)³⁴, os profissionais da educação se

³⁴ <http://www.crpssp.org/fotos/pdf-2015-10-06-12-34-36.pdf>

detinham nas metodologias de ensino, com foco no discente e na formação do educador. Como conteúdos psicológicos abordados nas disciplinas, os autores mencionam: “Filosofia”, “Psicologia Lógica”, “Pedagogia” e “Pedagogia e Psicologia”.

Aos poucos, a Psicologia passou a ser reconhecida como uma ciência autônoma, ocupando uma posição de destaque no campo do ensino, da pesquisa e da prática. A partir de 1930, segundo o Conselho Regional de Psicologia da 6ª região (CRP SP), a Psicologia é reconhecida como uma ciência capaz de elaborar teorias, técnicas e práticas que orientem e integrem o processo de desenvolvimento humano formulado pela nova ordem político-social. Como ramificações da área, consolidam-se os diferentes campos de atuação: trabalho, educação e clínica, sendo o último o que apresenta maior predominância.

Desde então, a Psicologia se desvincula da Psiquiatria, conquistando o status de disciplina independente em cursos de Pedagogia, Ciências Sociais e Filosofia. Anos após, as publicações de Psicologia tornaram-se crescentes e, no que concerne ao âmbito institucional, psicólogos estabeleceram associações por meio das quais passaram a reivindicar a regulamentação da profissão.

Ainda de acordo com o Conselho Regional de Psicologia da 6ª região (CRP SP), a década de 1950 foi de bastante relevância, visto que ocorreram grandes acontecimentos que permitiram o desenvolvimento da Psicologia no país: o primeiro Congresso Brasileiro de Psicologia, que ocorreu em Curitiba; o primeiro anteprojeto sobre a formação e regulamentação da profissão; a criação de cursos de Psicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Minas Gerais (PUC-Minas) e Rio de Janeiro (PUC-Rio).

De acordo com Jacó-Vilela e Rocha (2014), algumas instituições criaram cursos de Psicologia antes da regulamentação da profissão e dos cursos, a saber: a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio (1953), a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC-RS (1954), a Universidade de São Paulo - USP (1957), a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-Minas (1959) e a Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP (1961). Outro ano marcante é o de 1958, data em que é apresentado o Projeto de Lei 3.825, o qual evidencia a regulamentação da profissão de psicólogo.

Conforme Soares (2010) relata, quatro anos depois, o Presidente da república na época, João Goulart, decreta, a 27 de agosto de 1962, a lei nº 4.119. Essa lei apresenta o primeiro diploma legal sobre Cursos de Formação para Psicólogos e estabeleceu, ainda, um currículo mínimo para a formação desse profissional. Na data de 21 de janeiro de 1964, o Presidente da república promulga o decreto nº 53.464, a qual regulamenta a lei nº 4.119.

No que diz respeito ao primeiro curso de pós-graduação em Psicologia, segundo Féres-Carneiro (2007), surge em março de 1966, no Rio de Janeiro, o primeiro Curso de Mestrado do país na área. O curso foi ofertado pelo Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Em 1970, dois Programas da USP, um de Psicologia Experimental e o outro de Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano, implantaram o Curso de Mestrado, tendo ofertado quatro anos depois o Curso de Doutorado.

Em 1971, período de grande repressão ditatorial, é criado o Conselho Federal de Psicologia (CFP)³⁵, órgão responsável por diversas mudanças organizacionais e conquistas no campo da Psicologia. O Conselho é sancionado pelo Presidente Emílio Médici pela lei nº 5.766, que também permitiu a criação, além do Conselho Federal, dos Conselhos Regionais de Psicologia (SOARES, 2010, p. 22).

Um ano após, no momento em que apenas seis Cursos de Mestrado em Psicologia eram ofertados no país, como relata Féres-Carneiro (2007), o Curso da PUC-Rio tornou-se o primeiro a ser credenciado pelo Conselho Federal de Educação. No entanto, o Curso de Doutorado foi implantado após quase 20 anos depois, no ano de 1985. É relevante afirmar que, desde a criação do Curso de Mestrado, em 1966, até o ano de 1978, tal curso já tinha sido reconhecido como centro de excelência, sendo oferecido em duas áreas de concentração: Psicologia Aplicada à Clínica e Psicologia Experimental.

Depois de explanar sobre um breve histórico da área de Psicologia, no que se refere ao início desse campo no Brasil, seu crescimento e conquistas, procuraremos compreender o profissional, mostrando como ele é descrito pelos órgãos reguladores da profissão.

³⁵ <http://site.cfp.org.br/>

6.1.1 Quem é o psicólogo?

De acordo com um documento elaborado pelo CFP para o Ministério do Trabalho, que tinha com o objetivo integrar o catálogo brasileiro de ocupações, no que diz respeito à profissão do psicólogo no país, o psicólogo é compreendido como o profissional responsável por utilizar métodos e técnicas psicológicas, a fim de identificar e orientar fatores determinantes das ações e dos sujeitos, analisando processos intrapessoais e relações interpessoais, com o intuito de compreender o comportamento humano individual ou em grupo, em instituições de diversas naturezas, em que ocorram essas relações.

Lisboa e Barbosa (2009), ao discorrerem sobre a lei nº 4.119, que regulamentou a profissão e o curso de formação, apontam aspectos relevantes para a área, como a fixação do currículo mínimo e a duração dos cursos de Psicologia. Tal documento defende que a formação pode ocorrer em três níveis, cada um deles possui uma duração determinada e diferentes focos: o bacharelado, com duração de quatro anos, tem por objetivo a formação do pesquisador; a licenciatura, com o mesmo período de tempo, está centrada na formação do professor de Psicologia; enquanto que a formação do psicólogo está voltada para a formação profissional, com duração de cinco anos.

Serão admitidos como profissionais dessa área, segundo Yamamoto e Costa (2010, p. 115), no que concerne ao artigo 23 da lei nº 4.119, os diplomados em Psicologia por Universidades ou Faculdades estrangeiras reconhecidas pelas leis do país de origem, em que os diplomas sejam validados de acordo com a legislação em vigência. Ainda com base nessa lei, podem exercer tal profissão os portadores de diploma de especialista em Psicologia, Psicologia Educacional, Psicologia Aplicada ao Trabalho expedidos por estabelecimentos de ensino superior oficial ou reconhecido. O profissional deve ter se formado em cursos regulares de formação de psicólogos que tenha duração mínima de quatro anos, para graduação, ou curso de pós-graduação, que apresente ao menos dois anos de formação.

Em relação às formas de atuação do psicólogo, conforme discute o CFP, o profissional atua nas áreas clínica, da educação, de justiça, de lazer, de segurança, de trabalho, dentre outros campos. Suas ações, no geral, dizem respeito tanto à

identificação dos problemas como a intervenção para tentar solucioná-los. Quanto aos fatores determinantes que envolvem os sujeitos, são analisados a história pessoal, familiar e social, não desconsiderando as condições políticas, históricas e culturais. Entre os valores utilizados por esses profissionais, podemos citar a ética, o respeito à dignidade e integridade do ser humano.

Os psicólogos, segundo o CFP, podem desempenhar suas funções individualmente ou por meio de equipe de multiprofissionais especializados, atuando em instituições públicas ou privadas, como em: hospitais, escolas, creches, centros psicossociais, presídios, empresas, consultórios, varas de justiça e nas demais áreas nas quais a atuação dessa profissão se faça relevante. Para o devido exercício da profissão, o psicólogo deve estar inscrito no Conselho Regional de sua área de ação, uma vez que satisfaça as exigências da lei em vigor. No que se refere às áreas de atuação da Psicologia, o Catálogo Brasileiro de Ocupações³⁶ – doravante CBO, delimita nove: Psicólogo, em geral; Psicólogo do Trabalho; Psicólogo Educacional; Psicólogo clínico; Psicólogo de trânsito; Psicólogo jurídico; Psicólogo de esporte; Psicólogo social; e outros psicólogos.

Além de mencionar as diversas possibilidades de trabalho do psicólogo, o CBO conceitua cada uma: o “Psicólogo, em geral” analisa os processos intra e interpessoais e os mecanismos do comportamento humano; investiga os fatores hereditários, ambientais e psicossociais e de outras espécies que atuam sobre o indivíduo por meio de entrevistas, aplicação de testes e por outros métodos de investigação que permitam elaborar tratamento psicológico de distúrbios comportamentais ou de personalidade. O Psicólogo do Trabalho se dedica a atividades no âmbito da psicologia relacionado ao trabalho, como seleção, recrutamento e treinamento profissional. Como outras funções, ele também aplica testes e provas, entrevistas e dinâmicas em grupo.

O campo de atuação do Psicólogo educacional é, segundo o CBO, voltado para a realização de diagnósticos, pesquisas e intervenção psicopedagógica, seja em grupo ou individual. São observados por esses profissionais o comportamento dos alunos, tanto em relação às técnicas de ensino utilizadas quanto as que podem ser

³⁶ http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/atr_prof_psicologo_cbo.pdf

adotadas. É importante mencionar que os problemas relacionados às dificuldades de aprendizado também merecem destaque.

O Psicólogo clínico, conforme afirma o CBO, exerce atividades no que se refere ao exame de pessoas as quais apresentam problemas, de origem familiar, social ou até distúrbios psíquicos e procuram diagnosticar o problema e tratá-lo por meio de terapia, procurando curar o paciente ao lançar mão de técnicas psicológicas adequadas a cada caso específico. Dentre as atribuições do Psicólogo de trânsito estão aquelas que tratam de assuntos que envolvem o trânsito. São considerados, nesse âmbito, os processos psicológicos, psicossociais e psicofísicos relacionados aos problemas de trânsito. Esse profissional também produz e aplica técnicas, como exames psicotécnicos.

No âmbito da justiça, o Psicólogo jurídico contribui para o planejamento e execução de políticas de cidadania, prevenção da violência e direitos humanos. Os psicólogos também analisam, segundo o CBO, a personalidade dos indivíduos e assim podem conseguir descobrir características imprescindíveis a processos judiciais, contribuindo para a formulação, revisão e interpretação das leis. Enquanto isso, ainda de acordo com o CBO, as atribuições do Psicólogo do esporte estão relacionadas ao estudo das características psicológicas dos esportistas, visando atender para contexto da atividade esportiva com o objetivo de oferecer conhecimento prático e técnico em relação aos atletas, contribuindo também para a elaboração de programas e estudos educacionais, recreativos e de reabilitação física.

O Psicólogo social desempenha atividades direcionadas ao trabalho que envolve aspectos sociais, como principal função ele procura orientar indivíduos no que se refere a problemas de ordem social. O profissional, nessa área de atuação, planeja e executa programas de diferentes âmbitos, como educação, lazer, saúde e segurança, com o propósito de ajudar indivíduos e suas famílias a superarem dificuldades. Por fim, a última designação do CBO aborda sobre os psicólogos não-classificados nas seções anteriores. Esses são conhecidos por se ocuparem em formular hipóteses e de sua comprovação experimental, se dedicam à pesquisa, análise e comprovação de fenômenos sobrenaturais relacionados às faculdades humanas.

No próximo tópico, faremos um breve levantamento das instituições acadêmicas da área de Psicologia no Brasil.

6.1.2 A formação profissional do psicólogo no Brasil

No que diz respeito à formação profissional do psicólogo no país, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia³⁷, esse curso tem como meta principal a formação do psicólogo voltado para a atuação profissional, como também para a pesquisa e para o ensino de Psicologia.

A área de Psicologia, apresenta, em 2011, com base em dados obtidos do Cadastro das IES (Instituições de Ensino Superior) do Ministério da Educação (MEC), aproximadamente 460 cursos de graduação na área, sendo que a maior parte deles se concentra na região Sudeste, com o equivalente a (43,6%). Dessa totalidade, o ensino privado tem uma parcela significativa de participação (83,3%) (MEC, 2011).

Segundo Costa *et al* (2012, p. 131), há uma produção considerável acerca da temática da formação do psicólogo no Brasil. No entanto, as análises sobre esses trabalhos são raras. A pesquisa de Pardo, Mangieri e Nucci (1998), por exemplo, apontou que os aspectos mais discutidos pelos documentos relativos à administração dos cursos e aos conteúdos da formação demonstravam maior relevância das decisões e ações relacionadas ao funcionamento dos cursos.

Num intervalo entre 2001 e 2007, conforme afirmam Lisboa e Barbosa (2009), houve um aumento significativo da abertura de cursos de Psicologia no país, o que configurou um aumento de mais de 200% em seis anos. No entanto, em conformidade com o que relatam Catani e Oliveira (2002), tal crescimento considerável pode interferir na qualidade do ensino superior.

Quanto à carga horária mínima no curso, conforme a Resolução nº 2, de 18 de junho de 2007, do Ministério da Educação, a carga horária mínima estabelecida para a graduação em Psicologia é de 4.000 horas. Essa Resolução também

³⁷ http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7692-rces005-11-pdf&category_slug=marco-2011-pdf&Itemid=30192

estabelece que os estágios e atividades complementares não podem ultrapassar a porcentagem de 20% da carga horária total do curso, ou seja, não exceder 800 horas.

No que diz respeito às avaliações dos cursos, verificamos, segundo os dados do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE, 2015)³⁸, que os cursos de graduação melhor avaliados se concentram na região Sul e Sudeste do país, com um predomínio das instituições públicas. Para Lisboa e Barbosa (2009), ao discutirem Yamamoto (2006), as instituições públicas são constantemente melhor avaliadas que as instituições privadas.

Dessa forma, procuramos debater sobre como se constitui o profissional da área de Psicologia por meio de dados de órgãos reguladores e de reflexões de especialistas da área. A seguir, discutiremos sobre como é retratada a identidade do Psicólogo no país.

6.1.3 A identidade do psicólogo no Brasil

Com o objetivo de compreendermos a complexidade que envolve o profissional da área de Psicologia no Brasil, apresentamos os estudos de Krawulski (2004), que diz respeito à “Construção da identidade profissional do Psicólogo”. Nesse estudo, foram entrevistados dezesseis psicólogos: treze do sexo feminino e três pertencentes ao sexo masculino. Por meio dessas observações, podemos discutir questões relevantes acerca do papel do Psicólogo no Brasil.

Com base na pesquisa de Krawulski (2004), acreditamos que, para se debater acerca da identidade do psicólogo no Brasil, seria necessário discutirmos aspectos relevantes, como: a crença sobre o que é ser psicólogo, o processo de escolha dessa profissão e as vivências profissionais.

Primeiramente, sobre as ramificações da profissão, a autora afirma que quatro áreas de atuação predominam na Psicologia, a saber: Psicologia Clínica, Psicologia da Saúde, da Área Organizacional ou do Trabalho e a Psicologia Educacional/Escolar. Outras áreas, que ilustram uma menor frequência da atuação desse profissional, também são citadas: Psicologia do Trânsito, Psicologia Jurídica,

³⁸ <http://ruf.folha.uol.com.br/2015/ranking-de-cursos/psicologia/>

Docência em Psicologia, Psicologia Social, Pesquisa em Psicologia e Psicologia do Esporte.

Segundo Krawulski (2004), o trabalho do psicólogo é caracterizado por apresentar tarefas consideradas complexas em sua natureza, cuja relação profissional tem por objeto o ser humano. Para que o profissional dessa área possa intervir ao ser humano, há necessidade de serem compreendidos diversos fatores, como: crenças, valores, emoções, conflitos e vários outros elementos próprios da subjetividade humana.

Esse universo complexo em que o psicólogo desenvolve o seu trabalho, exige que ele assuma uma identidade profissional, na qual ele possa se ver como um psicólogo atuando por meio de valores como a competência e a ética, reconhecendo a sua função em poder ajudar o outro ser humano. No entanto, de acordo com Krawulski (2004), há uma expectativa da sociedade em relação ao profissional de que este seria capaz de oferecer explicações e soluções definitivas aos problemas existenciais que envolvem o ser humano. A autora atribui o desconhecimento ou compreensão equivocada acerca das atribuições do psicólogo ao fato de que a sociedade pode não estar esclarecida de forma suficiente em relação à amplitude, às especificidades e às limitações da intervenção do profissional.

De acordo com Dimenstein (2000), é cada vez mais difícil de se definir a questão da identidade profissional do psicólogo, visto que cada profissional apresenta singularidades e experiências que os diferenciam e essas características não permitiriam a criação de uma identidade única para a categoria. Segundo Krawulski (2004), fatores como a formação acadêmica e a procura por diversos cursos de formação contribuem para a noção do tornar-se psicólogo.

No que diz respeito à crença do que é ser o profissional psicólogo, no estudo de Krawulski (2004, p. 77), os profissionais apontaram que ser psicólogo significa, no geral, ajudar as pessoas, sendo considerado este o principal propósito da profissão. Para isso, os profissionais estabelecem uma relação direta com os pacientes, com o objetivo de conhecer e compreender a essência e o comportamento desses seres humanos.

Um fator relevante para se entender as questões identitárias dessa categoria está relacionado ao processo de escolha pela Psicologia. Krawulski (2004,

p. 87) relata que vários elementos foram responsáveis por tal escolha: elementos da história pessoal e social, habilidades, desejo por lidar com pessoas e a expectativa de resolução dos próprios problemas são algumas das principais alegações. A autora mencionou que uma parte significativa dos entrevistados disse ter desconhecimento da Psicologia e suas ideias estavam amparadas em desenvolver um trabalho clínico em consultório, visto que, na época, era o ramo que mais se destacava na área.

Na questão das vivências profissionais, a autora divide esse ponto em dois: as vivências profissionais cotidianas e as vivências profissionais da trajetória. A primeira caracteriza-se pela diversidade de atividades em que os psicólogos podem atuar. A principal atividade que é responsável por ocupar mais os profissionais dessa área é o atendimento clínico. Tal tarefa, geralmente, é executada em paralelo a outras, dependendo se o profissional tiver outros vínculos empregatícios ou não, ela enfatiza.

No que se refere às vivências profissionais da trajetória, os entrevistados afirmaram que essas se iniciaram no momento em que buscavam se inserir no mercado de trabalho. Essa inserção pode ser caracterizada pelos atendimentos em consultório, a psicoterapia e cursos de formação. Ainda sobre os primeiros passos na profissão, os psicólogos relataram que a insegurança e a falta de preparo para atuar foram um dos pontos principais. Conforme Krawulski (2004, p. 116), com o passar do tempo, os profissionais do estudo em questão, apesar de algumas dificuldades, foram incorporando o papel profissional, assumiram a postura e apropriaram-se do “caminho de ser psicólogo”.

O cotidiano de trabalho desses profissionais apresenta uma diversidade de tarefas e demonstra ser, por um lado, cansativo e pesado; por outro, gratificante e desafiador. A dificuldade e os desafios fazem parte da rotina profissional do psicólogo. No entanto, conforme ressalta a autora, o trabalho em Psicologia é uma fonte de transformação contínua e permite uma ressignificação da própria maneira de enxergar o mundo. Com isso, percebemos que a identidade profissional desse psicólogo demonstra ser complexa, pois reflete fatores como a escolha, a formação e as experiências, não apresentando características uniformes e possuindo a questão social como o seu foco principal.

A fim de nos aprofundarmos ainda mais na busca de conhecimento sobre a cultura disciplinar da área de Psicologia, lançamos mão de fontes norteadoras para nossa análise, os mais recentes relatórios da CAPES³⁹.

6.2 OS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Nesse momento da descrição da cultura disciplinar da área de Psicologia, fazemos uso dos seguintes documentos da CAPES: Relatório do Seminário de acompanhamento anual dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia (2012), Documento de Área (2013a) e Relatório de Avaliação Trienal (2013b). Nesses relatórios, são apresentadas discussões pertinentes acerca da área em questão, como: as considerações gerais sobre o estágio atual da área, o Plano Nacional de Pós-graduação, os resultados para a educação básica, a distribuição dos programas pelo Brasil e a avaliação desses, considerações sobre os periódicos e livros da área, entre outras questões. A partir dessas informações, vejamos como o órgão de fomento e regulação CAPES avalia a cultura disciplinar da área de Psicologia.

A Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, de acordo com a CAPES (2013a), compreende 73 programas, levando em conta as propostas de novos cursos aprovadas no decorrer do ano de 2012 e que foram implantadas em 2013. Houve um crescimento significativo no número de cursos ao longo dos últimos anos. Em 1998, havia 28 cursos de mestrado e 16 cursos de doutorado. Quinze anos após, em 2013, subiram para 73 os cursos de mestrado e 47 os de doutorado. Os números atuais apontam um crescimento de 160,7% no número de Programas - e de mestrados – e de 193,8% no número de doutorados. Enquanto esse aumento pareceu tímido entre 2008 e 2010, ele retomou a força nos anos de 2011 e 2012.

Com esse desenvolvimento, entre 2010 e 2012 três novos cursos de doutorado foram implantados, o que atesta o processo de amadurecimento dos cursos de mestrado. É importante mencionar que, desde a avaliação trienal de 2013, houve um crescimento de 15,87% dos Programas de Pós-graduação na área de Psicologia.

³⁹ <http://www.capes.gov.br/>

A área de Psicologia é composta, de acordo com os dados da CAPES (2013a), por 73 programas de pós-graduação, que são compostos por 47 doutorados, 71 mestrados acadêmicos e 2 mestrados profissionais (aprovados em 2012), que totalizam 120 cursos de pós-graduação. A metade dos programas é encontrada no Sudeste - quase um terço no Estado de São Paulo, em segundo e terceiro lugares vêm as regiões Nordeste e Sul, respectivamente.

A distribuição dos programas de pós-graduação no Brasil, segundo a CAPES (2013a), ocorre da seguinte forma: 37 programas na região sudeste; 13 programas na região nordeste, o que corresponde a 17,8%; 10 programas na região sul (13,7%); 9 programas na região centro-oeste, a qual se localiza em penúltimo lugar, com a porcentagem de 12,3%; e 4 programas na região norte, o que equivale a apenas 5,5% do total. Considerando essa desproporção entre regiões, analisemos, a seguir, dos dados do PNPG (2011-2020), que apresentam propostas de melhorias para a realidade discutida.

6.2.1 O Plano Nacional de Pós-Graduação - PNPG (2011 – 2020)

Desde 1975, a Pós-Graduação, no Brasil, tem sido orientada pelos Planos Nacionais de Pós-Graduação, também conhecido como PNPG. Em sua sexta edição, o PNPG projeta ações para uma década (PNPG 2011-2020). Os planos são voltados para a elaboração de estratégias na Pós-graduação para que metas importantes para o desenvolvimento econômico e social do país sejam atingidas.

De acordo com a CAPES (2013a), no PNPG 2011-2020 está explícita a expectativa de que o desenvolvimento da pós-graduação no país esteja ligado à ideia de levar o Brasil à condição de quinta economia do mundo no período estipulado. Assim, há desafios de crescimento qualitativo e quantitativo para o sistema de pós-graduação nesse período de tempo e para a área de Psicologia. Seguindo essa lógica, será necessário aumentar a quantidade de mestres e doutores formados, com o intuito desses profissionais atuarem tanto na academia como em outros setores. Tal necessidade implica expansão do sistema e crescimento interno dos cursos de pós-graduação. Enquanto, em 2011, alcançaram o título cerca de 13.000 mestres e

doutores, há expectativa que, aproximadamente, 29.000 atinjam o mesmo objetivo em 2020.

A área de Psicologia, a qual representa cerca de 2% do sistema de pós-graduação *Stricto Sensu* no país, está colocada com o PNPG (2011-2020) com o compromisso de crescimento dos programas nas diversas regiões do país e como o aumento na formação de mestres e doutores. Para que isso ocorra, um dos objetivos é a redução das assimetrias regionais. Enquanto a região sudeste detém 50% dos programas de pós-graduação em Psicologia, a região norte possui apenas 5%.

Dessa forma, o crescimento dos cursos na região norte e centro-oeste, regiões que apresentam uma menor quantidade de programas, deve vir aliado de ações da área para fortalecer os cursos de mestrado para que, conseqüentemente, venham a surgir novos cursos de doutorado. Com isso, é necessário um maior acompanhamento dos programas dessas regiões, sendo necessário, também, o estabelecimento de parcerias com programas já consolidados no país.

Outro desafio que a área de Psicologia tem é o de consolidar uma rede de mestrados profissionais que possam transformar o campo aplicado de trabalho em um *locus* para a investigação e o desenvolvimento de tecnologias que venham a colaborar para os serviços que os psicólogos oferecem à sociedade. O VI PNPG também explana sobre a necessidade de internacionalização, afirmando que a participação brasileira na produção científica mundial precisa se destacar, como também o seu impacto sobre a comunidade científica. Assim, a valorização da publicação em veículos de circulação internacional pode impactar a avaliação da área.

O VI PNPG também discute a questão da interdisciplinaridade na área de Psicologia. De acordo com a CAPES (2013a), essa área trata a interdisciplinaridade como algo inerente à sua constituição como campo científico e profissional. Ao constatar que os programas da área não estão muito direcionados para essa necessidade, eles sugerem que tal abordagem deve ser estimulada. É importante salientar que o PNPG 2011-2020 reconhece que a área de Psicologia tem valorizado programas com linhas de pesquisa que contribuem para o desenvolvimento da educação básica e para a saúde no país.

6.2.2 A criação de novos Programas de Pós-Graduação

Para que sejam criados novos programas de mestrado e doutorado são levados em conta alguns critérios, os quais devem ser detalhados: a proposta do programa, o corpo docente, as atividades de pesquisa, a produção intelectual e a infraestrutura de ensino e pesquisa (CAPES, 2013a). A expectativa da área de Psicologia é que a proposta para a criação desses cursos apresente uma consolidação de uma base de pesquisa e de formação já existentes. A seguir, discutiremos os campos do formulário a partir dos quais será feita a avaliação.

Em relação à proposta do programa, se faz necessário: a) Descrição da área de concentração, linhas de pesquisa, objetivos e estrutura curricular que demonstre articulação e coerência entre esses quesitos; b) Listagem dos projetos de pesquisa coordenados pelos docentes participantes do grupo proponente, com atenção à coerência das atividades de pesquisa com a proposta do curso; c) Listagem dos docentes permanentes participantes de cada linha de pesquisa, com atenção a uma distribuição relativamente equilibrada do corpo docente nas diversas linhas propostas; d) Especificação das competências esperadas dos egressos; e) Detalhamento da estrutura curricular (disciplinas obrigatórias, optativas e atividades complementares propostas); f) Detalhamento do percurso típico do aluno (evolução curricular a cada semestre); g) Apresentação das ementas com bibliografia, destacando-se que as referências devem abranger a produção clássica e recente na disciplina e devem ser adequadas ao nível de Pós-graduação; h) Especificação de medidas de planejamento de desenvolvimento do Programa em médio prazo e j) Especificação de medidas de avaliação contínua do Programa.

No campo corpo docente, é preciso: a) Apresentação de um perfil resumido de cada docente, com destaque para: área e tempo de titulação; atuação em atividades de ensino na graduação; atuação em orientação de IC; distribuição de carga horária entre graduação e pós-graduação; experiência anterior em orientações de monografias, dissertações e/ou teses em Psicologia ou áreas afins; descrição dos interesses de pesquisa; b) descrição dos programas de apoio ao intercâmbio com docentes externos já em andamento ou a serem implementados em curto prazo; c) apresentação dos colaboradores, com atenção às diretrizes da área que estabelecem

limites em relação ao total de docentes permanentes (máximo de 30% de colaboradores no corpo docente); d) Apresentação dos docentes participantes de dois programas de pós-graduação, com atenção às diretrizes da área que estabelecem limites em relação ao total de docentes (máximo de 30% do corpo docente); e) relação média orientador/orientando pretendida, com atenção para o intervalo considerado ideal para a área de 4 a 8 orientandos por docente permanente; f) definição dos critérios para credenciamento e descredenciamento docente. Observação: a área recomenda que os Programas apresentem corpo docente com número mínimo de dez docentes permanentes, sendo aceitável um número mínimo de oito docentes em regiões geográficas ou subáreas específicas.

No tópico atividade de pesquisa, os seguintes aspectos são considerados: a) descrição dos projetos e sua inserção nas linhas de pesquisa propostas (pode haver também projetos isolados); b) descrição das atividades dos docentes em redes de pesquisa nacionais e/ou internacionais; c) descrição dos financiamentos recebidos e outros tipos de apoio aos projetos de pesquisa.

Na seção produção intelectual, são levados em conta: a) descrição da produção bibliográfica (artigos publicados em periódicos arbitrados, livros e capítulos) dos docentes permanentes, com atenção aos critérios mínimos da área que exige níveis próximos do perfil de produção próximo ou equivalente a de curso com avaliação 3 já existente no sistema; b) descrição da produção técnica relevante. Observação: a produção intelectual é avaliada considerando-se a sua adesão às linhas de pesquisa propostas pelo Programa; as dimensões quantitativa e qualitativa da produção relatada devem indicar o potencial de o corpo docente vir, ao longo do primeiro triênio, a se consolidar dentro do grupo de cursos com nota similar.

No último campo, infraestrutura de ensino e pesquisa, são imprescindíveis: a) descrição das condições de acesso à literatura relevante; b) caracterização dos laboratórios e demais instalações que atendem às linhas de pesquisa e estrutura acadêmica do Programa; c) descrição dos espaços de trabalho para docentes e discentes; d) apresentação de documentos que explicitam apoio institucional à criação e desenvolvimento do Programa.

É pertinente afirmar que esses campos que merecem destaque estão voltados para a criação de cursos de pós-graduação como mestrado acadêmico e

doutorado. Em relação ao mestrado profissional, que visa promover a formação de profissionais com uma alta qualificação técnico-científica e com experiências as quais possam atender necessidades locais, regionais e nacionais. Segundo a CAPES (2013a), a proposta para a criação de cursos de mestrado profissional deve apresentar uma articulação consistente da produção de conhecimento e de inovação que sejam voltadas para a solução de problemas humanos, desenvolvendo pesquisas científicas e trazendo inovações para a área. As orientações para a avaliação de cursos de o mestrado profissional apresentam características distintas, as quais veremos a seguir:

No campo proposta do programa, são necessários: a) Apresentação dos objetivos do Programa; b) descrição da estrutura curricular que articule conhecimento atualizado, domínio da metodologia de pesquisa e atuação e aplicação orientada para o campo de atuação profissional; c) descrição das demandas profissionais a serem atendidas pelo Programa Especificação das competências esperadas dos egressos, sendo facultado que o trabalho de conclusão tenha outros formatos que não o da dissertação; d) detalhamento da estrutura curricular (disciplinas obrigatórias, optativas e atividades complementares propostas); e) detalhamento do percurso típico do aluno (evolução curricular a cada semestre); f) apresentação das ementas com bibliografia, destacando-se que as referências devem abranger a produção clássica e recente na disciplina e devem ser adequadas ao nível de Pós-graduação.

No quesito corpo docente, o documento de área da CAPES (2013a) afirma que o corpo docente deve ser, de forma equilibrada, formado por doutores, profissionais e técnicos com experiência em pesquisa aplicada ao desenvolvimento e à inovação (Portaria Normativa MEC no 17 de 28 de dezembro de 2009). Atentemos para os critérios: a) Apresentação de um perfil resumido de cada docente, com destaque para: área e tempo de titulação e atuação profissional (que deve ser compatível com a área e a proposta, de forma a oferecer aos alunos oportunidades de treinamento profissional; b) qualificação no campo da ciência e da inovação; c) apresentação de indicadores de produção científica e experiência na articulação entre produção de conhecimento, experiência profissional e desenvolvimento de tecnologias: incluindo-se tecnologias sociais, ou tecnologias de desenvolvimento social; d) descrição da carga horária dos docentes, que deve ser compatível com as demandas do curso (permitindo-se tempo parcial).

Quanto à produção intelectual, se fazem fundamentais: a) descrição da produção bibliográfica (artigos publicados em periódicos arbitrados, livros e capítulos) dos docentes permanentes, com atenção aos critérios mínimos da área de modo a revelar o potencial de o grupo vir a produzir em patamar próximo ou equivalente aos MPs com avaliação 3 já existentes no sistema; b) descrição da produção técnica relevante, com ênfase para aqueles produtos que revelem o potencial de contribuição para solução de problemas na área de atuação dos futuros mestres profissionais.

No campo infraestrutura de ensino e pesquisa, são pertinentes: a) descrição das condições de acesso à literatura relevante; b) caracterização dos laboratórios e demais instalações que atendem às linhas de pesquisa e estrutura do Programa; c) descrição dos espaços de trabalho para docentes e discentes; d) apresentação de documentos que explicitam apoio institucional à criação e desenvolvimento do Programa; e) descrição das condições para o desenvolvimento de outras formas de produção dos trabalhos finais e de treinamento profissional.

6.2.3 A classificação de periódicos, de livros e de produção técnica

Após a contextualização dos campos necessários à criação de novos cursos, nos direcionemos às considerações sobre *Qualis* periódicos, classificação de livros e a classificação da produção técnica, evidenciando a classificação dos periódicos, visto que eles são de extrema importância para o desenvolvimento dos nossos objetivos nessa pesquisa.

A avaliação da produção bibliográfica dos Programas de Pós-graduação na área de Psicologia apresenta como componente essencial a classificação dos itens publicados com base no *Qualis* periódicos e no roteiro para classificação de livros. Conforme o Documento de área da CAPES (2013a), os sistemas de avaliação e classificação da produção bibliográfica foram elaborados com base em critérios relevantes à realidade da produção do programa. É relevante afirmar que a área de Psicologia não considera itens artísticos como produtos de seus programas.

Outra informação indispensável diz respeito ao fato de que, desde o triênio 2007-2009, a área não mais avaliou trabalhos completos em anais e a participação de

docentes e discentes em eventos científicos da área. Segundo o que é dito no documento, os trabalhos completos são compreendidos como produtos intermediários, os quais devem ser publicados em periódicos ou livros, o que já acontecia com uma porcentagem significativa nesse tipo de produção.

6.2.3.1 A estratificação dos periódicos

A classificação dos periódicos divide-se em sete níveis, a relevância é apresentada de forma decrescente: A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5 – que correspondem a pesos a serem utilizados na ponderação de qualidade de produção dos programas de Pós-graduação. Na área de Psicologia, foi elaborado um conjunto de requisitos - ISSN, regularidade de publicações, avaliações pelos pares, entre outras características – e uma organização hierárquica de indicadores para a construção do Qualis-periódicos. Podemos observar a organização dos periódicos por estratos e critérios a seguir:

Tabela 1: Critérios utilizados para construção do Qualis Periódicos da área da Psicologia, no triênio 2010-2012

ESTRATO	CRITÉRIOS
A1	Presença no ISI e no PsycInfo; Publicação por associação científica com reconhecimento internacional; Condição de se tornar referência internacional para a área da Psicologia.
A2	Presença no ISI, ou nos três seguintes IBDs: PsycInfo, Scopus e SciELO; OU Presença em dois dos seguintes IBDs: PsycInfo, Scopus e SciELO mais presença em quatro ou mais dos seguintes IBDs: CLASE, LATINDEX, LILACS, PSICODOC, PASCAL, ou REDALYC; Atualização (todos os números do ano anterior publicados até março); Periodicidade mínima: quadrimestral (revistas generalistas); semestral (revistas de subáreas).

B1	Presença PsycInfo, ou Scopus, ou SciELO; OU Presença em quatro ou mais dos seguintes IBDs: CLASE, LATINDEX, LILACS, PSICODOC, PASCAL, ou REDALYC.
B2	Presença em pelo menos dois dos seguintes IBDs: CLASE, LATINDEX, LILACS, PSICODOC, PASCAL, ou REDALYC.
B3	Presença em um dos seguintes IBDs: CLASE, LATINDEX, LILACS, PSICODOC, PASCAL, REDALYC.
B4	Publicado por instituição com Pós-Graduação <i>stricto sensu</i> , ou Sociedade Científica, ou Instituição Profissional, ou Instituição de Pesquisa, ou com apoio CAPES, CNPq ou financiamento estatal, avaliação por pares, ou estar disponível no PePsic, ou em IBDs distintos.
B5	Atendimento dos requisitos mínimos: ISSN, editor responsável – conselho editorial – linha editorial, normas de submissão, periodicidade mínima semestral, avaliação por pares, afiliação institucional dos autores, afiliação institucional dos membros dos Conselhos, resumo e abstract dos artigos, descritores em português e inglês, data de recebimento e aceitação de cada artigo e pelo menos um número do ano anterior publicado.
C	Publicações que não atendem os requisitos mínimos da área.

Fonte: Capes (2013a, p. 37).

A área da Psicologia desenvolveu um procedimento para avaliar periódicos, cujo objetivo e origem dos artigos que publicam os levam a considerá-los de áreas afins à Psicologia. Nesses periódicos, pelas relações que a Psicologia apresenta com diversas áreas do conhecimento, docentes e/ou discentes dos programas são convidados a publicar.

Ao permitir essa diversidade de critérios de várias áreas para a construção dos seus *Qualis* periódicos específicos e com o intuito de também minimizar a disparidade de conceitos entre essas áreas, desde o triênio anterior (2007-2009) foi aplicado um procedimento que considera, de forma simultânea, os critérios usados pela Psicologia e a avaliação que o mesmo periódico recebeu em outras áreas. Tal procedimento é descrito a seguir: o primeiro aspecto afirma que a área de Psicologia

trabalha com os periódicos relatados pelos programas em quatro grandes grupos: nacionais ou estrangeiros (levando em conta a origem geográfica/país de edição) e de *Psicologia* ou de *áreas afins* (considerando o nome do periódico e o quanto ele contempla fenômenos classicamente definidos como objeto da Psicologia; o peso de artigos provenientes da Psicologia publicados no periódico e, adicionalmente, a própria definição da vocação ou missão do periódico conforme enunciado na sua linha editorial, o que leva, muitas vezes, a definir a sua área de conhecimento prioritária.

No segundo passo, a revista é inicialmente avaliada com base nos critérios da Psicologia (ver Tabela 1). Em seguida, o resultado é comparado com a classificação gerada pela área ou áreas mais específica(s) de conhecimento do periódico, que são consideradas áreas afins. Quando a classificação coincide, a mesma é mantida.

Em contrapartida, quando a classificação das duas áreas não coincide, os seguintes critérios são considerados: a) se o conceito do periódico na(s) área(s) afins à Psicologia está um estrato abaixo, ou um estrato acima da classificação da Psicologia, é adotada a classificação da(s) área(s) afim(ns); b) se o conceito da área do periódico está dois ou mais estratos abaixo da classificação da área de Psicologia, classifica-se o periódico no estrato imediatamente acima do estrato dessa área; c) se o conceito da área do periódico está dois ou mais estratos acima da classificação da área de Psicologia, classifica-se o periódico no estrato imediatamente acima do estrato em que se situa da Psicologia. Por fim, periódicos de áreas afins classificados nas suas áreas como A1, só são mantidos com essa classificação se atenderem os critérios qualitativos previstos no sistema de avaliação.

A avaliação *Qualis* no triênio 2010-2012 abordou um conjunto de análises de diferentes indicadores de impacto dos periódicos, em busca de evidências complementares de qualidade. Os principais utilizados foram: a) JCR_ISI e H_ISI (*Journal Citation Reports* da Thompson e Reuters); b) SJR_SCOPUS (*SCImago Journal Rank indicator*); e c) H_PorP (índice H do Google Acadêmico). Mesmo que esses indicadores de impacto cobrissem apenas parte dos periódicos que foram classificados, a análise das relações entre os escores médios dos periódicos em cada estrato do *Qualis* da área e esses indicadores seria uma medida de validade dos critérios utilizados.

Consoante a CAPES (2013a), foi constatada uma forte correlação positiva entre os diferentes níveis de classificação dos periódicos e os quatro indicadores de impacto. Dessa forma, a área poderia classificar como A1 apenas os periódicos com presença no ISI e no PsycInfo, publicados por associação científica que possui reconhecimento internacional, e que são referência internacional para a área da Psicologia.

6.2.3.2 A estratificação de livros

No que diz respeito à classificação de livros, foram observadas características relacionadas às seguintes questões: aspectos Formais (Tipo de autoria, Editoria, Outros), Características da Obra (Tipo da Obra, Natureza do texto, Origem do texto, Público – Alvo) e Indicadores de Qualidade Diferencial da Obra (Premiações, Financiamentos e Relação com programas multicêntricos de pesquisa).

A partir desse documento, apresentamos os requisitos básicos para se considerar uma produção como livro e, em seguida, discutimos os quesitos e indicadores de avaliação. Como requisitos para a classificação como livro, são necessários: ISBN (ou ISSN, para obras seriadas), a quantidade mínima de 50 páginas (segundo definição da Associação Brasileira de Normas Técnicas, ABNT); a publicação deve ocorrer por editora pública ou privada, associação científica e/ou cultural, instituição de pesquisa ou órgão oficial; deve apresentar ficha catalográfica ou conjunto similar de informações.

Em relação aos critérios, indicadores e pontuação para classificação de livros, o Conselho Técnico-Científico da Educação Superior (CTC-ES) delimitou um roteiro para a avaliação de livros e estabeleceu que a classificação seria feita em apenas quatro estratos (L4, L3, L2, L1). De acordo com esse roteiro, a comissão responsável por avaliar os livros propôs um conjunto de indicadores para diferenciar a qualidade do item produzido pelo Programa de Pós-Graduação. Estes indicadores estão organizados em três divisões, A, B e C (respectivamente Autoria e Editoria; Tipo de Obra e Natureza do Texto, e Indicadores de Qualidade Diferencial da Obra), subdivididos em vários itens. Foram definidos o percentual de contribuição de cada quesito e a pontuação de cada item de avaliação.

De acordo com a estrutura definida pelo CTC-ES, os livros foram classificados em quatro estratos, com um estrato adicional para obras não classificadas pelo fato de não atenderem os requisitos mínimos ou básicos para a avaliação. A ficha de avaliação gera uma pontuação que varia de 0 a 100. A partir da pontuação obtida, o livro é incluído em um dos cinco estratos, conforme faixas de pontos descritas na tabela abaixo.

Tabela 2: Estratos para Classificação de Livros

Estratos	Pontuação da obra
Estrato 4 - L4	≥85
Estrato 3 - L3	79– 84
Estrato 2 - L2	59 -80
Estrato 1 - L1	41 – 58
Estrato - LNC - Não classificado	0 – 40

Fonte: Capes (2013a, p. 46).

6.2.3.3 A classificação de produções técnicas

No que se refere aos produtos técnicos informados pelos programas de pós-graduação da área, observamos que eles são variados, sendo ratificados pela comissão da avaliação desde que atendam à definição de produto técnico. Entre eles, podemos citar: a) organização de eventos; b) editoria de revistas científicas; c) desenvolvimento de produtos; d) aplicativos e software específicos para a área da Psicologia; e) material didático ou instrucional; f) construção e manutenção de sites de difusão científica ou intervenção técnica; g) produção de mídias; h) curadoria ou organização de exposições; i) programas de rádio e TV; j) relatórios de pesquisa; k) outros (apenas alguma atividade inovadora).

6.2.4 Para a avaliação dos Programas de Pós-Graduação

Podemos compreender que os relatórios da CAPES (2013a) vêm apresentando os aspectos reguladores característicos da área de Psicologia. Com o objetivo de dar continuidade à discussão dessas referências que orientam a área, vejamos os requisitos relevantes à avaliação dos programas de pós-graduação. Nessa concepção, os critérios de avaliação são: 1) Proposta do Programa; 2) Corpo Docente; 3) Corpo Discente, Teses e Dissertações; 4) Produção Intelectual; e 5) Inserção Social.

O primeiro tópico, Proposta do Programa, questões como coerência, consistência, abrangência, atualização das áreas de concentração e linhas de pesquisa merecem destaque. O planejamento do programa também ganha enfoque, sendo avaliados seus propósitos na melhor formação de seus alunos, suas metas quanto à inserção social, entre outras características. Outro ponto importante é a necessidade de o programa apresentar infraestrutura para o ensino, pesquisa e, sendo necessário, extensão.

Na seção Corpo docente, são considerados os perfis desses profissionais, a formação diversificada, titulações, experiência e sua compatibilidade e adequação à Proposta do Programa. Além disso, são consideradas a distribuição das atividades de pesquisa e formação entre os docentes do programa. Maturidade e inserção e liderança do corpo docente também são avaliados.

O terceiro critério corresponde ao Corpo Discente, Teses e Dissertações. Nesse ponto, será observada a quantidade de teses e dissertações defendidas em relação ao número de docentes permanentes no programa, sendo avaliada também a distribuição entre orientações, dissertações e teses por docentes. Um dos critérios mais pertinentes desse tópico concerne à qualidade das Teses, Dissertações e da produção de discentes autores tanto da pós-graduação como da graduação.

A quarta seção diz respeito à Produção Intelectual, em que são analisadas as publicações qualificadas do programa por docentes permanentes; à distribuição de publicações qualificadas entre os membros do corpo docente permanente e avalia, ainda, a produção técnica do programa.

O quinto e último critério de avaliação está relacionado à Inserção Social do Programa, sendo averiguado o impacto regional, nacional ou internacional do Programa. Verifica-se, ainda, a integração e cooperação existente com outros programas ou centros de pesquisa e a transparência do programa em relação à sua atuação.

6.2.5 A área de Psicologia conforme avaliação trienal 2010 – 2012

É preciso mencionar que os documentos discutidos até esse momento pretendem trazer reflexões e ações para o desenvolvimento dos programas. Diante da apresentação dos critérios definidores e organizadores, nos deteremos ao contexto atual da área de Psicologia de acordo com a última Avaliação trienal 2010 – 2012, da Capes (2013b), que levou em consideração os pontos discutidos anteriormente. Acompanhem como os Programas foram avaliados conforme os pontos analisados.

Inicialmente, na seção Proposta do Programa, na área de Psicologia, os Programas da área foram solicitados a apresentar sua estrutura curricular em todos os Relatórios; no item infraestrutura, foram avaliadas especialmente as alternativas de acesso a periódicos por instituições que não possuem acesso ao Portal de Periódicos da CAPES; foram valorizadas iniciativas de auto avaliação e planejamento no Programa.

Quanto ao critério Corpo Docente, considerou-se que todos os docentes permanentes devem ser portadores do título de Doutor; não é aceitável que um programa mantenha como colaboradores docentes que não produzam; a área não julga recomendável que o programa venha a depender de docentes colaboradores para a realização de atividades regulares de formação (orientação, disciplinas e outras atividades obrigatórias); considerou-se importante a existência de algum equilíbrio ao longo de cada triênio de avaliação; que as disciplinas obrigatórias devem ser ministradas, preferencialmente, por docentes permanentes e que Iniciativas de renovação do corpo docente (incorporação de novos doutores) e intercâmbio (estágios de pós-doutoramento) foram avaliadas positivamente etc.

No tópico Corpo Docente, Teses e Dissertações, alguns programas acreditam que os trabalhos de conclusão devem ser publicados sem a coautoria do

orientador; na avaliação da proporção de trabalhos de conclusão publicados, a área considerou o problema do tempo de tramitação dos artigos nas revistas e julgou que as publicações relatadas em um ano raramente são de trabalhos concluídos no mesmo ano, o que impacta os indicadores de Programas com poucos anos de funcionamento; por fim, na apreciação da participação de membros externos em Bancas Examinadoras, a área considerou inadequada a repetição sistemática desses membros.

Na Produção Intelectual, a avaliação desse quesito tomou como referência o desempenho do corpo docente permanente, por considerar-se que estes são os responsáveis pela sustentação e manutenção das atividades regulares e da qualidade do Programa. A produção dos docentes colaboradores deveria ser semelhante ou melhor do que aquela dos docentes permanentes, pois sua participação no Programa deveria ocorrer para agregar qualidade. Um Programa que manteve docentes colaboradores com uma produção inferior àquela dos docentes permanentes deveria justificar a medida, visto que evitar o desligamento dos docentes colaboradores que não produzem como solicitados poderia prejudicar o Programa.

No que diz respeito ao último quesito, Inserção Social, foram valorizados projetos de extensão vinculados a projetos de pesquisa em andamento no Programa, que representassem transferência dos produtos das pesquisas aos setores sociais que deles podem fazer uso; também foram valorizadas iniciativas que visam à formação de redes de pesquisa e a participação nessas redes de docentes de Programas localizados em regiões onde a Pós-graduação encontra-se menos avançada na área para que assim possa se desenvolver; por fim, foi levado em conta o fato de que alguns Programas têm informado dificuldades relacionadas a *copyright* para divulgar na mídia virtual as Teses e Dissertações defendidas.

6.3 ORIENTAÇÕES DOS PERIÓDICOS DA ÁREA DE PSICOLOGIA

Nessa etapa da descrição da cultura disciplinar da área de Psicologia, trazemos como base de dados as orientações dos periódicos no que diz respeito à elaboração de seus trabalhos. As revistas investigadas nessa pesquisa são: Estudos e Pesquisas em Psicologia, Psicologia e Sociedade, Saúde e Sociedade, Saúde em

Debate, Psicologia: teoria e pesquisa, Fractal: revista de Psicologia, Temas em Psicologia, Psicologia em Pesquisa, Estudos de Psicologia e Psico-USF.

6.3.1 Estudos e Pesquisas em Psicologia

O periódico *Estudos e Pesquisas em Psicologia* – (ISSN 1808-4281), que aceita submissões tanto da área de Psicologia como de áreas afins, apresenta estratos que variam do B3 ao A2. No que diz respeito à área de Psicologia, essa revista está estratificada no *Qualis A2*, na versão *online*. A revista *Estudos e Pesquisas em Psicologia* é proveniente do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e tem como objetivo publicar textos inéditos do campo da Psicologia e áreas afins na forma artigos, comunicações breves de pesquisas (dissertações e teses), resenhas e resumos de teses.

Essa revista também publica, ocasionalmente, artigos traduzidos – desde que estejam acompanhados da autorização da fonte de publicação original -, resenhas de filmes, entrevistas com intelectuais conceituados e pertinentes para a área. Para o periódico *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, são aceitas reflexões de diversas áreas do saber que fazem parte das Ciências Humanas e Sociais e que possam contribuir de forma efetiva para o aprofundamento de questões relacionadas à área de investigação. É importante salientar que essa revista valoriza as relações interdisciplinares que possam dialogar com a Psicologia.

A partir do ano de 2004, a revista passa a ser encontrada no formato eletrônico. No ano seguinte, com novas mudanças editoriais, é implementada uma ideia que surgiu desde a criação do periódico: a publicação de dossiês temáticos. Segundo os editores da revista, um dossiê se aproxima da cultura livresca que, de forma histórica, as Ciências Humanas e Sociais construíram para a divulgação de conhecimentos de suas áreas. Nos anos de 2005 e 2006, épocas em que foram lançados os primeiros dossiês, eles faziam parte da publicação regular da revista intitulados como “seção temática”.

Em 2007, devido ao grande fluxo de artigos, a revista amplia a sua periodicidade, tornando-se quadrimestral. Os objetivos dessa decisão levaram em

consideração a ampliação do acesso, a maior divulgação da revista e socialização do conhecimento em Psicologia e áreas correlatas.

Depois de sete anos, em 2014, ainda com o grande fluxo de artigos recebidos e com o propósito de atender com agilidade e de forma efetiva as necessidades autorais e editoriais, os dossiês temáticos, que alcançaram uma qualidade reconhecida, passam a ser um número especial complementar. Para cada três edições com artigos de fluxo contínuo, caso haja um número temático, os dossiês serão o quarto número publicado anualmente pelo periódico.

A base de dados da Revista *Estudos e Pesquisas em Psicologia* é indexada em: PePSIC - Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia, PSI Periódicos, LILACS - *Literatura Latinoamericana en Ciencias de la Salud*, Latindex, CLASE - *Universidad Nacional Autónoma de México*, DOAJ e Psycodoc.

No que concerne à Política de Ética, os editores afirmam que eles trabalham de acordo com o Manual da *American Psychological Association* –APA (2010), um manual desenvolvido com critérios e orientações acerca da publicação científica nessa área. Eles dizem, ainda, que seguem as diretrizes do *Committee on Publication Ethics*⁴⁰, um código de conduta que procura incentivar a identificação de plágios, fraudes e até possíveis violações de ética.

Em relação às normas de publicação para o gênero artigo acadêmico, eles orientam que os artigos devem compreender temáticas relacionadas às áreas de interesse da Psicologia, que discutam investigações baseadas em análises teóricas, dados empíricos e revisão crítica de literatura relevante à área de estudos da Psicologia. O mínimo de laudas são 15 e o máximo são 25. É dito, ainda, que essas páginas devem incluir as referências e as folhas 1 e 2 devem estar conforme orientam as recomendações específicas da revista.

Antes de submeter um artigo, eles indicam que os autores sigam os seguintes critérios: os artigos que utilizem dados ou análise e interpretação de dados de publicações anteriores devem referenciá-las de forma explícita; os autores que forem utilizados como forma de revisão crítica devem ser citados; a pesquisa deve ser inédita e todos os pesquisadores envolvidos deverão aparecer na lista de autores; o

⁴⁰ http://publicationethics.org/files/Code%20of%20Conduct_2.pdf

autor deve informar a instituição a qual a pesquisa está vinculada ou que colaboraram para o desenvolvimento do trabalho; a carta de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição na qual a pesquisa foi realizada deve ser apresentada etc.

Os textos submetidos são avaliados conforme as normas e critérios de publicação do periódico *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, considerando as exigências da Comissão Editorial e da Secretaria de Publicação da REVISPSI. Os editores do periódico reiteram que os trabalhos devem ser originais e inéditos e devem apresentar todos os nomes dos autores envolvidos no processo de produção do artigo. O trabalho também não pode estar, simultaneamente, sendo avaliado para publicação por outra revista.

No que se refere às normas para as seções da revista, os editores enfatizam que os artigos devem trazer investigações baseadas em análises teóricas, dados empíricos e revisão crítica da literatura relacionada à área de estudo da Psicologia e de áreas afins, e devem possuir, no mínimo, 15 páginas. Sobre a seção de resumos, os parágrafos devem apresentar, no máximo, 200 palavras. As outras recomendações para a confecção do artigo científico estão de acordo com o que redige o manual da APA (2010).

6.3.2 Psicologia e Sociedade

A revista *Psicologia & Sociedade* – ISSN (1807-0310) apresenta estratificação que varia do B3 ao A2. A área de Psicologia tem classificação A2 (versão impressa). Esse periódico está vinculado à Associação Brasileira de Psicologia Social, que por sua vez está ligada à Universidade Federal de Minas Gerais.

O periódico *Psicologia & Sociedade* tem como objetivo publicar artigos originais e inéditos, que enfoquem pesquisas e discussões relacionando a psicologia e a sociedade, considerando o desenvolvimento da Psicologia Social numa visão crítica, interdisciplinar e passível de transformação. Entre os gêneros publicados pela revista, podemos apontar: ensaios teóricos, entrevistas, relatos de pesquisa, resenhas e traduções. Em casos de inovação acadêmica e/ou científica, a revista também aceita relatos de experiência profissional e notas técnicas.

Como indexadores da base de dados, podemos apontar: *Clase*; Index-PSI; Latindex - *Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal*; Lilacs; PsycInfo, Scielo - *Scientific Electronic Library OnLine*, Scopus, *Sociological Abstracts* e CSA. A revista *Psicologia & Sociedade* tem publicação quadrimestral e permite acesso público ao seu conteúdo, visto que seus editores acreditam que o acesso a pesquisas pode resultar em um intercâmbio global de conhecimento, o qual é possibilitado pelo crescimento da leitura e a citação de trabalhos de autores. É importante salientar que os editores ressaltam que o manuscrito submetido à revista não pode ter sido publicado ou ter sido submetido simultaneamente em outro local. Quanto às diretrizes gerais, o periódico *Psicologia & Sociedade* adota, com algumas adaptações, as normas de publicação do *Publication Manual of the American Psychological Association* – APA (2010).

Em relação aos artigos científicos, a revista divide-os em relato de pesquisa, estudos teóricos e revisões críticas de literatura. A quantidade de páginas pode variar de, no mínimo, 15 e, no máximo, 25. No que concerne às características desses artigos, os editores frisam que os relatos devem ser de alta qualidade e de pesquisas originais, que sejam baseadas em investigações sistemáticas e completas. As pesquisas devem apresentar, também, análise de conceitos, o que poderá ocasionar o questionamento de modelos existentes à elaboração hipóteses para pesquisas posteriores. Além disso, artigos teóricos ou de revisão com análise crítica que sejam relacionados ao campo de interesse para o desenvolvimento da *Psicologia Social*.

6.3.3 Saúde e Sociedade

A revista *Saúde e Sociedade* - ISSN (0104-1290) apresenta vários estratos, percorrendo do B5 ao A1. A *Psicologia*, especificamente, está classificada no estrato B1, tanto na versão impressa como na *online*. A revista *Saúde e Sociedade*, publicada trimestralmente, é vinculada à Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP) - com parceria da Associação Paulista de Saúde Pública -, e possui natureza interdisciplinar, portanto é destinada à comunidade de profissionais das áreas da saúde, docentes, pesquisadores, especialistas da área de Saúde Pública e Coletiva e de áreas afins.

Apresentando características interdisciplinares, a revista em questão tem publicado, desde a sua origem, trabalhos de diversas áreas do saber que estejam relacionadas ou tenham como objeto de preocupação a saúde pública/coletiva, visando o desenvolvimento interdisciplinar do campo de saúde pública. Entre as áreas que podem estar associadas ao campo da saúde e que possam contribuir para o desenvolvimento de estudos na área de Psicologia, podemos salientar diferentes ramos das ciências humanas e sociais e da ciência ambiental, que se encontra em ascensão. Como objetivos, a revista relata que procura, por meio desses diferentes campos, possibilitar a produção científica/teórica e, de forma específica, realizar propostas de intervenção e práticas institucionais.

Em relação à indexação, a revista apresenta como fontes: Scielo; *Thomsom Reuters: Social Sciences Citation Index, Social*; *Scisearch Journal Citation Reports/Social Sciences Edition*; *CSA Social Services Abstracts*; *CSA Sociological Services Abstracts*; LILACS; *Ulrich's International Periodical Directory*; EBSCO *Publishing*; Latindex; *Library of Congress Cataloging*; Scopus e Portal de Revistas da USP.

No que se refere à política editorial, os editores afirmam que procuram difundir uma produção científica de caráter crítico-reflexivo que discuta sobre a área da saúde pública/coletiva de forma que seja possível socializar novas formas de abordar o objeto. Além disso, a revista também pretende divulgar a produção técnica de diversos órgãos, como secretarias estaduais e municipais de saúde, as quais divulgam resultados de trabalhos, com contribuições relevantes e que não podem ficar restritos a relatórios de circulação interna. Desde que isso aconteça, será possível ocorrer um maior avanço no debate e nas trocas de ideias de temas que são tidos como mais desafiantes, que se encontram na natureza multidisciplinar da área. São valorizados pela revista *Saúde e Sociedade* artigos que relacionem a temática da saúde com as ciências sociais e humanas. A revista *Saúde e Sociedade* permite acesso livre ao seu conteúdo, tanto para leitura como para *download*, favorecendo a divulgação do conhecimento.

No que concerne aos tipos de artigos, a revista em questão aceita: a) artigos de pesquisas originais; b) análise de grandes temas de interesse do campo; c) ensaios de natureza teórica, metodológica ou técnica, que promovam polêmica ou o

tratamento de temas específicos sob diferentes perspectivas; d) dossiês; e) relatos de experiências nas áreas de pesquisa, do ensino e da prestação de serviços de saúde; f) cartas que sejam direcionadas à redação as quais apresentem comentários sobre ideias já discutidas em matérias anteriormente publicadas pela revista, com o objetivo de incentivar uma reflexão crítica sobre temas da área.

Dando continuidade à descrição de outros textos que também são aceitos pela revista, podemos citar: g) comentários curtos, notícias ou críticas de livros publicados e de interesse para a área, desde que sejam definidos pelo Conselho Editorial; h) entrevistas ou depoimentos de especialistas/personalidades da área, com o propósito de reconstruir a história da saúde pública/coletiva ou atualizar temas de interesse delimitados pelo Conselho Editorial; i) matérias relacionadas aos anais dos congressos paulistas de saúde pública promovidos pela Associação Paulista de Saúde Pública (APSP) e de outros eventos científicos relevantes para os membros editoriais da revista.

O periódico também publica tanto contribuições espontâneas que estejam associadas à política editorial da revista como matérias encomendadas a especialistas. Os membros do corpo editorial reforçam que os artigos devem ser inéditos e que os textos não podem ter sido publicados anteriormente ou direcionado simultaneamente a outra revista. Outra informação pertinente é que, caso os autores de um determinado artigo pretendam publicar, mesmo que parcialmente, um mesmo trabalho, eles precisarão de uma aprovação por escrito por parte dos editores, e nesse trabalho deverá constar a informação de que o mesmo foi publicado anteriormente na revista *Saúde e Sociedade*, apresentando o volume, número e ano de publicação. Eles afirmam, ainda, que, em caso de plágio, ocorrerá a exclusão imediata do sistema de avaliação.

Na seção que explana sobre a autoria, é discutido que os autores devem ter participado na produção dos artigos de modo que possam assumir a responsabilidade por seu conteúdo. Entre as formas por meio das quais os autores podem participar da elaboração dos artigos, eles designam: o autor pode conceituar, delinear, analisar e interpretar os dados; redigir o artigo ou revisá-lo de forma crítica e aprovar a versão final a ser publicada. Eles solicitam que, no final do texto, sejam mencionadas as contribuições individuais de cada autor na produção do artigo.

Quanto à elaboração do manuscrito, além de diversas orientações relacionadas à formatação, eles realizam recomendações pontuais em relação aos títulos e resumos, ou seja, há poucas orientações para a produção das seções retóricas. Os títulos devem, segundo eles, ser concisos e informativos, apresentados na língua original e na língua inglesa. Sobre os resumos, eles são categóricos: devem refletir os aspectos fundamentais do trabalho, com, no mínimo, 150 palavras e no máximo 250, apontando objetivos, metodologia e resultados. O texto deve estar na língua materna e na inglesa (*abstract*).

6.3.4 Saúde em Debate

De acordo com o Periódico Qualis⁴¹ da CAPES, a revista *Saúde em Debate* – ISSN (0103-1104) tem estratos que vão do *Qualis* C ao B1. Salientamos que a classificação da revista para a área de Psicologia é B1 (versão impressa). Esse periódico, que é uma publicação do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde, é publicado a cada trimestre. No entanto, a critério dos editores, podem ser publicados números especiais, os quais passam pelo mesmo processo de submissão e avaliação dos números regulares.

O periódico *Saúde em Debate* tem como propósito publicar estudos, pesquisas e reflexões que possam contribuir para a discussão acerca do campo da saúde coletiva, principalmente aquelas que possam discorrer sobre temas relacionados ao planejamento, à política e à gestão e a avaliação em saúde. A preferência dessa revista é por estudos que apresentem diversas abordagens teórico-metodológicas e que possam contar com diferentes ramos das ciências.

Essa revista tem publicação tanto impressa como *online* e suas bases de dados estão indexadas em: Literatura Latino-america e do Caribe em Ciências da Saúde – LILACS; História da Saúde Pública na América Latina e Caribe – HISA; *Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal* – LATINDEX; *Scientific Electronic Library* – SciELO e Sumários de Revistas Brasileiras – SUMÁRIOS.

⁴¹<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsulta.GeralPeriodicos.jsf>

É importante salientar que esse periódico está disponível na modalidade on-line, e que o acesso é livre e gratuito. Dessa forma, qualquer pessoa poderá ler, baixar e divulgar os textos, desde que seja com fins acadêmicos e educacionais. É possível, também, utilizar ou reproduzir de forma parcial ou total os trabalhos publicados nessa revista, mas, para isso, é preciso referenciar a fonte e a autoria.

A revista *Saúde em Debate* recebe submissões de trabalhos inéditos, que podem estar escritos em português, espanhol e inglês. Quanto aos gêneros aceitos, podemos mencionar: a) artigos originais; b) artigos de opinião; c) ensaios; d) artigos de revisão ou de atualização; e) relatos de casos e resenhas de livros de interesse acadêmico, político e social. A recomendação do corpo editor é que sejam submetidos apenas trabalhos originais e inéditos que ofereçam contribuições para o conhecimento científico acumulado na área. Eles relatam que os trabalhos enviados ao periódico devem ser de exclusiva responsabilidade dos autores e não podem ter sido enviados simultaneamente a diferentes revistas, em sua totalidade ou de forma parcial.

Em relação ao gênero artigo, que o periódico intitula “artigo original”, o mesmo deve trazer o resultado de uma pesquisa científica que possa ser abordado de forma geral ou replicado. Esse texto deve apresentar de 10 a 15 laudas e pode ser escrito em língua portuguesa, espanhola ou inglesa

Quanto às orientações gerais para a elaboração do manuscrito, a referida revista traz breves orientações sobre a descrição das unidades retóricas do artigo. Em relação ao título, ele deve expressar de forma clara e sucinta o conteúdo do texto, com no máximo 15 palavras. O título em português e espanhol deve apresentar título na língua original e em inglês, já o texto escrito em inglês deve ter título na mesma língua e em português. No que se refere ao resumo, ele deve ser apresentado em português e inglês ou em espanhol e inglês com, no máximo, 700 caracteres. As orientações que seguem definem que os objetivos devem ser estabelecidos claramente os objetivos, o método utilizado e as principais conclusões da pesquisa. No fim do resumo, devem ser incluídas de três a cinco palavras-chave, separadas por ponto e vírgula e apenas a inicial deve vir com a primeira letra maiúscula.

6.3.5 Psicologia: teoria e pesquisa

A revista *Psicologia: teoria e pesquisa* - ISSN (0102-3772) na versão impressa e ISSN – (1806-3446) na versão *online* apresenta classificação A1 para a área de Psicologia em sua versão online e impressa. Para as outras áreas, os estratos variam de B3 ao A1. A referida revista, que tem periodicidade trimestral, é publicada pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB). A base de dados da revista investigada é indexada em: CLASE; *Francis* (INIST); GALE; Index Psi; *IRESE*; Latindex; LILACS; Pascal (INIST); Psyc INFO; SCOPUS; Ulrich's e EBSCO.

O objetivo principal da revista *Psicologia: teoria e pesquisa* é divulgar trabalhos originais que sejam vinculados à Psicologia e que se enquadrem nas categorias a seguir: a) relato de pesquisa; b) estudo teórico; c) relato de experiência profissional; d) revisão crítica de literatura; e) comunicação breve; f) carta ao editor; g) nota técnica e h) resenha. Os editores justificam que notícias também podem ser publicadas, desde que a critério do Editor. Eles dão enfoque que os artigos submetidos são de responsabilidade exclusiva dos autores e que o que for redigido no texto não expressam necessariamente as posições do Conselho Editorial.

A revista segue as normas de publicação da Sexta Edição do Manual de Publicação da *American Psychological Association* – APA (2010). O periódico em foco descreve, ainda, como devem ser estruturadas cada uma das categorias de trabalhos aceitos de acordo com as recomendações da APA (2010): 1) estudos empíricos: são os relatos de pesquisa original com fontes de dados primários ou secundários. Quanto à estrutura, consiste em diferentes seções que mostram os estágios do processo de investigação, que são, por ordem de aparição: Introdução (parte em que ocorre o desenvolvimento do problema aliado à revisão de literatura empírica relacionada ao problema e apresentação dos objetivos de investigação; Método (espaço destinado à descrição dos participantes/sujeitos, instrumentos, materiais e procedimentos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa); Resultados (relato dos achados e das análises) e Discussão (sumário, interpretação e implicações dos resultados). Todas essas seções devem possuir, juntamente, até 30 páginas, com a inclusão de resumo/*abstract*, figuras, tabelas e referências. A seção de resumo e abstract deve ter, cada uma, no máximo 120 palavras.

No que concerne ao outro tipo de manuscrito, podemos falar também da Revisão da Literatura, que trata de sínteses de pesquisas que discutem, de forma crítica, um material já publicado. O objetivo desse tipo de texto é contribuir para que os autores avaliem um material anteriormente publicado, levando em conta o progresso da pesquisa. É desejado que os autores definam claramente um problema; apontem pesquisas prévias para situar o leitor sobre o estado da pesquisa; identifiquem relações, contradições, lacunas e/ou inconsistências na literatura investigada e venham a sugerir próximos passos para se investigar a resolução de problemas já identificados. Quanto à estrutura das seções, não há uma pré-definida. No entanto, é esperado que os autores busquem um formato coerente para o texto. A quantidade de páginas e as outras características expostas na seção anterior são as mesmas para esse tipo de artigo.

Os artigos teóricos também são aceitos pela revista *Psicologia: teoria e pesquisa*. São trabalhos baseados na literatura empírica que podem promover avanços teóricos. Os autores, nesse caso, devem desenvolver uma teoria ou aperfeiçoar teorias, apresentar uma nova ou analisar uma teoria já existente, demonstrando as fraquezas ou vantagens que uma teoria pode ter sobre a outra. As seções são variáveis para que haja consistência textual. É preciso, ainda, que esteja explícito um elemento propositivo no texto. No que diz respeito à quantidade de páginas, também há limite para 30, já incluídos resumo, abstract, figuras, tabelas e referências. O máximo de palavras do resumo e do *abstract* é de 120 para cada seção.

Por fim, ainda descrevendo sobre os tipos artigos que podem ser submetidos ao periódico *Psicologia: teoria e pesquisa*, para essa modalidade é necessário apresentar novas abordagens metodológicas ou modificar métodos existentes ou discussões sobre abordagens analíticas de dados para a comunidade científica. A utilização de dados empíricos nessa contribuição teórica serve apenas para ilustrar a análise de dados. Ao contrário dos tipos de artigos descritos anteriormente, esse tipo é limitado a 21 páginas, já inclusos o resumo, *abstract*, figuras, tabelas e referências. Em relação ao resumo e o abstract, ambos seguem as aplicações previamente mencionadas.

É relevante enfatizar que as seções retóricas dessa revista são descritas pelo manual da APA (2010), além das características previamente discutidas. Uma outra informação relevante descrita pela revista é que, se os autores de um

determinado trabalho quiserem reproduzir totalmente a pesquisa já publicada por esse periódico, eles estarão sujeitos à autorização do editor da revista em questão. Caso existam pessoas com interesse em produzir de forma parcial os artigos desta Revista – com a seguinte delimitação: partes do texto que excederem 500 palavras, tabelas, figuras e outras ilustrações - deverão ter em posse a permissão escrita do(s) autor(es).

6.3.6 Fractal: Revista de Psicologia

A revista *Fractal: Revista de Psicologia* - ISSN (1984-0292) apresenta estratos que variam do B3 ao A2. O estrato do periódico para a área de Psicologia é B1 (versão online). O periódico em análise é associado ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade Federal Fluminense. A revista, que anteriormente era intitulada Revista do Departamento de Psicologia – UFF, possui periodicidade quadrimestral e tem como objetivo divulgar e discutir a produção acadêmico-científica na área da Psicologia, reconhecendo a necessidade da coexistência entre os diferentes rumos de pesquisa no campo em questão. A revista afirma, ainda, que procura fomentar o diálogo com as diversas áreas do conhecimento, lançando mão de temas que se relacionem com os estudos da subjetividade.

A base de dados da revista *Fractal: Revista de Psicologia* é indexada em: Clase; Lilacs (BIREME); Index Psi; Google Scholar; Latindex e Open Archives Harvester2. No que diz respeito às recomendações para a produção dos trabalhos aceitos pela revista, é afirmado que a mesma segue a normalização da ABNT para a apresentação de artigos em publicações periódicas científicas impressas. O corpo editorial do periódico relata que aceita submissões inéditas de autores nacionais e nas seguintes línguas: português, espanhol, francês e inglês.

A revista em questão aceita os seguintes tipos de trabalho: a) relatos de pesquisa; b) estudo teórico; c) relatos de experiência profissional; d) depoimentos; e) debates; f) notas de pesquisa; g) resenhas e h) eventos. Dentre todas as modalidades apontadas, os que se aproximam do artigo científico são os relatos de pesquisa e o estudo teórico. Os relatos de pesquisa são descritos pela revista como relatos de

investigações embasadas em dados empíricos e que utilizam metodologia científica. Quanto ao limite do texto, o mesmo estabelecido é de 20 laudas. Em relação ao estudo teórico, há orientação para serem elaborados análises de conceitos teóricos que venham questionar modelos já existentes e levantem questões e hipóteses para pesquisas posteriores. Esse artigo também deve conter, no máximo, 20 laudas.

No que diz respeito às orientações gerais para a produção dos trabalhos, o texto deve ser escrito de forma contínua, sem parágrafos ou tabulações, subtítulos, referências, ilustrações e tabelas. Caso exista órgão de financiamento, ele deve ser mencionado. Quanto às descrições retóricas, os resumos, que devem vir na língua original e em inglês, tem como propósito demonstrar de forma clara os objetivos do trabalho, sem a indicação de referências e com a inclusão dos aspectos mais pertinentes da literatura na área. Essa seção deve conter, no máximo, 150 palavras para trabalhos como os relatos de pesquisa e 100 palavras para a categoria de estudo teórico.

Os resumos de relatos de pesquisa devem trazer a descrição do problema analisado, definição e caracterização da amostra, a metodologia utilizada para a coleta de dados, resultados, conclusões e possíveis aplicações. Enquanto isso, os resumos elaborados para as categorias de revisão crítica de literatura ou de estudo teórico precisam incluir os seguintes aspectos: o tema investigado, objetivos, o construto sob análise ou organizador do estudo, quais foram as fontes utilizadas e as conclusões do trabalho. Uma sugestão dos editores é que os autores elaborem pelo menos uma frase para cada tópico necessário.

Na seção da Metodologia, devem ser descritos os sujeitos, equipamentos, técnicas e estratégias que foram utilizadas. No momento da apresentação dos resultados, deve ser apontado, de forma clara, as medidas e os resultados. Por fim, a seção da conclusão, que deve estar embasada nos dados anteriormente discutidos, deve finalizar o trabalho trazendo as referências aos objetivos e/ou hipóteses já descritas.

6.3.7 Temas em Psicologia

A revista *Temas em Psicologia* – ISSN (1413-389X) apresenta estratificação para diversas áreas de avaliação, que variam de C a A2. No caso do campo da Psicologia, a revista apresenta estrato A2. A revista, que pertence à Sociedade Brasileira de Psicologia, possui periodicidade trimestral e apresenta como objetivo publicar trabalhos originais nesse campo que contribuam para o avanço do conhecimento em todas as áreas da Psicologia. O periódico *Temas em Psicologia* recebe artigos em português, inglês ou espanhol. Entre os trabalhos recebidos, podemos citar: a) estudos empíricos; b) históricos, teóricos e conceituais; c) relatos de experiência profissional; d) revisões críticas da literatura; e) notas técnicas e f) cartas aos editores.

Em relação à descrição das colaborações aceitas, os editores caracterizam os diferentes tipos: o relato de pesquisa empírica tem como objetivo expor investigações experimentais originais e que estejam embasadas em metodologias de pesquisa científica; o estudo histórico, teórico, conceitual realiza uma discussão original sobre temas, conceitos e modelos já existentes como promove problemas teóricos para futuras pesquisas. É imprescindível afirmar que esses estudos devem tratar de assuntos que contribuam para o avanço/desenvolvimento da Psicologia. A preferência da revista é por estudos teóricos que apresentem um método delimitado para seleção dos manuscritos explorados, como a revisão sistemática de literatura. Outro tipo de colaboração que pode ser publicada pelo periódico em questão é o relato de experiência/estudos de caso, que pode ser caracterizado como um artigo original que aborde sobre descrição de procedimentos e estratégias de intervenção, apontando evidência metodológica de avaliação de eficácia.

No que concerne às orientações para a submissão dos trabalhos, os autores devem seguir, em sua produção, o Manual de Publicação da *American Psychological Association* - APA (2010). No caso dos artigos empíricos, seja em abordagem quantitativa ou qualitativa, eles devem trazer os seguintes subtópicos na seção de Método/Metodologia: Participantes, Instrumentos, Procedimentos de coleta de dados, Procedimentos de análise de dados, Procedimentos éticos.

A seção de Resultados e Discussão deve apresentar tópicos separados em artigos quantitativos, mas quando o artigo for qualitativo eles poderão estar juntos. Eles reiteram que o texto como um todo estar escrito em português, inglês ou espanhol e o resumo deve seguir a mesma lógica. O trabalho submetido à revista *Temas em Psicologia* não pode ter sido publicado em outro local e também não pode estar em análise para possível publicação em qualquer outro meio. Há necessidade, ainda, de estar explícita uma declaração que os autores afirmem ter cumprido os procedimentos éticos.

Caso o trabalho encaminhando para o periódico não esteja de acordo com as normas no Manual de Publicação da APA (2010), o qual apresenta, além de orientações quanto à inscrição, descrições das unidades retóricas, eles serão automaticamente rejeitados. Os artigos experimentais que trabalharem com a abordagem quantitativa devem respeitar a conjectura dos testes utilizados. Esses pressupostos devem ser testados e seus resultados devem ser apresentados no próprio artigo. Outra informação necessária é a necessidade de apresentação de algum parecer favorável de algum Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) se, em alguma etapa do trabalho, seres humanos tenham passado por algum procedimento de coleta de dados.

Ainda sobre as orientações para as unidades retóricas, é informado na seção da revista “III. Apresentação dos manuscritos”, quanto aos resumos, eles devem possuir de 150 a 200 palavras e deve ser seguido de três a cinco palavras-chave. Essas devem ser escolhidas de forma que facilmente identifique as características principais do trabalho. No que diz respeito ao texto propriamente dito, ele deve possuir uma organização de fácil reconhecimento, separada por títulos e, se preciso for, subtítulos. Eles também informam que os locais sugeridos para que figuras e tabelas sejam inseridas devem estar claramente apontados no texto.

Em relação à indexação, a revista apresenta como base de dados: Index Psi Periódicos (BVS-Psi)⁴²; Latindex⁴³; Periódicos Eletrônicos em Psicologia

⁴² www.bvs-psi.org.br

⁴³ www.latindex.unam.mx

(PePSIC)⁴⁴; Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS)⁴⁵; PSICODOC⁴⁶; CLASE⁴⁷ e SCOPUS / Elsevier⁴⁸.

6.3.8 Psicologia em Pesquisa

A revista *Psicologia em Pesquisa* - ISSN (1982-1247), que é vinculada à Universidade Federal de Juiz de Fora, apresenta estratificação de B4 a B1. Para a área investigada, a classificação é B1, em sua versão online. A revista em questão realiza publicações semestralmente, de junho a dezembro, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora. Em relação aos indexadores da revista, podemos apontar: LILACS, Latindex, PSI Periódicos e PePSIC.

O público-alvo desse periódico, segundo à própria revista, é composto por docentes e profissionais de Psicologia e de outras áreas afins. Seu objetivo principal é promover a produção e a divulgação do conhecimento científico na área de Psicologia e em campos correlatos. A prioridade de publicação da revista *Psicologia em Pesquisa* é para artigos originais que discutam resultados de pesquisas empíricas ou teóricas. Entre outras colaborações científicas, o periódico também aceita: revisão de literatura, ensaio teórico, resenha, entrevista e relatos de experiência. É válido mencionar que essas contribuições devem ser pertinentes para a Psicologia e áreas afins. Os textos devem estar escritos em português, inglês ou espanhol.

Enquanto à caracterização das colaborações científicas aceitas e que vão ao encontro da nossa pesquisa, são solicitados textos originais que sejam da área de Psicologia ou de áreas correlatas. Os artigos dividem-se em Revisão de Literatura e Ensaio Teórico: ambos buscam analisar criticamente a literatura científica acerca de um determinado problema e estão direcionados à análise de aspectos teóricos que

⁴⁴ pepsic.bvsalud.org

⁴⁵ lilacs.bvsalud.org

⁴⁶ www.psicodoc.org

⁴⁷ <http://clase.unam.mx>

⁴⁸ <http://www.elsevier.com/online-tools/scopus>

sejam passíveis de questionamentos de modelos existentes e/ou hipóteses para pesquisas futuras. Cada um deles podem apresentar, no máximo, 25 laudas, já inclusos o resumo, *abstract*, figuras e referências. O relato de pesquisa deve discutir uma investigação empírica e deve possuir 25 laudas no máximo, já incluindo os aspectos textuais anteriormente apontados.

Em relação aos aspectos editoriais, para a seleção dos artigos que serão publicados, é esperado que os textos sejam inéditos e originais, relevantes ao tema e devem apresentar qualidade metodológica e também precisam estar adequados às normas editoriais estipuladas pela revista em questão. Todos os autores dos artigos devem estar de acordo ao encaminhá-los para publicação. As orientações retóricas são praticamente inexistentes na descrição dessa revista.

6.3.9 Estudos de Psicologia

A revista *Estudos de Psicologia* – ISSN (0103-166X) apresenta estratos que variam do C ao A1. A classificação desse periódico para a área de Psicologia é A1, na versão impressa. A revista em questão, que realiza publicações trimestralmente, tem vínculo com o programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

O periódico analisado procura fomentar e divulgar o conhecimento técnico-científico na área de Psicologia, como também discutir acerca das práticas nos campos profissionais e da pesquisa, o que pode ocorrer por meio da publicação de artigos originais que possam contribuir efetivamente para o desenvolvimento da área de Psicologia. Além de artigos, a revista também publica trabalhos teóricos, revisões críticas e comunicações pertinentes ao campo da Psicologia como ciência e profissão.

A revista *Estudos de Psicologia* é indexada em bases de dados nacionais e internacionais, como podemos ver a seguir: Clase, Doaj, Index Psi, Latindex, LILACS, PsycINFO, Psycodoc, Scopus e SciELO. Quanto às áreas em que a revista aceita submissões, elas são delimitadas: Avaliação Psicológica, Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia Educacional, Psicologia da Saúde, Psicologia Social e Organizacional e Teoria e Métodos em Psicologia. No que se refere às colaborações científicas que a revista aceita, podemos mencionar: a) relato de pesquisa; b) artigo

teórico; c) artigo de Revisão Sistemática da literatura; d) estudo de caso e e) seção temática (apenas quando solicitada pelos editores).

Mais especificamente no que concerne ao gênero artigo, nos direcionamos à descrição do relato de pesquisa, artigo teórico e o artigo de Revisão Sistemática da literatura. O primeiro diz respeito a artigos originais que sejam provenientes de dados experimentais. Entre as unidades retóricas presentes nele estão: introdução, método, resultados e discussão. O artigo teórico deve trazer uma revisão crítica da literatura sobre temas considerados relevantes para a área de Psicologia, podendo questionar modelos existentes e sugerir hipóteses para futuras pesquisas. Na terceira modalidade de artigo aceita pela revista *Estudos de Psicologia* é o artigo de Revisão Sistemática da literatura, o qual pode sintetizar resultados de estudos originais, sejam quantitativos ou qualitativos, e que responda uma pergunta específica e pertinente para a área. Sobre as orientações para a produção dos manuscritos, a revista *Estudos de Psicologia* segue as normas do Manual de Publicação da *American Psychological Association* – APA (2010) com algumas adaptações de estilo próprio. Os textos devem ser escritos em português, inglês ou francês e deverão incluir título e resumo em inglês.

Utilizando as recomendações da APA (2010) e regras próprias, a revista *Pesquisas em Psicologia* solicita que o título completo deve vir em português e deverá, ainda, ser conciso e evitar palavras dispensáveis e/ou redundantes, apontando exemplos desses casos. Também deve ser apresentado o título compatível em inglês. O resumo deverá conter de 100 a 150 palavras, sem o uso de siglas ou citações, mas com a inclusão de breve referência ao problema analisado, características da amostra, metodologia utilizada para a coleta de dados, resultados e conclusões. As palavras-chave deverão ser obtidas na Terminologia em Ciências da Saúde (DeCS)⁴⁹ ou na Terminologia em Psicologia⁵⁰ e precisam descrever de forma exata o conteúdo do trabalho em questão. O *abstract* e as *keywords* devem seguir as mesmas normas do resumo em português.

Em relação à organização e composição do trabalho, o texto deve ser organizado de forma clara e com títulos e subtítulos que facilitem a leitura. Se o artigo

⁴⁹ <http://decs.br>

⁵⁰ <http://goo.gl/v5syxZ>

foi quantitativo, o texto deverá apresentar, obrigatoriamente, as seguintes seções: Introdução, Método, Resultados, Discussão. Quanto à composição da Introdução, ela deve trazer o desenvolvimento do problema que estará sob análise, com a inclusão de antecedentes históricos e definição dos objetivos da pesquisa. A unidade retórica Método deve descrever os procedimentos utilizados durante a investigação, trazendo, também, informações relevantes sobre os participantes, instrumentos e procedimentos utilizados. No fim desta seção, é necessário demonstrar que o trabalho atende os procedimentos éticos e fornecer o número do processo aprovado.

A seção dos Resultados deve expor um relato dos resultados alcançados e análises mais relevantes, as quais possam responder aos objetivos do trabalho. Por fim, na unidade retórica Discussão, devem estar presentes o resumo, interpretação e a implicação dos resultados. Essa seção deve relacionar os achados à outras análises já encontradas na literatura. As limitações do estudo e sugestões para outros trabalhos também devem constar nesse espaço. Além disso, pode ser incluída, nessa seção, a conclusão da pesquisa e considerações finais. Enquanto isso, se o artigo for do tipo qualitativo, as seções podem variar conforme as determinações do seu conteúdo.

6.3.10 Psico-USF

O periódico *Psico-USF* - ISSN (1413-8271) apresenta estratificações de B1 ao A2. Para a área de Psicologia, na versão impressa, a classificação é A2. A *Psico-USF*, que tem publicação quadrimestral, está vinculada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco. A revista em questão procura discutir e divulgar sobre a produção científica no campo de Psicologia, servindo como um veículo de disseminação do conhecimento a pesquisadores, profissionais e interessados pela área. Também são aceitos para publicação trabalhos que pertençam a áreas correlatas da Psicologia, como artigos experimentais ou empíricos, teóricos, etnográficos, históricos, dentre outros. Os textos devem ser escritos em português, inglês ou espanhol.

Uma informação pertinente é que a revista em questão é de livre acesso, ou seja, qualquer pessoa tem acesso ao conteúdo sem ter que pagar nada. Quanto à

base de dados da revista, os mesmos são indexados em: *Sociological Abstracts* (EUA); *Linguistics and Language Behavior Abstracts* (EUA); *Social Planning/ Policy and Development Abstracts* (EUA); Psicodoc (Espanha); Clase (México); IndexPsi (Brasil); Centro Latino-americano e do Caribe de informação em Ciências - LILACS (Brasil) e Periódicos Eletrônicos de Psicologia - PePsic (Brasil).

No que concerne à descrição das colaborações científicas que a revista *Psico-USF* aceita, os trabalhos devem se encaixar nas seguintes categorias: a) relato de pesquisa; b) estudo teórico; c) nota técnica e d) resenha. Descreveremos, a seguir, os trabalhos que se relacionam com essa pesquisa. O relato de pesquisa deve apresentar uma investigação embasada em dados empíricos/experimentais e utilizar metodologia científica. Esse trabalho deve possuir de 20 a 30 laudas, levando em conta o resumo, *abstract*, figuras, tabelas e referências. As seguintes seções são fundamentais: Introdução, Método (Participantes, Instrumentos, Procedimentos), Resultados, Discussão, (ou Resultados e Discussão), Considerações Finais (optativo). Se as seções de Resultados e Discussão estiverem em um só tópico, as Considerações Finais são obrigatórias. Em relação ao estudo teórico, ele deve trazer análises de teorias, questionando modelos existentes e/ou elaborando hipóteses para pesquisas posteriores. Esse trabalho tem limite de até 25 laudas e tem como unidades retóricas indispensáveis: a introdução, o desenvolvimento e a conclusão.

Quanto às normas de edição, a revista *Psico-USF* segue o manual de publicação da *American Psychological Association* - APA (2010) no que se refere à organização e a apresentação do texto. As orientações para a produção das unidades retóricas também estão descritas nesse manual. Os critérios de análise da revista para selecionar um artigo consideram a originalidade, a relevância do tema e a qualidade da metodologia científica. Além disso, seguir as normas editoriais recomendadas pela revista é tarefa fundamental. Outra informação que se faz necessária é que o texto deve ter uma organização de fácil reconhecimento e seguida por um sistema de títulos e subtítulos – caso necessários - que possibilitem tal sistematização.

6.4 O MANUAL DE PUBLICAÇÃO DA *AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION* – APA (2010)

O *Publication Manual of American Psychological Association* (2010), em sua sexta edição, é um manual que apresenta estilo de escrita para editores, escritores, estudantes, professores e pesquisadores das áreas de Ciências Sociais e comportamentais, incluindo a Psicologia. O manual em questão orienta sobre todos os aspectos do processo de escrita, como escolhas lexicais, estilo, e faz recomendações sobre como cada seção de um artigo científico deve ser elaborada. Essas orientações são oferecidas com o propósito de facilitar a comunicação por meio da produção científica, para que essa interação seja simples e eficaz. Dessa forma, a produção e divulgação dos conhecimentos provenientes de pesquisa poderiam se tornar de maior alcance e, assim, tal documento poderia possibilitar avanços para seus respectivos campos.

As descrições e características do Manual de Publicação da APA (2010) permitem que as orientações seguidas pelos membros dessas áreas mencionadas possam unificar a forma como a escrita é produzida, permitindo, assim, uma melhor compreensão dos aspectos comuns a esses campos por meio da produção escrita. Embora esse manual tenha sido elaborado por antropólogos e psicólogos, os benefícios se estenderam aos demais estudiosos das Ciências Sociais e Comportamentais, como a área da Educação, das Ciências Sociais, dos negócios, entre outras. A sexta edição do manual, datada de 2010, traz novas instruções sobre ética de publicação; conteúdos, estilos e regras para a produção do manuscrito; padrões de relatórios de artigos; formatos de referência eletrônica, entre outras características.

O primeiro capítulo desse manual, intitulado “Escrevendo para as Ciências Sociais e do Comportamento”⁵¹, diz respeito aos tipos de artigos comumente aceitos nas publicações acadêmico-científicas, que são descritos pela *American Psychological Association* (2010), são eles: a) estudos empíricos ou experimentais; b) revisão de literatura; c) artigos teóricos; d) artigos metodológicos; e) estudos de caso e f) outros tipos de artigo.

⁵¹ *Writing for the Behavioral and Social Sciences.*

6.4.1 O artigo acadêmico experimental conforme o manual da APA (2010)

Segundo o manual da APA (2010, p. 10), os artigos experimentais/empíricos⁵² devem apresentar relatos de uma pesquisa original. Esses relatos, por sua vez, incluem análises em que hipóteses são testadas e podem apresentar uma análise de dados inovadora ou alguma já discutida em trabalhos anteriores.

Os artigos empíricos, são compostos por unidades retóricas distintas que determinam os diferentes estágios do processo de investigação e aparecem, necessariamente, na seguinte ordem: 1) Introdução: nessa seção, é relatado sobre o desenvolvimento do problema que está sendo investigado, incluindo seus antecedentes históricos e nela é apresentada, também, sobre os objetivos da pesquisa; 2) Método ou Metodologia: são descritos os procedimentos que serão utilizados para o desenvolvimento do trabalho; 3) Resultados: nessa unidade retórica é apresentado um relatório sobre os achados e análises; e a 4) Discussão: seção em que deverão ser redigidos o resumo, a interpretação e as implicações dos resultados encontrados. No manual de publicação da *American Psychological Association* (2010), também é descrito, de forma mais detalhada, sobre o que é esperado em cada seção comumente encontrada nessas colaborações científicas, como: Título, Resumo, Introdução, Método, Resultados, Discussão e Referências.

Em relação ao título, conforme o manual da APA (2010, p. 23), espera-se que ele seja conciso e explicativo, capaz de identificar as variáveis ou questões teóricas investigadas ou, ainda, uma relação entre elas. Em relação ao resumo/*abstract*, ele deve ser, ao mesmo tempo, breve e abrangente em relação ao conteúdo do artigo. Os autores afirmam que um resumo bem estruturado pode ser o ponto principal de um artigo. Se a pesquisa em questão pretender continuar ou questionar uma anterior, essa informação também deve contar no resumo. Dentre outras informações, o resumo precisa ser conciso, claro, coerente e deve apresentar os principais resultados e conclusões do trabalho.

⁵² Conforme foi verificado no manual da APA (2010), nas entrevistas com os membros experientes e em periódicos da cultura disciplinar da área de Psicologia, o artigo experimental recebe, nesta área, a denominação de artigo empírico. Adotamos, então, a partir desse momento, essa terminologia.

No que concerne à seção da Introdução, é desejado que esse tópico apresente o problema que está sendo analisado e descreva a estratégia de investigação. No livro da APA (2010, p. 27), os autores consideram algumas perguntas antes de escrever essa seção, como: a) Como trabalhos anteriores discutem esse estudo?; b) Como essa pesquisa pretende contribuir para as anteriores e/ou para as futuras? c) Quais são as implicações práticas e teóricas desses estudos? Além disso, é necessário explorar a relevância do problema, discutir de forma breve a literatura relacionada pertinente, ressaltar conclusões e metodologias relevantes de outras pesquisas. Se hipóteses forem indispensáveis ao estudo em questão, elas também devem ser apontadas.

No que se refere à unidade de Métodos (APA, 2010, p. 29), ela é responsável por descrever, de forma detalhada,

como o estudo foi realizado, incluindo definições conceituais e operacionais das variáveis utilizadas no estudo, diferentes tipos de estudos contarão com diferentes metodologias; no entanto, uma descrição completa dos métodos utilizados permite ao leitor avaliar a adequação de seus métodos e a confiabilidade e a validade dos seus resultados (tradução nossa).⁵³

Quanto aos resultados, é preciso que, nesse tópico, sejam resumidos os dados coletados e as análises realizadas em torno desses dados. É fundamental que todos os resultados relevantes sejam mencionados e, caso existam resultados negativos ou de pequena relevância para a pesquisa, os mesmos também devem ser apresentados. É importante salientar que, nessa seção, as estatísticas podem ser inseridas.

A unidade posterior, a da Discussão, deve trazer avaliações e interpretações dos resultados. Se existirem hipóteses no trabalho, deve-se discutir se elas foram corroboradas ou refutadas. Essa unidade retórica deve, ainda, evidenciar as consequências práticas ou teóricas dos resultados. Uma informação indispensável apresentada no manual da APA (2010, p. 35) é que, caso a Discussão seja concisa e

⁵³ how the study was conducted, including conceptual and operational definitions of the variables used in the study, Different types of studies will rely on different methodologies; however, a complete description of the methods used enables the reader to evaluate the appropriateness of your methods and the reliability and the validity of your results.

direta, alguns autores optam por juntá-la à seção de Resultados, tornando-se a seção intitulada Resultados e Discussão.

Em relação à seção das Referências, o manual a descreve como um texto que tem como objetivo reconhecer e apontar, de forma simples e direta, os trabalhos de teóricos e estudiosos. Dessa forma, as referências servem como forma para documentar as declarações feitas sobre a literatura de maneira que sejam utilizadas como dados nas interpretações da pesquisa (APA, 2010, p. 37). Para mais detalhes sobre as referências, o livro recomenda que sejam consultados os capítulos 6 e 7, que tratam, respectivamente, das fontes de crédito e exemplos de referências.

6.5 ENTREVISTAS COM MEMBROS EXPERIENTES DA ÁREA DE PSICOLOGIA

Com o objetivo de caracterizar a área de Psicologia, contamos com a colaboração de 12 membros experientes que atuam em dois programas de Pós-graduação em Psicologia no estado do Ceará, um Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva e um Programa de Pós-graduação em Educação. Utilizando entrevistas e questionários, buscamos refletir sobre os gêneros acadêmicos, dando ênfase no artigo acadêmico para que assim fosse possível entendermos sobre a compreensão que os pesquisadores da área possuem sobre a organização sociorretórica do gênero em estudo.

Ao indagarmos sobre o gênero textual mais relevante para a área, o artigo acadêmico foi apontado como o principal gênero para a área de Psicologia. Em segundo lugar, os livros e capítulos de livros foram mencionados, visto que, segundo o colaborador 1, eles são a base para se refletir sobre os estudos. Para o colaborador 3, se for levado em conta o acesso ao uso didático dos textos, os livros e capítulos de livros são essenciais. O livro apresenta, ainda, maior perenidade em relação a outros gêneros acadêmicos, diz o colaborador 4. Já o colaborador 8 defendeu que os livros têm um caráter mais pedagógico. Segundo o colaborador 2, os livros demoram muito a serem finalizados e publicados, implicando, muitas vezes, na desatualização do estudo que está sendo divulgado por meio dele em relação a artigos que, em alguns casos, são publicados mais rapidamente.

Nessa perspectiva, o artigo acadêmico é apontado com o gênero mais importante para a área, pois, de acordo com o colaborador 3, o artigo, “além de possuir um caráter de divulgação, proporciona a expansão do conhecimento, permite que os pares tenham acesso à pesquisa e ainda possibilita a replicação ou refutação de estudos”. Segundo o colaborador 12, “os artigos resumem um conjunto de pesquisas e achados em certas áreas e tópicos e são mais fáceis de ler do que as teses. Também são abundantes em bancos de dados acadêmicos e podem ser rastreados facilmente por datas mais recentes”, reitera o pesquisador. O colaborador 9 defende que os artigos científicos apresentam estudos mais recentes, passam por avaliação de pareceristas especialistas na área – uma etapa pela qual nem todos os gêneros são submetidos-, e permite a troca de saberes entre diversos pesquisadores.

Para o colaborador 6, a qualidade da pesquisa encontrada em artigos é, muitas vezes, maior do que a observada em outros gêneros, como os livros, já que os critérios para a publicação dos manuscritos são considerados mais ponderados. Outros fatores que valorizam a escolha do artigo pelos professores também devem ser levados em conta, como a: “métrica de avaliação da política da pós-graduação como forma de dar visibilidade à instituição”, compartilhar conhecimentos para que não seja mais pesquisado “mais do mesmo” e que tais pesquisas sejam divulgadas tanto para o público técnico como para as pessoas que têm interesse na temática, diz o colaborador 8. A interlocução com a comunidade científica, a apresentação de fundamentação teórica e de metodologias também foram critérios mencionados em relação às características do artigo acadêmico para a área, conforme diz o colaborador 11.

De acordo com um dos membros entrevistados, os artigos são essenciais para a área, visto que são razoavelmente breves para a leitura, objetivos, de um acesso mais fácil nos bancos de dados, necessários para as revisões de literatura e eles “trazem novidades teóricas e metodológicas ainda não consolidadas, mas que são necessárias para o desenvolvimento de um campo disciplinar”, afirma o colaborador 12. Os artigos que são publicados em periódicos *Open Acess*, segundo o colaborador 5, também são valorizados pelos membros da área, pois assim o alcance dessas pesquisas é maior por quem as procura, ao contrário dos periódicos que têm acesso limitado a um público pagante ou a algumas revistas que não são divulgadas no meio *online*.

Para finalizar a discussão sobre a relevância do artigo acadêmico, o colaborador 10 diz que, em relação aos alunos, tanto da graduação quanto da pós-graduação, os membros experientes argumentam que a utilização dos artigos acadêmicos “os provocam a buscar por novas fontes de publicação, os instigam a publicarem em revistas científicas, funciona como forma de educar o aluno a manter-se atualizado sobre determinada área de estudo e ajuda os alunos, como também os professores a se ambientarem com as formatações de publicações nacionais e internacionais”.

Percebemos que a produção científica na área de Psicologia é intensa e diversificada. Sendo assim, procuramos saber, indagando aos membros experientes, qual tipo de artigo era mais comum, o de análise de dados ou revisão de literatura e a justificativa de suas respostas. De acordo com as entrevistas e respostas dos questionários, todos os professores apontaram que a área da Psicologia é muito diversificada, permitindo publicações de pesquisas empíricas, estudos teóricos e revisões de literatura. Embora a maioria dos pesquisados tenham apontado para a predominância de artigos com apresentação e análise de dados, o colaborador 11 informa que o “campo das Ciências Humanas implica pressupostos teóricos, ou seja, teorias e dados não são excludentes.

Segundo o colaborador 1, o tipo de artigo depende do tipo de pesquisa, necessidades ou do interesse de um pesquisador ou de um grupo de pesquisa. Reforçando o que outro membro experiente afirmou, o colaborador 3 disse que “todo estudo tem por base uma revisão de literatura, e por isso ele vai trazer um estado da arte, mostrando o estado atual daquela teoria. Os dados empíricos vêm para dar suporte aquilo que a teoria já discutiu ou para refutar aquilo que está sendo proposto pela mesma”.

O colaborador 6 respondeu que, na Psicologia, revisões sistemáticas e integrativas da literatura, que são conhecidas como as revisões de literatura, são bem-vindas. Esse tipo de estudo, de acordo com ele, era pouco aceito há alguns anos, mas hoje os periódicos os acolhem, embora os estudos empíricos sejam mais valorizados, ressalta. Segundo o colaborador 7, de uma área com uma vertente mais teórica, há subáreas na Psicologia que priorizam a produção de artigos teóricos, como a Psicanálise.

De acordo com o depoimento do colaborador 8, “as pesquisas empíricas partem da discussão de dados e buscam problematizar alguns conceitos que, por sua vez, procuram confirmar ou refutar alguma teoria.” Para ele, algumas revistas restringem o acesso a artigos teóricos, pois eles acreditam que há muitos trabalhos encaminhados que discutem conteúdos que já são do conhecimento da área. Quando indagado quanto à escolha por um ou outro tipo de artigo, o pesquisador afirma que os “trabalhos empíricos fornecem dados e isso gera um maior dinamismo para a produção. Já as reflexões teóricas demoram mais tempo por causa da reflexão necessária. Tais características justificam a diversidade de produção na área”, conforme o pesquisador justifica. Em relação à mesma pergunta, o colaborador 9 disse que a escolha por um ou outro tipo de artigo envolve o objetivo da pesquisa e a identificação metodológica do pesquisador.

No que concerne às formas de publicação e de circulação do artigo acadêmico na área de Psicologia, o colaborador 1 afirmou que os artigos são publicados em revistas, circulam em periódicos livres de acesso e de direitos. Os periódicos têm, segundo o colaborador 2, um peso muito forte na área e os professores e seus respectivos orientandos são incentivados a produzirem artigos acadêmicos, visto que esse é um fator relevante para o desenvolvimento dos cursos de Pós-graduação. O colaborador 3 afirmou que, hoje, as revistas possuem um processo de publicação mais lento do que antigamente. Com essa demora, argumenta o colaborador 2, o pensamento e as discussões de um trabalho que é atual no momento da submissão pode mudar devido às mudanças sociais e políticas, por exemplo.

Um aspecto bastante discutido é a participação dos programas de Pós-graduação na publicação e circulação do gênero em questão. Segundo os entrevistados, os programas recomendam que os professores e seus orientandos submetam trabalhos para periódicos que possuem um maior fator de impacto, tendo a ciência de que há trabalhos que merecem um maior destaque por serem inovadores e outros que devem ser direcionados a revistas com fatores de impacto menores, visto que “não são muito pretensiosos.”, de acordo com o colaborador 2.

Devido à internacionalização da Pós-graduação, há incentivo na área para se publicar em periódicos de origem estrangeira, principalmente os de países de língua inglesa, conforme relata o colaborador 3, o que nem sempre é bem visto por

todos os pesquisadores, pois de acordo com um professor investigado, algumas revistas aceitam apenas submissões na língua inglesa, o que inviabiliza divulgar trabalhos originados no Brasil na nossa língua nativa. Fatores como o alto valor empregado para se traduzir o trabalho como a falta de prestígio para com a nossa língua são levados em conta, disse o colaborador 7. A recomendação de publicação em língua inglesa por parte de alguns programas, segundo o colaborador 6, vem do *Scielo* (C6).

Outro aspecto muito mencionado pelos entrevistados foi a satisfação em ter o meio online como um espaço de fácil acesso ao público que procura por esse gênero textual, além de ser possível pesquisar sobre uma mesma temática nos portais de periódicos e plataformas de busca. Em contrapartida, o colaborador 5 diz que, em relação às revistas que têm publicação apenas na forma impressa, elas estão sendo menos utilizadas e é contraproducente mantê-las quando é possível oferecê-las na rede virtual.

Quanto à submissão dos manuscritos, o processo, segundo o colaborador 8, é o seguinte: de acordo com a temática que está sendo trabalhada, “você escolhe a revista. Certamente, a escolha do *qualis* é um critério importante.” Outros pontos considerados são: “quem você quer que leia aquele artigo e a celeridade que você tem para publicá-lo.” Continuando o processo, os pareceristas *ad hoc* realizarão a avaliação às cegas do trabalho (*blind review*), a devolução, a revisão e a re-submissão – esses três últimos momentos só ocorrerão caso seja necessário realizar alguma modificação no trabalho. A autora enfatiza que não deve se levar em conta apenas a produção pela produção, mas a produção com qualidade, e não só baseada na quantidade. A divulgação gratuita desses trabalhos é um aspecto ressaltado pelo colaborador 9.

Verificamos, em levantamento prévio do *corpus*, que há uma recorrência de alguns periódicos que apresentam poucos coautores em cada exemplar do gênero artigo. Encontramos trabalhos com, no máximo, 5 coautores. Podemos compreender, a partir do que disse o colaborador 7, que “hoje é algo bastante incentivado. Os artigos são muito bem vistos quando há coautoria e é muito positivo quando há uma equipe que trabalha junto e desenvolve trabalhos nessa vertente”. O colaborador 6 disse que “hoje, a política científica incentiva a coautoria, o trabalho em equipe. Publicar sozinho não é interessante. Uma observação que tenho feito é que há revistas que aceitam

poucos coautores. Se em um trabalho participarem 5 pessoas e o periódico aceitar somente 3 coautores, um participante, infelizmente, ficará de fora.”

De acordo com o colaborador 10, a coautoria “ajuda a fomentar os programas e contribui para que mais gente possa publicar”. Outro argumento diz que “não há problemas em um artigo apresentar vários autores, desde que todos tenham desempenhado alguma etapa do trabalho”, argumenta o colaborador 2. O colaborador 8 afirma que, na área de Psicologia, existe a ideia de que o conhecimento não se produz sozinho, mas em rede.

Conforme o colaborador 5 argumenta, falar sobre coautoria, às vezes, é polêmico, visto que, em alguns casos, alguns dos nomes presentes no artigo não trabalharam efetivamente na produção do mesmo, mas levaram crédito. Outro fator observado é o de algum produtor do artigo convida um nome de peso para colocar no trabalho, com a intenção de facilitar a publicação da pesquisa. Hoje, segundo o colaborador 3 afirma, alguns periódicos solicitam que os componentes do trabalho apontem as suas funções no desenvolvimento da pesquisa, o que, para ele, é visto como um aspecto positivo, pois assim só quem tiver realmente trabalhado no projeto levará crédito. Para o colaborador 12, na área da Psicologia, a coautoria é fortemente recomendada, sobretudo entre docentes e alunos da Pós-graduação, mas também ocorre entre colaboradores de grupos de pesquisa do CNPq.

Consideramos ser pertinente descrever como os membros experientes da área de Psicologia elaboram e compreendem as seções do artigo. No que se refere à seção do Resumo, “é por meio dele que o possível leitor decidirá se vale a pena ou não ler o texto como um todo. O conjunto compreendido pelo título, resumo e palavras-chave representam um cartão de visitas e falam da alma do texto. Portanto, devem ser bem elaborados” caracteriza o colaborador 1. O resumo deve ser breve, relatar o que o artigo se propõe a fazer, segundo o colaborador 2, e também apresentar “um panorama geral das informações mais relevantes, como o objetivo, a amostra que foi utilizada e os resultados principais”, conforme diz o colaborador 3.

No que concerne à seção de Introdução, o colaborador 3 disse que devem ser discutidas as respostas para os seguintes aspectos: “o que”, “por que” ou “para que”, “com quem” ou “onde” e “como”. Ele afirma que, “é necessário apontar os elementos que justifiquem o porquê de estudar aquilo. Se estou estudando só ou como

alguém (“com quem”) ou em algum lugar (“onde”) e os aspectos metodológicos da pesquisa (“como”) e, finalmente, devo apresentar “o que” encontrei, com um posicionamento crítico, fazendo referência a aquilo que já foi estudado”. O colaborador 12 afirmou que, na Introdução, deve haver a contextualização do problema e o objetivo geral do artigo.

Na seção de Revisão de Literatura, para o colaborador 10, “é importante trazer o que se tem pesquisado ultimamente sobre o tema e o referencial teórico, buscando consistência, adequação ao que se está pesquisando”. A Revisão de Literatura permite, ainda, construir o problema de pesquisa e os objetivos, conforme diz o colaborador 8. Deve haver, consoante o colaborador 12 defende, um balanço das perspectivas teóricas, conceitos e hipóteses.

No que diz respeito à seção de Método/Metodologia, o colaborador 8 afirma que é uma etapa indispensável, pois mostra como o trabalho foi feito. Ele complementa que, nesse tópico, devem ser mostrados todos os passos, participantes, procedimentos, instrumentos utilizados, como a coleta foi feita, como os dados foram analisados. É importante, para o colaborador 10, que os métodos estejam adequados aos objetos de estudos, que sejam bem amarrados aos objetivos e que dê subsídios para uma boa compreensão e interpretação.

Para a seção de Resultados, o colaborador 5 diz que é preciso contar o que você fez e como você interpreta o a pesquisa que foi desenvolvida. De acordo com o colaborador 8, esse tópico deve apresentar a “descrição daquilo que seus instrumentos apontam, baseado numa literatura pré-existente”. O colaborador 10 espera que essa seção “traga os principais resultados de maneira clara e articulada com os objetivos e metodologias”. Conforme reitera o colaborador 12, essa seção deve trazer o sumário dos resultados, cotejo com a literatura e explicações “para o que foi obtido e não esperado”.

Em relação à seção de Discussão, o colaborador 2 diz que ela deve ser crítica, que problematize, que tente avançar, é o lado inédito do trabalho. O colaborador 6 afirma que o tópico de Discussão, ao contrário das outras seções, tem orientações menos mecânicas. Para ele, é nesse momento em que o pesquisador pensa o que ele obteve em relação à teoria utilizada e as perguntas da pesquisa e vai poder discutir e trazer o que é essencial para a pesquisa científica, que é o novo

conhecimento. Ele pondera, ainda, que um bom artigo não pode deixar de trazer uma boa discussão, pois é um aspecto diferencial ao poder trazer novos conhecimentos, refutar ou complementar teorias anteriores. O pesquisador 10 confirma que a discussão deve ser pertinente, “que contribua para a discussão e aprofundamento do tema e do objeto de pesquisa”.

No que concerne à seção de Considerações Finais/Conclusão, é o momento, segundo o colaborador 8, de abrir novas possibilidades, para o que a realização do estudo ilumina a produção do campo sobre a temática abordada, o que poderia ser feito a partir dali. O colaborador 12 disse que, nesse tópico, é preciso que seja apresentada uma “resposta geral em relação ao que foi esperado e indicações de futuros caminhos para a pesquisa do tema.”

Verificamos, em alguns exemplares do nosso *corpus*, uma frequência de artigos que apresentavam as seções de Resultados e Discussão juntas e em outros exemplares elas se encontravam separadas. Quando indagados sobre o que os professores atribuíam essa alternância, eles responderam de forma variada. De acordo com o colaborador 1, essas variações mostram a pluralidade da área de Psicologia. Para ele, as áreas mais qualitativas da Psicologia podem apresentar essas seções agrupadas, enquanto isso, as áreas quantitativas organizam, muitas vezes, essas seções separadas.

Para o colaborador 4, “essa separação é positivista. Na nossa área, isso é muito questionado. O modelo IMRDC (Introdução, Métodos, Resultados, Discussão e Conclusão) é um modelo trazidos das Ciências Exatas. Nós questionamos esse modelo. Uma pesquisa teórica não apresenta resultados com dados, mas sim os argumentos que vêm das diversas linhas teóricas que são discutidas”.

Segundo o colaborador 5, que é da área dos estudos empíricos, se essas seções vierem separadas, é possível o leitor interpretar o tópico de resultados sem estar sendo influenciado pelas ideias do autor, pois na seção da discussão o autor começa a discutir e relacionar suas ideias aos resultados obtidos. Já para outra pesquisadora, essa é “uma questão epistemológica. Se você realiza uma pesquisa que tem como ponto de partida uma objetivação do seu objeto de pesquisa, uma pesquisa quantitativa, geralmente, os resultados são separados da discussão, porque

os resultados são separados do que aquilo que o pesquisador pensa”, ressalta o colaborador 6.

No que diz respeito à função das figuras, quadros e tabelas em um artigo empírico, o colaborador 1 diz que elas são imprescindíveis, desde que com parcimônia. Seu papel é ajudar a visualizar os dados de maneira rápida e, geralmente, elas são autoexplicativas. Para o colaborador 7, esses meios permitem “ler algumas consequências dos dados, principalmente quando os dados são quantificados. Quando há artigos que trabalham com arte, apresentam figuras, eles trabalham com a discussão de imagens com base em textos interpretativos”. Quanto à textualização das figuras, tabelas e quadros, o colaborador 9 considera relevante transformar em texto apenas os dados que se destacam para fazer a síntese e associação das ideias, mas somente alguns, “caso contrário ficaria repetitivo e cansativo para o leitor”.

De acordo com o colaborador 6, quanto mais você simplificar aquilo que você deseja passar em termos de conhecimento por meio do gráfico ou da tabela, é melhor. No sentido de esclarecer para os diferentes públicos que consomem e produzem os artigos acadêmicos, o colaborador 8 defende que “às vezes, figuras e tabelas retratam análises estatísticas muito sofisticadas, e muitas vezes não precisa ser tão minucioso na descrição dela. Se for o caso de revistas voltadas para pessoas não experts nas análises estatísticas, talvez careça ter uma explicação maior. Mas o que fundamenta a escolha por figuras e tabelas é que elas precisam ser autoexplicativas, com menções e com outras discussões a partir delas e não um “repeteco” delas.

Para o colaborador 12, em pesquisas quantitativas, esses recursos são fundamentais e devem ser autoexplicativos, porém, alguns resultados relevantes que precisam estar dispostos em tabelas e figuras “devem ser textualizados para maior clareza e discutidos à luz da literatura”. Enquanto isso, na pesquisa qualitativa, embora não sejam imprescindíveis, os quadros são, de acordo com a autora, interessantes, visto que possibilitam visualizar os resultados “com trechos de falas de informantes, por exemplo.”.

Questionamos aos professores/pesquisadores sobre quais são as orientações seguidas por eles para a escrita dos artigos. Detalhando a pergunta, indagamos se as normas da área eram mais voltadas para o manual da APA

(*American Psychological Association*) ou da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas)

O colaborador 1 afirmou que uma grande parte das revistas de alto fator de impacto (A1 a B1) são orientadas pelo manual da APA. Ele frisou que muitos periódicos utilizam esse manual, mas acrescentam algumas características específicas ou ajustes. Ainda segundo ele, as revistas interdisciplinares, no geral, seguem as normas da ABNT.

De acordo com o colaborador 3, “na área da Psicologia a maioria quase absoluta dos periódicos orientam seguir as normas da APA, ou seja, as orientações desse manual são, predominantemente, mais utilizadas. Acredito que, principalmente, as revistas de alto fator de impacto exijam que os autores produzam os artigos seguindo as orientações desse manual”. Ele focou também que algumas revistas solicitam que os autores realizem adaptações em relação ao manual da APA.

O colaborador 4 afirma que essas orientações dependem do periódico. Quando a revista tem uma circulação mais internacional, eles exigem a APA, como perguntam se você quer traduzir o artigo para o inglês (C4). Um membro experiente investigado diz que as normas da APA “são tradicionais para a área. Esse manual normatiza os trabalhos e isso é muito bom. A nível internacional, a APA tem uma maior representatividade e orienta a organização desses trabalhos. Já no Brasil, alguns periódicos optam pela ABNT, mas essas orientações são menos utilizadas. No mundo, a escolha é de 99% pela APA e, no Brasil, deve estar 70% APA e 30% ABNT. Se pretendemos internacionalizar os estudos, a APA deve ser mais explorada”, julga o colaborador 6.

Em contrapartida, o colaborador 8 salienta que “algumas poucas revistas cobram a ABNT, mas são periódicos de outras áreas, em que psicólogos e pesquisadores da Psicologia publicam”. No geral, os entrevistados apontaram que o manual da APA era mais utilizado nas revistas brasileiras.

Dessa forma, observamos que reunir características do histórico da área de Psicologia, no Brasil, como também informações relevantes no que concerne à formação e identidade desse profissional e questões à Pós-graduação da área no país nos permite refletir acerca das características desse campo. A partir da investigação dos periódicos da área de Psicologia, constatamos as considerações sobre a

produção do artigo acadêmico. Com base nas entrevistas e questionários cedidos pelos membros experientes dessa área, podemos compreender a relevância do artigo acadêmico como um gênero diferenciado, visto que tem a função de divulgação, refutação e complementação de pesquisas, como enfatiza o colaborador 6.

Acreditamos, portanto, que a descrição da cultura disciplinar da área de Psicologia vem a contribuir para a compreensão dos valores, crenças e práticas da área. A partir da concatenação desses dados, podemos compreender como ocorre a produção e da circulação do artigo acadêmico, o que nos leva a considerar tal contribuição para a etapa da descrição da configuração sociorretórica do gênero em questão, sobre a qual nos debruçaremos no próximo capítulo.

7 REALIZANDO A DESCRIÇÃO SOCIORRETÓRICA DE ARTIGOS EMPÍRICOS DA CULTURA DISCIPLINAR DA ÁREA DE PSICOLOGIA

Conforme discutimos na seção de Metodologia, o *corpus* desta pesquisa é composto por 30 (trinta) artigos acadêmicos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia, os quais foram encontrados em dez periódicos brasileiros da área investigada. Percebemos que os exemplares de artigos empíricos apresentaram uma configuração retórica mais ampla, se considerarmos o modelo proposto por Swales (1990), IMRD, o qual foi corroborado por Nwogu (1997).

Vejamos, a seguir, as unidades retóricas presentes nos 30 (trinta) artigos acadêmicos empíricos da área de Psicologia, bem como suas respectivas frequências:

Figura 6 – Frequência das unidades retóricas em artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia

Unidade retórica 1: Introdução	100%
Unidade retórica 2: Metodologia	100%
Unidade retórica 3: Resultados	60%
Unidade retórica 4: Discussão	60%
Unidade retórica 5: Resultados e Discussão	40%
Unidade retórica 6: Conclusão	70%
Unidade retórica 7: Referências	100%

Fonte: elaboração de nossa autoria.

Consoante a Figura 6, podemos observar quais são as unidades retóricas presentes no *corpus* dessa pesquisa. A primeira seção, a Introdução, foi construída em todos os exemplares analisados, confirmando os raciocínios de Swales (1990) e Motta-Roth e Hendges (2010) em relação à relevância dessa seção na elaboração do artigo acadêmico, o que também é confirmado pelos membros experientes da cultura disciplinar da área de Psicologia. É importante ressaltar que o guia da APA (2010) está de acordo com o que foi estabelecido por Swales (1990) e Motta-Roth e Hendges (2010).

A segunda unidade retórica, a de Metodologia, também foi recorrente em 100% do *corpus*, o que evidencia a pertinência dessa seção. Podemos relacionar essa

alta frequência ao modelo IMRD de Swales (1990). Os membros experientes da cultura disciplinar analisada e o manual da APA (2010) também dão suas contribuições ao afirmarem que discutir sobre os procedimentos metodológicos se faz essencial em um trabalho como o artigo acadêmico.

Em relação à seção de Resultados, presente em 60% dos exemplares investigados, traz os achados com detalhes suficientes que viabilizem sua compreensão. Tal informação é confirmada pelos periódicos e membros experientes da área. Com a mesma recorrência da seção de Resultados, no *corpus*, é percebida a unidade de Discussão. Para a produção dessa seção, os pesquisadores e periódicos sugerem que seja realizada a interpretação dos dados, juntamente com conclusões da pesquisa. A unidade denominada Resultados e Discussão é frequente em 40% dos exemplares analisados, juntando informações referentes aos achados do estudo como a interpretação desses. Tal organização é justificada por Swales (1990), ao afirmar que alguns autores podem mesclar as unidades de Resultados e Discussão.

No que diz respeito à unidade de Conclusão, seção percebida em 70% do *corpus*, compreendemos o raciocínio de Motta-Roth e Hengdes (2010) ao defenderem que essa seção pode aparecer como uma subunidade da unidade de Resultados e Discussão, o que nos leva a observar seu caráter facultativo e não obrigatório, o que é apontado por alguns periódicos do *corpus*. É relevante mencionar que não encontramos essa unidade descrita no modelo IMRD de Swales (1990), visto que algumas informações contidas nessa seção poderiam compor a unidade de Discussão. É necessário apontar ainda que, de acordo com o estudo de Nwogu (1997), essa seção ocupa a última posição do último movimento de Discussão.

Quanto à última unidade dos artigos acadêmicos, elaborada em todo o *corpus*, encontramos observações no modelo proposto por Costa (2015), o qual também foi constatado por Pacheco (2016). De acordo com os autores, é nessa seção que são apontadas as fontes teóricas utilizadas na pesquisa. Os periódicos e o manual da APA (2010) julgam a presença dessa unidade fundamental no artigo acadêmico. Ainda de acordo com Costa (2015) e Pacheco (2016), compreendemos a relevância da função comunicativa da seção de Referências, que não é entendida apenas como um elemento pós-textual.

Ao considerarmos as ocorrências da Figura 6 e a discussão acerca das distintas seções, elaboramos uma proposta de descrição das unidades retóricas que possa descrever como são organizados os artigos empíricos de Psicologia. Observemos, a seguir, a figura 7.

Figura 7 – Descrição das unidades retóricas em artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia

Unidade retórica 1: **Introdução**
 Unidade retórica 2: **Metodologia**
 Unidade retórica 3: **Resultados**
 Unidade retórica 4: **Discussão**
 Unidade retórica 5: **Resultados e Discussão**
 Unidade retórica 6: **Conclusão**
 Unidade retórica 7: **Referências**

Fonte: elaboração de nossa autoria.

De acordo com o que é descrito na Figura 7, a nossa proposta para as unidades retóricas de artigos acadêmicos empíricos da área de Psicologia confirma os modelos propostos por Costa (2015) para a área de Medicina e Pacheco (2016) para a área de Nutrição. Tal modelo, IMRDCR, excede o modelo desenvolvido por Swales (1990), IMRD, e abrange as seções de Introdução, Metodologia, Resultados, Discussão, Conclusão e Referências. Salientamos que achamos válido discutir a quinta unidade retórica, Resultados e Discussão, visto que o manual da APA (2010) discute sobre como essa unidade é construída, ou seja, encontramos embasamento na cultura disciplinar da área de Psicologia. Acreditamos, também que, possivelmente, em um *corpus* mais expandido, essa característica possa vir a ser recorrente.

Devido à diversidade do nosso *corpus*, encontramos distintos periódicos que orientam diferentemente sobre como os autores devem produzir as distintas unidades retóricas, alguns deles seguem as características do manual de publicação da Associação Americana de Psicologia - *American Psychological Association* -, 6ª edição, publicada no ano de 2010.

Enquanto seis revistas seguem as recomendações do manual da *American Psychological Association* (APA, 2010) – duas delas utilizam o manual da APA (2010) com adaptações da própria revista -, quatro apresentam orientações próprias ou não orientam sobre como os autores devem construir as distintas unidades retóricas. Com

o objetivo de caracterizar os periódicos quanto à produção dessas seções, as seguintes revistas utilizam as normas da APA (2010): Estudos de Psicologia, Estudos e Pesquisas em Psicologia, Psicologia e Sociedade, Psicologia: teoria e pesquisa, Temas em Psicologia e Psico-USF, sendo que as revistas Estudos de Psicologia e Psicologia e Sociedade, mesmo orientando os produtores de artigos acadêmicos a adotarem as instruções do guia da APA (2010), ainda apresentam adaptações próprias. As revistas que não recomendam aos seus autores seguirem o manual da APA (2010) são: Saúde e Sociedade; Saúde em Debate; Fractal e Psicologia em Pesquisa.

Iniciemos, a seguir, a descrição da unidade retórica de Introdução, que teve 100% de recorrência no *corpus*.

7.1 UNIDADE RETÓRICA DE INTRODUÇÃO

Para a elaboração da unidade retórica de introdução, encontramos diversas orientações. Para a APA (2010), é imprescindível, nessa seção, discutir a relevância do problema, se referir a trabalhos anteriores relacionados à área, discorrer sobre quais são as implicações teóricas e práticas do estudo e apresentar os objetivos da pesquisa. De acordo com as instruções dos periódicos e por meio das entrevistas e questionários com membros experientes da cultura disciplinar da área de Psicologia, percebemos que essa seção deve descrever o que está sendo pesquisado com uma revisão de literatura suficiente e também devem ser descritos, nessa unidade, os objetivos da pesquisa.

Dessa forma, após compreendermos as perspectivas do manual da APA (2010), orientações de periódicos e entrevistas de professores/pesquisadores da cultura disciplinar da área de Psicologia, observemos como se constrói a unidade retórica de introdução a partir da análise de artigos acadêmicos presentes no *corpus*.

Figura 8 – Frequência de unidades informacionais na seção de Introdução de artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia

Movimento 1: Estabelecer o território	
Passo 1 – Estabelecer a importância da pesquisa e/ou	33,33%
Passo 2 – Fazer generalização/ões quanto ao tópico e/ou	13,33%
Passo 3 – Revisar a literatura (pesquisas prévias)	100%
Movimento 2: Estabelecer o nicho	
Passo 1A – Contra-argumentar ou	3,33%
Passo 1B – Indicar lacuna(s) no conhecimento ou	30%
Passo 1C – Provocar questionamento ou	30%
Passo 1D – Continuar a tradição	13,33%
Movimento 3: Ocupar o nicho	
Passo 1A – Delinear os objetivos ou	86,67%
Passo 1B – Apresentar a pesquisa	50%
Passo 2 – Apresentar os principais resultados	3,33%
Passo 3 – Indicar a estrutura do artigo	0%
Indicar hipótese(s)	13,33%

Fonte: de nossa autoria, com base nos movimentos e passos sugeridos por Swales (1990, p. 141, tradução de Biasi-Rodrigues; Hemais e Araújo, 2009, p. 30).

Na unidade retórica de Introdução, o modelo que mais se adequou ao nosso *corpus* foi o proposto por Swales (1990), visto que houve ocorrência dos três movimentos descritos pelo teórico. No entanto, considerando que os movimentos que apresentaram ocorrência igual ou maior a 50%, caracterizando a recorrência, foram: Movimento 1 – *Estabelecer o território* e Movimento 3 – *Ocupar o nicho*. O Movimento 2 – *Estabelecer o nicho* não alcançou a margem de recorrência no *corpus*, portanto, ele não estará presente na nossa descrição final para a seção de Introdução.

Em relação ao movimento 1, o passo mais recorrente dentre os três foi o Passo 3 – *Revisar a literatura*, que esteve presente em 100% dos exemplares de artigos acadêmicos empíricos. Enquanto isso, no movimento 3, o passo que mais se destacou foi o Passo 1A – *Delinear os objetivos*, com 86,67% de recorrência. Não menos importante, o Passo 1B – *Apresentar a pesquisa* foi encontrado em 50% dos artigos analisados, o que caracteriza a recorrência em nosso *corpus*. Encontramos,

também, a unidade *Indicar hipótese(s)*, responsável por apresentar, em 13,33% da porcentagem total do *corpus*, expectativas e pressuposições em relação aos objetos de pesquisa.

No que diz respeito à elaboração de uma terminologia que claramente identifique a função retórica das unidades informacionais, concordamos com o que dizem Biasi-Rodrigues (1998), Bernardino (2000), Bezerra (2001), Costa (2015) e Pacheco (2016), pois acreditamos que os movimentos e passos são melhor designados, no que concerne a sua função retórica, por meio da utilização de verbos no gerúndio. Em relação a nossa descrição da organização retórica, consideramos a ordem mais recorrente dos movimentos e passos. Salientamos que, embora o modelo de Swales (1990) tenha melhor se adequado à nossa análise, aproximamos a nomenclatura da nossa proposta daquelas desenvolvidas por Costa (2015) e Pacheco (2016). Dessa forma, apresentamos, a seguir, um possível padrão para a unidade retórica de Introdução de artigos acadêmicos empíricos da área de Psicologia.

Figura 9 – Descrição retórica da unidade de Introdução em artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia

Movimento 1: **Fazendo referência a pesquisas anteriores**

Movimento 2: **Apresentando a pesquisa**

Passo 1 - Apresentando o tema

Passo 2 - Apresentando os objetivos

Fonte: de nossa autoria, conforme os movimentos e passos propostos por Swales (1990).

Em conformidade com a Figura 9, o primeiro movimento, *Fazendo referência a pesquisas anteriores*, não apresentou passos, visto que, embora seja um movimento recorrente em 100% do *corpus*, ele apresenta como função retórica se referir a pesquisas prévias. Esse movimento, encontrado na análise de artigos da cultura disciplinar da área de Psicologia, se difere dos modelos de introdução descritos por Costa (2015) para as áreas de Linguística e Medicina e de Pacheco (2016) para a Nutrição.

Costa (2015) apresentou a seção de Introdução na cultura disciplinar da área de Linguística a qual continha, no seu primeiro movimento, *Movimento 1: Apresentando o tema*, os seguintes passos: *Passo 1 – Fazendo generalização/ões sobre o tópico e/ou Passo 2 – Estabelecendo a importância da pesquisa*. No que diz respeito à área de Medicina, a autora caracterizou o primeiro movimento, *Movimento 1: Apresentando o tema*, composto pelos passos: *Passo 1 – Fazendo referência a pesquisas prévias e/ou Passo 2 – Indicando limitações de pesquisas prévias*. No que concerne ao primeiro movimento da seção de Introdução da cultura disciplinar da área de Nutrição, o qual foi desenvolvido por Pacheco (2016), apresentamos a seguinte descrição: *Movimento 1 – Apresentando o tema*, a qual se divide em *Passo 1 – Fazendo referência à pesquisa anterior e Passo 2 – Fazendo referência aos principais problemas de pesquisa*.

Enquanto na nossa descrição encontramos uma seção de Introdução iniciada por referências a pesquisas anteriores, as propostas de Costa (2015) e Pacheco (2016), quando o fazem, estão associadas a outras funções, como estabelecer a importância do estudo ou indicando limitações da pesquisa. A comparação entre a nossa proposta e as desenvolvidas por esses autores nos reforça a ideia de que as diferentes culturas disciplinares constroem diferentemente os gêneros acadêmicos. No que concerne ao movimento 2 do nosso modelo, *Apresentando a pesquisa*, encontramos dois passos, a saber: *passo 1 – Apresentando o tema e passo 2 – Apresentando os objetivos*.

Compreendemos que, no geral, a seção de Introdução da cultura disciplinar da área de Psicologia realiza uma síntese do estado da arte, em seguida há uma apresentação da pesquisa em questão e, por fim, são apresentados os objetivos pretendidos por meio do estudo. Examinemos, assim, como essa unidade se organiza por meio de seus movimentos e passos, conforme sua recorrência apresentada na Figura 9.

O movimento 1, *Fazendo referência a pesquisas anteriores*, realiza uma revisão do estado da arte. Esse movimento é caracterizado por, na maioria das ocorrências, apenas realizar referências a pesquisas anteriores as quais são relevantes para o trabalho em questão, não exercendo, obrigatoriamente, função de revisão de literatura relacionada à apresentação das pesquisas desenvolvidas nos artigos acadêmicos. Em 53,33% dos artigos analisados os trabalhos se iniciam com

uma revisão das pesquisas publicadas na área – das mais recentes às mais consagradas -, as quais justificam o estudo em desenvolvimento, de acordo com o que afirma um dos membros experientes entrevistados, ao defender que a introdução deva realizar um levantamento do estado da arte com um afunilamento do objeto em estudo da pesquisa em questão (C8). Conforme Motta-Roth e Hendges (2010), o autor, nessa unidade retórica, deve indicar a importância do tema, revisar pesquisas prévias e fazer generalizações acerca da temática do artigo.

É relevante salientar que esse movimento é fundamental para a descrição das seções de Introdução, considerando que apresentou recorrência de 100% no *corpus*. Nos exemplares analisados, apenas 2 (6,67% do total) deles exibem uma seção para revisão de literatura, os demais, portanto, discutem o estado da arte na própria unidade de Introdução. Dessa forma, encontramos, muitas vezes, no *corpus*, uma seção de Introdução extensa, repleta de referências a pesquisas anteriores. É necessário enfatizar que as introduções nessa área podem ser consideradas amplas devido ao fato de não haver uma seção voltada para a função retórica de revisar a literatura, um aspecto que também foi investigado e destacado por Costa (2015) e Pacheco (2016) em seus respectivos estudos.

Nesse sentido, esse movimento foi caracterizado, principalmente, por mencionar e discutir pesquisas relevantes para o estudo em questão na forma de citação dos autores, a qual foi apresentada tanto no corpo do texto como entre parênteses (exemplos de 01 a 04).

(01) **Guimarães, Bzuneck e Sanches (2002)** ao analisar o esforço alegado e a motivação intrínseca, **verificaram** que os alunos mais velhos (31 anos ou mais) apresentaram médias superiores em relação aos mais novos. (AAEP02)

(02) **Segundo Lipp (2001)** o estresse **caracteriza-se** por uma resposta do organismo, expressa por meio de manifestações de natureza física e psicológica que podem ocorrer frente a situações que causem instabilidade de humor, medo ou insegurança e ansiedade. (AAEP13)

(03) [...] acrescenta-se à nossa discussão o conceito de resiliência, que **pode ser definido** como o processo no qual os fatores de risco e os fatores de proteção estão presentes e interagindo entre si em um determinado momento da vida. O resultado desse processo dinâmico e situado cultural e historicamente, é a superação da situação de adversidade (**YUNES; SZYMANSKI, 2001**). (AAEP05)

(04) A rotina de cuidados, associada aos tratamentos, **pode provocar** sobrecargas emocionais e a presença de sintomas como, por exemplo, ansiedade, depressão ou outros agravos para a saúde física (**Byrne, Hurley, Daly, & Cunningham, 2010; Davis et al., 2009; King, Teplicky, King, & Rosenbaum, 2004; Parkes, Caravale, Marcelli, Franco, & Colver, 2011**). (AAEP11)

Segundo o manual da APA (2010), a seção de Introdução deve trazer apenas uma discussão da literatura mais recente e relevante ao trabalho desenvolvido, sem ser exaustiva. Por meio da análise do nosso *corpus*, compreendemos que os autores brasileiros parecem buscar suprir a ausência da seção de revisão de literatura na produção da unidade de Introdução, indo de encontro às orientações da APA (2010). Deve se levar em conta também, segundo as orientações desse manual, que o leitor do artigo tenha ao menos um conhecimento básico sobre a temática da pesquisa. A descrição do guia sugere, ainda, que ao se realizar referências a pesquisas anteriores, é preciso evitar detalhes desnecessários e focar em questões metodológicas mais pertinentes e as principais conclusões do trabalho. É pertinente dizer que a forma por meio da qual são apresentadas as referências na Introdução estão em conformidade com o que defende Costa (2015), pois essa é uma das maneiras de apresentar os autores que podem contribuir com teorias ou metodologias para os trabalhos que os mencionam.

Ainda caracterizando esse movimento, observamos que os autores apontam outras fontes de dados além daqueles provenientes de pesquisas acadêmicas. Compõem esses tipos de dados conselhos e associações, os quais são mais voltados para a área de Psicologia (exemplos 05 e 06), como também entidades que são relacionadas a áreas mais amplas, como sociedades de médicos e o Ministério da Saúde (exemplos 07 e 08). Essas características nos levam a crer que, além de uma literatura específica da área de Psicologia, é necessário, também, associar pesquisas de outros âmbitos que também se relacionam com os objetos de estudo investigados na Psicologia. Tal característica também é evidenciada por Pacheco (2016), que encontrou, na cultura disciplinar da área de Nutrição, uma necessidade de salientar pesquisas extra acadêmicas.

(05) O **Código de Ética Profissional do Psicólogo (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005)** estabelece que o Psicólogo deve pautar sua conduta com base em princípios fundamentais, que versam sobre respeito, liberdade, dignidade, igualdade e integridade do ser humano. (AAEP03)

(06) O TEA **é definido** como uma síndrome comportamental de etiologias múltiplas com presença de alterações qualitativas e quantitativas na comunicação social e na interação social, bem como comportamentos, interesses e presença de atividades repetitivas e restritas (**AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013**). (AAEP09)

(07) Segundo a **Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabolismo (2005)**, a obesidade e o histórico familiar **estão relacionados** ao surgimento de Diabetes tipo II tanto em adultos quanto em jovens. (AAEP07)

(08) Uma das dificuldades para a consolidação das RTs em território nacional tem sido as “[...] questões socioculturais emergentes na resistência das comunidades ao processo de reintegração de pacientes de longa permanência” (**Brasil**, 2011, p. 25). (AAEP20)

Acreditamos, portanto, que, para a área de Psicologia, também se fazem relevantes dados de pesquisas extra acadêmicas, as quais apresentam dados significativos. Dessa forma, esse movimento está de acordo com o que corroboram Swales (1990), Costa (2015) e Pacheco (2016) quanto *Revisar a literatura* ou *Fazendo referência a pesquisas prévias/anteriores*, pois ele é evidenciado por realizar um percurso teórico pertinente para os autores, nas introduções dos artigos acadêmicos em seus trabalhos.

No que se refere ao movimento 2 - *Apresentando a pesquisa*, sua função retórica é situar o tema desenvolvido na pesquisa e declarar quais são os propósitos pretendidos por meio do estudo em questão. Esse movimento é composto por dois passos, passo 1 – *Apresentando o tema* e passo 2 – *Apresentando os objetivos*. O primeiro passo, que foi encontrado em 50% dos artigos analisados, é caracterizado por mostrar o que está sendo investigado, por meio de descrições claras e concisas do tema. É importante enfatizar que as escolhas linguísticas para a apresentação dos temas ocorrem de forma variada: por verbos nos tempos presente, futuro e pretérito (exemplos 09, 10 e 11).

(09) Em vista das questões apresentadas, **propôs-se** um processo de intervenção junto a um grupo de travestis que residem e trabalham na região central de uma cidade do interior de São Paulo. (AAEP04)

(10) [...] a presente pesquisa **apresentará** uma comparação entre os fatores de risco e de proteção para a DPP e os níveis de DPP encontrados no puerpério em mulheres grávidas que participaram do PNP (grupo intervenção) e outras que não participaram do PNP (grupo controle), que foi oferecido pela equipe de pesquisa em um hospital particular em Brasília. (AAEP08)

(11) [...] esse estudo **investigou** as relações entre o apego individual e o apego compartilhado em casais cujo filho apresenta diagnóstico de TEA. (AAEP09)

É pertinente apontar, também, que as pesquisas são apresentadas, na maioria das vezes, por escolhas lexicais do tipo “este trabalho”, “a presente pesquisa”,

“o presente estudo”. Quando essas expressões não se fazem constantes, os autores preferem utilizar apenas verbos que retratem a função retórica do passo em questão, como “*analisou-se*”, “*investigou-se*”. Dessa maneira, cremos que esse passo é fundamental para a descrição dos artigos da cultura disciplinar da área de Psicologia, pois é por meio dele que o leitor pode se situar em relação à temática da pesquisa, sendo um passo descrito, geralmente, de forma muito breve e direta.

No que diz respeito ao passo 2 - *Apresentando os objetivos*, averiguamos que ele se destaca em quase todos os artigos, alcançando recorrência de 86,67%. Em concordância com o que relataram alguns membros experientes, esse passo é indispensável para a unidade de Introdução e nela são apresentadas, geralmente, de forma sucinta, os propósitos da investigação, como nomeiam alguns colaboradores da área. O manual da APA (2010) também considera imprescindível que sejam explanados os objetivos nessa seção. Segundo Motta-Roth e Hendges (2010), é essencial estabelecer, na Introdução, a designação dos objetivos de estudo. As autoras julgam que apontar os objetivos é estabelecer uma base de conhecimentos a qual é compartilhada com o leitor com o propósito de caracterizar as questões de pesquisa. Na maioria dos artigos, esse passo se situou na conclusão da Introdução.

Quanto às pistas léxico-gramaticais que nos possibilitaram identificar esse bloco informacional, concordamos com o que foi dito por Costa (2015) e Pacheco (2016), visto que houve recorrência no uso da expressão “objetivo”, a qual foi acompanhada por verbos no infinitivo, como ilustram os exemplos 12, 13 e 14.

(12) Dessa forma, os **objetivos** deste trabalho **são caracterizar** a prevalência das experiências adversas autorrelatadas em mulheres adultas portuguesas e **avaliar** se essas experiências estão relacionadas a sintomas depressivos e tentativas de suicídio. Além disso, **buscou-se analisar** especificamente a contribuição de cada tipo de experiência para as variáveis dependentes estudadas. (AAEP19)

(13) De maneira geral, o **objetivo** deste estudo **foi desenvolver** a compreensão da criança sobre a divisão, focalizando em especial a dificuldade em relação à forma de lidar com o resto, uma vez que a literatura aponta como sendo este um dos principais desafios observados na resolução de problemas de divisão. (AAEP21)

(14) O **objetivo** desta pesquisa é **replicar**, conceitualmente, o efeito da sugestão de falsas informações na memória de indivíduos sobre uma cena de um crime, procurando ampliar a discussão acerca dos resultados encontrados nessa temática. Julga-se necessário, também, **fomentar** a produção de pesquisas dessa natureza no contexto brasileiro [...]. (AAEP29)

Também constatamos outras formas de identificar os propósitos da pesquisa, para os quais foram escolhidos outros vocábulos, que são demonstrados nos exemplos 15 e 16.

(15) Desta forma, **pretende-se contribuir** para a compreensão do funcionamento do casal diante deste contexto, fornecendo resultados que tenham implicações para o desenvolvimento de intervenções que possam auxiliar estes casais. (AAEP09)

(16) Neste cenário, foi nosso **intento** de pesquisa **refletir** acerca da política de proteção social, para além dos programas e serviços estabelecidos nos CRAS, mas tomando como foco de análise uma população e um território, na busca de analisar suas especificidades, vulnerabilidades e potencialidades, bem como concretas demandas de proteção social. (AAEP26)

No que concerne à posição desse bloco informacional na seção de Introdução, ele se localiza, geralmente, no final da unidade, sendo apresentado, na maioria das vezes, em um curto parágrafo. Uma característica atípica que encontramos no *corpus* foi a existência de quatro exemplares de artigos que não continham os objetivos da pesquisa na seção de Introdução. Por meio de investigação, apuramos que se trata de quatro periódicos distintos, a saber: Saúde e Sociedade, Estudos e Pesquisas em Psicologia, Psicologia e Sociedade, Psicologia em Pesquisa. Em dois exemplares, o AAEP08, da revista Saúde e Sociedade, e o AAEP13, do periódico Estudos e Pesquisas em Psicologia, há uma seção a parte para “objetivos”, o que poderia ser uma característica comum entre esses dois periódicos, mas ambos não fornecem orientações quanto a isso. O AAEP08, inclusive, divide a seção para objetivos em objetivo geral e objetivos específicos. Quanto aos dois exemplares restantes, o AAEP14 e o AAEP16, provenientes das revistas Psicologia e Sociedade e Psicologia em Pesquisa, respectivamente, não há indícios de objetivos na unidade retórica de Introdução.

Ainda caracterizando a seção de Introdução, consideramos relevante mencionar um passo que, embora não seja recorrente no *corpus*, merece destaque. Nos referimos ao passo 1, *Estabelecer a importância da pesquisa*, pertencente ao movimento 1, *Estabelecer o território*, elaborado por Swales (1990). Esse passo é especificado por apresentar embasamentos que sustentem a pesquisa desenvolvida, ressaltando, assim, a sua importância em relação a pesquisas aclamadas. Os autores costumam encontrar respaldo apontando que a temática que eles estudam tem sido

o foco de diversas pesquisas e assim citam essas referências, como podemos observar nos exemplos 17 e 18.

(17) A preocupação com a motivação no ambiente educacional **tem sido evidenciada** cada vez mais, considerando o **crescente número de pesquisas** sobre o tema nessas últimas décadas. Boruchovitch e Bzuneck (2010) afirmam que as pesquisas sobre a motivação escolar têm aumentado mundialmente, sendo que o construto vem sendo estudado sob diferentes abordagens teóricas, mostrando a complexidade do assunto. (AAEP02)

(18) A investigação do estado emocional de mães de crianças com doenças crônicas ou progressivas **tem sido o foco de diversos estudos**, em função das possíveis interações entre o padrão psicológico das mães, comportamento das crianças e a qualidade de vida dos membros da família (Crnic, Fiedrich, & Greenberg, 1983; Davis, Shelly, Waters, Boyd, Cook, & Davern, 2010; Freitas, 2004; Hauser-Cram et al., 2001; Manuel, Naughton, Balkrisnan, Smith, & Koman, 2003; Murphy, Christian, Caplin, & Young, 2007; Sipal, Schuengel, Voorman, Van Eck, & Becher, 2010; Taanila, Syrjälä, Kokkonen, & Jarvelin, 2002; Thompson et al., 1994; Yim, Moon, Rah, & Lee, 1996). (AAEP11)

Por fim, um bloco informacional que também foi encontrado, mas não foi recorrente no *corpus* refere-se a hipóteses dos autores em relação aos objetos de pesquisa de seus trabalhos (exemplos 19 e 20).

(19) A partir da literatura revisada, **esperava-se** que os casais onde ambos os cônjuges tivessem acesso ao script individual de base segura, isto é, com indicadores de apego seguro, apresentassem maiores indicadores de apego compartilhado seguro do que casais em que apenas um ou nenhum dos cônjuges possuíssem acesso a essa forma de *script*. (AAEP09)

(20) Na presente pesquisa, **foi esperado** que as falsas informações fornecidas por um confederado influenciassem negativamente os depoimentos dos participantes, resultando em relatos menos acurados. Quanto aos tipos de informação, **era esperado** que os participantes se lembrassem mais de informações centrais do que informações periféricas de um determinado crime, tendo em vista os recursos atencionais relacionados a esses elementos. (AAEP29)

Nos exemplos apontados, encontramos discursos por meio dos quais os autores se deparam com expectativas não alcançadas, seja em relação à literatura, que pode trazer influência para os resultados esperados, como os objetos de pesquisa, que podem colaborar para que as expectativas sejam confirmadas ou refutadas. Mesmo que a unidade informacional “Indicar hipótese” tenha sido observado em apenas 13,33% dos exemplares do *corpus*, podemos, por meio dele, observar os bastidores de algumas investigações, nas quais os autores podem comprovar ou não suas hipóteses. No que concerne à caracterização geral da seção

de introdução, em uma pequena quantidade dos artigos investigados essa unidade é concisa, com uma breve revisão de literatura e com a delimitação precisa dos objetivos.

Embora as revistas não delimitem o espaço que deve conter a seção de Introdução, alguns colaboradores e o manual da APA (2010) defendem que essa unidade deve ser clara e objetiva, ou seja, não deve se estender muito. No entanto, é importante mencionar que, dentre os 30 exemplares de artigos analisados, a seção de Introdução é dedicada, em um espaço significativo, à revisão de literatura relacionada ao tema em questão. Em um cálculo realizado, comparando a porcentagem total de palavras na seção de Introdução e a quantidade de palavras que se referiam a revisões de literatura, encontramos os seguintes resultados, os quais podem ser observados na Tabela 3:

Tabela 3 – Porcentagem de revisão de literatura na seção de Introdução

Seção de Introdução	Quantidade de palavras	Porcentagem (%)
Total de palavras que compõem a seção de Introdução	44.964	100%
Total de palavras que remetem à revisão de literatura na seção de Introdução	37.791	84%

Fonte: elaboração de nossa autoria com base na quantidade de palavras provenientes da seção de Introdução no que se refere à quantidade total e as palavras relacionadas à revisão de literatura na mesma seção.

Outra característica pertinente dos artigos observada em nosso *corpus* é que 16 deles não vêm com o título da seção em destaque, o que equivale a (53,33%) do total. Investigamos a ausência do título e apuramos que essa é uma recomendação da APA (2010), a qual afirma que, devido a posição dessa seção no manuscrito, ele não precisa carregar essa nomenclatura.

Observamos, também, que, em um dos exemplares, o AAEP26, publicado na revista *Psicologia & Sociedade*, a Introdução é intitulada “Das intenções”. A revista do exemplar em questão, que também segue as normas da APA (2010), não orienta quanto a isso, mas afirma que a omissão de informações nas instruções aos autores implica que prevalecem as características da APA. Como a revista realiza algumas adaptações no que diz respeito a esse guia, isso nos permite compreender que, o produtor do gênero, nesse caso, tem certa liberdade para elaborar essa unidade de forma que haja harmonia entre ambas orientações. No periódico *Psicologia em Pesquisa*, que não segue essas recomendações, há orientação de que a introdução deve ser iniciada logo após a seção de resumo, sem a presença do título “Introdução”.

Após caracterizarmos a configuração sociorretórica da seção de introdução, vejamos as pistas léxico-gramaticais dessa unidade.

7.1.1 Apresentando as pistas léxico-gramaticais da unidade retórica de Introdução

Com o intuito de concluirmos a unidade de Introdução, apresentamos as pistas léxico-gramaticais das unidades informacionais que estiveram presentes no *corpus* investigado. Observemos a seguir:

Quadro 3 - Apresentando as pistas léxico-gramaticais da unidade retórica de Introdução

Movimento 1: Fazendo referência à pesquisa anterior	
Tipo de item	Exemplos
Verbos no presente	Aborda, acrescenta, acrescentam, adota, afirma, afirmam, agrupam, aponta, apontam, apresenta, apresentam, argumentam, atribui, causa, complementam, concebem, conceitua, considera, constituem, contempla, decorrem, defende, defendem, define, definem, descrevem, destaca, destacam, discute, discutem, diz, é, enfatiza, está, estabelece, estão, estima, estuda, evidenciam, expressa, fala, focaliza, indica, indicam, informa, mostra, mostram, observa, observam, ocorre, ocorrem, prefere, problematiza, procuram, propõe, propõem, questiona, relata, resumem, revelam, salienta, são, sugere, sugerem, sumarizam, visualizam.

Verbos no pretérito	Abordou, acrescentaram, adaptaram, analisou, atribuíram, atualizaram, avaliaram, comparou, concluiu, concluíram, confirmou, constataram, constatou, contribuíram, demonstraram, demonstrou, denominou, desenvolveram, desenvolveu, distinguiu, empregaram, encontraram, encontrou, estudou, evidenciou, examinaram, explorou, focalizaram, foi, identificaram, identificou, implementaram, indicaram, investigaram, investigou, mostraram, mostrou, objetivou, observou, optaram, propôs, publicaram, realizaram, realizou, relataram, replicaram, reuniram, revelaram, tratou, verificaram, verificou.
Verbos modais	Deve basear, parece ser, pode contribuir, pode ser caracterizada, pode-se relacionar.
Locuções verbais	Buscou: analisar, avaliar, compreender; têm alertado, têm encontrado, tem merecido, têm procurado averiguar, tem sido demonstrado, têm sido denominadas, têm sido desenvolvidos, tem sido pesquisada, têm usado, têm verificado, vêm utilizando e estudando.
Voz passiva	Aponta-se, apontam-se, assume-se, caracteriza-se, considera-se, define-se, destaca-se, encontrou-se, entende-se, inspirou-se, julga-se, justifica-se, observa-se, partiu-se, percebeu-se, refere-se, ressalta-se, sugere-se, é apontada, é composto, é conceituado, é definida, é definido, é descrita, é identificado, é tido, está associada, está relacionada, estão relacionados, foi conduzido, foi demonstrado(a), foi encontrado, foi realizado(a), foi verificado, foram definidas, foram desenvolvidas, são descritos, são entendidas, são explicados, são percebidas, se caracteriza, se configura, se remetiam.
Movimento 2 – Apresentando a pesquisa	
Passo 1: Apresentando o tema	
Tipo de item	Exemplos
Verbos no presente	Adentramos, analisamos, apresenta, descrevem, está, investiga, investigamos, trata.
Verbos no pretérito	Examinou, identificou, investigou, realizada.
Verbos no futuro	Apresentará, focalizaremos, refletiremos.
Verbos no infinitivo	Discutir.

Locuções verbais	É dedicado, foram verificadas.
Voz passiva	Analisou-se, foca-se, inspirou-se, propôs-se.
Passo 2: Apresentando os objetivos	
Tipo de item	Exemplos
Expressão denotativa da função retórica	Intuito, Objetiva analisar, Objetiva-se, Objetivo, Objetivos, Pretende, Tem como objetivo, Tem por objetivo, Teve como objetivo, Teve por objetivo.
Uso de verbos no tempo infinitivo	Analisar, apresentar, avaliar, buscar, buscar compreender, caracterizar, comparar, compreender, conhecer, contribuir, construir, desenvolver, discutir, estudar, fomentar, identificar, implementar, investigar, possibilitar, pretende-se contribuir, replicar, somar, verificar, visam obter.

Fonte: de nossa autoria, adaptado de Pacheco (2016, p. 142).

O movimento 1, *Fazendo referência a pesquisas anteriores*, que não contém passos, se destacou por apontar pesquisas e teorias, inicialmente, por meio de verbos nos tempos presente e pretérito, em grande parte dos exemplares, tanto no singular como no plural. Além disso, também encontramos locuções verbais, verbos modais e verbos na voz passiva, sendo que estes, dentre os três, tiveram maior ocorrência, seja na forma analítica ou sintética.

No passo 1 – *Apresentando o tema*, do movimento 2 – *Apresentando a pesquisa*, evidenciamos marcas lexicais as quais permitem que os autores mostrem como a pesquisa foi desenvolvida. Estiveram presentes, nos artigos analisados, verbos nos tempos presente, pretérito e futuro, em uma quantidade próxima, apenas uma ocorrência de um verbo no infinitivo, duas locuções verbais e quatro verbos na voz passiva. É válido frisar que algumas dessas expressões, principalmente as flexões para o infinitivo de “investigar”, foram mais utilizadas, com o intuito de mostrar, de forma clara e direta, como a pesquisa progrediu.

No segundo passo do segundo movimento, *Apresentando os objetivos*, encontramos, de maneira claramente expressa, os propósitos do trabalho, que foram

evidenciados por expressões que denotavam a função retórica do passo. Para o vocábulo “objetivo” foram enunciadas algumas variações, como locuções verbais, voz passiva e adjetivos para tal expressão. Os autores foram categóricos na seção de Introdução quanto à explicitação de seus objetivos de pesquisa, sintetizando, assim, suas intenções diante do estudo publicado.

Dessa forma, quanto à configuração sociorretórica, percebemos que, no *corpus*, os artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia apresentaram um modelo retórico voltado ao descrito por Swales (1990) o qual foi adaptado conforme as particularidades da cultura em estudo, iniciando-se por uma revisão de literatura, seguida pela apresentação do tema e, por fim, são delineados os objetivos. Nesse sentido, sugerimos que a área de Psicologia é caracterizada por apresentar uma introdução que, no geral, demonstra ser extensa e fundamental para os artigos acadêmicos.

Vejamos, a seguir, a descrição da unidade retórica de Metodologia.

7.2 UNIDADE RETÓRICA DE METODOLOGIA

No que diz respeito à construção da unidade retórica de Metodologia, consideramos as orientações do manual da APA (2010), dos periódicos e dos membros experientes da área. Para a APA (2010), a seção de Metodologia deve descrever em detalhes como o estudo foi realizado, apresentando definições conceituais e operacionais das variáveis utilizadas no estudo desenvolvido. A Associação Americana de Psicologia (2010) enfatiza que a descrição da metodologia empregada permite ao leitor avaliar a adequação de seus métodos, a confiabilidade e a validade dos resultados apresentados.

Ainda de acordo com o manual da APA (2010), é preciso apresentar, na elaboração dessa unidade, a identificação de subseções, os procedimentos para a coleta da amostra, as características dos participantes e os instrumentos e materiais utilizados no estudo. No que diz respeito às subseções, é dito que é conveniente dividir a seção de Metodologia em subseções, visto que cada divisão aponta uma característica específica, como a descrição dos participantes envolvidos,

procedimentos ou instrumentos e materiais usados na pesquisa. O guia salienta que se o estudo for muito complexo, pode ser preciso ainda dividir as subseções, posto que pode ser necessário ajudar os leitores a encontrarem informações específicas. Para o manual, detalhes insuficientes podem deixar os leitores com perguntas e detalhes em excesso podem sobrecarregar o leitor com informações desnecessárias.

Em relação aos procedimentos de coleta da amostra, o manual da APA (2010) sugere que seja descrito como os participantes foram selecionados, incluindo, dentre outras informações, a quantidade de participantes da amostra. O guia aponta ainda que os locais em que os dados foram coletados também devem ser apresentados.

No que se refere aos participantes envolvidos na pesquisa, o manual da APA (2010) afirma que identificá-los é imprescindível para desenvolver os resultados. Entre outros aspectos, apontar os critérios de exclusão e inclusão de participantes, características da amostra como idade, sexo, nível de educação também é essencial. Por fim, nesse tópico há certa ênfase para descrever a amostra investigada com detalhes, pois tais características podem influenciar na interpretação dos resultados.

Informações sobre os materiais e instrumentos aplicados no estudo também são fundamentais na composição da unidade da Metodologia. São necessárias informações sobre os métodos empregados para a coleta de dados, como questionários, entrevistas, observações, entre outros materiais e instrumentos utilizados.

No que concerne às orientações dos periódicos para a elaboração dessa unidade retórica, o periódico *Psicologia: teoria e pesquisa* aponta que é imprescindível apresentar as subseções de descrição dos participantes, instrumentos, materiais/equipamentos e procedimentos utilizados para a condução da pesquisa. Já para a revista *Temas em Psicologia*, devem constar nessa seção os seguintes subtópicos: participantes, instrumentos, procedimentos de coleta de dados, procedimentos de análise de dados e procedimentos éticos. O periódico *Psico-USF* também é sucinto ao afirmar que a Metodologia deve conter os participantes envolvidos no estudo, os instrumentos utilizados e os procedimentos da pesquisa. A revista *Saúde em Debate*, por sua vez, sugere que os métodos sejam descritos de forma objetiva.

Para o periódico *Estudos de Psicologia*, que é mais detalhista no que diz respeito à descrição de como essa seção deve ser elaborada, a metodologia utilizada para desenvolver a investigação deve ser descrita, incluindo informações consistentes sobre os participantes, instrumentos e procedimentos utilizados. A revista ainda afirma que, ao final da seção, deverá ser apresentada uma clara afirmação no que concerne ao atendimento sobre os procedimentos éticos adotados no estudo e é necessário, também, fornecer o número do processo aprovado.

Após a descrição das recomendações da APA (2010) e dos periódicos analisados no *corpus* desse estudo, trazemos as informações obtidas a partir das entrevistas e questionários com os membros experientes da cultura disciplinar da área de Psicologia. O colaborador 2 diz que, na Metodologia, não se deve ser repetitivo, nos levando a compreender que, nessa unidade, preza-se pela concisão. É preciso, portanto, apresentar de forma direta os métodos utilizados no trabalho. O colaborador 3 defende que essa seção deve demonstrar o referencial de pesquisa e caracterizar a amostra do estudo. Para o colaborador 8, essa seção é indispensável para o artigo acadêmico, pois mostra “como o trabalho foi feito”. O pesquisador é mais criterioso ao dizer que, na Metodologia, devem ser esclarecidos todos os passos da pesquisa, procedimentos, critérios de inclusão, instrumentos utilizados, quem elaborou esses instrumentos, como a coleta foi feita, como os dados foram analisados e quais são as características dos participantes.

De acordo com o colaborador 12, é essencial evidenciar o método de geração de análise de dados, aspectos éticos, descrição das características dos participantes do estudo, instrumentos e procedimentos. O colaborador 10 salienta que é imprescindível que a Metodologia esteja adequada ao objeto de estudo. O pesquisador sugere, ainda, que é preciso que haja subsídios para uma boa compreensão e interpretação da pesquisa.

Após discorrermos sobre as orientações do manual da APA (2010), dos periódicos e das entrevistas/questionários dos membros experientes da cultura disciplinar da área de Psicologia, vejamos, a seguir, como é elaborada a unidade retórica de Metodologia nos exemplares de artigos acadêmicos empíricos do *corpus*. Os percentuais serão discutidos em confronto com as descrições retóricas de Nwogu (1997), Oliveira (2003) e Costa (2015).

Figura 10 – Frequência de unidades informacionais na seção de Metodologia de artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia⁵⁴

UNIDADES INFORMACIONAIS DESCRITAS POR OLIVEIRA (2003)	
Movimento 1: Descrição do <i>corpus</i> ou dos participantes da pesquisa	
Passo 1 – Especificação do tamanho da amostra (tamanho do <i>corpus</i> ou número de participantes)	73,33%
Passo 2 – Especificação do perfil dos participantes	73,33%
Passo 2A – Especificação do sexo e idade	60%
Passo 2B – Especificação do nível de escolaridade (estudantes, professores etc)	46,67%
Passo 2C – Especificação da subárea a que os participantes pertencem	3,33%
Passo 2D – Especificação do nível de conhecimento dos participantes na língua ou no tópico que está sendo investigado pela pesquisa)	0%
OU	
Passo 3 – Especificação do <i>corpus</i> selecionado	10%
Movimento 2: Descrição dos materiais ou instrumentos utilizados na coleta de dados	93,33%
Movimento 3: Descrição dos procedimentos	93,33%
Movimento 4: Descrição da análise dos dados	66,67%

UNIDADE INFORMACIONAL DESCRITA POR NWOGU (1997)	
Movimento 4: Descrevendo procedimentos de coleta de dados	
Passo 1 – Indicando a fonte de dados	60%
Passo 3 – Indicando os critérios para a coleta de dados	33,33%

UNIDADE INFORMACIONAL DESCRITA POR COSTA (2015)	
Movimento 4: Indicando aprovação por comitê de ética	53,33%

UNIDADE INFORMACIONAL DESCRITA POR PACHECO (2016)	
Movimento 1: Descrevendo procedimentos de coleta de dados	
Passo 1 – Apresentando o tipo de pesquisa	36,67%

Fonte: Nwogu (1997, p. 135), Oliveira (2003, p. 153), Costa (2015, p.195) e Pacheco (2016, p. 145).

A seção de Metodologia, no *corpus* analisado, foi construída por meio de cinco movimentos, aproximando-se de quatro movimentos propostos por Oliveira

⁵⁴ Destacamos em negrito os movimentos e passos que efetivamente contribuíram para a recorrência da descrição retórica final da unidade de Metodologia de artigos experimentais da cultura disciplinar da área de Psicologia

(2003), de um movimento proposto por Nwogu (1997) e de um movimento elaborado por Costa (2015). O primeiro movimento designado por Oliveira (2003), *Descrição do corpus ou dos participantes da pesquisa*, foi recorrente por meio de 3 passos: *Especificação do tamanho da amostra (tamanho do corpus ou número de participantes)*, *Especificação do perfil dos participantes*, *Especificação do sexo e idade*. Esses passos apresentaram a recorrência de 73,33%, 73,33% e 60%, respectivamente. Encontramos, também em nosso *corpus*, o movimento apresentado por Nwogu (1997), *Indicando a fonte de dados*, e o determinado por Costa (2015), *Indicando aprovação por comitê de ética*, que apresentaram, respectivamente, 60% e 53,33% de recorrência. Observemos, então, como está configurada a seção de Metodologia no *corpus* do estudo:

Figura 11 – Descrição retórica da unidade de Metodologia em artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia

Movimento 1: Descrevendo a amostra da pesquisa

Passo 1 – Especificando o tamanho da amostra

Passo 2 – Caracterizando o perfil dos participantes da amostra

Passo 3 – Indicando a fonte de dados

Movimento 2: Descrevendo os materiais ou instrumentos utilizados na coleta de dados

Movimento 3: Descrevendo procedimentos experimentais

Movimento 4: Indicando aprovação por comitê de ética

Movimento 5: Descrevendo a análise de dados

Fonte: elaboração de nossa autoria, conforme os movimentos e passos propostos por Nwogu (1997), Oliveira (2003) e Costa (2015).

Com base na Figura 11, observamos que o movimento 1 – *Descrevendo a amostra da pesquisa* é dividido em três passos: o passo 1 - *Especificando o tamanho da amostra*, o passo 2 - *Caracterizando o perfil dos participantes da amostra* e o passo 3 – *Indicando a fonte de dados*. Realizamos uma adaptação do modelo de Oliveira (2003) em relação aos passos 2, 2A, 2B, 2C e 2D (ver Figura 10), posto que a proposta da autora apresenta as características do perfil dos participantes nesses 5 passos – dentre eles, apenas o 2 e o 2A foram recorrentes - e acreditamos que reuni-los em

apenas um englobaria essas informações e poderia, dessa forma, designar essas características, facilitando a sua identificação. De forma geral, o movimento 1 descreve tanto a quantidade de participantes ou da amostra envolvida na pesquisa como as características específicas dessa população e a fonte de dados, a qual é relacionada à amostra.

O passo 1 do referido movimento, intitulado *Especificando o tamanho da amostra*, que foi adaptado de Oliveira (2003), é caracterizado por apresentar apenas a quantidade de pessoas que participou do estudo desenvolvido (exemplos de 21 a 24), não sendo recorrente a especificação do tamanho do *corpus*, visto que só 10% dos exemplares apresentam essa característica.

(21) Para este estudo específico, foram selecionados 529 estudantes que responderam afirmativamente a, pelo menos, um dos itens do instrumento que indicavam violência na família e/ou na comunidade. (AAEP05)

(22) **Participaram** deste estudo **sete** profissionais, de diferentes áreas, atuantes nos três níveis de atenção do Sistema Único de Saúde (SUS). (AAEP07)

(23) **Foram colaboradoras** da pesquisa **10** grávidas, com idades entre 23 e 33 anos, captadas em um serviço de obstetria de um hospital privado de Brasília. (AAEP08)

(24) **Participaram** do estudo 122 mães de crianças portadoras de PC, que recebiam tratamento na Associação Mineira de Reabilitação (AMR) em Belo Horizonte- MG. (AAEP11)

É relevante apontar que o referido passo também foi destacado por Nwogu (1997) e Costa (2015) na análise da área de Medicina e Pacheco (2016) na investigação da área de Nutrição. Nwogu (1997) identificou esse passo como *Indicando o tamanho dos dados*, já Costa (2015) e Pacheco (2016) descreveram esse passo como *Apresentando a amostra*. Dentre as características apontadas por Costa (2015), constam, no passo em questão, informações referentes à dimensão da amostra e o perfil dos participantes. Em relação ao estudo de Pacheco (2016), eram explicitadas informações voltadas ao tamanho da amostra.

No que se refere ao passo 2, *Caracterizando o perfil dos participantes da amostra*, são descritas informações da amostra do estudo. Ao contrário dos modelos propostos por Costa (2015) e Pacheco (2016), que descreveram a amostra quanto ao seu tamanho e características específicas de seus participantes, são encontradas, neste passo do nosso *corpus*, informações voltadas ao perfil dos participantes

envolvidos na pesquisa. Essas informações destacam as particularidades da amostra quanto ao sexo e idade, nível de escolaridade e até a subárea a que os participantes pertencem, corroborando o que diz o manual da APA (2010), no tocante à necessidade de identificar os participantes da pesquisa, detalhando características como sexo, nível de escolaridade etc. Esse passo também está em sintonia em relação ao que confirma o periódico *Estudos de Psicologia*, o qual justifica que informações consistentes sobre os participantes devem ser explicitadas. Esse resultado pode ser percebido nos exemplos de 25 a 28.

(25) A amostra deste estudo foi constituída por 429 alunos regularmente matriculados em diversos cursos, das áreas de Exatas, Humanas e Biológicas, de uma universidade particular do interior paulista. Do total de alunos, 172 (40,1%) eram do sexo masculino e 257 (59,9%) do sexo feminino. A idade variou entre 18 anos a 44 anos ($M=22,7$; $DP=4,85$). Na distribuição por áreas do conhecimento, houve predominância para a área de Ciências Exatas, com frequência de 235 (54,8%), seguida das Ciências Humanas, com 116 (27%) e Ciências Biológicas com 78 (18,2%). (AAEP02)

(26) A amostra foi composta por 17 familiares (Cuidadores informais) de pacientes oncológicos, incluindo adulto e infantil, e 16 cuidadores formais, ou seja, a equipe de profissionais do Hemocentro (enfermeiro, auxiliares de enfermagem, psicóloga, assistente social, médicos, pedagoga e farmacêutico). (AAEP13)

(27) Participaram deste estudo 47 graduandos cursando o 5º e o 7º semestres do curso de Psicologia de uma faculdade particular no interior do Estado de São Paulo, oito homens e 39 mulheres, com idade média de 26 anos e mediana de 23. (AAEP14)

(28) Participaram do estudo 120 crianças de ambos os sexos, faixa etária entre 6 e 12 anos ($M = 9,46$; $DP = 1,42$), encaminhadas a um serviço de neurologia com queixas de dificuldades de aprendizagem para avaliação interdisciplinar. (AAEP18)

O terceiro passo, intitulado *Indicando a fonte de dados*, recorrente no *corpus*, é responsável por mostrar o local a partir de onde foram coletados os dados das amostras da pesquisa. Esse passo, designado por Nwogu (1997), Costa (2015) e Pacheco (2016), está relacionado, no nosso *corpus*, com a amostra, estando, portanto, disposto no movimento 1 – *Descrevendo a amostra da pesquisa*. É preciso salientar que, ao contrário do que foi observado por Pacheco (2016) ao afirmar que esse passo fornecia informações tanto do local onde a pesquisa foi realizada como também sobre a data, no nosso *corpus*, a identificação das datas não foi recorrente (exemplos de 29 a 32).

(29) Participaram do estudo 122 mães de crianças portadoras de PC, que recebiam tratamento na Associação Mineira de Reabilitação (AMR) em Belo Horizonte- MG. (AAEP11)

(30) A pesquisa **foi realizada em um Hemocentro de município de médio porte do interior de São Paulo.** (AAEP13)

(31) **Foi recrutada** uma amostra não probabilística de conveniência com 491 indivíduos do sexo feminino ($n = 282$; 57,4%) e masculino ($n = 209$; 42,6%) **na cidade de Porto Alegre/RS.** (AAEP27)

(32) **Participaram** da pesquisa 615 estudantes de Ensino Médio, 149 professores e 32 funcionários de seis escolas públicas gaúchas, **nas cidades de Porto Alegre, Venâncio Aires e Santa Cruz do Sul.** (AAEP28)

É importante salientar que, nesse passo, geralmente são destacadas informações referente a localidades por meio da explicitação de cidades ou de locais como escolas, universidades, hospitais etc. Essas informações são apresentadas após a caracterização da dimensão da amostra e do perfil dos participantes.

O segundo movimento, *Descrevendo os materiais ou instrumentos utilizados na coleta de dados*, que apresentou recorrência de 93,33%, não contém passos e é caracterizado por apontar e descrever quantos e quais são os instrumentos usados para colher os dados para desenvolver o estudo. Nwogu (1997), Costa (2015) e Pacheco (2016) evidenciaram esse passo como o momento em que são designados os variados recursos empregados para levantar dados (exemplos de 33 a 36).

(33) Dentre as abordagens possíveis na pesquisa qualitativa **optou-se** pelo uso de **entrevistas semiestruturadas** para a produção de dados, uma vez que se trata de uma técnica flexível, que permite tanto adicionar questões quanto explorar novos pontos necessários conforme os objetivos propostos (Schraiber, 1995). (AAEP01)

(34) Para avaliação dos aspectos psicológicos, emocionais e saúde geral das mães **utilizaram-se os instrumentos: Inventário de Depressão de Beck, Questionário de Estresse para Pais de Crianças com Transtornos do Desenvolvimento (QE-PTD) e Questionário de Saúde Geral.** (AAEP11)

(35) Um **Questionário Sociodemográfico foi usado** para recolher informações acerca da idade, estado civil, escolaridade e situação profissional das participantes, além disso, **foi utilizada a versão portuguesa do Adverse Childhood Experiences (ACE) Study Questionnaire** (Felitti et al., 1998; Silva & Maia, 2008), a qual inclui questões de autorrelato acerca de 10 categorias de experiências adversas divididas em duas áreas: experiências sobre as quais a criança é vítima direta (abuso emocional, físico e sexual e negligência física e emocional) e experiências integradas num contexto familiar disfuncional (familiares consumidores de substâncias, transtorno mental ou suicídio na família, prisão de um membro familiar, violência doméstica contra a figura materna e divórcio entre os pais). (AAEP19)

(36) O **instrumento utilizado foi o Inventário de Comportamentos para Crianças e Adolescentes – CBCL 6 a 18 anos** (Achenbach & Rescorla, 2001), versão brasileira (Bordin, Mari, & Caeiro, 1995), que avalia problemas de comportamento e competência social, sendo esta última obtida por três escalas (atividades, sociabilidade e escolaridade). (AAEP23)

Para a APA (2010), na seção da Metodologia, é fundamental a descrição de todos os materiais ou instrumentos utilizados para a coleta de dados. É preciso

apontar qual tipo de material foi empregado, como questionários, escalas, entrevistas, inventários, detalhando cada um desses instrumentos. No caso do *corpus* desta pesquisa, há alguns exemplares de artigos empíricos que esclarecem com detalhes como e por quem o material foi elaborado, se foi adaptado, se é ou não uma versão nacional, qual é o propósito de utilizá-lo, entre outros. Em alguns casos, esses instrumentos são apresentados em subtópicos ou quando não o são, são descritos no corpo do texto. Com base em Motta-Roth e Hendges (2010), compreendemos que informar sobre os materiais e instrumentos utilizados é uma importante função retórica da unidade de Metodologia.

Em relação às orientações das revistas do *corpus*, as que tecem recomendações para a construção da Metodologia, solicitam que sejam designados os instrumentos e materiais empregados no desenvolvimento da pesquisa. Quanto aos membros experientes entrevistados, quase a totalidade afirmou ser esse um aspecto fundamental a ser mencionado nessa unidade retórica.

O movimento 3, *Descrivendo procedimentos experimentais*, também descritos por Nwogu (1997), Costa (2015) e Pacheco (2016) como o momento em que é relatado o processo experimental, busca explicar como ocorreu o processo do desenvolvimento da pesquisa, apresentando o passo a passo de como foram aplicados os instrumentos, como foi feito o processo de coleta de dados e o detalhamento desse processo. Esse passo alcançou 93,33% de recorrência, sendo encontrado em 28 dos 30 de artigos do *corpus*. Para Oliveira (2003), nesse passo, há uma descrição do contexto em que a pesquisa se insere. De acordo com a autora, essa característica é mais visível em pesquisas qualitativas, no entanto, apuramos que nos artigos quantitativos elas também são muito presentes. Vejamos, a seguir, os exemplos que representam esse passo (37 a 40).

(37) Num primeiro momento, **foi aplicado** o TDE seguindo-se as normas do manual. Na última etapa, **foram aplicadas** as tarefas de consciência fonológica — o Teste de Spoonerismo, que consiste em fazer uma espécie de jogo com os sons das palavras. (AAEP16)

(38) As crianças **foram incluídas** no estudo mediante a permissão dos pais, registrada em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para composição da amostra, **foram levantados** resultados de avaliações do banco de dados do Laboratório de Distúrbios, Dificuldades de Aprendizagem e Transtorno da Atenção (DISAPRE), organizados conforme os objetivos da pesquisa. (AAEP18)

(39) Os dados **foram coletados** nas salas de aula durante o período letivo regular universitário, em cursos de graduação e pós-graduação, visando pessoas com maior idade e relações amorosas mais

estáveis. Também **foram abordados** participantes em projetos universitários de extensão comunitária, em associações e grupos de casais diversos, buscando dados em setores variados da sociedade. (AAEP27)

(40) Na condição controle, o questionário **era respondido** apenas uma vez de forma individual, imediatamente após a visualização do vídeo. Ao final do procedimento, **foi esclarecido** aos participantes o objetivo da pesquisa, sendo explicado, na condição concordância, a atuação do confederado, e garantindo que o participante não havia desconfiado da encenação durante o procedimento. (AAEP29)

Com base em Nwogu (1997), Costa (2015) e Pacheco (2016), compreendemos que essa unidade informacional narra sobre o caminho percorrido na construção da pesquisa. Para o colaborador 8, o passo a passo da pesquisa deve ser detalhado no desenvolvimento do estudo, sendo necessário, portanto, discorrer sobre os procedimentos das etapas da pesquisa. O guia de orientação da APA (2010) diz, por sua vez, que é essencial fornecer informações sobre como os procedimentos de seleção dos participantes, como eles foram agrupados para a coleta de dados, como ocorreram esses momentos, quantos encontros foram necessários para a coleta, com o detalhamento de todas as etapas.

O quarto movimento, *Indicando aprovação por comitê de ética*, situa, nos artigos empíricos, que o trabalho desenvolvido foi aprovado por um comitê de ética. Esse passo também é recorrente nas pesquisas de Costa (2015) e Pacheco (2016), que investigaram as áreas de Medicina e Nutrição, respectivamente. É relevante enfatizar que esse passo se destaca em diferentes casos, seja na subseção dos procedimentos, numa subseção própria ou no texto corrido, que é quando não há subseções destacadas no corpo do artigo (ver exemplos de 41 a 44).

(41) O estudo **foi** submetido e **aprovado** por dois **Comitês de Ética em Pesquisa: da Secretaria Municipal de Saúde (CEP-SMS)** de São Paulo (**Parecer** nº 52/10) e da Faculdade de Medicina e complexo Hospital das Clínicas (CAPPesq; **Protocolo** nº 1075/08) (AAEP01)

(42) O presente trabalho **foi aprovado** pelo **Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Católica de Brasília – UCB**, em Abr/2011, sob o no do **parecer** 085/2011. (AAEP08)

(43) O projeto deste estudo **foi aprovado** pelo **Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Campinas**, instituição a que se vinculam as autoras, por meio do **parecer** número 375/09, atendendo aos padrões estabelecidos pela Resolução 196/96. (AAEP14)

(44) Este trabalho **foi aprovado** pelo **Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (Protocolo** nº 476.243) (AAEP18)

O passo *Indicando aprovação por comitê de ética*, que foi encontrado em 53,33% do *corpus*, procura situar qual é o comitê específico que aprovou a pesquisa e cita, também, números de protocolos, processos, pareceres, resoluções etc. A revista *Temas em Psicologia* ressalta que todos os artigos empíricos que tenham realizados procedimentos envolvendo seres humanos na coleta de dados devem apresentar informações sobre o parecer favorável de algum Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) vinculado à CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa). O periódico *Estudos de Psicologia* também solicita que sejam destacadas informações relacionadas à aprovação dos comitês de ética. No entanto, percebemos que alguns exemplares de artigos em que a pesquisa lida com seres humanos não apresentaram informações referentes à aprovação por comitê de ética. Talvez a omissão dessas informações nos artigos se deva à falta de orientação de quase todos os periódicos e do manual da APA (2010). Mesmo sem essas orientações, 53,33% do *corpus* apresentou recorrência para essa unidade informacional, ou seja, os autores desses estudos consideraram relevante destacar essas informações.

O movimento 5, *Descrevendo a análise de dados*, tem função retórica de discutir como são feitas a análise e a interpretação dos dados coletados. Esse movimento também foi evidenciado por Oliveira (2003), Costa (2015) e Pacheco (2016), sendo que se aproxima mais de Oliveira (2003) pelo fato de não possuir passos. Costa (2015), por meio de seu estudo sobre configuração sociorretórica em artigos experimentais de Medicina, indica três passos para o movimento que descreve os procedimentos da análise de dados, a saber: *Indicando o processo de classificação de dados*, *Indicando o instrumento de análise estatística* e *Apresentando métodos*. Já Pacheco (2016) destacou os seguintes passos: *Indicando instrumento de análise estatística* e *Apresentando teste/modelo de aplicação estatística*. No caso do *corpus* deste estudo, observamos que, nesse passo, são apontados como os dados são/serão analisados e, em alguns casos, são destacados os tipos de análise empregados como também os programas utilizados (exemplos de 45 a 48).

(45) Do ponto de vista da interpretação, os dados da pesquisa **foram analisados** através da análise de conteúdo do tipo temático. Esse tipo de **análise** visa compreender o pensamento do sujeito por meio do conteúdo de suas falas e de depoimentos em texto e permite tanto aprofundar os temas que foram propostos pelo roteiro de entrevista, quanto identificar temas emergentes. (Schraiber, 1995; Caregnato e Mutti, 2006; Minayo, 2008). (AAEP01)

(46) A análise dos dados **foi realizada** por meio do *software* SPSS, versão 18. Por meio de análises descritivas, **foram avaliadas** frequências e porcentagens das respostas dos

itens do instrumento relativos à vivência de situações de violência no ambiente familiar e comunitário, bem como comparadas as médias, por meio de testes *t* de *Student*, dos diferentes tipos de abusos vivenciados por adolescentes e jovens. (AAEP05)

(47) Os dados **foram analisados** em um pacote estatístico *Statistical Packge of Social Science* versão 11.5, seguindo os seguintes passos: 1) **análise descritiva** dos resultados sobre estado emocional das mães e sobre o comportamento das crianças com PC; 2) **análise de correlação**, utilizando o coeficiente de Pearson; 3) regressão múltipla, utilizando o método *stepwise*. (AAEP11)

(48) As análises estatísticas **foram realizadas** utilizando-se o programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 17. (AAEP12)

Ao contrário do que expuseram Costa (2015) e Pacheco (2016) em suas áreas de investigação, na cultura disciplinar da área de Psicologia não é representativa a indicação de instrumento de análise estatística nessa seção. Para Motta-Roth e Hendges (2010), uma das funções retóricas da Metodologia é apresentar a análise dos dados. O colaborador 8 concorda com o que disseram as autoras ao enfatizar que nesse passo é essencial mencionar como os dados foram analisados. Os periódicos *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, *Psicologia & Sociedade* e *Temas em Psicologia* julgam indispensável realizar a análise dos dados na seção de Metodologia.

Após discutirmos sobre os movimentos e passos recorrentes na investigação da unidade retórica de Metodologia, apontamos, a seguir, os movimentos que não alcançaram os 50% de recorrência, mas que merecem destaque. Encontramos um movimento evidenciado por Pacheco (2016) intitulado *Descrevendo procedimentos de coleta de dados*, nesse movimento discutiremos sobre o passo 1 – *Apresentando o tipo de pesquisa* e o passo 4 – *Indicando critérios para a coleta de dados*. O primeiro passo, *Apresentando o tipo de pesquisa*, situa o leitor do artigo em relação à natureza do estudo desenvolvido (exemplos de 29 a 32).

(49) Para que os objetivos pudessem ser atingidos, o método utilizado **foi a pesquisa-ação**, visto ser voltada para a descrição de situações concretas e intervenção ou ação orientada para resolução de problemas coletivos, no qual pesquisadores e participantes estão envolvidos Thiollent (1992). (AAEP08)

(50) **Realizou-se** um **estudo de caso** coletivo (STAKE, 1995), de caráter exploratório e descritivo, do qual participaram três casais que possuíam um filho com diagnóstico de TEA, com idades entre 8 e 10 anos. (AAEP09)

(51) **Trata-se** de um **estudo transversal, documental (realizado com prontuários) e naturalístico** (realizado no ambiente natural dos atendimentos, não em um ambiente criado deliberadamente para pesquisa). (AAEP22)

(52) **Estudo descritivo e interpretativo**, baseado no método clínico de investigação (Triviños, 1995) (AAEP30)

O referido passo apresentou frequência de 36,67% nos artigos analisados, destacando os mais variados tipos de pesquisa, como: estudo de caso, pesquisa-ação, etnografia, dentre outros. O quarto passo do movimento em questão, *Indicando critérios para a coleta de dados*, indica os critérios de inclusão e exclusão no levantamento da amostra. Nesse caso, os participantes que não se encaixavam em critérios estabelecidos na pesquisa eram excluídos. Já os que tinham o perfil desejado pelos autores do estudo eram incluídos na amostra. Como destacou Pacheco (2016), esse passo foi construído por meio de expressões que denotam claramente sua função retórica, como “critérios de inclusão” ou “critérios de exclusão” (exemplos de 53 a 56).

(53) Os **critérios de inclusão** dos participantes da pesquisa **foram**: ser Psicólogo clínico, atender ou já ter atendido paciente(s) com ideação ou tentativa de suicídio e ter aceito participar deste estudo. Não houve critério de exclusão à priori. (AAEP03)

(54) **Foram adotados** como **critérios de inclusão** deste estudo preliminar: ser estudante do curso de Psicologia da referida instituição e/ou membros do PET-Psicologia e, manifestar concordância em participar voluntariamente do estudo. **Foram excluídos** os alunos, incluindo membros do PET-Psicologia, que não consentiram em participar da pesquisa em questão. (AAEP15)

(55) **Foram considerados critérios de exclusão**: apresentar deficiência auditiva ou visual não corrigida, fazer uso de medicamentos psicoativos, sofrer de alguma patologia ou condição neurológica. (AAEP18)

(56) Os **critérios de inclusão** que caracterizaram as participantes **foram**: serem mulheres adultas residentes no Norte do país e que compreendessem o português, sendo que a maioria das delas pertencia a um grupo socioeconômico baixo. (AEEP19)

Em linhas gerais, a unidade retórica de Metodologia, que está presente em 100% do *corpus*, é uma seção curta e suficientemente informativa. Essa seção apresenta, em 60% dos artigos, subseções destacadas para identificar as unidades retóricas, tais como: Participantes, Materiais e Instrumentos, Procedimentos e Análise de dados etc. Os 40% restantes dos artigos apresentam as unidades retóricas diluídas no corpo do texto, solicitando ao leitor maior atenção para as pistas léxico-gramaticais indicadoras das funções retóricas.

Outra característica relevante é que há distintas nomenclaturas para denominar a seção de Metodologia. A terminologia mais comum é *Método*, encontrada em 76,67% do *corpus*. Entre as outras nomenclaturas, podemos mencionar: *Metodologia* (AAEP01, AAEP25); *Percurso metodológico* (AAEP04); *A pesquisa* (AAEP06); *Procedimentos metodológicos* (AAEP07); *Procedimento de configuração*

do acontecer (AAEP14) e *Itinerários da incursão ao outro* (AAEP26). Acreditamos que, como o guia da APA (2010) e poucas revistas investigadas tecem recomendações quanto a essa nomenclatura, os autores sentem-se livres para construir diferentes nomeações.

Depois de descrevermos sobre a configuração da unidade retórica de Metodologia, passemos para as pistas léxico-gramaticais dessa seção.

7.2.2 Apresentando as pistas léxico-gramaticais da unidade retórica de Metodologia

Para finalizarmos a descrição da unidade de Metodologia, apontamos as pistas léxico-gramaticais das unidades informacionais que se destacaram no *corpus* investigado. Vejamos a seguir:

Quadro 4 - Apresentando as pistas léxico-gramaticais da unidade retórica de Metodologia

Movimento 1: Descrevendo a amostra da pesquisa	
Passo 1 – Especificando o tamanho da amostra	
Tipo de item	Exemplos
Numerais indicando dimensão da amostra:	429, 1140, 32, 54, três, vinte e dois, cem, sete.
Expressão indicativa da função retórica:	Amostra, amostra final, amostra não probabilística de conveniência, amostra foi não probabilística.
Passo 2 – Caracterizando o perfil dos participantes da amostra	
Tipo de item	Exemplos
Expressão definidora dos participantes envolvidos:	Adolescentes, alunos, casais, crianças, crianças de baixa renda, cuidadores formais, cuidadores informais, estudantes, estudantes de Ensino Médio, estudantes universitários, familiares, funcionários de escolas, graduandas, graduandos; grávidas, habitantes de um

	conjunto residencial, indivíduos, mães, mulheres, professores, profissionais de diferentes áreas, Psicólogos, sujeitos, travestis.
<i>Passo 3 – Indicando a fonte de dados</i>	
Tipo de item	Exemplos
Expressão adverbial de lugar:	em escolas públicas, em um Hemocentro de município de médio porte do interior de São Paulo; na Associação Mineira de Reabilitação (AMR) em Belo Horizonte, na cidade de Porto Alegre, na cidade de São Paulo, na cidade do Recife; nas cidades de Porto Alegre, Venâncio Aires e Santa Cruz do Sul, entre outros.
Locução verbal indicativa da função retórica, local onde os dados coletados foram realizados e/ou estavam inseridos:	[A amostra] foi constituída por , [A pesquisa] foi realizada em , Foi recrutada [uma amostra] na...
Movimento 2: <i>Descrevendo os materiais ou instrumentos utilizados na coleta de dados</i>	
Tipo de item	Exemplos
Tipos de instrumento:	Entrevista, escala, ficha de catalogação, ficha de contato, ficha de dados demográficos, instrumento, inventário, lista, medida, pós-teste, pré-teste, protocolo, questionário sociodemográfico, questionário, roteiro de entrevista, subteste, teste.
Voz passiva:	Foi: aplicado(a), elaborado, examinada, usado, utilizado. Foram: obtidos, realizadas, utilizados, realizadas. Aplicou-se, optou-se, utilizaram-se, utilizou-se.
Movimento 3: <i>Descrevendo procedimentos experimentais</i>	
Tipo de item	Exemplos
Voz passiva/Verbos que indicam a realização de procedimentos:	Foi: aplicado, apresentado, assinado, conduzida, divulgado, efetuado, esclarecido, implantado,

	<p>inspecionada, investigada, investigado, observado, realizado(a), solicitado, utilizado.</p> <p>Foram: abordados, agendados, analisados, aplicadas, aplicados, apresentados(as), assinados, atendidos, audiogravadas, avaliados, classificados(as), coletados, convidados(as), destacados, divididas, efetuadas, elaboradas, feitas, garantidos, gravadas, incluídas, instruídos, introduzidos, levantados, lidos, preenchidos, realizados(as), recolhidas, resumidos, selecionados, submetidos, transcritas, utilizados(as).</p> <p>Era: apresentado, solicitado.</p> <p>Eram: apresentados, fornecidos.</p> <p>Aplicou-se, criou-se, explicitou-se, focalizou-se, realizou-se, recorreu-se.</p>
Movimento 4: <i>Indicando aprovação por comitê de ética</i>	
Tipo de item	Exemplos
Expressão denotativa de função retórica:	Foi: aprovado(a) , submetido e aprovado , submetida e aprovada . Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa.
Expressão denotativa do Registro do estudo em comitê de ética:	Parecer, processo, protocolo, resolução.
Expressão denotativa de consentimento dos participantes envolvidos na pesquisa:	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
Movimento 5: <i>Descrevendo a análise de dados</i>	
Tipo de item	Exemplos
Expressão denotativa de função retórica:	Análise de correlação, análise descritiva e inferencial, análise descritiva, análise dos dados, análise exploratória, análise interpretativa, análise mista dos resultados, análise qualitativa dos dados, análises estatísticas.

Voz passiva:	<p>Foi: administrado, efetuado, feita, produzida, realizada, realizado, usado, utilizado,</p> <p>Foram: analisados, avaliados(as), comparadas, considerados, identificadas, introduzidos, organizados, realizadas, submetidos(as), usados.</p> <p>Adotou-se, efetuou-se, fez-se, optou-se, procedeu-se, realizou-se, recorreu-se.</p> <p>Apresentaram, revelou.</p>

Fonte: de nossa autoria, adaptado de Pacheco (2016) com inclusão de características específicas da cultura disciplinar da área de Psicologia.

O primeiro movimento, *Descrevendo a amostra da pesquisa*, contém três passos, que caracterizam a amostra da pesquisa quanto a sua dimensão, características dos participantes e fontes de dados. O referido movimento destaca a sua função retórica, que é caracterizar a amostra, por meio de expressões lexicais como “amostra”, “amostra final”, entre outras designações. Foram apresentadas conceituações que definiam os praticantes envolvidos na pesquisa e expressões adverbiais que apontavam os lugares em que o estudo foi realizado.

O movimento 2, *Descrevendo os materiais ou instrumentos utilizados na coleta de dados*, evidenciou os materiais ou instrumentos aplicados para a coleta de dados por meio dos variados tipos de materiais. Quanto à voz passiva observada no emprego desse movimento, segundo Swales (1990), seu uso é comum na descrição da seção de Metodologia. Entre as pistas léxico-gramaticais, podemos apontar variações para o verbo “aplicar”: “foi aplicado(a)” e “aplicou-se”.

No terceiro movimento, *Descrevendo procedimentos experimentais*, são destacados verbos ou locuções verbais que se encontram na voz passiva e que indicam a realização dos procedimentos da pesquisa. As expressões que se repetiram algumas vezes foram: “foi aplicado”, “foram apresentados(as)” e “aplicou-se”.

O movimento 4, *Indicando aprovação por comitê de ética*, aponta que os referidos trabalhos receberam aprovações dos respectivos comitês e menciona

também expressões que caracterizam esse resultado, como “protocolo”, “resolução”, “processo” e “parecer”. A função retórica desse movimento foi claramente identificada por meio das expressões utilizadas pelos autores dos artigos. Nesse movimento foram recorrentes expressões lexicais como “foi submetido(a) e aprovado(a)”.

No que diz respeito ao quinto movimento, Descrevendo a análise de dados, são explicitadas informações referentes tanto aos tipos de análises utilizados na pesquisa como verbos na voz passiva que expressam ações que envolvem essas análises. Como exemplos dessas expressões, podemos citar: “foram analisados” e “foram avaliados(as)”.

Dessa forma, no que concerne à configuração sociorretórica da unidade de Metodologia, compreendemos que os artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia apresentaram um modelo retórico semelhante ao desenvolvido por Oliveira (2003), com alguns pontos em comum com as propostas de Nwogu (1997) e Costa (2015). Essa seção é iniciada pela descrição da amostra no que diz respeito a sua dimensão, características dos participantes e designação dos locais em que a foi realizada a coleta de dados. Em seguida, são descritos os materiais e instrumentos utilizados na pesquisa. Na sequência, são apontados os procedimentos experimentais, que são destacados por meio de verbos ou locuções verbais na voz passiva que indicam ação. A constatação de que as pesquisas foram aprovadas por comitês de ética também foi uma característica recorrente no *corpus* da pesquisa. Por fim, é descrito como é realizada a análise de dados.

Nessa perspectiva, acreditamos que a área de Psicologia reconhece como necessárias, na construção dessa unidade retórica, informações que caracterizem os participantes da pesquisa, apontem os instrumentos e materiais utilizados, descrevam os procedimentos e mencionem a aprovação de pesquisas com seres humanos por meio de números de processos admitidos por comitês de ética e, por fim, aspectos que descrevam como é realizada a análise de dados. É imprescindível salientar que há correspondência entre os achados de nossa pesquisa e os dados encontrados no manual da APA (2010), as orientações dos periódicos e as características apontadas pelos membros experientes da área, nos levando a perceber a relevância da descrição sociorretórica na análise do gênero artigo acadêmico empírico.

Acompanhemos, em seguida, a análise da unidade retórica de Resultados.

7.3 UNIDADE RETÓRICA DE RESULTADOS

No que concerne à unidade retórica de Resultados, é necessário salientar que essa seção esteve presente em 100% do *corpus* analisado, apresentando-se da seguinte maneira: foi construída, em 60% dos exemplares de artigos acadêmicos empíricos, uma unidade apenas para designar os resultados da pesquisa, enquanto os 40% restantes destacaram essa seção conjuntamente com a de Discussão, a qual é denominada Resultados e Discussão. Discutiremos, primeiramente, neste tópico, a seção de Resultados. Na próxima seção, apresentaremos a análise da unidade retórica de Discussão. Na sequência, discutiremos sobre a unidade de Resultados e Discussão.

Para a construção da unidade retórica de Resultados, o manual da APA (2010) informa que devem ser resumidos os dados coletados, os quais devem ser detalhados de forma suficiente para, no momento da análise e das conclusões da pesquisa, serem discutidos e justificadas as conclusões do estudo. O guia enfatiza que devem ser mencionados tanto os resultados relevantes como também os resultados estatísticos não significativos, de forma que os dados apresentados sejam suficientes para a interpretação do estudo e para futuras pesquisas.

A APA (2010) ressalta que é de grande relevância a análise e a discussão dos dados para a condução da investigação. Se fazem necessários relatórios precisos e completos dos dados, sejam eles de caráter quantitativo ou qualitativo. O guia dessa instituição afirma que os pesquisadores da área de Psicologia utilizam várias abordagens para análise dos dados, reiterando que o método empregado na pesquisa deve ser adequado às questões do estudo e à natureza dos dados coletados.

O manual da APA (2010) também aponta que, caso ocorram intervenções ou manipulações experimentais nos trabalhos, essas informações devem constar na seção de Resultados. Além disso, o guia recomenda que características demográficas e/ou clínicas da amostra sejam fornecidas nos resultados.

Quanto às orientações dos periódicos do *corpus* para a elaboração dessa unidade retórica, o periódico *Psico-USF* julga imprescindível na construção do artigo empírico, o qual eles denominam relato de pesquisa, apresentar uma seção em que

os resultados possam ser discutidos, o que também é dito nas recomendações da revistas *Psicologia em Pesquisa* e *Estudos de Psicologia*.

Para o periódico *Psicologia: teoria e pesquisa*, na seção dos Resultados, deve ser elaborado um relato dos achados e as análises, conforme também defende o manual da APA (2010). De acordo com a revista *Estudos de Psicologia*, essa unidade retórica deve apresentar o relato dos resultados e as análises mais importantes, que respondam aos propósitos da pesquisa. O periódico *Fractal*, por sua vez, discute que essa unidade deve descrever os resultados, contendo a síntese do que foi obtido e, se necessário, explicita as medidas e os resultados de provas estatísticas aplicadas.

Em relação ao olhar dos membros experientes para a caracterização da unidade de Resultados, o colaborador 5 diz que, para ele, a parte mais importante do artigo acadêmico são os resultados e salienta que os resultados devem ser bem detalhados. O colaborador 10 concorda com o colaborador 5 quanto à relevância dessa seção para o gênero explorado. Segundo o colaborador 8, os resultados devem ser coerentes em relação aos métodos utilizados. Para ele, nessa seção deve ser descrito aquilo que os instrumentos apontam, com base numa literatura pré-existente.

Após discutirmos sobre aspectos da cultura disciplinar da área de Psicologia no que tange à caracterização da unidade retórica de Resultados, vejamos, na Figura 12, como é construída essa unidade nos exemplares de artigos acadêmicos empíricos do *corpus* analisado.

Figura 12 – Frequência de unidades informacionais na seção de Resultados de artigos empírico da cultura disciplinar da área de Psicologia

Movimento 1 – Apresentando resultados específicos	100%
--	------

Fonte: de nossa autoria, adaptado de Costa (2015, p. 200).

A unidade de Resultados, nos exemplares do *corpus* investigado, foi composta por apenas um movimento, o qual foi proposto por Costa (2015). Esse movimento, que teve recorrência de 100%, é intitulado *Apresentando resultados específicos* e também é disposto na pesquisa de Pacheco (2016). É válido ressaltar

que não encontramos nenhuma outra unidade informacional recorrente no *corpus*. Vejamos, então, como está configurada a unidade retórica de Resultados nos exemplares analisados:

Figura 13 – Descrição retórica da unidade de Resultados em artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia

Movimento 1: **Apresentando os resultados da pesquisa**

Fonte: de nossa autoria, adaptado de Costa (2015, p. 200).

Conforme podemos perceber na Figura 13, a unidade retórica de Resultados apresenta somente um movimento, o qual é denominado *Apresentando os resultados da pesquisa*. Esse movimento tem como função retórica descrever os resultados provenientes da pesquisa. Percebemos que esta unidade retórica é fortemente marcada pela combinação de aspectos verbais e não-verbais, apresentando comumente gráficos, tabelas, quadros e figuras – os quais são mais presentes em artigos de cunho quantitativo -, como por meio de dados que são apresentados diretamente no texto corrido, que são mais destacados em artigos de caráter qualitativo.

O movimento recorrente no *corpus* desta pesquisa expressa de forma direta os resultados obtidos, recorrendo, algumas vezes, a recursos visuais, como tabelas (exemplo 57). Os resultados são apontados por meio de porcentagens (exemplo 58), com uma expressão lexical que remete à função retórica do movimento (exemplo 59), é válido ressaltar que, quando isso não ocorre, são utilizados verbos no tempo pretérito, se referindo, também, aos resultados alcançados (exemplo 60).

(57) Os **resultados** apresentados na Tabela 2 **indicam** que houve uma correlação positiva moderada entre o Fator 1 - meta *performance*-evitação e o Fator 2 – meta *performance*-aproximação. (AAEP02)

Tabela 2 - Coeficientes de Correlação de Pearson entre as três subescalas organizadas de acordo com os resultados da análise fatorial

Subescalas		Meta <i>performance</i> - evitação	Meta <i>performance</i> - aproximação
Meta <i>performance</i> -aproximação	<i>r</i>	0,41	
	<i>p</i>	0,001	
Meta aprender	<i>r</i>	-0,02	0,13
	<i>p</i>	0,638	0,006

(58) Os **resultados** obtidos pelo Inventário de Sintomas de Estresse para Adultos de Lipp (Lipp, 2000) **apontaram** que do total de 17 cuidadores informais, 14 (82,3%) apresentaram algum nível de estresse, sendo que 43% encontravam-se na fase de resistência, 29% na fase de exaustão, 14% na fase de quase exaustão e 14% na fase de alerta. (AAEP13)

(59) Os **resultados demonstram** evidências de validade do TLN-C na relação com medida de inteligência. (AAEP18)

(60) **Verificou-se** que 213 (95,9%) das mulheres estudadas revelaram ter vivido pelo menos uma experiência adversa na infância, sendo que destas, 38 (17,1%) disseram ter experienciado 5 ou mais tipos de adversidade. (AAEP19)

No que diz respeito ao recurso visual observado no exemplo 57, ressaltamos que em 76,67% dos exemplares de artigos apresentam, pelo menos, uma figura, quadro ou tabela em suas unidades retóricas, sendo que a seção em que esses recursos são mais evidentes é a de Resultados. Dentre as variações supramencionadas, a tabela é a que mais se destaca. Os membros experientes da cultura disciplinar da área de Psicologia defendem que esses recursos visuais são formas interessantes de demonstrar os resultados. Para o colaborador 1, são imprescindíveis, desde que com parcimônia. De acordo com o pesquisador, esses recursos ajudam a visualizar os dados de maneira rápida.

O colaborador 6 afirma que a tabela é o recurso visual mais comum nos artigos. Ele acredita que é preciso explicar os dados contidos nessas imagens, não apenas lançá-los sem discorrer sobre eles. Já o colaborador 7 argumenta que algumas figuras são mais óbvias, não precisando discuti-las, enquanto outras precisam ser textualizadas por serem mais complexas. O professor afirma que esses recursos são mais utilizados em artigos quantitativos, mas “quando há artigos que trabalham com arte, que apresentam figuras, eles trabalham com a discussão de imagens com base em textos interpretativos.”. Por fim, o colaborador 8 diz que esses recursos visuais têm o papel de sistematizar uma informação que é essencial, facilitando a leitura e não poluindo o texto.

Os exemplos 58, 59 e 60 corroboram o que foi defendido por Motta-Roth e Hendges (2010) ao afirmarem que na seção dos Resultados são descritos os fatos verificados no *corpus* investigado ou, como observado nos artigos do *corpus* desse estudo, na amostra da pesquisa. É pertinente mencionar que em uma parcela do *corpus* (20%) são trazidas informações sobre os participantes envolvidos no estudo. Essas informações, muitas vezes, são apenas retomadas em relação as que estão estabelecidas na seção de Metodologia.

Dessa forma, acreditamos que a área de Psicologia julga essencial trazer de forma clara os resultados do estudo. Quando os estudos são quantitativos, é mais frequente o uso de recursos visuais; quando qualitativos, a descrição dos resultados é verbalmente mais detalhada.

7.3.1 Apresentando as pistas léxico-gramaticais da unidade retórica de Resultados

Depois de caracterizarmos a organização sociorretórica da seção de Resultados, passemos às pistas léxico-gramaticais destacadas nessa unidade.

Quadro 5 - Apresentando as pistas léxico-gramaticais da unidade retórica de Resultados

Movimento 1 – Apresentando os resultados da pesquisa	
Tipo de item	Exemplos
Expressão denotativa da função retórica	Resultado(s), Dados
Verbos que direcionam a um determinado resultado	Aponta, apontaram, apontou, apresentaram, apresentou-se, constatou-se, corroboram, demonstra, demonstram, demonstrou-se, evidenciaram, evidenciou, identificam, identificou-se, indica, indicam, indicaram, indicou, inferiu-se, mostra, mostraram, mostrou, observa-se, observou-se, obteve-se, percebe-se, revelaram, revelou, sugere, verificamos, verificaram-se, verifica-se, verificou-se.

Fonte: de nossa autoria, adaptado de Pacheco (2016, p. 162).

O primeiro e único movimento, *Apresentando os resultados da pesquisa*, é caracterizado por apresentar os dados/resultados obtidos a partir do estudo produzido. São encontradas, nesse movimento, expressões lexicais que denotam a sua função retórica, como “resultado(s)”, que foi a mais utilizada, e “dados”.

Entre os verbos destacados nesse movimento, foram apontados tanto verbos no tempo presente como no pretérito. Esses verbos indicam a ação realizada a partir dos achados da pesquisa, como no exemplo “os resultados desse estudo apontaram que...”. Entre os verbos que direcionam aos resultados alcançados, “apontaram”, “demonstram”, “indicam” e “indicaram” foram algumas das ocorrências que mais se destacaram no *corpus*.

Passemos, agora, para o próximo tópico, no qual analisaremos a unidade retórica de Discussão.

7.4 UNIDADE RETÓRICA DE DISCUSSÃO

Inicialmente, relembremos que, de forma semelhante ao que ocorreu com a seção de Resultados, essa unidade foi encontrada no *corpus* da seguinte forma: 60% dos exemplares de artigos acadêmicos empíricos apresentaram essa seção separada da unidade de Resultados e em 40% dos artigos foi observado que essas seções foram produzidas conjuntamente. Para a elaboração da unidade retórica de Discussão, o manual de publicação da APA (2010) esclarece que, após a apresentação dos resultados, é preciso que o autor do artigo tanto os avalie quanto os interprete, sobretudo quanto às hipóteses originais da pesquisa.

O manual menciona que os produtores do trabalho devem analisar, interpretar e classificar os resultados, realizando inferências e conclusões com base neles. Implicações teóricas ou práticas também devem ser salientadas. O guia sugere que, nessa seção, devem ser trazidos outros trabalhos para realizar uma comparação entre o atual e os anteriores, verificando as semelhanças e diferenças entre os resultados. É possível, a partir dessa comparação, contextualizar, confirmar e esclarecer as conclusões do atual estudo. Cada uma das pesquisas anteriores, quando comparadas com as atuais, podem contribuir tanto para a interpretação que o

autor faz dos dados como para a leitura realizada por futuros leitores do trabalho publicado.

Um aspecto que não pode ser desconsiderado na construção dessa unidade é o reconhecimento em relação às limitações da pesquisa. Interpretar os resultados e discutir a validade dos achados também é fundamental. Além disso, o manual da APA (2010) sugere que a seção de Discussão seja concluída com um comentário bem embasado e justificado com base na relevância das descobertas obtidas. Essa conclusão pode ser breve ou extensa, desde que bem fundamentada, mas não deve ser exagerada.

No que se refere às orientações das revistas do *corpus* para essa unidade retórica, não encontramos muitas recomendações. O periódico *Psicologia: teoria e pesquisa* informa que a seção de Discussão deve apresentar sumário, interpretação e implicações dos resultados. A revista *Estudos de Psicologia* traz uma descrição mais pormenorizada. Para a elaboração dessa unidade, a revista aponta que deve haver o resumo, a interpretação e a implicação dos resultados. Ainda de acordo com o periódico, essa seção deve explorar, de forma adequada e objetiva, os resultados discutidos à luz de outras observações as quais já apresentem registro na literatura. Também devem ser enfatizadas sugestões para pesquisas futuras.

Em relação às considerações dos membros experientes acerca dessa unidade, o colaborador 2 afirma que, na Discussão, é realizada a análise dos dados. O pesquisador diz que as discussões devem ser críticas, que problematizem, que procurem avançar no conhecimento, pois é, segundo ele, o “lado inédito do trabalho”. O colaborador 6 defende que a Discussão é uma das seções mais importantes do artigo, posto que as outras apresentam orientações mais mecânicas. Para ele, nessa unidade, o pesquisador pode “se soltar”, pois é naquele momento que ele vai refletir sobre os resultados em função da teoria estudada e vai poder discutir um novo conhecimento. O colaborador reitera que um bom artigo não pode deixar de trazer uma boa discussão. O colaborador 8, por sua vez, enfatiza que a seção de Discussão é imprescindível para um artigo.

Depois de compreendermos as características da cultura disciplinar no que concerne à composição dessa unidade retórica, observemos como essa seção é

elaborada no *corpus* da pesquisa por meio da verificação das unidades informacionais propostas por Nwogu (1997) e Costa (2015) a partir de suas respectivas frequências, as quais são averiguadas pelas porcentagens encontradas. Vejamos, então, a Figura 14:

Figura 14 – Frequência de unidades informacionais na seção de Discussão de artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia

UNIDADES INFORMACIONAIS DESCRITAS POR COSTA (2015)	
Movimento 1: Apresentando informação introdutória e	61,11%
Movimento 2: Explicando resultados específicos de pesquisa	
Passo 1 – Interpretando o resultado e/ou	100%
Passo 2 – Indicando a importância do resultado e/ou	33,33%
Passo 3 – Comparando resultados com a literatura prévia e/ou	66,67%
Passo 4 – Indicando limitações dos resultados e/ou	38,89%
Movimento 3: Indicando implicações práticas de pesquisa	11,11%

UNIDADE INFORMACIONAL DESCRITA POR NWOGU (1997)	
Promovendo mais investigação	61,11%

Fonte: Nwogu (1997, p. 135) e Costa (2015, p. 205).

A unidade de Discussão em nosso *corpus* se aproximou de dois modelos, um proposto por Nwogu (1997) e outro elaborado por Costa (2015), sendo caracterizada, no *corpus*, por dois movimentos propostos por Costa (2015) e por uma unidade informacional construída por Nwogu (1997). O primeiro movimento de Costa (2015), *Apresentando informação introdutória*, alcançou 61,11% de recorrência. Em relação ao movimento 2 elaborado pela autora, *Explicando resultados específicos de pesquisa*, se destacou por meio de dois passos: o primeiro, *Interpretando o resultado*, que foi recorrente em todos os exemplares de artigo do *corpus*; e o terceiro, *Comparando resultados com a literatura prévia*, esteve presente em 66,67% dos artigos investigados. Em relação à unidade informacional produzida por Nwogu (1997), constatamos que houve recorrência de 61,11%. Vejamos, então, como está organizada a seção de Discussão no *corpus* da pesquisa:

Figura 15 – Descrição retórica da unidade de Discussão de artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia

Movimento 1: **Apresentando informação introdutória**

Movimento 2: **Explicando resultados da pesquisa**

Passo 1 – Interpretando o resultado

Passo 2 – Comparando resultados com a literatura prévia

Passo 3 – Propondo investigação futura

Fonte: de nossa autoria, com base em Nwogu (1997) e Costa (2015).

Compreendemos, a partir da Figura 15, que a unidade retórica de Discussão é composta por dois movimentos: *Apresentando informação introdutória* e *Explicando resultados da pesquisa*. O primeiro movimento não apresenta nenhum passo, já o segundo possui três: *Interpretando o resultado*, *Comparando resultados com a literatura prévia* e *Propondo investigação futura*.

O movimento 1, intitulado *Apresentando informação introdutória*, foi discutido por Costa (2015) e Pacheco (2016) em suas respectivas pesquisas. Corroborando o que esses pesquisadores citaram, esse movimento apresenta como função retórica apontar dados pertinentes da literatura (exemplos 61), podendo citar pesquisas prévias (exemplo 62); retomar os objetivos da pesquisa (exemplos 63 e 64), entre outras informações que possam introduzir a seção de Discussão.

(61) A temática do sobrepeso e obesidade infantil é descrita na **literatura** científica como uma questão de saúde complexa e de causa multifatorial. (AAEP07)

(62) As características emocionais de mães de crianças com PC têm sido demonstradas em diversos estudos que evidenciaram a maior vulnerabilidade para depressão e ansiedade como efeitos do estresse (Davis et al., 2009; Parkes et al., 2011). (AAEP11)

(63) A presente pesquisa teve como objetivo comparar o relato de adolescentes vítimas de *bullying* sobre seus problemas de comportamento com o relato de seus professores acerca destes problemas. (AAEP12)

(64) Este estudo **investigou** a relação entre dois tipos de consciência morfológica e a escrita no português do Brasil, com a reflexão sobre a morfologia flexional e a reflexão sobre a morfologia derivacional. (AAEP16)

Acreditamos que essas informações as quais iniciam a seção de Discussão sejam apontadas com o propósito de situar o leitor quanto às informações

mencionadas. Os autores dos artigos podem julgar fundamental trazer referências a pesquisas anteriores que possam embasar a pesquisa, como também retomar os objetivos anteriormente citados, de forma que relembre ao leitor os propósitos do estudo e, em seguida, discuta-os com base nos resultados evidenciados.

No que diz respeito ao segundo movimento, *Explicando resultados da pesquisa*, a referida unidade informacional se volta para a explanação acerca dos resultados encontrados, os quais foram descritos na seção anterior. Nesse movimento, três passos são destacados: *Interpretando o resultado*, *Comparando resultados com a literatura prévia* e *Propondo investigação futura*. O primeiro passo, denominado *Interpretando o resultado*, percebido em 100% do *corpus*, ou seja, em todos os 30 exemplares de artigos acadêmicos empíricos, interpreta e discute os dados evidenciados na seção de Resultados. Esses resultados são facilmente identificados por meio da expressão lexical “resultados” e, em alguns casos, recursos visuais são utilizados para ilustrar a discussão (exemplos 65 a 68).

(65) No que se refere à comparação das pontuações médias em relação ao sexo, os **resultados apontaram** que a média obtida pelos universitários é muito similar tanto na meta *performance*-evitação quanto na meta aprender. (AAEP02)

(66) Referente aos **resultados** sobre os fatores protetores pessoais (Tabela 3), os índices de respostas afirmativas aos itens **foram elevados**; 72% dos adolescentes afirmaram ter uma autoestima positiva, 69,8% se perceberam como capazes para realizar qualquer tipo de atividade e 74,5% tiveram uma boa expectativa quanto a oportunidades futuras. (AAEP05)

(67) Os **resultados** encontrados **demonstram** que existe uma relação entre o estado emocional das mães, sua saúde geral e o comportamento das crianças com PC. (AAEP11)

(68) Os **resultados** obtidos **revelam** que a quantidade de erros cometidos pelos participantes foi substancialmente maior quando expostos a informações falsas. (AAEP29)

A partir da análise da cultura disciplinar da área de Psicologia, compreendemos que, para esse campo, é preciso interpretar os dados após a divulgação dos resultados, conforme defende o manual da APA (2010). Confirmando a recomendação da APA (2010), o periódico *Estudos de Psicologia* defende que, na seção de Discussão, deve haver interpretação dos dados descritos. Um membro experiente também argumenta que, nessa unidade, o pesquisador deve ser crítico nessa discussão, pois será um momento de análise em que pode ser gerado um novo conhecimento para a ciência, o que nos leva a crer que essa seção merece muita atenção em sua produção. É importante mencionar que em muitos dos artigos, os

autores retomam o aporte teórico na seção de Discussão, com o objetivo de fundamentar e/ou interpretar o estudo.

No que concerne ao segundo passo do referido movimento, *Comparando resultados com a literatura prévia*, a função retórica do passo em questão é realizar comparações da pesquisa atual com estudos prévios, os quais são relevantes pelo fato de poderem colaborar para a interpretação dos achados. Esse achado também foi corroborado por Costa (2015) e Pacheco (2016). As pesquisas anteriores em relação às atuais podem apontar divergências (exemplo 69), como também similaridades (exemplos de 70 a 72).

(69) Ao se comparar os índices de consistência interna deste estudo com os encontrados por Zenorini e Santos (2010a), podem-se perceber algumas **diferenças**. (AAEP02)

(70) Em relação à idade, o **mesmo resultado** foi encontrado no estudo de Brossard-Racine et al. (2013) que mostrou que adolescentes com PC têm menos problemas de comportamento e distúrbios emocionais do que crianças com PC. (AAEP11)

(71) Este resultado **vai ao encontro** dos dados apontados pela literatura relativos ao fato do envolvimento em *bullying* se associar à presença de problemas de comportamento (Albores-Gallo et al., 2011; Ledwell & King, 2013; Sourander et al., 2000; Vaillancourt et al., 2013), sendo a condição de vítima tanto um fator de risco como uma consequência do desenvolvimento desses problemas (Reijntjes et al., 2010; Zwierzyńska et al., 2013). (AAEP12)

(72) Tais dados **convergem** na direção de outros estudos de intervenção (Falcone, 1999; Kestenber & Falcone, 2011; Shapiro et al., 2004), os quais também indicaram efeitos positivos para os participantes após a intervenção focalizada no desenvolvimento da habilidade empática. (AAEP15)

O guia da APA (2010) ressalta a relevância da comparação entre trabalhos para que sejam averiguadas as semelhanças e as diferenças entre os resultados. Com base nessa comparação, será possível trazer uma conclusão fundamentada para o estudo, a partir da contextualização dessas pesquisas. A revista *Estudos de Psicologia* reitera que os resultados devem ser discutidos levando em consideração outros achados já registrados na literatura.

O terceiro e último passo do segundo movimento, *Propondo investigação futura*, propostos por Nwogu (1997) e Costa (2015), apresenta como função retórica recomendar novas pesquisas, as quais podem ajudar a compreender um aspecto que a pesquisa atual não pôde aprofundar (exemplo 73), promover novos estudos devido à escassez de pesquisas na área (exemplo 74), realizar um novo estudo a partir de outros tipos de metodologia (exemplo 75) ou estudos que aprofundem a temática pesquisada (exemplo 76).

(73) Um estudo futuro, com um número maior de colaboradoras, poderia ajudar a esclarecer como o PNP atua como fator de proteção para DPP. (AAEP08)

(74) Ressalta-se a **necessidade de outros estudos** com e cuidadores formais e informais de pessoas com câncer, pois o tema ainda é pouco estudado na literatura. (AAEP13)

(75) Nessa direção, dada a relevância para a formação acadêmica, para a trajetória desenvolvimental e prática dos futuros profissionais de Psicologia, sugere-se que **novos estudos** de intervenção com delineamentos mais rigorosos e que possam contemplar, por exemplo, metodologia quantitativa e qualitativa de pesquisa sejam conduzidos em nossa realidade. (AAEP15)

(76) Observa-se ainda a necessidade de **novos e mais aprofundados estudos** sobre a temática, não só das questões teóricas como das questões práticas, estabelecendo assim intervenções e ações a serem realizadas tanto em nível de assistência, como em nível de prevenção e promoção de saúde. (AAEP25)

A sugestão para que sejam realizados novos estudos vai ao encontro das orientações de um dos periódicos do *corpus*, a revista *Estudos de Psicologia*, a qual defende que devem ser enfatizadas sugestões para futuras pesquisas. Acreditamos que, com essas recomendações, os autores dos estudos reconhecem que há muito ainda a ser pesquisado, seja por conta da escassez de trabalhos ou pela necessidade de uma nova abordagem metodológica ou até pelo fato de um estudo merecer um aprofundamento.

É relevante mencionar que essas sugestões para novas pesquisas podem estar relacionadas às limitações do estudo. Essa unidade informacional proposta por Costa (2015) foi encontrada em 38,89% do *corpus* e apresenta como função retórica apontar as limitações encontradas na pesquisa. Essas limitações podem estar relacionadas à amostra (exemplo 77), instrumentos de pesquisa (exemplo 78) ou aspectos metodológicos (exemplo 79).

(77) Ao se analisar os resultados apresentados, não se pode deixar de considerar as **limitações** do estudo. Primeiramente, aponta-se o número reduzido de participantes, o que diminui a possibilidade de generalização dos dados encontrados. (AAEP12)

(78) Apesar de sua contribuição, este estudo tem algumas **limitações**. Primeiro, é retrospectivo e usa medidas de autorrelato, o que pode ter levado a um viés no sentido de sub ou sobre reportar as experiências de adversidade (Dube et al., 2003; Felitti et al., 1998; Lu et al., 2008). (AAEP19)

(79) Algumas **limitações** metodológicas podem estar envolvidas na ausência de resultados significativos entre queixas/sintomas depressivos e estação do ano em que ocorreu a busca por tratamento. (AAEP22)

Embora essa unidade informacional não tenha sido recorrente, achamos válida a discussão, visto que o manual da APA (2010) julga relevante descrever as

limitações do estudo. Além disso, a frequência dessa unidade informacional é significativa (39,89%), o que nos leva a indagar se em um *corpus* expandido essa característica poderia ser recorrente.

Desse modo, percebemos que, na unidade de Discussão, a área de Psicologia considera fundamental trazer informações que introduzam essa seção, como objetivos e revisões de literatura as quais são seguidas da interpretação dos resultados que foram apresentados na unidade anterior. Um quesito que a área também valoriza é a comparação de resultados com pesquisas anteriores, as quais podem contribuir para a interpretação do estudo. Por fim, outra característica observada é a sugestão de novas pesquisas, as quais podem complementar as já existentes como suprir a carência de estudos na área. Vejamos a seguir as pistas léxico-gramaticais presentes na unidade de Discussão.

7.4.1 Apresentando as pistas léxico-gramaticais da unidade retórica de Discussão

Com o propósito de concluirmos a análise da seção de Discussão, observemos as pistas léxico-gramaticais que se fizeram presentes nessa unidade.

Quadro 6 - Apresentando as pistas léxico-gramaticais da unidade retórica de Resultados

Movimento 1: <i>Apresentando informação introdutória</i>	
Tipo de item	Exemplos
Verbos no Pretérito Perfeito	Buscou, investigou, teve.
Movimento 2: <i>Explicando os resultados da pesquisa</i>	
<i>Passo 1 – Interpretando os resultados da pesquisa</i>	
Tipo de item	Exemplos

Expressão indicativa dos resultados obtidos	Análise(s), Dado(s), Resultado(s)
Verbos indicativos de observação/avaliação dos dados	Aponta, apontaram, apresentaram, apresentou, corroboram, demonstra, demonstram, evidenciaram, evidenciou, indicam, indicaram, indicou, inferiu-se, mostraram, mostrou, observa-se, observou-se, reforçam, revelam, revelam, revelaram, sugere, sugerem, verifica-se, verificou-se.
<i>Passo 2 – Comparando resultados com a literatura prévia</i>	
Tipo de item	Exemplos
Expressão denotativa de comparação: semelhanças e/ou diferenças	Comparadas, congruente, consistentes, convergem, de maneira semelhante, difere, diferem, diferenças, divergente, encontra paralelo, está consonante; está de acordo com os resultados, estão de acordo, foi similar, mesmo resultado, vai ao encontro.
Indicação do autor e número sobrescrito simultaneamente	Fukumitsu (2005) Zenorini e Santos (2010a)
Verbos no pretérito perfeito	Apontaram, constataram, encontraram, evidenciou, mostraram, mostrou, observou-se, verificaram.
<i>Passo 3 - Propondo investigação futura</i>	
Tipo de item	Exemplos
Expressão denotativa da função retórica	a necessidade de novos e mais aprofundados estudos, a necessidade de outros estudos, a necessidade de realização de futuras pesquisas, futuras pesquisas, necessidade de novos estudos, novas investigações, sejam realizados mais estudos, sugere-se que novos estudos, um estudo futuro.

Fonte: de nossa autoria, com base em Pacheco (2016, p. 162).

O primeiro movimento, *Apresentando informação introdutória*, é caracterizado por apresentar verbos no pretérito, como “buscou” e “investigou”. Em relação ao segundo movimento, *Explicando os resultados da pesquisa*, seu primeiro passo, *Interpretando os resultados da pesquisa*, é expresso pelas expressões lexicais “resultado(s)”, “análise(s)” e “dados” aliadas a um verbo, que pode estar tanto no pretérito como no presente, como alguns dos mais representativos “apontaram” e “indicaram”.

No que diz respeito ao segundo passo do referido movimento, *Comparando resultados com a literatura prévia*, essa unidade informacional foi caracterizada por expressões que apontavam semelhanças ou diferenças em relação aos estudos comparados, como “está de acordo” ou “vai ao encontro”, seguido das referências dos estudos prévios. Foi predominante nesse passo a utilização de verbos no pretérito perfeito. O terceiro e último passo, *Propondo investigação futura*, do movimento 2, foi evidenciado por expressões lexicais que designavam a necessidade de novos estudos, como “a necessidade de realização de futuras pesquisas” e “sugere-se que novos estudos...”.

Acompanhemos, a seguir, a descrição da seção de Resultados e Discussão.

7.5 UNIDADE RETÓRICA DE RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seção de Resultados e Discussão foi construída em 40% do *corpus* investigado, o que equivale a 12 exemplares de artigos do total de 30. No manual da APA (2010), encontramos apenas informações para as seções de Resultados e Discussão quando são dispostas separadamente. A informação que observamos nesse guia, na descrição da seção de Discussão, é que, quando essa unidade retórica costuma ser breve e direta, os autores podem associá-la à unidade de Resultados, criando, assim, a unidade retórica chamada Resultados e Discussão.

Percebemos, também, algumas considerações nos periódicos analisados nesse estudo. A revista *Saúde em Debate* descreve que essas seções podem ser produzidas tanto juntas como separadamente. Para o periódico *Temas em Psicologia*,

as unidades de Resultados e Discussão devem estar separadas em artigos quantitativos, no entanto, podem estar juntas em artigos qualitativos.

Em relação aos membros experientes da cultura disciplinar da área de Psicologia, há diferentes justificativas para a variedade na disposição dessas seções na elaboração dos artigos empíricos. Para o colaborador 1, essa construção tem a ver com a pluralidade da área de Psicologia. Segundo ele, as áreas mais qualitativas da Psicologia produzem essa seção agrupada, enquanto os artigos quantitativos, em que são utilizados gráficos e tabelas trazem essas seções separadas. O pesquisador disse ainda que é necessário ficar atento ao estilo e às recomendações da revista.

O colaborador 2, de uma área que adota uma abordagem qualitativa, confirma o que o colaborador 1 disse em relação aos artigos qualitativos, pois, para ele, os resultados sozinhos não dizem nada, portanto, essas unidades devem vir juntas. Em contrapartida, o colaborador 3, de uma área quantitativa, acredita que não exista uma regra que defina isso. No entanto, defende que a divisão das seções possibilita uma “maior riqueza na apresentação dos resultados.”

O colaborador 5 afirma que é melhor essas unidades retóricas estarem separadas, pois assim seria possível o leitor observar somente os dados obtidos na seção de Resultados sem estar sendo influenciado pelas ideias do autor que são apresentadas na unidade de Discussão. Dessa forma, o leitor poderia ter a sua própria interpretação antes de ler a discussão do autor do artigo. Para o colaborador 6, a forma com que essas unidades são elaboradas tem a ver com a pesquisa desenvolvida, sendo considerada, para ele, uma questão epistemológica. Quanto ao colaborador 7, os periódicos não apresentam uma estrutura de artigo pré-definida, ele acredita, então, que essa questão fica a critério dos autores. Já o colaborador 8 argumenta que há revistas que detalham mais essa questão, completando sua resposta com a afirmação de que as revistas que publicam estudos mais quantitativos, separam essas seções; o contrário ocorre com os periódicos mais voltados à publicação de estudos qualitativos os quais, geralmente, unem esses tópicos. De acordo com o colaborador, essa é uma questão mais pragmática.

No que diz respeito às informações que devem constar nessa seção conjunta, o colaborador 10 diz que é necessário trazer “os principais resultados de maneira clara e articulada com os objetivos e metodologias”. Ele acrescenta que

espera que essa unidade interprete os resultados apontados e que tais achados contribuam para a discussão e aprofundamento do tema e do objeto de pesquisa. Segundo o colaborador 12, essa seção deve realizar a análise dos resultados, cotejando com a literatura, realizando, ainda, uma explicação para o que foi obtido e não esperado.

Após a discussão das características da cultura disciplinar no que diz respeito à unidade de Resultados e Discussão, realizamos o levantamento da frequência das unidades informacionais a partir do modelo de Costa (2015), já que foi essa proposta que mais se aproximou da organização das unidades de Resultados e Discussão quando construídas separadamente. Percebemos que dois movimentos e um passo alcançaram a recorrência. O primeiro movimento, que foi descrito na seção de Discussão (ver Figura 14), *Apresentando informação introdutória*, esteve presente em 50% do *corpus*. O movimento *Apresentando resultados específicos*, proposto por Costa (2015) na descrição da unidade de Resultados (ver Figura 12), teve 100% de recorrência, sendo encontrado em todos os artigos que apresentam essa seção agregada. Em seguida, foi constatado, também com 100% de recorrência, o passo *Interpretando o resultado*, do movimento *Explicando resultados específicos da pesquisa*. As demais unidades informacionais discutidas nos modelos para as seções avulsas de Resultados e Discussão não foram recorrentes. Vejamos, a seguir, como está configurada a seção de Resultados e Discussão a partir do *corpus* de análise:

Figura 16 – Descrição retórica da unidade de Resultados e Discussão em artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia

Movimento 1: **Apresentando informação introdutória**

Movimento 2: **Apresentando os resultados da pesquisa**

Movimento 3: **Interpretando os resultados da pesquisa**

Fonte: de nossa autoria, com base em Costa (p. 200 e 205).

É válido ressaltar que o movimento 3, *Interpretando os resultados da pesquisa*, é descrito, na seção de Discussão, como um passo, pois essa unidade informacional é associada ao propósito do movimento 2, *Explicando os resultados da pesquisa*. No entanto, na unidade retórica de Resultados e Discussão, essa unidade

informativa foi elaborada isoladamente, ou seja, não conectada aos movimentos 1 ou 3, apresentando apenas como função retórica a interpretação dos resultados da pesquisa. Em relação aos três movimentos apresentados na Figura 16, não nos deteremos a eles, visto que foram caracterizados previamente nas seções separadas de Resultados e Discussão. O mesmo vale para as pistas léxico-gramaticais da seção explorada nesse tópico, as quais foram descritas nas seções 7.3 e 7.4.

7.6 UNIDADE RETÓRICA DE CONCLUSÃO

A unidade de Conclusão ou Considerações Finais foi elaborada em 21 dos 30 exemplares de artigo acadêmico empírico da cultura disciplinar da área de Psicologia, o que equivale a 70% do total. O manual da *American Psychological Association* (2010) não fornece orientações quanto à produção dessa seção. Assim, nos embasamos nas orientações dos periódicos do *corpus* e das entrevistas e questionários com os membros experientes da área.

De acordo com o periódico *Psico-USF*, caso as unidades de Resultados e Discussão estejam unidas em um só tópico, as Considerações Finais são obrigatórias. Já para a revista *Estudos de Psicologia* a conclusão do trabalho e as considerações finais devem ser incluídas na seção de Discussão. O periódico *Fractal*, por sua vez, caracteriza como essa unidade deve ser produzida, afirmando que a conclusão deve estar fundamentada nos dados apresentados, sendo apropriado se referir aos objetivos ou hipóteses anteriormente descritas. Provavelmente a ausência da seção de Conclusão em alguns artigos se deva às orientações das revistas em incorporarem essa seção à unidade de Discussão, como alguns dos periódicos recomendam.

Em relação às opiniões dos membros experientes para essa seção, o colaborador 7 disse que, para a elaboração dos artigos, a unidade de Conclusão é fundamental. O colaborador 8 afirma que essa unidade retórica deve mencionar a relevância dos achados da pesquisa para a produção do conhecimento no campo acerca da temática explorada, recomendando, ainda, o que pode ser feito a partir daquele trabalho. Com base na opinião do colaborador 10, nessa unidade, os autores devem “se colocar sobre seus achados que sejam mais espontâneos”, emitindo, assim opiniões condizentes com os resultados obtidos. Por fim, o colaborador 12 defende

que deve ser dada uma resposta geral em relação ao que foi esperado e “indicações de futuros caminhos para a pesquisa do tema.”

Depois de discutirmos as características da cultura disciplinar da área de Psicologia no que tange à descrição da unidade retórica de Conclusão, observemos, a seguir, como essa seção é organizada no *corpus* em estudo:

Figura 17 – Frequência de unidades informacionais na unidade de Conclusão de artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia

UNIDADES INFORMACIONAIS DESCRITAS POR COSTA (2015)	
Movimento 1: Apresentando interpretações gerais dos achados de pesquisa	100%
Movimento 2: Indicando implicações práticas de pesquisa	15%
UNIDADE INFORMACIONAL DESCRITA POR NWOGU (1997)	
Movimento 3: Declarando conclusões de pesquisa	
Passo 2 – Promovendo mais investigação	50%

Fonte: de nossa autoria, com base nos movimentos e passos propostos por Costa (2015, p. 205) e Nwogu (1997, p. 135).

Com base na Figura 17, podemos inferir que, dentre os dois movimentos descritos por Costa (2015), *Apresentando interpretações gerais dos achados de pesquisa* e *Indicando implicações práticas de pesquisa*, apenas o primeiro alcançou a recorrência, estando presente, portanto, em todos os artigos que apresentam a seção de Conclusão. Em relação ao passo estabelecido por Nwogu (1997), *Promovendo mais investigação*, do movimento *Declarando conclusões de pesquisa*, foi observado em 50% do *corpus*. Vejamos abaixo como é configurada essa seção nos exemplares de artigos investigados:

Figura 18 – Descrição retórica da unidade de Conclusão em artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia

Movimento 1: **Apresentando interpretações gerais dos achados de pesquisa**

Movimento 2: **Propondo investigação futura**

Fonte: de nossa autoria, com base nos movimentos e passos propostos por Costa (2015, p. 205) e Nwogu (1997, p. 135).

Primeiramente, podemos observar que tanto o primeiro movimento, *Apresentando informações gerais dos achados de pesquisa*, como o segundo, *Propondo investigação futura*, não apresentam passos. Ainda em relação ao segundo movimento, é preciso lembrar que o mesmo também se encontra na seção de Discussão. Sobre o primeiro movimento, *Apresentando informações gerais dos achados de pesquisa*, são apresentadas as principais conclusões do estudo com base nos achados do trabalho (exemplos de 80 a 83).

(80) Conforme pode ser observado nos resultados deste estudo, os arranjos e movimentos dinâmicos das estruturas sociais e familiares são fatores determinantes em questões de saúde coletiva como o sobrepeso e a obesidade infantil. (AAEP07)

(81) Os resultados encontrados no presente estudo **mostraram** índices aceitáveis de validade e de precisão para a EMAPRE-U. (AAEP02)

(82) Todos os resultados anteriormente discutidos sugerem que o PNP atuou como fator de proteção para prevenção da DPP nas gestantes do grupo-intervenção, reforçando o caráter psicoproflático deste tipo de trabalho apontado por Bortoletti (2007) e Cabral e colaboradores (2012). (AAEP08)

(83) Diante dos resultados obtidos no presente estudo, **é notória** a importância de programas de intervenção, a fim de incutir e aprimorar a capacidade empática nos estudantes. (AAEP15)

Para que sejam discutidos os principais achados da pesquisa, geralmente, os autores dos artigos remetem brevemente aos achados apontados e discutidos na seção de Resultados e Discussão, ressaltando a validade do estudo desenvolvido. Essa reflexão vai ao encontro do que foi constatado por Costa (2015) e Pacheco (2016), ao afirmarem que essa unidade informacional ocorre por meio de uma retomada do estudo por meio de comentários interpretativos mais gerais, fazendo uma ponte entre a Discussão e a Conclusão.

Em relação ao segundo movimento da seção de Conclusão, *Propondo investigação futura*, unidade informacional também verificada na seção de Discussão,

observamos que os autores acreditam ser necessário reafirmar a necessidade de futuros estudos. Essa unidade informacional foi destacada tanto na pesquisa de Nwogu (1997) como no estudo de Costa (2015), os quais constataram, em seus trabalhos, a necessidade de serem solicitadas futuras pesquisas. Conforme descrevemos na unidade de Discussão tanto a função retórica desse movimento como excertos e pistas léxico-gramaticais (ver seção 7.4), acreditamos não ser necessário repetirmos essa caracterização.

Para finalizarmos a análise da unidade retórica de Conclusão, atentemos para as pistas léxico-gramaticais que se destacaram nessa seção.

7.6.1 Apresentando as pistas léxico-gramaticais da unidade retórica de Conclusão

Quadro 7 - Apresentando as pistas léxico-gramaticais da unidade retórica de Conclusão

Movimento 1: Apresentando interpretações gerais dos achados de pesquisa	
Tipo de item	Exemplos
Verbos indicativos de observação/avaliação dos dados	Apontam, considera-se, evidenciou, explorou, foi possível observar, identificou-se, mostraram, percebe-se, permitiu perceber, revela, revelam, sinalizam, sugerem.

Fonte: de nossa autoria, com base em Pacheco (2016, p. 176).

No movimento 1, *Apresentando interpretações gerais dos achados de pesquisa*, os principais resultados são retomados na Conclusão como forma de encerrar o artigo, com a opinião dos autores dos trabalhos sobre a validade dos achados da pesquisa. Essa unidade informacional foi caracterizada pela utilização de verbos no presente e no pretérito os quais indicam observação ou avaliação dos resultados obtidos.

7.7 UNIDADE RETÓRICA DE REFERÊNCIAS

Para finalizar a descrição das unidades retóricas de artigos acadêmicos empíricos da área de Psicologia, concordamos com Costa (2015) e Pacheco (2016) no que concerne à consideração da seção de Referências como uma unidade retórica fundamental do gênero estudado. Consoante o manual da APA (2010) discorre, as referências reconhecem os trabalhos anteriores e permitem que esses estudos sejam localizados. Ainda para a APA (2010), as referências, que são utilizadas para documentar pesquisas, não precisam ser exaustivas, mas suficientes para contextualizar o estudo desenvolvido.

Encontramos algumas informações sobre essa seção nos periódicos do *corpus*. Grande parte das revistas recomendam que sejam seguidas as orientações da Associação Americana de Psicologia, seja na versão de 2010 ou na de 2012, ou as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Há periódicos que delimitam a quantidade de referências que deve constar nessa seção, como a revista *Saúde e Sociedade*, que aceitam, no máximo, 40, já o periódico *Fractal* restringe essa quantidade a 25.

Utilizando a proposta de Costa (2015), que também foi descrita por Pacheco (2016), vejamos, a seguir, como é apresentada a unidade de Referências nos artigos empíricos da área de Psicologia:

Figura 19 – Frequência de unidades informacionais em Referências de artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia

Movimento 1: Listando referências completas de todos os trabalhos citados	100%
--	------

Fonte: de nossa autoria, com base no movimento proposto por Costa (2015, p 203).

Com base na Figura 19, percebemos que a unidade informacional de Referências, a qual alcançou 100% de recorrência, é composta por um único movimento, *Listando referências completas de todos os trabalhos citados*. São dispostos, nessa seção, todos os estudos envolvidos e citados nos exemplares de

artigos empíricos. Observemos a nossa proposta para a unidade retórica de Referências de artigos empíricos da área de Psicologia.

Figura 20 – Descrição retórica da unidade de Referências de artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia

Movimento 1: Listando referências completas de todos os trabalhos citados

Fonte: de nossa autoria, com base no movimento proposto por Costa (2015, p 203).

Conforme defende Costa (2015), as informações referentes a essas pesquisas devem ser completas, apresentando nomes dos autores, títulos de periódicos, livros, edições, entre outras. As referências podem designar trabalhos tanto de livros e artigos acadêmicos de revistas da área de Psicologia (exemplos 84 e 85) como também de instituições de outros campos relevantes para a área, como sociedades de médicos e associações de psiquiatria (exemplos 86 e 87):

(84) Barkley, R. A. (1991). *Attention-deficit hyperactivity disorder. A clinical workbook*. New York: Guilford Press. (AAEP11)

(85) Araujo, J. A., & Leitão, E. M. P. (2012) O cuidador do paciente em cuidados paliativos: sobrecarga e desafios. *Revista do Hospital Universitário Pedro Ernesto*, (10), p. 77-81. (AAEP13)

(86) SOCIEDADE BRASILEIRA DE ENDOCRINOLOGIA E METABOLISMO. *Obesidade: diagnóstico e tratamento da criança e do adolescente*. [S.l.]: Associação Médica Brasileira: Conselho Federal de Medicina, 2005. (Projeto Diretrizes). Disponível em: <http://www.projetodiretrizes.org.br/4_volume/21-Obesiddia.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2014. (AAEP07)

(87) AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM V)*. Porto Alegre: Artmed, 2013. (AAEP09)

Enfatizamos que as orientações dos periódicos para a elaboração dessa seção estão voltadas para o guia da APA (2010; 2012) ou para as normas da ABNT. Essa unidade retórica é caracterizada por apresentar uma lista organizada em ordem alfabética de referências de trabalhos os quais foram citados no decorrer do estudo, indicando, assim, a fonte dessas pesquisas. Dessa forma, concluída a etapa de análise de todas as unidades retóricas do artigo empírico da cultura disciplinar da área de Psicologia, vejamos, a seguir, a descrição completa do gênero investigado.

7.8 APRESENTANDO O MODELO SOCIORRETÓRICO

A partir da descrição retórica completa do artigo acadêmico empírico da área de Psicologia, apresentamos nossa proposta retórica para o gênero em questão.

Figura 21 – Descrição retórica de artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia

INTRODUÇÃO

Movimento 1: Fazendo referência a pesquisas anteriores

Movimento 2: Apresentando a pesquisa

Passo 1 - Apresentando o tema

Passo 2 - Apresentando os objetivos

METODOLOGIA

Movimento 1: Descrevendo a amostra da pesquisa

Passo 1 – Especificando o tamanho da amostra

Passo 2 – Caracterizando o perfil dos participantes da amostra

Passo 3 – Indicando a fonte de dados

Movimento 2: Descrevendo os materiais ou instrumentos utilizados na coleta de dados

Movimento 3: Descrevendo procedimentos experimentais

Movimento 4: Indicando aprovação por comitê de ética

Movimento 5: Descrevendo a análise de dados

RESULTADOS

Movimento 1: Apresentando os resultados da pesquisa

DISCUSSÃO

Movimento 1: Apresentando informação introdutória

Movimento 2: Explicando resultados da pesquisa

Passo 1 – Interpretando o resultado

Passo 2 – Comparando resultados com a literatura prévia

Passo 3 – Propondo investigação futura

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Movimento 1: Apresentando informação introdutória

Movimento 2: Apresentando os resultados da pesquisa

Movimento 3: Interpretando os resultados da pesquisa

CONCLUSÃO

Movimento 1: Apresentando interpretações gerais dos achados de pesquisa

Movimento 2: Propondo investigação futura

REFERÊNCIAS

Movimento 1: Listando referências completas de todos os trabalhos citados

Fonte: de nossa autoria, com base na descrição retórica proposta por Swales (1990), Nwogu (1997), Oliveira (2003), Costa (2015).

8 CONCLUSÃO

Essa pesquisa, com o objetivo de compreender como a cultura disciplinar da área de Psicologia produz e compreende os gêneros acadêmicos, procurou responder quais implicações o conjunto de crenças, valores e propósitos da referida área traz para a construção do gênero artigo acadêmico empírico e de que maneira a cultura disciplinar investigada elabora e organiza sociorretoricamente o gênero investigado. No decorrer desse estudo, buscamos, com base na descrição da cultura disciplinar, descrever as características da área de Psicologia no que concerne à produção dos gêneros acadêmicos, procurando, assim, responder as nossas questões de pesquisa e apresentando os propósitos comunicativos que são descritos em cada uma das unidades retóricas do gênero artigo.

No que diz respeito ao percurso metodológico utilizado em nossa pesquisa, embora Hyland (2000) tenha proposto um embasamento teórico pertinente acerca da cultura disciplinar, o autor não desenvolveu uma metodologia que permitisse a investigação das culturas disciplinares. Dessa forma, esse estudo e os demais vinculados ao projeto *Práticas discursivas em comunidades disciplinares acadêmicas* e ao grupo DILETA procuram construir um percurso que viabilize a análise de culturas disciplinares. Com o propósito de descrever a cultura disciplinar da área de Psicologia, nos fundamentamos tanto em documentos que versam sobre a área de Psicologia no país, como em orientações dos periódicos do *corpus* analisado e os olhares experientes dos professores/pesquisadores da área no que tange à produção dos gêneros acadêmicos.

Percebemos, também, a relevância do *Publication Manual of the American Psychological Association* (2010) para a área de Psicologia. Esse manual orienta sobre aspectos do processo de escrita científica na área investigada, descrevendo sobre a produção do gênero artigo acadêmico no que concerne à construção das seções retóricas de Introdução, Metodologia, Resultados, Discussão e Referências.

Conforme relataram os membros experientes da área, compreendemos que o artigo acadêmico é considerado o gênero mais valorizado no que se refere à divulgação de conhecimentos produzidos na academia. Para uma significativa parte desses membros, a maior rapidez com que o artigo é produzido e o alcance que esse gênero possui colaboram para que o referido gênero receba esse destaque. Vale

ressaltar que quase a totalidade dos pesquisadores entrevistados também afirmam que, para a produção do artigo acadêmico, eles se atentam para o que rege o manual da APA (2010).

Considerando essas questões, vejamos como a área de Psicologia elabora o gênero artigo acadêmico empírico. A partir da análise do *corpus*, propomos que, na área de Psicologia, compõem a configuração retórica dos artigos empíricos as unidades retóricas de Introdução, Metodologia, Resultados, Discussão, Conclusão e Referências, excedendo o modelo IMRD proposto por Swales (1990). A partir do diálogo com a literatura, com as orientações dos periódicos do *corpus* e com o olhar experiente dos professores-pesquisadores da área de Psicologia, evidenciamos os resultados mais pertinentes que dizem respeito à produção de cada uma das unidades retóricas do gênero investigado.

A Introdução apresenta-se uma unidade retórica vasta e detalhada, considerada relevante para a composição dos artigos acadêmicos da área de Psicologia, sendo observada em todos os exemplares de artigos analisados. É relevante ressaltar que apenas em dois exemplares foi encontrada a seção de Revisão de literatura, o que nos leva a crer que a extensão da unidade de Introdução possa se dever a ausência da unidade em que, geralmente, os autores lançam mão de referências a pesquisas anteriores. Na unidade de Introdução é realizada uma ampla revisão de literatura, a qual é composta tanto por pesquisas da área de Psicologia como por estudos de instituições da área da Saúde, como sociedades de médicos e Ministério da Saúde, nos mostrando que essas fontes são julgadas importantes tanto quanto as provenientes da academia. Além disso, são apresentadas, nessa seção, a temática da investigação desenvolvida e os objetivos do estudo.

A unidade de Metodologia é compreendida como uma seção na qual são dispostas informações referentes ao percurso metodológico adotado no estudo, sendo caracterizada por apresentar vários movimentos. Primeiramente, nessa seção, os autores descrevem a amostra da pesquisa, especificando o tamanho, o perfil dos envolvidos e indicando a fonte dos dados investigados. Em seguida, são descritos os materiais ou instrumentos utilizados, os quais são, muitas vezes, esmiuçados. No terceiro momento, são detalhados os procedimentos experimentais. No quarto momento dessa seção, são apontadas informações que indiquem que as pesquisas

desenvolvidas tiveram aprovação de comitês de ética. Por fim, essa unidade é concluída com a descrição da análise de dados. Essas características vão ao encontro do que afirma o colaborador 12, o qual considera que seção deve evidenciar o método da análise de dados, aspectos éticos, descrição da amostra, instrumentos e procedimentos.

A seção retórica de Resultados, que é bastante clara e objetiva, apresenta os achados da pesquisa, não sendo traçadas interpretações acerca dos resultados nessa unidade. Nessa seção são evidenciados os resultados específicos do estudo, tais achados são explicitados, geralmente, a partir de recursos visuais, como figuras, gráficos, quadros e tabelas, sendo que o último foi o mais percebido nos artigos acadêmicos. É válido destacar que, quando os autores não lançam mão desses recursos, eles costumam apontar os resultados em um texto corrido. Ao relacionarmos a descrição da APA (2010) com as entrevistas dos membros experientes da área de Psicologia, compreendemos a necessidade de serem apresentados, nessa unidade, dados suficientes e detalhados para a interpretação do estudo e para pesquisas posteriores.

A unidade retórica de Discussão mostra-se um espaço em que são interpretados os dados lançados na seção de Resultados. Inicialmente, os autores dos artigos do *corpus* introduzem essa seção com informações relacionadas a retomadas de objetivos do estudo e referências a pesquisas anteriores. Em seguida, os achados são devidamente interpretados de forma crítica com base nos conhecimentos dos autores. Os resultados da pesquisa também são comparados com a literatura prévia como forma de apontar similaridades e divergências entre os estudos, podendo, assim, gerar conclusões para o atual trabalho, em função do seu avanço ou não quanto a outras pesquisas. Essa seção é encerrada, geralmente, com sugestões dos autores para que sejam realizadas novas pesquisas. Essas recomendações são, muitas vezes, justificadas pelos autores devido à escassez de trabalhos na área ou necessidade de estudos mais aprofundados. Acreditamos que, no geral, como ressalta o colaborador 6, a Discussão é um espaço em que os autores parecem ter maior liberdade para escrever, pois eles podem interpretar os resultados de maneira crítica e emitir suas opiniões à luz das teorias utilizadas, podendo discutir, assim, um novo conhecimento.

A seção retórica de Conclusão, por sua vez, apresenta-se bastante sintetizada, ocupando, muitas vezes, o espaço inferior a uma lauda completa. Essa seção é iniciada pela apresentação das principais conclusões do trabalho com base nos resultados encontrados, ressaltando a validade do estudo desenvolvido. Em seguida, são propostas, novamente, futuras pesquisas. Vale salientar que essa característica também pode ser observada na seção de Discussão, o que nos leva a crer que os autores da área de Psicologia valorizam a produção de novas pesquisas.

A unidade retórica de Referências, conforme discutimos previamente, merece destaque, visto concordarmos com Costa (2015) e Pacheco (2016) ao considerarmos essa seção relevante pelo fato de apresentar como função retórica apontar as fontes que embasaram teoricamente o estudo desenvolvido, trazendo informações importantes como nome dos autores e a instituição a que eles são vinculados, título da pesquisa e do periódico, se o trabalho é uma dissertação ou tese, ano, entre outras. Salientamos que os artigos produzidos na área, conforme as entrevistas e questionários com os membros experientes, constroem essa seção de acordo com o que orientam o manual da APA (2010) ou as normas da ABNT, ressaltando que se deve atender, primeiramente, às recomendações dos periódicos para os quais esses artigos são enviados.

Salientamos que nossa pesquisa apresentou a descrição completa do artigo acadêmico, contemplando todas as unidades retóricas do referido gênero, não se detendo apenas a uma ou outra seção retórica, como pode ser observado na literatura. Dessa forma, a configuração sociorretórica elaborada nesse estudo permite compreender como ocorre a produção do gênero artigo acadêmico empírico na cultura disciplinar da área de Psicologia, concordando com o que argumentam Costa (2015) e Pacheco (2016) no que concerne a oferecer contribuições para o estudo dos gêneros no âmbito acadêmico, permitindo compreender como ocorre a descrição desse gênero a partir de considerações da cultura disciplinar da qual ele faz parte.

Sugerimos que novos estudos possam aprofundar a temática explorada nessa pesquisa, buscando verificar se a heterogeneidade da área de Psicologia traz implicações na construção do gênero artigo acadêmico, bem como pesquisas que expandam o *corpus* com o propósito de averiguar se as unidades informacionais que se aproximaram da recorrência no estudo em questão também podem ser consideradas prototípicas da área. De maneira geral, convidamos pesquisadores a se

debruçarem sobre a descrição de gêneros acadêmicos a partir da descrição de culturas disciplinares.

Por fim, acreditamos que os resultados desse estudo podem fornecer subsídios à cultura disciplinar da área de Psicologia no tocante ao letramento acadêmico, visto que desenvolvemos uma sistematização em relação à maneira como os artigos acadêmicos são construídos e utilizados pelos membros da área investigada. Nessa perspectiva, salientamos ainda que, no que diz respeito ao letramento acadêmico, ao contrário do que é muito observado atualmente, o ensino da produção de gêneros acadêmicos não deve estar pautado em manuais que propõem orientações generalizadas para as diversas áreas. O estudo em questão defende que a descrição de um gênero acadêmico somente é possível a partir da investigação de uma determinada cultura disciplinar, compreendendo como as crenças, valores e propósitos comunicativos específicos das áreas influenciam na produção de um dado gênero. Dessa forma, acreditamos que nossa pesquisa pode incentivar o letramento acadêmico no que concerne à elaboração de materiais didáticos quanto à produção do gênero artigo empírico na área investigada. Acreditamos, ainda, que esse estudo pode contribuir para o ensino da escrita acadêmica na área de Psicologia e áreas afins, uma vez que desenha um panorama sociorretórico pertinente para a compreensão sobre como membros experientes dessa área agem discursivamente ao produzirem seus artigos.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Publication manual of the American Psychological Association**. Washington, DC: American Psychological Association, 2010.

ASKEHAVE, I.; SWALES, J. M. Identificação de gênero e propósito comunicativo: um problema e uma possível solução. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (org.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: Edupe, 2009, p. 221-247.

BERNARDINO, C. G. **Depoimentos dos alcóolicos anônimos: um estudo do gênero textual**. 2000. 163 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.

_____. **O metadiscorso interpessoal em artigos acadêmicos: espaço de negociações e construção de posicionamentos**. 2007. 245 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

BEZERRA, B. G. **A distribuição das informações em resenhas acadêmicas**. 2001. 141f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

BHATIA, V. K. **Analysing genre: language use in professional settings**. New York: Longman, 1993.

_____. **Worlds of written discourse: a genre based-view**. London: Continuum, 2004.

_____. A análise de gêneros hoje. Tradução Benedito Gomes Bezerra. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (org.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: Edupe, 2009, p. 159-195.

BIASI-RODRIGUES, B. **Estratégias de condução de informações em resumos de dissertações**. 1998. 307 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Doutorado em Linguística: Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

BIASI-RODRIGUES, B.; HEMAIS, B.; ARAÚJO, J. C. Análise de gêneros na abordagem de Swales: princípios teóricos e metodológicos. In: BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J. C.; SOUSA, S. T. (Org.). **Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 17-32.

BRASIL. (2007a). Resolução nº 2, de 18 de junho. **Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização educação dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial**. Brasília, DF: Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior.

CATANI, A. M.; OLIVEIRA, J. F. **Educação superior no Brasil: reestruturação e metamorfose das universidades públicas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Atribuições profissionais do psicólogo no Brasil.** Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/atr_prof_psicologo.pdf>. Acesso em: 23 março 2016.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 6ª REGIÃO. **Exposição 50 anos da psicologia no Brasil: A História da psicologia no Brasil.** Disponível em: <<http://www.crpsp.org/fotos/pdf-2015-10-06-12-34-36.pdf>>. Acesso em: 23 março 2016.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Relatório do I Seminário de acompanhamento de Programas de Pós-Graduação da área de Psicologia.** Brasília, 2012, 43p. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/Relatorio_Sem_Acom_p_2012_Psic.pdf>. Acesso em: 04 março 2016.

_____. **Documento de área 2013.** Área de avaliação: Psicologia. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/Psicologia_doc_area_e_comiss%C3%A3o_21out.pdf>. Acesso em: 04 março 2016.

_____. **Relatório de avaliação trienal 2010 – 2012.** Área de avaliação: Psicologia. 2013b, 72p. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=Y2FwZXMuZ292LmJyfHRyaWVuYWwtMjAxM3xneDozYmEwNjgwYTJmMjE1Y2Y1>>. Acesso em: 04 março 2016

_____. **Sobre as áreas de avaliação.** Disponível em <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao>>. Acesso em: 04 março 2016.

_____. **Webqualis.** Disponível em: <<http://qualis.capes.gov.br>>. Acesso em: 04 março 2016.

COSTA, J. P. da et al. A produção científica sobre a formação de psicólogos no Brasil. **Psicologia em Pesquisa**, v. 6, n. 2, p. 130-138, 2012.

COSTA, R. L. S. **Culturas disciplinares e artigos acadêmicos experimentais: um estudo comparativo da descrição sociorretórica.** 2015. 242 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

DIMENSTEIN, M. A cultura profissional do psicólogo e o ideário individualista: implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde. **Estudos de psicologia**, v. 5, n. 1, p. 95-121, 2000.

ESTUDOS DE PSICOLOGIA. **Instruções aos autores.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/revistas/estpsi/pinstruc.htm>>. Acesso em: 26 março 2016.

ESTUDOS E PESQUISAS EM PSICOLOGIA. **Instruções aos autores**. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/revistas/epp/pinstruc.htm>>. Acesso em: 26 março 2016

FÉRES-CARNEIRO, T. **Memórias do Curso de Pós-graduação em Psicologia da PUC-Rio**: comemorando seus 40 anos. *Psicologia Clínica*, v. 19, n. 1, p. 217-225, 2007.

FRACTAL. **Instruções aos autores**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/revistas/fractal/pinstruc.htm>>. Acesso em: 26 março 2016.

HEMAIS, B.; BIASI-RODRIGUES, B. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 108-129.

HENDGES, G. R. **Novos contextos, novos gêneros**: a seção de revisão de literatura em artigos acadêmicos eletrônicos. 2001. 138f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.

HYLAND, K. **Disciplinary discourse**: social interactions in academic writing. Singapura: Pearson Education Limited, 2000.

_____. **Academic discourse**: English in a global context. London: Continuum, 2009.

JACÓ-VILELA, A. M.; ROCHA, L. F. D. da. Uma Perspectiva Católica da Psicologia no Brasil: Análise de Artigos da Revista "A Ordem". **Psicologia em Pesquisa**, v. 8, n. 1, p. 115-126, 2014.

KRAWULSKI, E. et al. **Construção da identidade profissional do psicólogo**: vivendo as metamorfoses do caminho no exercício cotidiano do trabalho. 2004.

LISBOA, F. S.; BARBOSA, A. J. G. Formação em Psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. **Psicologia**: ciência e profissão, v. 29, n. 4, p. 718-737, 2009.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NWOGU, K. N. The Medical research paper: structure and functions. **English for Specific Purposes**, v. 16, n. 2, p. 119-138, 1997.

PACHECO, J. T. S. **O artigo acadêmico na cultura disciplinar da área de Nutrição**: uma investigação sociorretórica. 2016. 201 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

PARDO, M. B. L.; MANGIERI, R. H. C.; NUCCI, M. S. A. Construção de um modelo para análise da formação profissional do psicólogo. **Psicologia**: ciência e profissão, v. 18, n. 3, p. 14-21, 1998.

PSICOLOGIA E SOCIEDADE. **Instruções aos autores**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/revistas/psoc/pinstruc.htm#004>>. Acesso em: 26 março 2016.

PSICOLOGIA EM PESQUISA. **Instruções aos autores**. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/psicologiaempesquisa/normas-de-publicacao/>>. Acesso em: 26 março 2016.

PSICOLOGIA: TEORIA E PESQUISA. **Instruções aos autores**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/revistas/ptp/pinstruc.htm>>. Acesso em: 26 março 2016.

PSICO-USF. **Instruções aos autores**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/revistas/pusf/pinstruc.htm>>. Acesso em: 26 março 2016.

SAÚDE E SOCIEDADE. **Instruções aos autores**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/revistas/sausoc/pinstruc.htm>>. Acesso em: 26 março 2016.

SAÚDE EM DEBATE. **Instruções aos autores para preparação e submissão de artigos**. Disponível em: <http://www.saudeemdebate.org.br/artigos/Instrucoes_aos_autores_nova.pdf>. Acesso em: 26 março 2016.

SILVA, L. F. **Análise de gênero**: uma investigação da seção de Resultados e Discussão em artigos científicos de Química. 1999. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Mestrado em Letras: Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1999.

SOARES, A. R. A psicologia no Brasil. **Psicologia**: ciência e profissão, v. 30, n. SPE, p. 8-41, 2010.

SWALES, J. M. **Genre analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. **Other floors, other voices**: a textography of a small university building. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1998.

_____. **Research genres**: explorations and applications. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

TEMAS EM PSICOLOGIA. **Instruções aos autores**. Disponível em: <http://www.temasempsicologia.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=27>. Acesso em: 26 março 2016.

YAMAMOTO, O. H.; COSTA, A. L. F. **Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil**. Natal: EDUFRN, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) professor(a),

Sou Nícollas Oliveira Abreu, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – PosLA da Universidade Estadual do Ceará – UECE (biênio 2015 - 2017) e orientando da Professora Doutora Cibele Gadelha Bernardino, professora do PosLA e do Curso de Letras da UECE. Na pós-graduação, desenvolvo uma pesquisa sobre escrita acadêmica a qual é intitulada *O artigo acadêmico na cultura disciplinar da área de Psicologia: uma investigação sociorretórica*, que está inserida em um projeto maior intitulado *Práticas discursivas em comunidades disciplinares acadêmicas* (número da resolução de aprovação do projeto pelo Comitê de Ética: 0671978/2014).

O referido projeto tem como objetivo mostrar como culturas disciplinares distintas compreendem e produzem o gênero textual artigo acadêmico à luz de concepções teórico-metodológicas de Swales (1990/2004) e do conceito de cultura disciplinar de Hyland (2000). Esse projeto investiga diversas áreas disciplinares, tais como: Linguística, Psicologia, História, Direito, Serviço Social, Medicina, Nutrição, Geografia Física, e Física. Relacionado ao projeto maior, minha pesquisa busca analisar e descrever sociorretoricamente o artigo acadêmico experimental na cultura disciplinar da área de Psicologia, procurando compreender, por meio da análise da cultura disciplinar em questão, como seus valores e suas crenças influenciam a percepção e construção do referido gênero textual.

Para alcançar os objetivos da pesquisa, faz-se necessário compreender como os(as) autores(as)/professores(as) lidam com a produção e a circulação do gênero artigo experimental em sua área disciplinar. Assim, a referida pesquisa busca contribuir para o ensino nas universidades, subsidiando docentes e discentes no que diz respeito à elaboração de artigos.

Desse modo, solicito sua colaboração, pedindo que o(a) senhor(a) responda um(a) **entrevista/questionário** sobre gêneros acadêmicos e autorize o uso, de forma anônima, de suas respostas em minha análise de dados. Ressalto, ainda, que tais respostas somente serão utilizadas para fins acadêmicos, de modo a não causar

nenhuma forma de transtorno ou prejuízo. Lembro também que, como sua participação é voluntária, o(a) senhor(a) pode, a qualquer momento, deixar de participar deste estudo sem sofrer danos. É pertinente dizer que esta pesquisa poderá ser veiculada em eventos ou artigos científicos.

Por fim, garanto ao/à senhor(a) o recebimento de quaisquer informações a respeito do meu trabalho. Se dessa forma desejar esclarecer eventuais dúvidas, para isso, deixo, abaixo, os meus contatos, o da minha orientadora, o do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - PosLA e o do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da UECE.

Mestrando Nícollas Oliveira Abreu: (85) 987926740/nicollasoabreu@gmail.com

Professora Doutora Cibele Gadelha Bernardino: cibeleghadelhab@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – PosLA: (85) 3101-2032

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da UECE: 3101-9890

Fortaleza, _____ de _____ de 2016.

Assinatura do(a) colaborador(a)

Nícollas Oliveira Abreu
Assinatura do mestrando

Cibele Gadelha Bernardino
Assinatura da orientadora

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA

- 1) Qual tipo de texto você considera mais importante para sua área? (Se for mencionado algum gênero na modalidade oral, direcionar para gêneros na modalidade escrita.)
- 2) Por que você o considera o mais importante?
- 3) Qual a importância do artigo acadêmico (AA) em sua área disciplinar? Apresente, no mínimo, cinco argumentos que justifiquem sua resposta.
- 4) Em sua área, predominam artigos cujo foco é a apresentação e discussão de teoria ou a apresentação e análise de dados? O que, na sua opinião, justifica a escolha de um ou outro tipo de artigo?
- 5) De acordo com a sua opinião, como a área disciplinar de Psicologia vê a questão da coautoria nos artigos acadêmicos?
- 6) Quando você pensa em um artigo acadêmico, que seções serão importantes na construção desse texto? Resumo, Introdução, Revisão de Literatura, Metodologia, Análise de dados, enfim, todas as partes que você julga fundamental.
- 7) Qual o propósito das seções que você elencou? Que informações não podem faltar em cada uma delas?
- 8) Em algumas revistas que analisamos, as seções de Resultados e Discussão aparecem juntas e em outras elas vêm separadas. A que você atribui tal alternância?
- 9) Qual o papel de figuras, quadros e tabelas em um artigo experimental? Por quê?
- 10) Como ocorre a forma de publicação e circulação do artigo acadêmico em sua área disciplinar?
- 11) Quanto às orientações dos periódicos para a escrita dos artigos, as normas da área são mais voltadas para a APA ou para a ABNT?

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO

01. Da lista abaixo, qual o tipo de texto de maior importância para a sua comunidade disciplinar? Justifique sua resposta.

- Resumo acadêmico
- Resenha acadêmica
- Artigo acadêmico/científico
- Monografia
- Dissertação
- Tese
- Outro – Qual? _____

02. Qual a importância do artigo acadêmico (AA) em sua área disciplinar? Apresente, no mínimo, cinco argumentos que justifiquem sua resposta.

03. Em sua área, predominam artigos cujo foco é a apresentação e discussão de teoria ou a apresentação e análise de dados? O que, na sua opinião, justifica a escolha de um ou outro tipo de artigo?

04. Como ocorre a forma de publicação e circulação do artigo acadêmico em sua área disciplinar?

05. De acordo com a sua opinião, como a área disciplinar de Psicologia vê a questão da coautoria nos artigos acadêmicos?

06. Quando você pensa em um artigo acadêmico, que seções serão importantes na construção desse texto? Introdução, Resumo, Revisão de Literatura, Metodologia, Análise de dados, enfim, todas as partes que você julga fundamental.

07. Qual o propósito das seções que você elencou? Que informações não podem faltar em cada uma delas?

Introdução:

Revisão de Literatura/Referencial teórico:

Métodos:

Resultados e Discussão:

Conclusão/Considerações finais:

08. Qual o papel de figuras, quadros e tabelas em um artigo experimental/empírico? Eles são autoexplicativos ou é necessário textualizá-los?

09. Quanto às orientações dos periódicos para a escrita dos artigos, as normas da área são mais voltadas para a APA ou para a ABNT?

APÊNDICE D – DADOS PRELIMINARES

ARTIGOS REVISTA ESTUDOS E PESQUISAS EM PSICOLOGIA						
	Artigo	Nº autores	Ano	Seções (I, RL, M, R, D, RD, C) ⁵⁵	Fig./Tab./Graf. ⁵⁶	Nº páginas
1	AAEP03	3	2013	IMR/DC	-	25
2	AAEP11	3	2014	IMR/D	T – 1, 2, 3 (R)	21
3	AAEP12	3	2014	IMR/D	F – 1 (R), T – 1 (R)	20
4	AAEP13	4	2014	IMRDC	T – 1, 2, 3, 4 (ReD)	16
5	AAEP15	4	2014	IMRDC	T – 1, 2 (RD)	19
ARTIGOS REVISTA PSICOLOGIA E SOCIEDADE						
	Artigo	Nº autores	Ano	Seções (I, RL, M, R, D, RD, C)	Fig./Tab./Graf.	Nº páginas
6	AAEP06	1	2014	IMRDC	Q – 1 (M)*	12
7	AAEP14	4	2014	IMR/DC	F – 1, 2, 3, 4 (R)	10
8	AAEP17	6	2014	IMRDC	T – 1 (RD)	10
9	AAEP26	2	2015	IRLMR/DC	-	15
ARTIGOS REVISTA SAÚDE E SOCIEDADE						
	Artigo	Nº autores	Ano	Seções (I, RL, M, R, D, RD, C)	Fig./Tab./Graf.	Nº páginas
10	AAEP01	2	2012	IMRDC	-	13
11	AAEP07	3	2012	IMR/DC	Q – 1 (M)	13
12	AAEP08	3	2014	IMRDC	Q – 1, 2; T - 1 (RD)	14
13	AAEP20	2	2015	IMR/DC	-	13

⁵⁵ Introdução, Metodologia, Resultados, Discussão, Resultados e Discussão e Conclusão.

⁵⁶ Figuras/Tabelas/Gráficos.

ARTIGOS REVISTA FRACTAL						
	Artigo	Nº autores	Ano	Seções (I, RL, M, R, D, RD, C)	Fig./Tab./Graf.	Nº páginas
14	AAEP02	3	2013	IMR/DC	T – 1, 2, 3, 4 (R)	16
15	AAEP05	5	2014	IMRDC	T – 1, 2, 3 (RD)	16
16	AAEP09	2	2014	IMR/DC	T – 1 (R)	22
17	AAEP22	2	2015	IMR/DC	T – 1, 2, 3, 4, 5 (R)	08
ARTIGOS REVISTA TEMAS EM PSICOLOGIA						
	Artigo	Nº autores	Ano	Seções (I, RL, M, R, D, RD, C)	Fig./Tab./Graf.	Nº páginas
18	AAEP21	2	2015	IMR/DC	F – 1, 2, 3, 4, 5, 6 (M); T – 1, 2, 3 e F – 7,8 (R)	13
19	AAEP23	2	2015	IMR/D	T – 1 (R); T – 2 (D)	12
20	AAEP24	2	2015	IMRC	-	13
21	AAEP25	4	2015	IMR/DC	T – 1, 2, 3, 4, 5 (R)	11
ARTIGOS REVISTA ESTUDOS DE PSICOLOGIA						
	Artigo	Nº autores	Ano	Seções (I, RL, M, R, D, RD, C)	Fig./Tab./Graf.	Nº páginas
22	AAEP19	3	2015	IMR/D	T – 1 (M); T – 2 (R)	09
23	AAEP28	3	2015	IMR/D	T – 1, 2; F – 1 (R); T – 3 (D)	10
24	AAEP30	3	2015	IMRD	T – 1 (M)	15
ARTIGOS REVISTA PSICOLOGIA: TEORIA E PESQUISA						
	Artigo	Nº autores	Ano	Seções (I, RL, M, R, D, RD, C)	Fig./Tab./Graf.	Nº páginas

25	AAEP18	5	2015	IMR/DC	T - 1 (M) T - 2, 3, 4, 5, 6, 7 (RD)	9
26	AAEP27	1	2015	IMR/D	T - 1, 2 (R); T - 3, 4, 5 (D)	09
ARTIGOS REVISTA PSICOLOGIA EM PESQUISA						
	Artigo	Nº autores	Ano	Seções (I, RL, M, R, D, RD, C)	Fig./Tab./Graf.	Nº páginas
27	AAEP10	2	2014	IMR/DC	-	12
28	AAEP16	2	2014	IMR/D	T- 1, 2, 3 (R)	06
ARTIGOS REVISTA SAÚDE EM DEBATE						
	Artigo	Nº autores	Ano	Seções (I, RL, M, R, D, RD, C)	Fig./Tab./Graf.	Nº páginas
29	AAEP04	3	2013	IMRDC	-	11
ARTIGOS REVISTA PSICO-USF						
	Artigo	Nº autores	Ano	Seções (I, RL, M, R, D, RD, C)	Fig./Tab./Graf.	Nº páginas
30	AAEP29	6	2015	IMR/D	T - 1, 2 (R)	10

Fonte: adaptado de Pacheco (2016, p. 197 e 198).

APÊNDICE E – REFERÊNCIAS DOS ARTIGOS DO *CORPUS*

ALCKMIN-CARVALHO, F.; IZBICKI, S.; MELO, M. H. da S. Problemas de comportamento segundo vítimas de bullying e seus professores. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 14, n. 3, p. 834-853, 2014.

AMORIM, S. M. G.; DE SOUSA VIEIRA, F.; BRANCALEONI, A. P. Percepções acerca da condição de vida e vulnerabilidade à saúde de travestis. **Saúde em Debate**, v. 37, n. 98, p. 525-535, 2013.

ARCHANJO, A. M. et al. A atuação dos psicólogos em unidades básicas de saúde na cidade de São Paulo. **Saúde e Sociedade**, v. 21, n. 2, p. 351-363, 2012.

CEZARIO, A. C. F. et al. Violência entre parceiros íntimos: uma comparação dos índices em relacionamentos hetero e homossexuais. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 565-575, 2015.

CORBETT, E. Produções imaginativas sobre dificuldades sexuais: um estudo psicanalítico. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 3, p. 23, 2014.

COSTA, A. B.; BANDEIRA, D. R.; NARDI, H. C. Avaliação do preconceito contra diversidade sexual e de gênero: construção de um instrumento. **Estud. psicol.(Campinas)**, v. 32, n. 2, p. 163-172, 2015.

DA ROCHA ARRAIS, A.; MOURÃO, M. A.; FRAGALLE, B. O pré-natal psicológico como programa de prevenção à depressão pós-parto. **Saúde e Sociedade**, v. 23, n. 1, p. 251-264, 2014.

DAVI, E. H. D.; BRUNS, M. A. de T. Mundo-vida travesti: abordagem fenomenológica das travestilidades. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 521-533, 2015.

DE OLIVEIRA, I. F. et al. Atuação dos psicólogos nos CRAS do interior do RN. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. spe 2, 2014.

D'INCAO, D. B.; GASTAUD, M. B. Investigando a associação de sintomas e queixas depressivas com as estações do ano. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, n. 2, p. 152-159, 2015.

DORNELLES, A. D.; ANTON, M. C.; PIZZINATO, A. O papel da sociedade e da família na assistência ao sobrepeso e à obesidade infantil: percepção de trabalhadores da saúde em diferentes níveis de atenção. **Saúde e Sociedade**, v. 23, n. 4, p. 1275-1287, 2014.

FREITAS, P. M. de; ROCHA, C. M.; HAASE, V. G. Análise dos preditores do estado psicológico das mães de crianças com Paralisia Cerebral. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 14, n. 2, p. 453-473, 2014.

HERNANDEZ, J. A. E. Evidências de Validade de Construto da Escala de Componentes do Amor. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 31, n. 2, p. 249-257, 2015.

JACÓ-VILELA, A. M.; ROCHA, L. F. D. da. Uma Perspectiva Católica da Psicologia no Brasil: Análise de Artigos da Revista "A Ordem". **Psicologia em Pesquisa**, v. 8, n. 1, p. 115-126, 2014.

LAUTERT, S. L.; SPINILLO, A. G. Resolução de problemas de divisão inexata a partir de reflexões sobre o significado do resto. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 1, p. 15-27, 2015.

LORENCINI, G. R. F.; PAULA, K. M. P. de. Perfil comportamental de crianças com anemia falciforme. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 2, p. 269-280, 2015.

MARANHÃO, J. H. et al. Violência, risco e proteção em estudantes de escola pública. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 26, n. 2, p. 429-444, 2014.

MARONESI, L. C. et al. Indicadores de estresse e sobrecarga em cuidadores formais e informais de pacientes oncológicos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 14, n. 3, p. 877-892, 2014.

MOTA, M. M. P. E. da; FREITAS JÚNIOR, P. V. de. Há contribuições diferentes da morfologia derivacional e flexional para a escrita?. **Psicologia em Pesquisa**, v. 8, n. 2, p. 144-149, 2014.

MOURA, F. E. G. de A.; SANTOS, M. A. dos; RIBEIRO, R. P. P. A constituição da relação mãe-filha e o desenvolvimento dos transtornos alimentares. **Estud. psicol.(Campinas)**, v. 32, n. 2, p. 233-247, 2015.

NETO, P. M. R.; AVELLAR, L. Z. Identidade social e desinstitucionalização: um estudo sobre uma localidade que recebe residências terapêuticas no Brasil. **Saúde e Sociedade**, v. 24, n. 1, p. 204-216, 2015.

PINTO, V. C. P.; ALVES, J. F. C.; MAIA, Â. C. Adversidade na infância prediz sintomas depressivos e tentativas de suicídio em mulheres adultas portuguesas. **Estud. psicol.(Campinas)**, v. 32, n. 4, p. 617-625, 2015.

RODRIGUES, M. C. et al. Implementação e avaliação de um Programa de Desenvolvimento da Empatia em estudantes de Psicologia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 14, n. 3, p. 914-932, 2014.

SANTOS, A. A. A. dos; ALCARÁ, A. R.; ZENORINI, R. da P. C. Estudos psicométricos da escala de motivação para a aprendizagem de universitários. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 3, p. 531-546, 2013.

SARAIVA, R. B. et al. Conformidade entre testemunhas oculares: efeitos de falsas informações. **Psico-USF**, v. 20, n. 1, p. 87-96, 2015.

SCHUCMAN, L. V. Sim, nós somos racistas: Estudo psicossocial da branquitude paulistana. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 11, 2014.

SEMENSATO, M. R.; BOSA, C. A. Apego em casais com um filho com autismo. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 26, n. 2, p. 379-400, 2014.

SILVESTRIN, M. et al. Evidências de Validade do Teste Luria-Nebraska para Crianças: Relações com Escolaridade e Inteligência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 31, n. 4, p. 461-469, 2015.

URNAU, L. C.; SEKKEL, M. C. Desafios às Políticas Públicas diante da desigualdade social: diálogos com residentes de um garimpo amazônico. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 1, 2015.

ZANA, A. R. de O.; KOVÁCS, M. J. O Psicólogo e o atendimento a pacientes com ideação ou tentativa de suicídio. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 13, n. 3, p. 897-921, 2013.